

"UM DOS MELHORES LIVROS DE FANTASIA ÉPICA DE TODOS OS TEMPOS."

— ANNE MCCAFFREY

GUY GAVRIEL KAY TIGANA

A LÂMINA NA ALMA - LIVRO UM

COM POSFÁCIO
EXCLUSIVO PARA
A EDIÇÃO
BRASILEIRA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



A verdade parece
mais simples aqui,
na escuridão, longe
das fogueiras e de
todo desespero que
vi por lá. Saevar,
sinto muito, mas
a verdade é que
quase todo o sangue
derramado pela
manhã será nosso, e
temo que seja nosso
fim. Perdoe-me.



manifesto da coleção bang!

*Este é o nosso compromisso com você:
Queremos ser a melhor coleção de
literatura fantástica do Brasil.
Vamos publicar apenas os grandes
livros dos grandes autores.
Todas as obras são válidas, desde que
ignorem as limitações do realismo.
Queremos mexer com a sua cabeça.
Mas um click não basta.
É preciso um Bang!*

tigana

a lâmina na alma / livro um

guy gavriel kay

Tradução de Carlos Daniel S. Vieira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

livros para fugir da rotina

TÍTULO: *Tigana – A Lâmina na Alma – Livro Um / nº3 da Coleção Bang!*

AUTOR: *Guy Gavriel Kay*

EDITOR: *Luís Corte Real*

© 2014 por *Saída de Emergência Brasil Editora Ltda.*

Tigana © 1990 *Guy Gavriel Kay*. Publicado originalmente nos E.U.A. por *Penguin Books USA Inc.*, 1991.

TRADUÇÃO: *Carlos Daniel S. Vieira*

REVISÃO DE TRADUÇÃO: *Ana Cristina Rodrigues e Carol Chiovatto*

PREPARAÇÃO DE TEXTO: *Carol Chiovatto*

REVISÃO: *Tomaz Adour, Renato Razzino e Rafaella Lemos*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Saída de Emergência*

PRODUÇÃO DIGITAL: *SBNigri Artes e Textos Ltda.*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K32t Kay, Guy Gavriel
Tigana [recurso eletrônico] / Guy Gavriel Kay [tradução de Carlos Daniel S. Vieira]; Rio de Janeiro: Saída de Emergência, 2014.
recurso digital
Tradução de: Tigana
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-67296-07-4 (recurso eletrônico)
1. Ficção canadense. 2. Livros eletrônicos. I. Vieira, Carlos Daniel S. II. Título.

13-
06543

CDD: 819.13
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil,
por Saída de Emergência Brasil Editora Ltda.
Rua Luiz Câmara, 443
Suplementar: Rua Felizardo Fortes, 420 – Ramos
21031-160 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100
www.sdebrasil.com.br

CARTA DO EDITOR

*“Esta noite fui forçado a perceber que existem limites
para aquilo que desejo ou ordeno em nome de uma causa.”*

Quando publicou *O Senhor dos Anéis* nos anos 1950, J. R. R. Tolkien não podia sequer sonhar que estava criando alicerces tão profundos para a fantasia épica que, meio século depois, uma multidão de autores ainda o copiaria até a exaustão. Esses alicerces — hoje clichês absolutamente esgotados — são vários: a divisão nos tradicionais três volumes; as características físicas e culturais de elfos, anões e outras raças míticas; a inevitável jornada do herói; os poderosos artefatos mágicos; a figura do senhor das trevas; e, por fim, talvez a que mais marcou a fantasia desde então, a separação maniqueísta entre o bem e o mal. Com Tolkien, o mal é absoluto e corrompe absolutamente (corpo e alma). O bem, pelo contrário, é exclusivo dos heróis, quase sempre sem falhas, dúvidas ou arrependimentos.

Guy Gavriel Kay, que procura constantemente transcender as fraquezas da fantasia, marca um corte com essa tradição tolkiana do bem e do mal. *Tigana* está repleto de personagens em conflito com suas próprias decisões e com o impacto que elas têm nos outros. Aliás, a grande força desta obra é precisamente a ambiguidade moral dos seus personagens. Não são homens bons nem maus — são apenas homens, apesar do poder atribuído a eles e que os coloca na posição de fazerem um grande bem ou um grande mal. Quem conhece a obra de George R. R. Martin sabe exatamente do que estamos falando.

Vejamos os personagens: Alessan, o herói de *Tigana*, não se importa com os meios usados para atingir os fins. Mas será heroico recorrer ao assassinato e à própria escravidão, mesmo quando os fins são tão nobres quanto o resgate de um povo? Brandin, o vilão, tem uma capacidade imensa de amar. Vive, inclusive, uma das mais belas histórias de amor da literatura fantástica. Mas é o ódio que o move durante grande parte da vida. Alessan e Brandin são personagens complexos e dos mais fascinantes do gênero. Diga-se que estão em boa companhia: os personagens secundários de *Tigana* formam um grupo rico, complexo e memorável. Prepare-se portanto para uma viagem inesquecível ao longo destas páginas. Mais do que estar na vanguarda de um movimento de ruptura com os alicerces da fantasia, Guy Gavriel Kay nos oferece um mundo de fantasia épica com sua própria geografia, religião, política e estruturas sociais complexas. Numa península que em tudo nos recorda uma Itália medieval e onde o povo comercializa vinho, cereais e especiarias por terra e mar, *Tigana* conta uma história poética e poderosa sobre a força da política e da religião, o custo do sangue e o preço do amor.

Aos meus irmãos, Jeffrey e Rex.

AGRADECIMENTOS

Durante a produção desta obra, muitas pessoas contribuíram com suas habilidades e me deram apoio. É um prazer poder agradecer toda essa ajuda. Sue Reynolds mais uma vez me ofereceu um mapa que não só refletiu minha história, mas ajudou a guiá-la. Rex Kay e Neil Randall me ofereceram seu entusiasmo e comentários sagazes desde os primeiros passos desse romance até suas últimas revisões. Sou profundamente grato aos dois.

Estou em dívida com o conhecimento acadêmico de muitos homens e mulheres. É uma alegria para mim registrar a admiração pela obra de Carlo Ginzburg, *Os andarilhos do bem (I Benandanti)*.

Também fui incentivado e instruído pelo trabalho de Gene Brucker, Lauro Martines, Jacob Burckhardt, Iris Origo e Johan Huizinga, entre outros. Nestas considerações, desejo também homenagear a memória de dois homens por quem eu há muito nutro o mais profundo respeito, e cujas obras e fontes de inspiração iluminaram profundamente o meu trabalho: Joseph Campbell e Robert Graves.

Por fim — embora destacar o papel de um cônjuge na criação de um livro possa parecer uma questão de ritual ou hábito —, posso apenas afirmar que é com muita gratidão e amor que desejo agradecer o encorajamento e os conselhos de minha esposa, Laura, enquanto eu escrevia *Tigana*, tanto na Toscana quanto em casa.

NOTA SOBRE A PRONÚNCIA

Para ajudar aqueles que se importam com coisas desse tipo, talvez eu deva apontar o fato de que todos os nomes próprios neste romance devem ser pronunciados de acordo com as regras da língua italiana. Sendo assim, todas as vogais finais são plenamente pronunciadas: *Corte* tem duas sílabas, *Sinave* e *Forese* têm três. *Chiara* tem o mesmo som inicial que as palavras *queijo* ou *quimera*, mas *Certando* se pronuncia como o começo de *tchau*.

*De teus mais caros bens a aventura
tu perderás, e essa é a flecha fatal
que, de primeiro, o arco do exílio lança.*

*Tu provarás como tem gosto a sal
o pão alheio e, descer e subir
a alheia escada é caminho crucial.*

— Dante, *Paraíso*, canto XVII, vv. 55-59 (trad. Ítalo Eugenio Mauro. Ed. 34, 2008, p. 123)

Que pode recordar uma chama? Se ela se recorda um pouco menos do que deve, extingue-se. Se ela se recorda um pouco mais do que deve, extingue-se. Se ela apenas pudesse ensinar-nos, enquanto brilha, a se lembrar com justeza.

— Giórgos Seféris, *Stratis, o marujo, descreve um homem* (trad. José Paulo Paes. Nova Alexandria, 1995)



PRÓLOGO

As duas luas estavam altas no céu, ocultando a luz de todas as estrelas de menor brilho. As fogueiras queimavam nas duas margens do rio, espalhando-se pela noite. Fluindo silencioso, o Deisa captava o luar e o alaranjado das fogueiras mais próximas, devolvendo-os em ondulações sinuosas. E todos os feixes de luz convergiam para seus olhos, para onde ele estava sentado na margem do rio, com as mãos sobre os joelhos, pensando na morte e na vida que levava.

Era uma noite gloriosa, Saevar pensava, respirando profundamente o ar leve de verão; sentindo cheiro de água, de flores aquáticas e de grama; observando os reflexos azuis e prateados das luas sobre o rio; ouvindo o fluxo murmurante do Deisa e as canções distantes ao redor das fogueiras. Também havia canções do outro lado do rio, ele percebeu, ouvindo os soldados inimigos ao norte. Era curiosamente difícil apontar qualquer tipo de maldade absoluta naquelas vozes harmoniosas ou mesmo odiá-los tão cegamente quanto um soldado deveria. Mas ele não era propriamente um soldado — e nunca fora bom em odiar.

Não conseguia ver, de fato, nenhuma figura movendo-se do outro lado do rio. Mas conseguia enxergar as chamas, e não era difícil estimar que houvesse mais homens ao norte do Deisa do que em seu acampamento, onde esperavam pelo amanhecer.

Era quase certo que seria o seu último. Ele não tinha ilusões, nenhum deles tinha. Não desde a batalha que ocorrera naquele mesmo rio, cinco dias antes. Tudo o que tinham era coragem e um líder tão imponente quanto os dois jovens filhos que o seguiam.

Eram dois belos rapazes. Saevar se arrependeu de nunca ter esculpido suas imagens. Obviamente, esculpira a do Príncipe muitas vezes. O Príncipe o chamava de amigo. Ninguém poderia dizer, refletiu Saevar, que levava uma vida inútil ou vazia. Tinha a sua arte, a sua alegria e o seu estímulo, e vivera o suficiente para ver suas obras serem elogiadas pelos grandes nomes de sua província, até mesmo de toda a península.

E também conhecera o amor. Pensou em sua esposa e em seus dois filhos. Na filha, cujos olhos lhe haviam ensinado parte do sentido da vida no dia em que nascera, quinze anos antes. E no filho, que poderia tê-lo acompanhado se fosse apenas um ano mais velho. Saevar se lembrou da expressão no rosto do menino quando ele partira. Imaginava que uma expressão muito parecida estivera estampada em seus próprios olhos. Ele abraçara as crianças e depois segurara a esposa em seus braços longamente, em silêncio; todas as palavras já haviam sido ditas, muitas vezes, ao longo dos anos. E se virou, rapidamente, para que eles não vissem suas lágrimas; montou em seu cavalo, estranhando a espada em sua cintura, e galopou ao lado de seu Príncipe para a guerra contra aqueles que chegavam pelo mar.

Ouviu o som de passos leves atrás de si, em algum ponto à sua esquerda, onde as fogueiras queimavam e as vozes entoavam uma canção que acompanhava a melodia da syrenya. Ele se

voltou na direção do ruído.

— Cuidado — disse ele, baixinho —, a menos que você queira tropeçar em um escultor.

— Saevar? — murmurou uma voz bem-humorada. Uma voz que conhecia bem.

— Sou eu, meu senhor Príncipe — respondeu. — O senhor já viu uma noite tão linda?

Valentin caminhou até ele — a luz era mais do que suficiente para vê-lo — e se sentou ao seu lado, afundando na grama.

— Não que eu me lembre — concordou ele. — Você está vendo? O crescente de Vidomni completa o minguate de Ilarion. As duas luas juntas formariam uma inteira.

— Seria uma lua bem estranha — disse Saevar.

— Esta é uma noite estranha.

— Será? A noite muda de acordo com o que nós fazemos aqui embaixo? Nós, mortais, em nossa tolice?

— A forma que a vemos muda — disse Valentin em voz baixa, seu pensamento rápido cativado pela questão. — A beleza que encontramos é moldada, ao menos em parte, pelo que sabemos que a manhã trará.

— E o que ela trará, meu senhor? — perguntou Saevar, antes de conseguir se controlar. Percebeu que uma parte de si esperava, como se fosse uma criança, que seu gracioso e orgulhoso Príncipe de cabelos negros tivesse uma resposta para o que os aguardava no outro lado do rio. Uma resposta a todas as vozes e fogueiras ygratheanas queimando ao norte deles. Uma resposta, sobretudo, ao terrível Rei de Ygrath e sua feitiçaria, e ao ódio que *ele* não teria dificuldade alguma em evocar no dia seguinte.

Valentin permaneceu em silêncio, olhando para o rio. Acima deles, Saevar viu uma estrela cadente deslizando a oeste do céu para atingir, provavelmente, a vastidão do mar. Estava arrependido de sua pergunta. Não era hora de colocar o fardo da falsa certeza sobre o Príncipe.

Quando estava prestes a se desculpar, Valentin falou, a voz contida e baixa, de modo a não ultrapassar o círculo de escuridão ao seu redor.

— Tenho andado pelas fogueiras, e Corsin e Loredan fizeram o mesmo, oferecendo conforto, esperança e tantas gargalhadas quantas conseguirmos para ajudar os homens a adormecer. Não há muito mais que possamos fazer.

— Eles são bons garotos, os dois — afirmou Saevar. — Lembrei que nunca esculpi nenhum deles.

— Sinto muito por isso — disse Valentin. — Se algo perdurar depois de nosso tempo, serão obras como as suas, nossos livros e músicas, a torre verde e branca de Orsaria, em Avalor. — Ele hesitou, retomando seu pensamento original. — Eles *são* jovens valentes. Têm 16 e 19 anos, e, se pudesse, eu os teria deixado para trás com o irmão deles... e com o seu filho.

Este era um dos motivos pelos quais Saevar o amava: Valentin se lembrava de seu filho, pensando nele junto com o príncipe mais novo até mesmo em um momento como aquele.

A oeste e um pouco atrás deles, longe das fogueiras, uma trialla começou a cantar,

deixando ambos em silêncio, ouvindo aquela melodia. O coração de Saevar subitamente se encheu, e ele temeu derramar lágrimas, que o envergonhariam se fossem confundidas com medo. Valentin disse:

— Mas não respondi sua pergunta, velho amigo. A verdade parece mais simples aqui, na escuridão, longe das fogueiras e de todo desespero que vi por lá. Saevar, sinto muito, mas a verdade é que quase todo o sangue derramado pela manhã será nosso, e temo que seja nosso fim. Perdoe-me.

— Não há nada a perdoar — disse Saevar, da maneira mais rápida e firme que conseguiu. — Esta guerra não foi criação sua, e você não podia evitá-la ou desfazê-la. E, além do mais, posso não ser um soldado, mas espero não ser um tolo. Foi uma pergunta ingênua: eu mesmo posso ver a resposta, meu senhor, nas fogueiras do outro lado do rio.

— E na feitiçaria — completou Valentin, em voz baixa. — Mais nela do que nas fogueiras. Nós poderíamos abater uma quantidade bem maior, mesmo cansados e feridos como estamos da batalha da última semana, se a mágica de Brandin não estivesse com eles agora. O próprio leão veio, e não o filhote; e como o filhote está morto, deve haver sangue ao nascer do Sol. Eu deveria ter me rendido ao menino na semana passada?

Saevar se voltou para olhar o Príncipe sob o duplo luar, descrente. Ficou atônito por um momento, mas então encontrou sua voz:

— Após essa rendição, eu teria voltado para casa — disse ele, resoluto —, entrado no Palácio perto do Mar e destruído cada escultura que já fiz de você.

Um segundo depois Saevar ouviu um som estranho. Levou um momento para perceber que Valentin estava rindo, pois nunca tinha ouvido um riso como aquele.

— Oh, meu amigo — disse o Príncipe, em seguida —, acho que eu já sabia que você diria isso. Oh, o nosso orgulho. Nosso terrível orgulho. Você acha que será disso que se lembrarão depois que tivermos partido?

— Talvez — refletiu Saevar. — Mas eles se lembrarão. A única coisa que sabemos com certeza é que se lembrarão de nós. Aqui na península, em Ygrath, em Quileia e mesmo a oeste, através do mar, em Barbadior e seu Império. Deixaremos um nome.

— E deixaremos nossas crianças — disse Valentin. — As mais novas. Filhos e filhas que se lembrarão de nós. Bebês de colo que nossas esposas e avós ensinarão, quando crescerem, sobre a história do Rio Deisa, o que aconteceu aqui e, mais ainda, sobre o que nós éramos nesta província antes da queda. Brandin de Ygrath pode nos destruir amanhã, pode demolir nossos lares, mas não pode apagar nossos nomes ou a memória do que nós fomos.

— Ele não pode — repetiu Saevar, sentindo seu coração se animar estranha e inesperadamente. — Tenho certeza de que você está certo. Não somos a última geração livre. Haverá vestígios amanhã que perdurarão ao longo dos anos. Os filhos de nossos filhos se lembrarão de nós e não ficarão submissos.

— E se algum deles se sentir tentado a se submeter — completou Valentin, em outro tom —, haverá filhos ou netos de certo escultor que esmagarão suas cabeças, de pedra ou não.

Saevar sorriu na escuridão. Ele queria rir, mas não encontrou o riso dentro de si.

— Espero que sim, meu senhor. Se as deusas e o deus permitirem. Obrigado. Obrigado pelo que você disse.

— Sem agradecimentos, Saevar. Não entre nós, não esta noite. Que a Tríade o guarde e proteja amanhã e depois, e que guarde e proteja tudo o que você já amou.

Saevar engoliu em seco.

— Você sabe que é uma parte disso, meu senhor. Uma parte do que já amei.

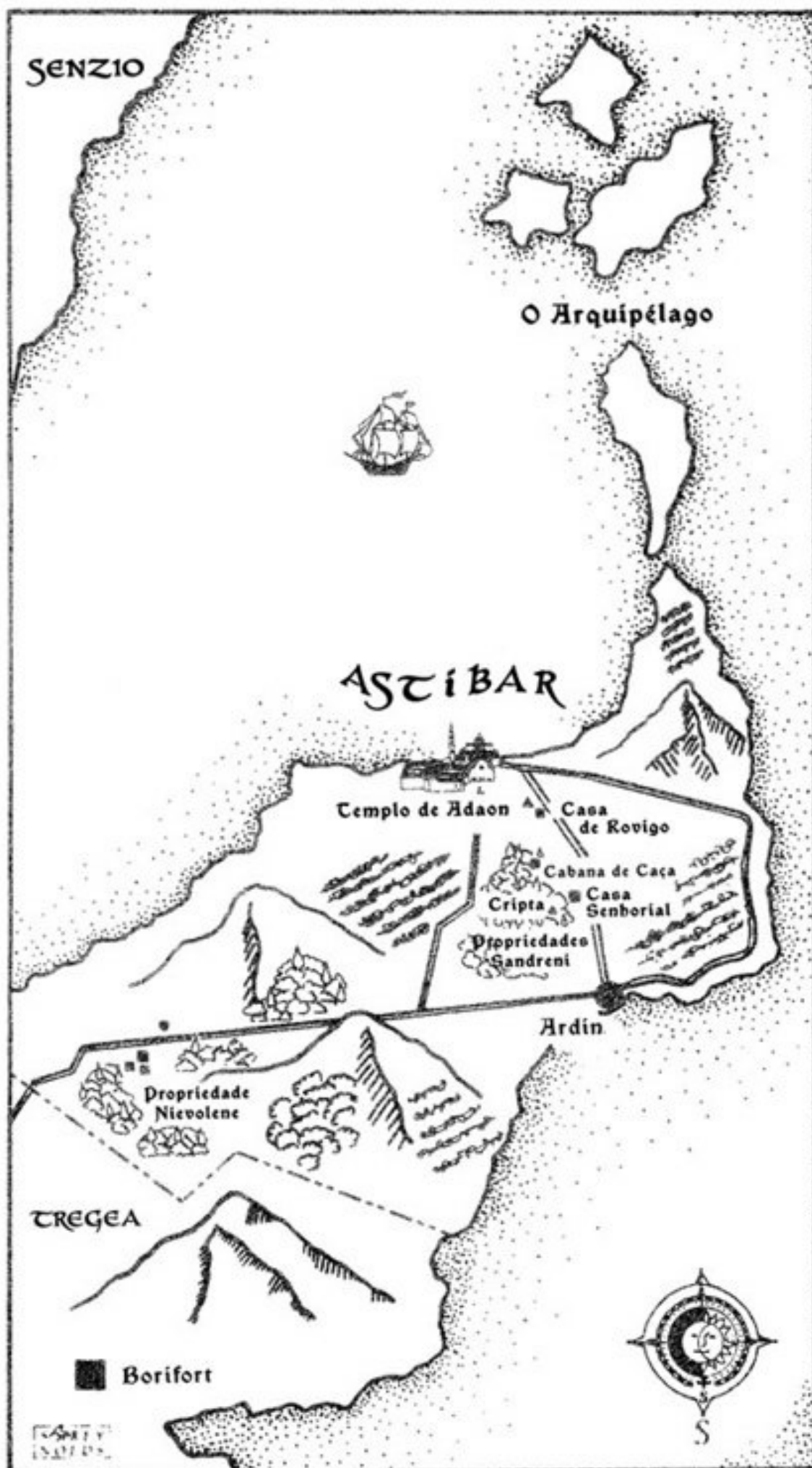
Valentin não respondeu. Limitou-se a se inclinar e beijar-lhe a testa. Ergueu uma mão; e o escultor, com os olhos marejados, levantou também a sua para tocar a do Príncipe, palma com palma, despedindo-se. Valentin se levantou e partiu, uma sombra sob o luar, de volta às chamas de seu exército.

A cantoria parecia ter cessado nos dois lados do rio. Era muito tarde. Saevar sabia que deveria voltar e tentar dormir por algumas poucas horas. No entanto, era difícil levantar e abandonar a perfeita beleza daquela última noite. O rio, as luas, o arco de estrelas, os vagalumes e todas as chamas.

Por fim, decidiu permanecer junto à água. Sentou-se sozinho na margem do Rio Deisa, na escuridão do verão, as mãos fortes repousando sobre os joelhos. Observou as duas luas descendo até o horizonte e a morte lenta das fogueiras, e pensou em sua esposa, em seus filhos e no trabalho de uma vida, feito com suas mãos, que permaneceria após sua partida. E a trialla cantou para ele pelo resto da noite.

PARTE UM

Uma lâmina na alma



CAPÍTULO I

Na outonal estação dos vinhos, pelos ciprestes, oliveiras e parreiras de sua propriedade rural, correu a notícia de que Sandre, Duque de Astibar e outrora governante daquela cidade e província, tinha dado o último suspiro amargo de sua longa vida e de seu exílio, falecendo em seguida.

Nenhum servo da Tríade estivera ao seu lado para realizar os ritos finais. Nem os sacerdotes de Eanna, com suas vestes brancas, nem os da negra Morian dos Portais, nem as sacerdotisas de Adaon, o deus.

Ninguém se surpreendeu na cidade de Astibar ao receber a notícia do falecimento do Duque. A fúria de Sandre com a Tríade e seus clérigos, nos últimos dezoito anos de sua vida, estava longe de ser um segredo. E Sandre d'Astibar nunca escondera sua descrença, mesmo na época em que estivera no poder.

A cidade estava cheia de pessoas da longínqua distrada e além, na véspera do Festival das Vinhas. Nas tavernas lotadas e nos salões de khav, verdades e mentiras sobre o Duque eram trocadas como lã e especiarias por pessoas que nunca haviam visto seu rosto e que certamente empalideceriam com pavor justificado se fossem convocados à corte do Duque, em Astibar.

Durante toda a sua vida, o Duque Sandre provocara diversas conversas e especulações entre os habitantes da península conhecida como Palma — e isso não mudara com a sua morte, mesmo que Alberico de Barbador tenha vindo com um exército daquele Império além-mar e exilado Sandre na distrada dezoito anos antes. Quando o poder se vai, a sua memória permanece.

Talvez por causa disso, e certamente por sua tendência em ser cauteloso e circunspecto em tudo, Alberico, que comandava quatro das nove províncias com mão de ferro e competia com Brandin de Ygrath pela nona, agia com aguçada estima pelo protocolo.

Às 12 horas do dia em que o Duque morreu, um mensageiro de Alberico foi visto cavalcando pelo portão leste da cidade. Levando a flâmula azul-prateada do luto, também carregava cuidadosamente, sem dúvida, palavras de condolência para os filhos e netos de Sandre, agora reunidos em sua ampla propriedade, a doze quilômetros das muralhas.

No Paelion, o salão de khav onde as pessoas mais interessantes se reuniam naquela estação, dizia-se cinicamente que o Tirano provavelmente teria enviado sua própria tropa de mercenários barbadianos, e não apenas um simples mensageiro, não fossem os Sandreni sobreviventes um grupo tão fraco. Antes mesmo que a diversão — misturada com cautela para que nem todos ouvissem — causada por aquele comentário morresse, um músico itinerante — havia vários em Astibar naquela semana — apostava o lucro dos próximos três dias que a Ilha de Chiara enviaria suas condolências em verso antes do fim do Festival.

— Mas que bela oportunidade! — explicava o novato imprudente, cuidando de uma

fumegante caneca de khav misturado com uma das diversas bebidas alcoólicas que se alinhavam nas prateleiras atrás do balcão do Paelion. — Brandin não conseguirá deixar passar uma chance como esta de lembrar a Alberico, e a todos nós, que, embora os dois tenham dividido nossa península, a arte e o conhecimento ainda se concentram a oeste, rumo a Chiara. Guardem minhas palavras e podem apostar se quiserem: teremos uma série de versos elaborados do robusto Doarde ou algum acróstico bobo de Camena para desvendar, com “Sandre” soletrado de seis maneiras diferentes e de trás para frente, antes que a música pare em Astibar, daqui a três dias.

Houve risos, embora novamente reservados, mesmo que fosse véspera do Festival, quando uma longa tradição, respeitada por Alberico de Barbadior, permitia mais liberdade do que em qualquer outro momento do ano. Alguns homens com cabeça para números fizeram alguns cálculos rápidos sobre o tempo de navegação e as chances de alguém cruzar os mares outonais ao norte da província de Senzio, descendo pelo Arquipélago; logo o músico teve sua aposta coberta e anotada na placa da parede do Paelion, que ficava ali justamente para isso, numa cidade tão propensa a apostas e jogatinas.

Mas pouco depois, todas as apostas e comentários sarcásticos foram esquecidos. Alguém com um quepe pontiagudo enfeitado com uma pena abria as portas do salão de khav, clamando por atenção e informando que o mensageiro do Tirano fora visto retornando pelo mesmo portão leste pelo qual passara mais cedo. Que cavalgava muito mais rápido do que antes e que, menos de cinco quilômetros atrás dele, encontrava-se a procissão fúnebre do Duque Sandre d’Astibar, vinda em respeito ao seu último pedido de passar uma noite e um dia na cidade que ele governara.

No salão, a reação foi imediata e previsível: os homens começaram a gritar com força para serem ouvidos em meio à balbúrdia que eles mesmos causavam. Alvorço, política e a expectativa dos prazeres do Festival contribuíam para uma tarde sedenta. A mudança foi tão brusca que o proprietário do Paelion, nervoso, começou a servir, sem querer, doses inteiras de bebidas nos khavs pedidos em grande número. Sua esposa, de gênio mais controlado, continuou a servir todos os clientes com doses mínimas, em sua benevolente falta de favoritismo.

— Eles serão expulsos! — gritou Adreano, o jovem poeta, batendo a caneca na mesa e derramando khav quente sobre a tábua de carvalho negro na maior cabine do salão. — Alberico nunca permitirá isso!

Houve grunhidos de aprovação de seus amigos e dos bêbados que sempre se amontoavam naquela mesa em particular.

Adreano lançou um olhar ao músico itinerante que propusera a aposta audaciosa sobre Brandin de Ygrath e seus poetas da corte de Chiara. O outro, parecendo bastante satisfeito, arqueou as sobrancelhas de maneira enigmática, recostando-se na cadeira que descaradamente puxara pouco antes. O poeta sentiu-se seriamente ofendido pelo homem, sem saber se a ofensa fora gerada pela citação casual da proeminência de Chiara na cultura

ou pela forma irreverente como desprezara o grande Camena di Chiara, a quem Adreano imitara continuamente nos últimos seis meses, tanto no estilo dos versos, quanto na capa de três camadas que usava dia e noite.

Ele era inteligente o suficiente para saber que havia uma contradição inerente a essas duas fontes de ira, mas também jovem o bastante — e havia bebido mais khav com conhaque do que devia — para que aquele conhecimento ficasse muito abaixo do nível de sua consciência.

Manteve sua atenção naquele rústico prepotente. Obviamente viajara até a cidade para chacoalhar algum instrumento primitivo durante três dias em troca de alguns astins para gastar no Festival. Como um sujeito desses ousava desembarcar no mais ilustre salão de khav da Palma Oriental e enfiar seu traseiro caipira na cadeira da mesa mais bem frequentada do lugar? Adreano ainda tinha memórias nítidas e dolorosas do longo mês — mesmo depois de seus primeiros versos aparecerem impressos — em que circundara, acuado pelas recusas subentendidas, antes de se tornar um membro do seletto e bem conhecido círculo que tomara aquela cabine.

Ele se viu esperando que o músico tentasse contradizer sua opinião. Já tinha alguns versos preparados acerca da ralé da estrada que cospe suas opiniões sobre seus superiores quando na companhia de seus melhores.

Como se tivesse notado aquele pensamento, o rapaz se acomodou ainda mais confortavelmente em sua cadeira, pressionou suas têmporas prematuramente grisalhas com um dedo comprido e disse, diretamente para Adreano:

— Esta parece ser a minha tarde de apostas. Eu aposto tudo que estou prestes a ganhar que Alberico é cauteloso demais para estragar o humor do Festival em troca disso. Há gente demais em Astibar agora, e os ânimos estão exaltados demais, mesmo com as doses minúsculas de bebida que servem aqui para pessoas que deveriam ter mais bom senso.

Ele abriu um vasto sorriso para tirar um pouco do veneno das últimas palavras:

— É bem melhor para o Tirano ser gentil — continuou. — Colocar seu velho inimigo para descansar de uma vez por todas cerimoniosamente, para então lançar agradecimentos a quaisquer deuses que o Imperador de além-mar esteja obrigando os barbadianos a adorar hoje em dia. Agradecimentos e oferendas, pois ele pode ter certeza de que os eunucos que Sandre deixou para trás irão se apressar alegremente em abandonar a louca e antiquada busca por liberdade que Sandre apoiava por uma Astibar poderosa.

Ao final de seu discurso, ele não sorria mais nem seus olhos cinzentos e separados se desviavam dos de Adreano.

E ali, pela primeira vez, estavam palavras genuinamente perigosas. Ditas de maneira suave, mas ouvidas por todos na cabine. De repente aquele canto do Paelion ficou estranhamente quieto em meio à balbúrdia que continuava no salão. Os versos jocosos que Adreano compusera tão rapidamente pareciam agora triviais e inapropriados a seus próprios ouvidos. Ele não disse nada, seu coração batendo curiosamente rápido. Com algum esforço, continuou olhando para o músico, que acrescentou, recuperando o sorriso torto:

— Temos uma aposta, meu caro?

Adreano tentou ganhar tempo, enquanto calculava rapidamente quantos astins poderia obter encurralando certos amigos.

— Se importaria de nos esclarecer por que um lavrador da distrada seria tão liberal para gastar dinheiro que ainda não recebeu e para ter opiniões sobre assuntos como esse?

O sorriso do outro aumentou, revelando dentes muito brancos e simétricos.

— Não sou um lavrador — protestou ele, cordialmente. — E tampouco sou da sua distrada. Sou um pastor do topo das montanhas de Tregea, ao sul, e vou lhe dizer uma coisa...

Os olhos acinzentados observaram toda a cabine de maneira divertida, incluindo todos os presentes:

— Um rebanho de ovelhas ensina mais sobre os homens do que vocês imaginam; e os bodes... bem, os bodes são melhores para torná-lo um filósofo do que os sacerdotes de Morian, especialmente se você está em uma montanha, no meio da chuva, perseguindo-os enquanto os trovões e a noite se misturam.

Um riso espontâneo encheu o local, encorajado pelo alívio da tensão. Adreano tentou, sem sucesso, manter sua expressão severa e repreensiva.

— Temos uma aposta? — perguntou o pastor mais uma vez, de maneira amigável e descontraída.

Adreano foi poupado de responder, e vários de seus amigos economizaram a angústia e os astins pela chegada, ainda mais repentina do que a do fofoqueiro com chapéu de pluma, de Nerone, o pintor.

— Alberico deu sua permissão! — proclamou, sobre a barulheira do Paelion. — Acabou de decretar que o exílio de Sandre terminou quando ele morreu. O Duque será velado amanhã de manhã, no velho Palácio Sandreni, e terá um funeral completo, com todas as honras e os nove ritos! Contanto que... — e aqui ele parou, dramaticamente — contanto que o clero da Tríade possa fazer sua parte.

As implicações daquilo eram simplesmente grandiosas demais para que Adreano se preocupasse em não parecer surpreso, como acontecia a poetas jovens e impetuosos a cada uma ou duas horas. Mas aqueles... aqueles eram grandes acontecimentos! Seu olhar, por alguma razão, se voltou para o pastor. A expressão dele estava leve e desinteressada, mas certamente não triunfante.

— Bem — disse o estranho, com um aceno triste de cabeça. — Acho que estar certo terá de compensar o fato de estar pobre. Não é a primeira vez que me acontece.

Adreano riu. Deu um tapa nas costas gordas de Nerone, que ainda estava sem fôlego, deslocando-se para dar lugar ao amigo.

— Que Eanna abençoe a nós dois — disse Adreano ao pintor. — Você acaba de economizar mais astins do que tem. Eu o teria pressionado a fazer uma aposta que eu teria perdido com essas notícias.

Em resposta, Nerone pegou a caneca meio cheia de khav de Adreano e virou num único

gole. Olhou ao redor, otimista, mas os outros esconderam suas canecas, conhecendo bem os hábitos do pintor. Com uma risada, o pastor de cabelos negros da Tregea ofereceu sua própria caneca, enquanto Nerone, que havia aprendido a jamais questionar a generosidade alheia, virou tudo em um gole. Pelo menos murmurou um “obrigado” depois de sumir com o khav.

Adreano percebeu a interação, mas seus pensamentos trilhavam caminhos desconhecidos, chegando a uma conclusão inesperada.

— E ainda — disse ele abruptamente, dirigindo-se a Nerone, mas falando alto o suficiente para todos ouvirem — acabou de reafirmar o quão astuto é o feiticeiro de Barbador que nos governa. Alberico conseguiu, com apenas um decreto, estreitar seus laços com o clero da Tríade. Ele criou uma condição perfeita ao conceder o último desejo do Duque. Os herdeiros Sandreni terão que concordar, não que eles já tenham *discordado* de algo... Eu não consigo sequer imaginar quantos astins vão gastar para abrandar os sacerdotes e sacerdotisas o suficiente para fazê-los entrar no Palácio Sandreni amanhã de manhã. Alberico será agora conhecido como o homem que trouxe o renegado Duque de Astibar de volta à graça da Tríade na sua morte.

Ele olhou ao seu redor, empolgado pela força de seu próprio raciocínio:

— Pelo sangue de Adaon, isso me lembra das intrigas dos velhos tempos, quando tudo era feito com mais sutileza. Engrenagens dentro das engrenagens que conduziam o destino de toda a península.

— Ora essa — disse o tregeano, o rosto ficando sério —, esta pode ter sido a reflexão mais inteligente que ouvimos neste dia barulhento. Mas me diga — continuou, enquanto Adreano corava de satisfação —, se o que Alberico acabou de fazer lembrou a você, e a outros, sem dúvida, embora de maneira não tão rápida, de como as coisas eram nos dias antes de suas navegações e conquistas, e antes de Brandin conquistar Chiara e as províncias a oeste, então não seria possível — sua voz estava baixa, para que apenas Adreano pudesse ouvir em meio ao tumulto do lugar — que ele tenha sido enfim superado nesse jogo? Superado por um homem morto?

Ao redor, homens se levantavam e acertavam suas contas em uma pressa barulhenta para estar do lado de fora, onde eventos grandiosos pareciam se desenrolar muito rapidamente. Todos se dirigiam ao portão leste, para ver os Sandreni trazendo o corpo sem vida de seu líder para casa depois de dezoito anos. Um quarto de hora antes, Adreano estaria junto com os outros, correndo para alcançar o portão a tempo de conseguir um bom lugar. Mas não agora. Seu cérebro saltava de modo a seguir o novo caminho aberto pela voz do tregeano, e a compreensão tomou-o como a luz de uma tocha em meio à escuridão.

— Entendeu, não é? — perguntou seu novo conhecido, sem rodeios. Estavam sozinhos na ala. Nerone permanecera algum tempo, apenas para esvaziar qualquer caneca de khav que tivesse sido deixada no meio do tumulto, e então acompanhara os outros para o Sol e a brisa do outono.

— Acho que sim — disse Adreano, refletindo. — Sandre vence ao perder.

— Ao perder uma batalha com a qual nunca se importou — emendou o outro, com a inteligência brilhando em seus olhos cinzentos. — Duvido que o clero tenha tido qualquer importância para ele. Eles não eram seus inimigos. Não importa o quanto Alberico seja sutil, o fato é que ele conquistou esta província, Tregea, Ferraut e Certando por causa de seu exército e de sua feitiçaria, e apenas por esses meios mantém a Palma Oriental. Sandre d'Astibar governou esta cidade e a sua província por 25 anos, sobrevivendo a meia dúzia de rebeliões e tentativas de assassinato, que eu tenha ouvido falar. E ele o fez apenas com um punhado de tropas nem sempre leais, com sua família e com uma sagacidade que já então era lendária. O que você diria se eu sugerisse que ele se recusou a deixar que os sacerdotes e sacerdotisas se aproximassem de seu leito de morte na noite passada simplesmente para induzir Alberico a colocá-los como uma condição no dia seguinte?

Adreano não sabia o que podia dizer. Sabia que estava sentindo um entusiasmo, uma empolgação que o deixavam indeciso se queria uma espada em suas mãos ou pena e tinta para escrever as palavras que começavam a brigar dentro dele.

— O que você acha que acontecerá? — perguntou ele, com uma deferência que impressionaria seus amigos.

— Não tenho certeza — disse o outro, francamente. — Mas tenho uma suspeita cada vez maior de que o Festival das Vinhas deste ano poderá ser o começo de algo que nenhum de nós poderia esperar.

Por um momento, pareceu que ele ia dizer mais alguma coisa, mas não falou mais nada. Em vez disso, se levantou, lançando algumas moedas misturadas sobre a mesa para pagar por seu khav.

— Preciso ir. Hora do ensaio. Estou com um grupo com o qual nunca toquei antes. A praga do ano passado causou grandes perdas entre os músicos itinerantes. Foi assim que tive folga das minhas cabras — ele sorriu e então lançou um olhar à tábua de apostas na parede. — Diga aos seus amigos que virei daqui a três dias, antes do pôr do sol, para resolver a questão das condolências poéticas de Chiara. Adeus, por enquanto.

— Adeus — respondeu Adreano reflexivamente e assistiu o outro deixar a sala quase vazia.

O proprietário e sua esposa se ocupavam em recolher canecas e copos e limpar as mesas e bancos. Adreano pediu uma última dose. Um instante mais tarde, enquanto sorvia seu khav — puro dessa vez, para clarear a cabeça — percebeu que se esquecera de perguntar ao músico qual era seu nome.

CAPÍTULO II

Devin estava tendo um dia ruim.

Aos 19 anos, já estava quase acostumado com a estatura baixa e o rosto pálido de criança que a Tríade lhe dera. Muito tempo se passara desde que perdera o hábito de se pendurar pelos pés nas árvores da floresta próxima da fazenda em que morava, em Asoli, numa tentativa desesperada de se esticar e ficar um pouco mais alto.

A precisão de sua memória sempre fora motivo de orgulho e satisfação para ele, mas algumas das lembranças que vinham com isso, não. Ele ficaria muito feliz se conseguisse esquecer a tarde em que os gêmeos, voltando para casa de uma caçada, flagraram-no suspenso de cabeça para baixo em uma árvore. Seis anos mais tarde, ainda se irritava ao lembrar que seus irmãos, geralmente tão obtusos, houvessem compreendido na mesma hora o que ele tentava fazer.

— Vamos ajudar você, baixinho! — gritara Povar, cheio de alegria. E antes que Devin pudesse se ajeitar e fugir, Nico agarrara seus braços, Povar, seus pés, e os dois gêmeos brutamontes esticaram-no, sempre gargalhando com gosto. Entre outras coisas, divertiam-se com a vastidão do precoce vocabulário profano de Devin.

Bem, aquela fora a última vez em que ele realmente tentara ficar mais alto. Mais tarde, naquela mesma noite, ele se esgueirara no quarto dos gêmeos e, em meio aos roncos, despejara cuidadosamente um balde de lavagem sobre cada um deles. Correndo como Adaon em sua montanha, ele cruzara o jardim e saltara a cerca da fazenda quase antes dos rosnados começarem.

Ficara fora de casa por duas noites, quando retornou para a surra do pai. Esperava ter que lavar os lençóis ele mesmo, mas Povar o fizera; e os dois gêmeos, sempre tolerantes, já haviam se esquecido do incidente.

Devin, amaldiçoado ou abençoado com uma memória igual à de Eanna dos Nomes, nunca se esqueceu. Era difícil guardar rancor dos gêmeos — quase impossível, na verdade —, mas isso não diminuía a solidão que sentia naquela fazenda nas terras baixas. Pouco depois daquele incidente, Devin saíra de casa como aprendiz do cantor Menico di Ferraut, cuja companhia viajava para o norte de Asoli a cada duas ou três primaveras.

Devin não voltara desde então, tirando uma semana de folga durante a temporada nortista três anos antes e novamente na última primavera. Não que tivesse sido maltratado na fazenda, mas simplesmente não se encaixava ali, e os quatro sabiam disso. Cuidar de uma fazenda em Asoli era um trabalho sério e por vezes desagradável, lutando para manter a terra e a sanidade contra as constantes invasões do mar e a monotonia quente, nebulosa e acinzentada dos dias.

Se sua mãe estivesse viva, as coisas poderiam ter sido diferentes. Mas a fazenda de Asoli, para onde Garin de Baixa Corte levava seus três filhos, era um lugar melancólico, sem nenhuma presença feminina — aceitável, talvez, para os gêmeos, que tinham um ao outro, e

para o tipo de homem que Garin lentamente se tornava no meio dos espaços monótonos das planícies. Não era um lugar para educar ou criar doces memórias para um filho mais novo imaginativo, pequeno e ágil, cujos próprios dons, quaisquer que viessem a ser, não tinham relação alguma com a terra.

Depois que Menico di Ferraut afirmara que a voz de Devin poderia sustentar mais do que as baladas camponesas, foi com certo alívio coletivo que todos eles se despediram numa manhã primaveril, em meio a uma neblina e chuva previsíveis. Nico e seu pai já tinham se virado para conferir a altura do rio, quase sem completar as despedidas. Já Povar permanecera por perto, para desajeitadamente colocar uma mão no ombro de seu irmãozinho esquisito.

— Se não tratarem você direito — disse ele —, pode voltar para casa, Dev. Tem lugar.

Devin se lembrou de duas coisas: da batida gentil que, pelos anos que se seguiram, o marcara mais do que um gesto tão simples deveria e das poucas palavras ásperas que vieram depois. A verdade é que ele realmente podia se lembrar de quase tudo, exceto de sua mãe e dos dias em Baixa Corte. Mas ele tinha menos de 2 anos quando ela morrera em meio às lutas, apenas um mês antes de Garin levar seus três filhos para o norte.

Desde então, quase tudo ficara gravado em sua mente.

E se ele fosse um apostador — não era, pois carregava a cautela asoliana em sua alma —, ele poderia até apostar um chiaro ou uns astins em que não se lembrava de ter ficado tão frustrado em muitos anos. Para dizer a verdade, desde daqueles dias em que achava que nunca cresceria.

E o que, questionava-se melancolicamente Devin d'Asoli, uma pessoa devia fazer para conseguir uma caneca em Astibar? E, ainda por cima, na véspera do Festival!

O problema seria motivo de risada, não fosse tão irritante. Na primeira taverna que se recusou a lhe servir uma garrafa de vinho verde de Senzio, viu logo tratar-se da obra dos estraga-prazeres irritantes que eram os sacerdotes de Eanna. A deusa, pensou Devin fervorosamente, merecia mais de seus servos.

Parece que um ano antes, durante sua interminável disputa com os cleros de Morian e Adaon por poder, os sacerdotes de Eanna convenceram o conselho do Tirano de que havia muita luxúria entre a juventude de Astibar e, sendo mais direto, essa libertinagem criava tumulto. E já que era óbvio que os salões de khav e as tabernas alimentavam a depravação... Demorou menos de duas semanas para Alberico promulgar e fazer cumprir a lei que proibia jovens com menos de 17 anos de comprar bebidas em Astibar.

Os rígidos sacerdotes de Eanna comemoraram — da forma asséptica como pessoas desse tipo comemoravam — seu triunfo mesquinho sobre os sacerdotes de Morian e as elegantes sacerdotisas do deus: ambas as divindades eram associadas com paixões mais sombrias e, inevitavelmente, com o vinho.

Os donos das tavernas ficaram insatisfeitos em silêncio (não era uma boa ideia ficar ruidosamente insatisfeito em Astibar), porém não tanto pela queda no comércio quanto pela

maneira insidiosa como a lei era imposta. A lei promulgada simplesmente colocara sobre o proprietário do estabelecimento a obrigação de determinar a idade do cliente em cada estalagem, taverna ou sala de khav. Ao mesmo tempo, se algum dos onipresentes mercenários barbadianos aparecesse de repente e decidisse — arbitrariamente — que determinado cliente parecia jovem demais... bem, isso significava uma taverna fechada por um mês e um proprietário preso pelo mesmo período de tempo.

Tudo isso deixou os jovens de 16 anos em Astibar realmente sem sorte. E, junto com eles, também o mirrado cantor de 19 anos que chegara de Asoli e parecia ser muito mais novo, conforme ele próprio foi percebendo durante aquela manhã.

Depois de três expulsões sumárias no lado oeste da Rua dos Templos, Devin se viu brevemente tentado a se dirigir ao Santuário de Morian, fingir um transe e torcer para que eles utilizassem o vinho verde de Senzio como uma forma de socorrer os excessivamente delirantes. Outra opção que considerara, ainda menos racional, seria quebrar uma janela na cúpula do santuário de Eanna e conferir se algum dos imbecis castrados lá dentro poderia ser mais rápido do que ele.

Desistiu de fazê-lo, tanto pela genuína devoção à Eanna dos Nomes quanto pela sensação opressiva dos muitos mercenários barbadianos que, fortemente armados, patrulhavam as ruas de Astibar. É claro que os barbadianos estavam em toda a Palma Oriental, mas em nenhum outro lugar sua presença era tão perturbadoramente evidente quanto em Astibar, onde Alberico havia se estabelecido.

No fim, Devin achou que estava ficando resfriado, dirigiu-se para oeste, em direção ao porto, e depois, seguindo seu olfato infelizmente ainda ativo, para a Estrada dos Curtumes. E lá, quase passando mal pelo cheiro dos curtidores de couro que se sobrepunha ao aroma salino do mar, ele recebeu uma garrafa aberta de vinho verde, sem perguntas, numa taverna chamada O Pássaro, pelas mãos de um estalajadeiro trôpego e aleijado cujos olhos provavelmente eram inadequados às sombras escuras de seu estabelecimento, um cômodo pequeno e sem janelas.

Até mesmo aquele buraco indescritível e fedorento estava lotado. Astibar estava abarrotada de pessoas para o início do Festival das Vinhas, no dia seguinte. Devin sabia que a colheita havia sido boa em todos os lugares, exceto em Certando, e a multidão estava cheia de astins ou de claros para gastar à vontade.

Com certeza não havia mesas livres na taverna. Devin se enfiou num canto onde a madeira enegrecida do balcão encontrava a parede dos fundos, tomou um gole moderado de seu vinho — o qual ele julgou estar aguado, mas não mais do que o normal — e colocou sua mente e sua alma para meditar acerca da perfídia e da irracionalidade das mulheres.

Encarnadas naquelas últimas duas semanas na forma de Catriana d'Astibar, mais especificamente.

Calculou que teria tempo suficiente antes do ensaio vespertino — o último antes do compromisso de estreia, na residência urbana de um pequeno vinicultor no dia seguinte —

para se deleitar com a garrafa quase toda e ainda aparecer sóbrio. Ele era um ator experiente, de qualquer modo, pensou indignado. Era um *sócio*. Conhecia a rotina das apresentações como a palma de sua mão. Os três ensaios a mais foram ideia de Menico, pensando nos três novos integrantes da trupe.

Incluindo a intragável Catriana, que era a razão para ele ter saído de repente do ensaio matinal pouco antes de saber que Menico planejava parar a sessão. Em nome de Adaon! Como deveria reagir quando uma mulher inexperiente e que achava que sabia cantar — e com quem havia sido sinceramente amigável desde que ela se juntara a eles, duas semanas antes — dissesse o que ela disse na frente de todos naquela manhã?

Amaldiçoado pela memória, Devin viu todos ensaiando novamente nos fundos do salão alugado, no térreo da estalagem. Quatro músicos, duas dançarinas, Menico, Catriana e ele mesmo cantando à frente. Estavam interpretando “Canção de Amor”, de Rauder, previsivelmente solicitada pela esposa do mercador de vinhos; uma obra que Devin cantara por quase seis anos, uma canção que conseguiria entoar mesmo dormindo, em choque ou em coma.

E talvez ele estivesse, sim, um pouco entediado, um pouco distraído, reclinando-se um pouco mais do que era necessário sobre sua mais nova colega de cabelos vermelhos, colocando talvez a mais sutil sugestão da mensagem em sua expressão e em sua voz, mas ainda assim...

— Devin, pelo amor da Tríade! — soltara Catriana d’Astibar, interrompendo completamente o ensaio. — Será que você consegue parar de pensar com a virilha por tempo suficiente para alcançar uma harmonia decente? Essa *não é* uma canção difícil!

Por ter a pele muito clara, Devin ficou completamente vermelho. Menico, ele viu — o mesmo que deveria repreender a moça por tamanha presunção —, não conseguia parar de rir, ainda mais avermelhado que o próprio Devin. Assim como todos os outros.

Incapaz de pensar em uma resposta, sem querer comprometer os destroços de sua dignidade cedendo ao seu impulso inicial de bater na garota na parte de trás da cabeça, Devin simplesmente girou sobre seus calcanhares e saiu.

Ele teria lançado um olhar de reprovação a Menico enquanto saía, mas não adiantaria: a vasta pança do líder da trupe balançava com as gargalhadas, enquanto limpava as lágrimas de seu rosto redondo e barbudo.

Então Devin saiu para procurar uma garrafa de vinho verde e um lugar escuro para bebê-lo, numa iluminada manhã outonal em Astibar. Tendo finalmente encontrado o vinho e o tênue conforto das sombras, ele esperava, dali a meia garrafa, descobrir o que deveria ter dito para aquela arrogante criatura de juba ruiva na sala de ensaios.

“Se ela ao menos não fosse tão deprimentemente *alta...*”, pensou. Devagar, encheu o copo outra vez. Olhando para as vigas enegrecidas que se cruzavam no teto, imaginou-se por um instante se pendurando em uma delas. Pelos calcanhares, é claro. Pelos velhos tempos.

— Posso pagar uma bebida para você? — alguém perguntou.

Com um suspiro, Devin se virou para lidar com um dos aspectos mais previsíveis de ser pequeno e parecer muito novo, bebendo sozinho em um bar de marinheiros.

O que ele viu ao se virar foi reconfortante. Quem fizera a pergunta fora um homem de meia idade, vestido sobriamente, de cabelos grisalhos e várias linhas de expressão que se irradiavam por suas têmporas.

— Obrigado — disse Devin, mesmo assim —, mas ainda tenho boa parte da minha garrafa e prefiro estar com uma mulher do que servir de uma para um marinheiro. E também sou mais velho do que pareço.

O outro homem gargalhou alto:

— Nesse caso — ele ria, realmente se divertindo —, você pode me dar uma bebida se quiser, enquanto eu conto sobre minhas duas filhas em idade de casar ou sobre as outras duas, que chegarão nessa idade mais rápido do que eu gostaria. Sou Rovigo d'Astibar, comandante do *Dama do Mar*. Acabo de chegar da costa de Tregea.

Devin sorriu e se esticou pelo balcão para pegar mais um copo.

O Pássaro estava lotado demais para que tentasse ganhar a atenção do estalajadeiro e Devin tinha suas próprias razões para não querer alertar o homem.

— Eu ficaria feliz em dividir essa garrafa com você — disse a Rovigo. — Embora ache que sua mulher não ficaria feliz se soubesse que você ofereceu suas filhas a um músico itinerante.

— Minha esposa — disse ele, sentido — daria cambalhotas de alegria se eu levasse para casa um pastor das campinas de Certando para nossa mais velha.

Devin fez uma careta.

— Tão ruim assim? — murmurou ele. — Bem, podemos pelo menos beber em comemoração ao seu retorno seguro de Tregea. E, por um triz, a tempo para o Festival. Sou Devin d'Asoli bar Garin, ao seu dispor.

— E eu, ao seu, caro Devin-não-tão-jovem-quanto-parece. Você teve problemas em arranjar uma bebida? — perguntou Rovigo, com astúcia.

— Entrei e saí por mais portas do que Morian dos Portais conhece, saindo sempre tão seco quanto tinha entrado.

Devin respirou o ar pesado; mesmo entre os odores da multidão e apesar da falta de janelas, o cheiro do curtume ainda era evidente.

— Esta não teria sido minha primeira nem minha décima escolha de lugar para beber uma garrafa de vinho.

Rovigo sorriu.

— Uma postura sensata. Você me acharia excêntrico se dissesse que sempre venho direto para cá quando o *Dama do Mar* chega, depois de uma viagem? De algum modo, o cheiro faz com que eu me sinta em *terra*. Diz que voltei.

— Você não gosta do mar?

— Estou quase convencido de que qualquer homem que diga gostar do mar estará mentindo, tem dívidas em terra ou quer fugir de uma mulher rabugenta e... — parou,

fingindo ter tido uma ideia súbita. — Falando nisso... — ele acrescentou, refletindo exageradamente. Então piscou.

Devin gargalhou e serviu mais vinho aos dois.

— Por que velejar, então?

— O comércio é bom — disse Rovigo, honestamente. — O *Dama* é pequeno o suficiente para deslizar pelos portos costa abaixo ou em volta do lado ocidental de Senzio ou Ferraut, aonde os grandes comerciantes nunca vão. Ele também é rápido o bastante para fazer valer a pena velejar ao sul, passando pelas montanhas, até Quileia, o que não é permitido, é claro, com o embargo comercial por lá. Mas se você tem contatos num lugar remoto e não perde tempo com seus negócios, não é tão arriscado e dá lucro. Posso carregar especiarias barbadianas do mercado daqui ou seda do norte e levá-las a lugares em Quileia que, de outro modo, jamais veriam tais coisas. Trago de volta tapetes, madeiras entalhadas quileanas, chinelos, punhais incrustados com joias. Às vezes, trago barris de buinath para vender para as tavernas. Qualquer coisa que consiga um bom preço. Não posso carregar grandes volumes, então tenho que tomar cuidado com meus limites, mas é um jeito de ganhar a vida enquanto os riscos se mantiverem baixos e Adaon das Ondas continuar a me deixar navegar. Daqui, vou para o templo do deus antes de ir para casa.

— Mas primeiro aqui. — Devin sorriu.

— Primeiro aqui.

Eles brindaram e beberam de uma vez. Devin encheu novamente os copos.

— O que há de novo em Quileia? — perguntou.

— Na verdade, acabei de sair de lá — disse Rovigo. — Tregea foi uma parada no caminho de volta. Tenho boas novas, na verdade. Marius venceu seu combate no Bosque dos Carvalhos novamente neste verão.

— É, ouvi falar — disse Devin, balançando a cabeça com admiração melancólica. — Um homem aleijado, que deve ter uns 50 anos. Já foram o que, seis vezes seguidas?

— Sete — disse Rovigo, sobriamente. Ele parou, como se esperasse uma reação.

— Desculpe — disse Devin —, existe um significado para isso?

— Marius decidiu que sim. Ele acabou de anunciar o fim dos desafios no Bosque dos Carvalhos. Proclamou que o número sete é sagrado e que, ao deixá-lo usufruir desse último triunfo, a Deusa Mãe fez todos conhecerem Sua vontade. Assim, declarou-se rei em Quileia, e não mais mero consorte da Alta Sacerdotisa.

— O que? — exclamou Devin, alto o suficiente para atrair atenção. Ele baixou o tom de voz. — *Ele* se declarou... um homem... pensei que houvesse um matriarcado lá.

— Assim também pensava a falecida Alta Sacerdotisa — disse Rovigo.

Viajando pela Península da Palma, dos vilarejos nas montanhas para castelos remotos e casas senhoriais ou para as cidades, que eram os centros de negócios, músicos não podiam deixar de ouvir notícias e fofocas sobre grandes acontecimentos. Sempre, na breve experiência de Devin, conversas haviam sido apenas isto: uma maneira de fazer uma noite

fria de inverno passar mais facilmente, perto de uma fogueira numa estalagem em Certando. Ou uma forma de tentar impressionar um viajante numa taverna em Cone, confidenciando num murmúrio o fato de um grupo a favor dos barbadianos estar se formando na província de Ygrath.

Devin havia concluído que tudo aquilo era apenas conversa. Os dois feiticeiros governantes, vindos do leste e do oeste através dos mares, haviam partido a Palma perfeitamente ao meio entre eles, deixando apenas a infeliz e decadente Senzio como um território não ocupado formalmente por nenhum deles, olhando nervosamente para o além-mar. Seu governador estava paralisado, incapaz de escolher qual dos lobos o devoraria, enquanto as duas feras rodavam em círculos por quase vinte anos, sem que nenhuma delas estivesse disposta a se expor, tomando a iniciativa.

Para Devin, o equilíbrio de poder na Península parecia ter sido esculpido em pedra desde que se conhecia por gente. Até que um dos feiticeiros morresse — e os rumores diziam que feiticeiros viviam por um bom tempo —, nada mais poderia vir, ou viria, das conversas nos salões de khav ou nos outros grandes lugares.

Quileia, no entanto, era outro assunto. Um muito além do que a experiência limitada de Devin era capaz de compreender ou definir. Ele não conseguia sequer vislumbrar quais poderiam ser as implicações do que Marius fizera naquele estranho país ao sul das montanhas. O que poderia vir do fato de Quileia ter um rei mais permanente, que não mais iria ao Bosque dos Carvalhos a cada dois anos e lá, nu, ritualmente mutilado e desarmado, encontrar a espada do oponente que havia sido escolhido para matá-lo e tomar o seu lugar? Marius, no entanto, não fora morto. Por sete vezes, ele não fora morto.

Agora a Alta Sacerdotisa morrera. E não era possível deixar de notar o significado que Rovigo incutira naquelas palavras. Um pouco intimidado, Devin balançou a cabeça.

Ele levantou os olhos e percebeu que seu novo conhecido o encarava com uma expressão estranha.

— Você é um jovem pensativo, não é? — perguntou o mercador.

Devin deu de ombros, repentinamente constrangido:

— Não muito. Não sei. Certamente não sem uma compreensão repentina. Não é toda tarde que ouço notícias como as suas. O que você acha que isso significará?

Mas Devin não obteve sua resposta.

O dono da taverna, que tão bem ignorara os intermitentes sinais de Rovigo pedindo outra garrafa de vinho, caminhou até o canto do balcão em que estavam, a fúria em seu rosto visível até mesmo naquela sala escura.

— Você! — urrou ele. — Seu nome é Devin?

Pego de surpresa, Devin assentiu por reflexo. A expressão do estalajadeiro tornou-se ainda mais raivosa.

— Fora daqui! — bramiu ele. — E que a Tríade amaldiçoe a sua irmã, que está lá fora! Ela disse que seu pai quer que você volte para casa e, que Morian destrua vocês dois! Que ele

quer me denunciar por servir um menor de idade. Sua larva desovada da sarjeta, eu vou ensinar você a não colocar meu trabalho em risco bem na véspera do Festival!

Antes que Devin pudesse se mover, um jarro inteiro de vinho preto azedado foi lançado em seu rosto, queimando como fogo. Ele cambaleou para trás, tentando enxugar os olhos, praguejando furiosamente.

Quando conseguiu enxergar de novo, vislumbrou uma cena extraordinária.

Rovigo — que não era um homem muito grande — atravessara o balcão e agarrara o estalajadeiro pelo colarinho de sua túnica gordurosa. Sem aparentar muito esforço, erguia o homem, cujos pés chutavam o ar inutilmente. O colarinho estava torcido o suficiente para fazer com que o rosto do pobre estalajadeiro começasse a ganhar um tom avermelhado.

— Goro, eu não gosto de ver meus amigos serem atacados — disse Rovigo, calmamente. — O rapaz não tem um pai por aqui, e eu duvido que possua uma irmã.

Rovigo ergueu a sobrancelha para Devin, que balançou a cabeça ainda molhada com força.

— Como eu dizia — continuou Rovigo, sem sequer respirar rápido —, ele não tem irmã na cidade. E também é nitidamente maior de idade, como seria óbvio para qualquer estalajadeiro que não estivesse cego pelas gotas do próprio suor. Agora, Goro, você poderia consertar um pouco as coisas comigo pedindo desculpas ao senhor Devin d'Asoli, meu novo amigo, e oferecendo-lhe duas garrafas de um Certando tinto de boa safra, ainda fechado, para mostrar seu arrependimento sincero? Em troca, talvez eu possa lhe conseguir um barril de buinath quileiano que está agora no *Dama do Mar*. Por um preço adequado, é claro, já que você pode extorquir os fregueses durante o Festival.

O rosto de Goro atingira uma tonalidade verdadeiramente perigosa. Bem quando Devin sentiu que devia avisar Rovigo, o dono da taverna deu um aceno convulsivo com a cabeça e o mercador soltou um pouco o colarinho. Goro encheu os pulmões com o ar fétido da taverna como se fosse o aroma das flores das montanhas de Chiara e cuspiu três palavras para se desculpar com Devin.

— E o vinho? — lembrou-o Rovigo, amigavelmente.

Ainda sem demonstrar esforço, ele abaixou o outro homem o bastante para que ele pudesse mexer atrás do balcão, erguendo duas garrafas do que certamente parecia ser um legítimo Certando tinto.

Rovigo afrouxou o colarinho mais um pouco.

— A safra é boa?

Goro moveu a cabeça para cima e para baixo.

— Muito bem — declarou Rovigo, soltando Goro por completo —, parece que estamos quites. Acho — disse, voltando-se para Devin — que você deveria ir lá fora ver quem está fingindo ser sua irmã.

— Eu sei quem é — lamentou-se Devin. — E, a propósito, obrigado. Estou acostumado a enfrentar minhas próprias brigas, mas é bom ter um aliado de vez em quando.

— É *sempre* bom ter um aliado — corrigiu Rovigo. — Mas me parece que você não está

ansioso para lidar com essa “irmã”, então vou deixá-lo para que você resolva isso em particular. E deixe-me mais uma vez recomendar que se lembre de minhas filhas. Elas foram muito bem criadas, apesar de tudo.

— Não tenho dúvidas a respeito disso — disse Devin. — Se eu puder um dia ajudá-lo, eu o farei. Estou com a companhia de Menico di Ferraut, e estaremos aqui durante o Festival. Sua esposa pode gostar de ver nossa apresentação. Se você me avisar quando forem, eu farei questão de conseguir bons lugares em qualquer uma de nossas apresentações, por minha conta.

— Eu agradeço. E se o seu caminho ou sua curiosidade o guiarem para sudeste da cidade, agora ou no futuro, nossa propriedade fica a oito quilômetros, seguindo a estrada do lado direito. Há um pequeno templo de Adaon um pouco antes, e meu portão tem o símbolo de um navio. Uma das garotas o desenhou. Elas são todas — sorriu ele — muito talentosas.

Devin riu e os dois tocaram palmas formalmente. Rovigo se virou para retornar ao seu canto do bar. Devin, desanimado, ciente de estar encharcado de vinho fedorento do cabelo castanho-claro até a cintura e das manchas em sua calça, saiu do local com suas duas garrafas de Certando tinto em uma das mãos. Ele apertou os olhos contra a luz do sol por alguns segundos, como uma coruja, antes de avistar Catriana d’Astibar no outro lado da rua, segurando um lenço firmemente debaixo do nariz, os cabelos vermelhos refletindo a luz.

Devin caminhou rapidamente para a estrada, quase colidindo com o carro de um curtidor. Seguiu-se uma rápida e satisfatória troca de opiniões. O curtidor seguiu seu caminho, e Devin, jurando para si mesmo não ser colocado mais uma vez na defensiva, foi até onde Catriana o aguardava, observando impávida a discussão.

— Bem — disse ele, sarcástico —, agradeço que você tenha vindo até aqui para se desculpar, mas você poderia ter escolhido uma forma mais apropriada de me achar. Para ser sincero, prefiro minhas roupas sem vinho estragado. É claro que você irá se oferecer para lavá-las.

Catriana simplesmente ignorou tudo isso, olhando-o friamente de cima a baixo:

— Você *vai* precisar de um banho e uma roupa limpa — disse ela, por trás do lenço perfumado. — Eu não esperava uma reação tão exagerada lá dentro. Mas como eu não tinha um punhado de astins disponíveis para gastar em gorjetas, não consegui achar um modo melhor de fazer o taverneiro procurar você.

Devin percebeu que recebia uma explicação, mas não desculpas.

— Perdoe-me — disse ele, com uma contrição exagerada. — Preciso falar com Menico. Parece que, além de todas as nossas transgressões, não estamos lhe pagando o suficiente. Você deve estar acostumada com coisas melhores.

Pela primeira vez, ela hesitou.

— Temos que discutir isso no meio da Estrada dos Curtumes? — perguntou.

Sem dizer nada, Devin se curvou forçadamente, gesticulando para que Catriana guiasse o caminho. Ela começou a se afastar do porto, e ele a seguiu de perto. Ficaram em silêncio por

vários minutos, até estarem fora do alcance do cheiro dos curtumes. Com um leve suspiro, Catriana tirou o lenço do rosto.

— Aonde você está me levando? — perguntou Devin.

Outra transgressão, ao que parecia. Os olhos azuis fuzilaram-no com raiva.

— Em nome da Tríade, para onde eu *poderia* levá-lo? — A voz de Catriana se encheu de sarcasmo. — Estamos indo para o meu quarto, na pensão, para fazermos amor como Eanna e Adaon fizeram no início dos tempos.

— Ah, bom — devolveu Devin, sua própria raiva crescendo. — Por que não juntamos nosso dinheiro e pagamos outra mulher para se juntar a nós e fazer o papel de Morian? Para o caso de eu ficar entediado, você entende.

Catriana empalideceu, mas antes que pudesse abrir a boca, Devin agarrou seu braço com a mão livre e virou-a para encará-lo, no meio da rua. Olhando fundo naqueles olhos azuis (e amaldiçoando o fato de ter que fazer isso) ele questionou:

— Catriana, o que exatamente eu fiz para você? Por que mereço esse tipo de resposta ou o que você fez nesta manhã? Fui educado com você desde o dia em que a contratamos, e, se você é uma profissional, sabe que não é sempre assim nas companhias itinerantes. Se quer saber, Marra, a mulher que você substituiu, era a minha melhor amiga no grupo. Ela morreu com a peste em Certando. Eu poderia ter tornado sua vida muito mais difícil. Mas eu não fiz isso nem estou fazendo. Deixei claro desde o início que acho você atraente. Até onde eu sei, isto não é pecado, se feito com cortesia.

Ele soltou seu braço, percebendo de repente que o estava agarrando com força e que estavam em um local exposto demais, mesmo com a calma do início da tarde. Instintivamente, olhou ao redor; felizmente, nenhum barbadiano passava por ali. Havia um aperto familiar em seu peito, o retorno da dor que sempre sentia quando pensava em Marra. A primeira amiga de verdade em sua vida. Duas crianças negligenciadas, com vozes que eram dádivas de Eanna, dizendo uma à outra seus medos e sonhos durante três anos trocando de camas a cada noite atravessando a Palma. Sua primeira amante. Primeira morte.

Catriana, livre, ficou onde estava, e havia uma expressão nova em seu rosto — talvez pela menção da morte — que o fez reavaliar quantos anos achava que ela tinha. Antes, ele pensava que Catriana fosse mais velha do que ele; agora, já não tinha mais tanta certeza.

Ele esperou, respirando rápido após seu abrupto discurso. E a ouviu dizer, em tom baixo e delicado:

— Você canta bem demais.

Devin piscou, surpreso. Não era o que esperava.

— Eu tenho que me esforçar muito nas apresentações. — Continuou ela, seu rosto corando pela primeira vez. — Rauder é difícil para mim, todas as músicas dele são. E, nesta manhã, você estava cantando “Canção de Amor” sem sequer pensar, divertindo os outros, tentando me conquistar... Devin, eu preciso *me concentrar* quando canto! Você estava me deixando nervosa, e eu grito com as pessoas quando estou nervosa.

Devin respirou fundo e olhou para a rua vazia e banhada de sol enquanto pensava.

— Você sabia... alguém já lhe disse antes... que é possível, até mesmo útil, contar esse tipo de coisa para as pessoas, especialmente as que trabalham com você?

Ela balançou a cabeça:

— Não para mim. Eu nunca consegui falar assim. Nunca.

— E por que falar isso, agora? — arriscou ele. — *Por que* você veio atrás de mim?

Um silêncio ainda mais longo do que o anterior. Um grupo de artesãos aprendizes virou a esquina, urrando grosserias para o casal que viam à distância. No entanto, não havia maldade no grupo, e eles foram embora sem causar problema algum. Algumas folhas vermelhas e douradas passaram pelas pedras do calçamento, carregadas pela brisa.

— Algo aconteceu — respondeu Catriana d'Astibar — e Menico disse a todos nós que você é vital para nosso futuro.

— *Menico* mandou você atrás de mim?

Era praticamente impossível, depois de seis anos trabalhando juntos.

— Não — disse ela, balançando rápido a cabeça. — Não, ele disse que você voltaria a tempo, que você sempre volta. Mas eu estava nervosa, com tanto em jogo. Eu não poderia simplesmente esperar. Você saiu... hum... um pouco chateado.

— Um pouco — concordou Devin, gravemente, percebendo que ela finalmente fazia o favor de parecer arrependida. Ele se sentiria ainda mais seguro se não continuasse achando-a tão atraente. Ele não conseguia evitar imaginar, mesmo agora, como seriam seus seios, liberados da rigidez do corpete de corte alto. Ele sabia que Marra teria contado a ele e até mesmo ajudado com a conquista. Eles fizeram isso um para o outro e depois compartilharam as histórias enquanto viajavam pela estrada naquele último ano. Antes de Certando, onde ela morreu.

— É melhor você me dizer o que aconteceu — disse ele, forçando-se a pensar no presente. Havia perigo em fantasias e memórias.

— O Duque exilado, Sandre, morreu na noite passada — disse Catriana. Ela olhou ao redor, mas a rua estava novamente vazia. — Por alguma razão, que ninguém sabe, Alberico permitiu que seu corpo fosse velado no Palácio Sandreni, hoje à noite e amanhã de manhã. E então...

Ela fez uma pausa, seus olhos azuis brilhando. Devin, pulso acelerado de repente, completou:

— Um funeral? Completo? Não diga!

— Ritual completo! E, Devin, pediram a Menico para participar dos testes esta tarde! Temos uma chance de realizar a apresentação mais comentada em toda a Península de Palma deste ano!

Agora ela parecia muito jovem e perturbadoramente linda. Seus olhos brilhavam como os de uma criança.

— Então você veio me buscar — murmurou ele, balançando a cabeça lentamente —, antes

que eu afogasse meu desejo frustrado em bebida até me entorpecer a ponto de não servir mais para nada.

Ele tinha a vantagem agora, pela primeira vez. Era uma reviravolta agradável, especialmente quando acompanhada por notícias tão empolgantes. Começou a andar, forçando-a a acompanhar seu passo. Para variar.

— Não é bem assim — protestou ela. — É apenas que isso é importante *demais*. Menico disse que sua voz seria crucial para termos chance... que você estava em sua melhor forma nos ritos fúnebres.

— Eu não sei se devo me sentir elogiado por isso ou insultado por você cogitar que eu seria tão pouco profissional a ponto de perder um ensaio na véspera do Festival.

— Nenhum dos dois — disse Catriana d'Astibar, com um pouco da agressividade retornando. — Não temos tempo pra nenhum dos dois. Apenas seja *bom* essa tarde. Seja o melhor que você já conseguiu.

Devin sabia que deveria resistir, mas estava animado demais.

— Nesse caso, você tem *certeza* de que não estamos indo para o seu quarto? — perguntou, de forma direta.

O momento que se seguiu tinha mais em jogo do que ele poderia imaginar. Então Catriana d'Astibar riu alto e livremente, pela primeira vez.

— Assim é bem melhor — disse Devin, sorrindo. — Honestamente, eu não sabia que você tinha senso de humor.

Ela ficou quieta por um momento.

— Às vezes, nem eu tenho certeza. — disse, de forma ausente. Em seguida completou, em um tom de voz completamente diferente: — Devin, quero esse contrato mais do que tudo.

— Bem, é claro — replicou ele. — Ele poderia fazer nossas carreiras.

— Exatamente — disse Catriana. Ela tocou seu ombro e repetiu: — Eu quero isso mais do que tudo.

Ele poderia ter achado que havia algo mais naquele toque se fosse menos perceptivo e não considerasse o jeito como ela falara. Não havia ambição alguma naquele tom, na verdade, e nem desejo da forma que Devin conhecia.

O que ele ouvia era anseio, e isso atingiu um ponto dentro dele que não conhecia.

— Vou fazer o meu melhor — disse depois de um momento, pensando em Marra sem nenhum bom motivo e nas lágrimas que derramara por ela.

Na fazenda em Asoli, desde cedo sabiam que ele possuía o dom da música, mas era um local isolado, e ninguém tinha conhecimento bastante para julgar coisas desse tipo.

Uma das primeiras lembranças que Devin tinha de seu pai — e que ele frequentemente invocava, por ser uma imagem suave de um homem duro — era a de Garin murmurando alguma antiga canção de ninar, para fazê-lo dormir em uma noite de febre.

O garoto, por volta dos 4 anos, acordou de manhã sem febre, murmurando para si mesmo a canção, perfeitamente afinado. O rosto de Garin assumiu a expressão complexa que Devin

aprenderia mais tarde a associar com as memórias que seu pai tinha da esposa. Naquela manhã, no entanto, Garin beijou seu filho caçula. A única vez em que isso acontecera, pelo que Devin se lembrava.

A melodia se tornou algo que eles compartilhavam, a porta de acesso a uma intimidade limitada. Eles a cantarolariam juntos em tentativas indisciplinadas de alcançar uma harmonia. Mais tarde, Garin comprara uma syrenya de três cordas em tamanho menor para seu filho mais novo, em uma de suas viagens semestrais ao mercado da cidade de Asoli. Depois disso, houve umas poucas tardes, das quais gostava de se lembrar, quando ele, seu pai e os gêmeos costumavam cantar baladas do mar e das colinas em volta da fogueira à noite, antes de irem dormir. Uma fuga da lúgubre e úmida insipidez de Asoli.

Quando ficou mais velho, Devin começou a cantar para alguns dos outros fazendeiros. Nos casamentos ou batismos e uma vez com um sacerdote itinerante de Morian, com o qual fez contraponto no “Hino para Morian dos Portais”, durante os Dias das Brasas. Depois o sacerdote quis levá-lo para a cama, mas, a essa altura, Devin já havia aprendido a escapar de tais pedidos sem ofender.

Mais tarde, ele começou a ser chamado para cantar em tavernas. Não havia leis determinando a idade para beber ao norte de Asoli, onde um menino se tornava homem quando começava a trabalhar no campo, e uma menina virava mulher quando começasse a sangrar.

E foi numa taverna chamada O Rio, no mercado da própria cidade de Asoli, que o jovem Devin, com 14 anos recém-completados, cantava “A Jornada de Corso para Corte” quando foi ouvido por um homem corpulento e barbudo. Tratava-se do líder de uma trupe chamado Menico di Ferraut, que o tirara da fazenda naquela semana, mudando sua vida.

— Somos os próximos — disse Menico, alisando nervosamente o seu melhor gibão de cetim sobre a barriga. Devin, dedilhando preguiçosamente sua canção de ninar em uma das syrenyas reservas, sorriu para tranquilizar seu patrão, que na verdade era seu sócio agora.

Devin deixara de ser aprendiz aos 17 anos. Menico, cansado de recusar ofertas para comprar o contrato de seu jovem tenor, finalmente oferecera a Devin um lugar permanente no grupo, além de um salário fixo — depois de deixar bastante claro o quanto o rapaz devia a ele, e como a lealdade era o único modo quase adequado de retribuir tamanha dívida de gratidão. Devin já sabia daquilo e gostava de Menico de qualquer modo.

Um ano depois, após outra sequência de ofertas dos líderes de trupes rivais durante a temporada de casamentos no verão, Menico transformou Devin em sócio, com direito a dez por cento da companhia. Depois de repetir o mesmo discurso da ocasião anterior, quase palavra por palavra.

Devin sabia que era uma honra considerável. Apenas o velho Eghano, que tocava os tambores e os instrumentos de corda de Certando e que acompanhava Menico desde que a companhia fora formada, também tinha parte de sociedade. Todos os demais eram aprendizes ou assalariados com contrato de curta duração. Ainda mais agora, quando as

consequências de uma praga no sul haviam esvaziado todas as trupes da Palma, lutando para preencher seu grupo com músicos, dançarinos ou cantores temporários.

Um sopro espectral, quase inaudível, tirou a atenção de Devin de sua syrenya. Ele olhou ao redor e sorriu. Alessan, um dos três novos integrantes, copiava levemente a melodia da canção de ninar que Devin estivera tocando. Na flauta de pastor de Tregia, ela soava sublime e estranha.

Alessan, cujos cabelos negros estavam ficando grisalhos nas têmporas, piscou para ele por sobre os dedos agitados que deslizavam pela flauta. Eles terminaram a melodia juntos, flauta, syrenya e o murmúrio da voz de tenor.

— Eu gostaria de saber a letra — lamentou-se Devin quando terminaram. — Meu pai me ensinou essa melodia quando eu era criança, mas ele nunca conseguiu lembrar as palavras que a acompanhavam.

O rosto magro de Alessan estava pensativo. Devin sabia pouco sobre o tregiano depois de duas semanas de ensaio, além de que ele era extraordinariamente bom com a flauta, e bastante confiável. Como sócio de Menico, isso era tudo o que importava para ele. Alessan raramente era visto nos arredores da pousada fora do horário de ensaios, mas, apesar disso, era sempre pontual.

— Eu poderia lembrá-las para você, se eu parasse para pensar nisso — disse ele sorrindo e passando a mão pelos cabelos, num gesto característico. — Já faz muito tempo, mas eu sabia esses versos.

— Não se preocupe com isso — disse Devin. — Eu sobrevivi até agora sem eles. É apenas uma canção antiga, uma lembrança de meu pai. Se você permanecer conosco, podemos transformar isso no nosso projeto de inverno.

Ele sabia que Menico aprovaria a última parte. O líder da trupe havia declarado que Alessan era um achado, que além do mais exigia um ordenado barato.

A boca expressiva do outro se curvou para o lado em um sorriso quase sarcástico.

— Velhas canções e memórias paternas são importantes — disse. — O seu pai já morreu?

Devin fez o sinal de proteção, com a mão estendida e dois dedos dobrados para baixo.

— Não até onde eu sei, embora não o tenha visto nos últimos seis anos. Menico falou com ele quando passamos pelo norte de Asoli pela última vez e levou-lhe alguns claros por mim. Eu nunca volto para a fazenda.

Alessan refletiu sobre aquilo.

— A melancólica Asoli? — adivinhou ele. E continuou, com tom agudo: — Lugar errado para um garoto com ambição e uma voz como a sua?

— Quase isso — admitiu Devin, com tristeza. — Embora eu não me ache ambicioso. Mais para inquieto. E nós também não éramos realmente de Asoli. Nos mudamos da Baixa Corte para lá quando eu era criança.

— Ainda assim — disse Alessan, assentindo.

O homem tinha jeito de sabichão, Devin concluiu, mas tocava *bem* a flauta de pastor. Tão

bem quanto ela deveria soar nas próprias montanhas de Adaon, ao sul.

Em todo caso, eles não tinham tempo para continuar o assunto.

— Somos nós! — disse Menico, entrando apressado no cômodo onde eles esperavam, em meio à poeira e à mobília coberta com panos do Palácio Sandreni, abandonado há anos. — Faremos o “Lamento de Adaon” primeiro — anunciou, contando-lhes o que já sabiam havia horas. Limpou as mãos na lateral do gibão. — Devin, essa é com você. Deixe-me orgulhoso, rapaz! — Era sua exortação padrão. — E depois, todos nós iremos juntos no “Circular dos Anos”. Catriana, meu bem, você tem certeza de que consegue alcançar esse tom ou quer que baixemos?

— Eu vou alcançar — respondeu Catriana, laconicamente.

Devin imaginou que seu tom era de simples nervosismo. Mas, quando seus olhares se encontraram por um segundo, percebeu o mesmo olhar de novo: aquele que ia além do desejo, na direção de um lugar que ele não conhecia.

— Eu gostaria muito de conseguir esse contrato — disse Alessan di Tregia, gentilmente.

— Que grande surpresa! — soltou Devin, descobrindo, enquanto falava, que também estava bastante nervoso. Alessan riu, assim como o velho Eghano, que atravessava a porta com eles. Ele já havia visto muito nos seus longos anos de jornada para ficar nervoso por um mero teste. Sem dizer nada, conseguiu, como sempre fazia, trazer uma sensação de calma a Devin.

— Vou fazer o meu melhor — disse Devin, depois de um momento, pela segunda vez naquela tarde, sem saber ao certo para quem falava aquilo, ou por quê.

No final, graças à Tríade ou apesar dela — como seu pai costumava dizer —, o melhor de Devin foi suficiente.

O principal examinador era um descendente Sandreni, com um perfume delicado e vestido de maneira extravagante, e que devia ter, segundo Devin imaginara, mais de 35 anos. O homem deixava claro, por sua postura frouxa e pelas sombras exageradamente artificiais ao redor dos olhos, por que Alberico, o Tirano, não se preocupava muito com os descendentes de Sandre d’Astibar.

Logo atrás daquele sujeito peculiar estavam os sacerdotes de Eanna e Morian, de branco e cinza. Ao lado deles, em contraste marcante, estava a sacerdotisa de Adaon, vestida de vermelho e com cabelo muito curto.

Era outono, é claro, e os Dias das Brásas se aproximavam: Devin não ficou surpreso com o cabelo dela. O que o surpreendia era ver o clero ali, no teste. Eles o deixavam desconfortável — outra herança de seu pai —, mas aquela não era uma situação em que podia se deixar afetar; então, tratou de afastá-los de seus pensamentos.

Concentrou-se no elegante filho do Duque, o único que realmente importava agora. Esperou, buscando, como Menico lhe ensinara, um ponto tranquilo dentro de si.

Menico deu a deixa para Nieri e Aldine, as duas bailarinas magras de vestidos de luto em azul acinzentado e luvas negras. No momento seguinte, após seu primeiro passo conjunto no

palco, ele olhou para Devin.

E Devin deu a ele, e a todos eles, o lamento pela morte outonal de Adaon em meio aos ciprestes da montanha, como nunca fizera antes.

Alessan di Tregea acompanhou-o durante todo o tempo com o pesar alto e devastador de sua flauta, e juntos os dois carregaram Nieri e Aldine além da superfície de seus passos, sobre o piso recentemente varrido para a articulação lacônica e precisa do ritual que o “Lamento” exigia, e que tão poucas vezes recebia.

Quando terminaram, Devin viajou dos ciprestes e cedros que presenciaram a morte do deus — e onde ele morria novamente a cada outono — de volta até o Palácio Sandreni, e viu que o filho de Sandre d’Astibar estava chorando. O caminho de suas lágrimas manchou a cuidadosa sombra ao redor de seus olhos, o que significava, Devin subitamente percebeu, que ele não chorara em nenhuma das três apresentações antes deles.

Marra, jovem e exageradamente profissional, teria satirizado essas lágrimas, ele sabia: “Por que contratar um artista se você mesmo está fazendo um espetáculo?”, perguntava quando seus rituais fúnebres eram interrompidos ou marcados por exibições de seus contratantes.

Na época, Devin era menos severo. E era menos ainda agora, desde quando Marra morrera e ele se flagrara controlando-se para não chorar em público, na ocasião em que Burnet di Corte e sua companhia celebraram os ritos fúnebres em Certando, como gesto de cortesia a Menico.

Devin também percebeu, pelo olhar emocionado que o herdeiro Sandreni lhe lançava de dentro dos anéis negros borrados ao redor de seus olhos, que eles haviam ganhado o contrato. E soube ainda, pelo olhar não menos transparente do sacerdote de dedos gordos de Morian — Pelo amor da Tríade, por que a Tríade era tão mal representada? —, que, embora pudessem ter ganhado o contrato Sandreni, ele deveria ser mais cuidadoso naquele palácio no dia seguinte. Ele tomou nota, mentalmente, para se lembrar de trazer sua faca.

Haviam conseguido o contrato. O segundo número pouco importava, por isso Menico havia começado com o “Lamento”. Mais tarde, cuidadosamente apresentou Devin como seu sócio, quando o filho de Sandre pediu para conhecê-lo. Ele era, na verdade, o filho do meio entre três e se chamava Tomasso. O único, explicou em voz rouca enquanto segurava uma das mãos de Devin entre as suas, com ouvido e olhos capazes de avaliar música e dança para escolher apresentações adequadas para honrar ocasião tão augusta quanto os ritos fúnebres de seu pai.

Devin, acostumado àquilo, educadamente retirou seus dedos, agradecido que estava pela esperteza de Menico: sendo apresentado como sócio, ele ganhava uma leve imunidade contra flertes mais agressivos, mesmo entre a nobreza. A seguir, foi apresentado para os clérigos, e prontamente se ajoelhou diante da sacerdotisa de Adaon, de vermelho.

— Sua permissão, irmã do deus, ao que eu cantei e ao que devo fazer amanhã.

Pelo canto do olho, ele viu o sacerdote de Morian cerrar os dedos gordos e anelados. Ele aceitou a benção e proteção de Adaon — o dedo da sacerdotisa traçando o símbolo do deus

em sua frente —, sabendo que conseguira acabar com o desejo crescente de um dos sacerdotes. Quando ele se ergueu e se virou, foi para receber uma piscada — perigosa naquela sala e naquela companhia — de Alessan di Tregea, que estava mais atrás, junto com os demais. Devin conseguiu conter um sorriso, mas não a surpresa: o pastor era desconcertantemente perceptivo.

O primeiro preço sugerido por Menico foi imediatamente aceito por Tomasso d'Astibar bar Sandre, confirmando na mente de Devin que criatura lamentável ele era para portar um nome e uma linhagem tão magníficos.

Ele teria se interessado — e o aproximado um passo ou dois na dura estrada para a maturidade — em saber que o próprio Duque Sandre teria aceitado tal preço, ou mesmo o dobro, naquela situação. Mas Devin ainda não chegara aos 20; e Menico, com o triplo de sua idade, insultaria a si mesmo quando voltasse à estalagem, em meio às comemorações e ao vinho, por não ter pedido mais do que a exorbitante quantia que recebera adiantada.

Apenas Eghano, velho e calmo, batendo suavemente duas colheres de madeira sobre a mesa, disse:

— Deixe estar. Não precisamos estender uma palma ambiciosa. Haverá mais como esses daqui em diante. Se você for sábio, deixará uma oferenda em cada um dos templos amanhã. Receberemos de volta com juro quando eles escolherem os músicos para os Dias das Brasas.

Menico, de ótimo humor, praguejou ainda mais magnificamente do que antes, e anunciou sua firme intenção de oferecer o corpo enrugado de Eghano como oferenda para o gordo sacerdote de Morian. Eghano abriu um sorriso desdentado, e continuou a tamborilar.

Menico mandou que todos fossem se deitar pouco depois do jantar. Começariam cedo no dia seguinte, visando a apresentação mais importante de suas vidas. Ele sorriu benevolente quando viu Aldine conduzir Nieri para o quarto. Devin tinha certeza de que elas dividiriam a cama naquela noite, e ele suspeitava que pela primeira vez. Esperava que aproveitassem uma à outra, sabendo que elas haviam se unido como por mágica na dança daquela tarde; e sabendo também — pois isso havia acontecido com ele uma vez — o quanto isso poderia transbordar nas velas da alta madrugada na cama.

Olhou ao redor, buscando Catriana, mas ela já subira as escadas. Ela o beijara rapidamente no rosto, logo após o feroz abraço de Menico, ainda no Palácio Sandreni. Era um começo; podia ser um começo.

Ele desejou boa noite aos outros e subiu para seu quarto individual, o único luxo que pedira a Menico após a morte de Marra.

Esperava sonhar com ela, por causa dos ritos fúnebres, dos não saciados e por ser com ela que sonhava na maioria das noites. Em vez disso, teve uma visão do deus.

Ele viu Adaon na montanha em Tregea, nu e magnífico. Ele o viu ser rasgado ao meio, em fúria e sangue correndo, por suas sacerdotisas — subornadas por sua feminilidade, naquela manhã de outono a cada ano que passava, para o mais profundo serviço de seu sexo. Rasgavam a carne do deus moribundo a serviço das duas deusas que o amaram e

compartilharam como mãe, filha, irmã, noiva, através do ano, e atravessando todos os anos desde que Eanna nomeara as estrelas.

Amaram-no e compartilharam-no, exceto naquela manhã, no fim da estação da decadência. Aquela manhã estava prenunciada a ser a promessa de uma primavera que viria, do fim do inverno. Aquela única manhã na montanha, quando o deus que era um homem teve que ser sacrificado. Rasgado e sacrificado, para ser colocado em seu lugar, que era a terra. Para tornar-se o solo, que por sua vez seria nutrido pela chuva das lágrimas de Eanna e pela úmida mágoa das infindáveis correntes submersas de Morian, revirando-se em sua necessidade. Sacrificado para renascer e, portanto, ser amado novamente, mais e mais a cada passar de ano, em cada e a cada morte, nas alturas vestidas de ciprestes. Sacrificado para ser lamentado e então se erguer como um deus, como um homem, como o trigo nas plantações de verão. Para se erguer e então cair com as deusas, com sua mãe e sua noiva, sua irmã e sua filha, com Eanna e Morian sob o sol, as estrelas e as duas luas, a azul e a prateada.

Devin sonhou com aquela cena terrível e mítica de mulheres correndo na montanha, seus longos cabelos ondulando atrás delas enquanto perseguiam o homem-deus até o alto abismo sobre a corrente de Casadel.

Ele viu quando elas rasgaram as roupas do corpo enquanto gritavam uma com a outra na caçada. Viu os galhos das árvores da montanha, arbustos eriçados e espinhosos, fílgarem e rasgarem suas vestes, viu-as deliberadamente deixarem-se despir até a nudez para ganharem velocidade na perseguição, colhendo os frutos vermelho-sangue de sonrai para se intoxicarem contra o que viriam a fazer, sobre as gélidas águas de Casadel.

Ele viu o deus enfim se virar, seus enormes olhos negros selvagens e sábios, enquanto ele permanecia à beira do abismo, como um cervo próximo ao seu lugar de descanso estabelecido e permanente. E Devin viu as mulheres avançarem sobre ele, com seus cabelos ondulantes e sangue correndo por seus corpos, e viu Adaon curvar sua orgulhosa e gloriosa cabeça para a condenação de suas mãos lacerantes, seus dentes e suas unhas.

E ali, ao fim da perseguição, Devin viu que as bocas das mulheres abriam-se enquanto gritavam entre si, em êxtase ou angústia, em desejo ilimitado, loucura ou amargo ressentimento, mas em seu sonho não havia som algum naqueles gritos. Ao contrário, atravessando toda aquela cena entre cedros e ciprestes, a única coisa que Devin ouvia era o som da flauta dos pastores de Tregea, entoando, alta e à distância, a canção daquela noite febril da sua infância.

E por fim, bem no fim, Devin viu que quando as mulheres alcançaram o deus e o capturaram, cercado, no alto abismo sobre Casadel, seu rosto se virou para que pudesse vê-lo; e era o rosto de Alessan.

CAPÍTULO III

Mesmo antes da chegada do cauteloso Alberico, vindo de Barbadior, do outro lado do Oceano, para governar Astibar, a cidade — que gostava de se chamar de “o polegar que governa a Palma” — era conhecida por certo grau de ceticismo. Ali, os rituais fúnebres nunca eram realizados na presença do morto, como era costume nas outras oito províncias: era considerado excessivo, um apelo excessivamente febril à emoção.

Eles se apresentariam no pátio central do Palácio Sandreni, sendo assistidos de cadeiras e bancos colocados ao redor do pátio, assim como nas varandas acima, que levavam aos cômodos dos dois andares superiores. Em um desses salões, marcado pelas tapeçarias apropriadas — azul acinzentado e preto —, repousava o corpo de Sandre d’Astibar, com moedas sobre os olhos para pagar o porteiro sem nome do último portal de Morian e comida em suas mãos e sapatos em seus pés, uma vez que nenhum homem vivo poderia saber o quão longa seria a jornada final até a deusa.

Mais tarde, ele seria trazido até o pátio, assim todos os cidadãos de sua capital e de sua distrada que quisessem vê-lo — e que estivessem dispostos a desafiar os olhares controladores dos mercenários barbadianos colocados do lado de fora — poderiam passar em fila pelo seu esquife e derramar as folhas azul-prateadas da oliveira no solitário vaso de cristal que permanecia num pedestal no pátio agora.

Os cidadãos comuns — tecelões, artesãos, comerciantes, agricultores, marinheiros, funcionários e comerciantes menores — entrariam no palácio mais tarde. Eles poderiam ser ouvidos do lado de fora naquele momento: reunidos para ouvir a música dos ritos fúnebres do velho Duque. As pessoas que chegavam ao pátio, nesse ínterim, formavam a mais extraordinária coleção de baixa e alta nobreza que Devin já vira num mesmo lugar, junto àqueles que haviam enriquecido por meio do comércio.

Por causa do Festival das Vinhas, todos os senhores da distrada de Astibar vieram de suas propriedades rurais até a capital. E já que estavam na cidade, dificilmente poderiam deixar de se apresentar para ver Sandre ser enterrado — por mais que muitos ou a maioria deles tivessem-no odiado amargamente enquanto governava. Os pais ou avós de alguns haviam até mesmo pagado por frascos de veneno ou contratado assassinos trinta anos antes, na esperança de que aqueles ritos fúnebres houvessem ocorrido na época.

Os dois sacerdotes e a sacerdotisa de Adaon já estavam em seus lugares, parecendo, à maneira do clero de todas as partes, estar inteirados de um mistério que coletivamente protegiam de todos os mortais inferiores com a seriedade de sua calma.

A companhia de Menico aguardou em uma pequena sala, fora do pátio, que Tomasso mandara separar para seu uso. Todas as cortesias de costume estavam ali, e até algumas não tão costumeiras: Devin não conseguia se lembrar de já ter visto vinho azul ser servido a artistas. Um gesto extravagante, aquele. Não estava tentado: era muito cedo e estava nervoso

demais. Para se acalmar, caminhou até Eghano, que tamborilava preguiçosamente numa mesa, como sempre parecia fazer.

Eghano ergueu os olhos e sorriu:

— É apenas uma apresentação — disse ele, com sua voz suave e sibilante. — Fazemos o que sempre fazemos. Fazemos música. Prosseguimos.

Devin assentiu e forçou um sorriso em resposta. Entretanto, sua garganta estava seca. Dirigiu-se até as mesas laterais, e uma das duas serviçais presentes se apressou em lhe servir água num cálice de ouro e cristal que valia mais do que tudo o que Devin possuía no mundo. Pouco depois, Menico fez um sinal, e todos se dirigiram ao pátio.

As bailarinas começaram, acompanhadas pela syrenya e pela flauta, ambos os instrumentos escondidos. Nada de vozes. Não ainda.

Se Aldine e Nieri haviam queimado velas de amor até tarde na noite anterior, não transpareceu — ou, se transpareceu, foi apenas pela concentração e intensidade de seus movimentos, tão sincronizados naquela manhã.

Por vezes parecendo impulsionar a música, por outras seguindo-a, elas pareciam verdadeiramente pertencer a outro mundo, com seus rostos magros e embranquecidos, túnicas azul-acinzentadas e as luvas negras que escondiam suas mãos. Era assim que Menico as treinara. Não convidativas ou atraentes, como outras trupes faziam nessas danças rituais, nem mesmo um simples prelúdio gracioso para a verdadeira apresentação, como certas outras companhias concebiam. As bailarinas de Menico eram guias, frias e convincentes, conduzindo ao local dos mortos e ao luto pelos mortos. Gradualmente, inexoravelmente, os movimentos lentos e graves, os rostos quase inumanos e sem expressão, impuseram àquela plateia tão impaciente e orgulhosa o silêncio adequado.

E naquele silêncio, os três cantores e os quatro músicos surgiram e começaram a “Invocação” para Eanna das Luzes, que fizera o mundo, o sol, as duas luas e as esparsas estrelas que eram os diamantes do seu diadema.

Atenta ao que estava fazendo, usando todos os artifícios de habilidade profissional para engendrar uma naturalidade aparente, a companhia de Menico di Ferraut conduzia os senhores, as damas e os príncipes mercadores de Astibar por um caminho de pesar impiedosamente disciplinado. Ao lamentar por Sandre, Duque de Astibar, lamentavam também — como era apropriado — a morte de todas as crianças mortais da Tríade, trazidas pelos portais de Morian para se mover sobre a terra de Adaon e sob as luzes de Eanna por um período tão curto de tempo. Dias tão doces, amargos e curtos.

Devin ouviu a voz de Catriana subindo em direção à altura na qual a flauta de Alessan a chamava, fria, precisa e austera. Sentiu, mais do que ouviu, Menico e Eghano traçarem uma linha profunda, que dava base a todos. Viu as duas dançarinas — ora estátuas enrijecidas, ora rodopiando como prisioneiras na armadilha do tempo — e, no momento certo, deixou sua voz planar com as duas syrenyas na lacuna deixada para eles preencherem, no hiato em que os mortais viviam e morriam.

Assim Menico di Ferraut moldara sua abordagem da rara apresentação dos Ritos Fúnebres Completos muito tempo antes, trazendo quarenta anos de arte e uma vida inteira de viagens para o momento que aquela manhã se tornara. Quando começou a cantar, o coração de Devin se encheu de orgulho e de um amor genuíno pelo corpulento e modesto líder que os guiara até ali.

Eles pararam, conforme planejado, depois do sexto ato, pelo bem deles mesmos e de seus ouvintes. Tomasso falara com Menico anteriormente, e a fila de nobres que passava pelo caixão de Sandre iria subir as escadarias. Depois disso, a companhia terminaria com os últimos três ritos, encerrando com o “Lamento” de Devin, após o qual o corpo seria trazido para baixo, e a multidão de fora poderia entrar, com suas folhas para o recipiente de cristal.

Menico guiou os companheiros para longe do pátio, no silêncio profundo que era seu grande feito. Eles entraram novamente no cômodo que havia sido reservado para uso da trupe. Tomados pelo estado de espírito que eles mesmos criaram, nenhum deles falou. Devin foi ajudar as duas bailarinas com as túnicas que usavam entre as apresentações, e então observou enquanto caminhavam pelo recinto, delicadas e quase felinas em graciosidade. Ele aceitou uma taça de vinho verde de um dos serviçais, mas recusou a comida que lhe era oferecida. Depois trocou um olhar, mas não um sorriso — não por enquanto — com Alessan. Drenio e Pieve, os tocadores de syrenya, reclinavam-se sobre seus instrumentos, ajustando as cordas. Eghano, pragmático como sempre, comia enquanto tamborilava na mesa com a mão livre. Menico andava de um lado para o outro, inquieto e distraído. Ele apertou o braço de Devin sem dizer nada.

Devin procurou Catriana e viu-a saindo do cômodo por uma passagem interna em arco. Ela olhou para trás. Seus olhares se encontraram por um segundo, e então ela continuou. Um feixe de luz, estranhamente filtrado, descia de uma janela alta para o local onde ela estivera.

Ele não sabia por que havia feito aquilo. Mesmo depois, quando tanta coisa aconteceu, fluindo em todos os sentidos como ondulações partindo daquele momento, Devin nunca foi capaz de explicar exatamente por que a seguira.

Mera curiosidade. Desejo. Uma complexa expectativa nascida daquele olhar, no outro dia, e o ambiente de quietude e tristeza em que eles agora pareciam estar. Todos esses fatores, nenhum deles ou alguns deles. Ele sentiu como se o mundo não fosse exatamente o mesmo de antes das bailarinas terem dançado.

Entornou seu vinho e se levantou, seguindo pela mesma passagem por que Catriana passara. E, ao passar, também olhou para trás. Alessan o observava. Não havia julgamento no olhar do tregeano, apenas uma expressão decidida que Devin não conseguiu entender. Pela primeira vez naquele dia, lembrou-se de seu sonho.

E talvez por causa disso, murmurou uma oração para Morian enquanto cruzava a passagem.

Havia uma escadaria que dava em uma janela alta e estreita de vitrais no primeiro patamar. Sob a luz que caía em várias cores, Devin vislumbrou o vestido azul-prateado que balançava

no topo da escada, do lado esquerdo. Balançou a cabeça, esforçando-se para limpá-la, para se livrar daquela estranha atmosfera de sonho. E quando o fez, os fatos se encaixaram e ele murmurou, amaldiçoando a si mesmo.

Ela era de Astibar e estava subindo as escadarias, conforme era perfeitamente *cabível* e apropriado, para se despedir do Duque. Nenhum lorde ou comerciante novo-rico lhe negaria esse direito. Não depois de haver cantado no funeral. Por outro lado, o filho de um fazendeiro de Asoli, vindo de Baixa Corte, entrar naquele salão seria um ato de pura presunção malcriada.

Hesitou e teria voltado, não fosse a memória que era sua dádiva e sua maldição — e que sempre o fora. Do pátio, ele havia visto os estandartes pendurados. A sala em que repousava Sandre d’Astibar estava no topo daquela escada à direita, não à esquerda.

Devin subiu. Tomou a precaução, embora sem saber por que, de permanecer quieto. No alto, virou à esquerda, como Catriana fizera. Havia uma porta. Ele a abriu — uma sala vazia, que há muito não era usada, com tapeçarias empoeiradas cobrindo as paredes com cenas de caçadas, com as cores bem desbotadas. Havia duas saídas, mas a poeira acabou ajudando-o: conseguia ver a nítida pegada das sandálias dirigindo-se até a porta da direita.

Silenciosamente, seguiu aquele rastro pelo labirinto de salas abandonadas no primeiro andar do palácio. Viu esculturas e objetos de vidro, requintados em sua delicadeza, estragados pelos anos de poeira sobreposta. Muito da mobília havia sido retirada, muitas das que restavam estavam cobertas. A luz era fraca; a maior parte das janelas estava fechada. Vários retratos escurecidos e sujos de senhores e senhoras severos encaravam-no hostilmente enquanto passava.

Seguiu para a direita e para a direita novamente, no rastro deixado pelos pés de Catriana, cuidadosamente mantendo alguma distância. Ela seguira reto depois dali, pelos cômodos que ladeavam o exterior do palácio — nenhum deles levando às varandas lotadas sobre o pátio. Estava mais claro ali. Ele conseguia ouvir vozes murmurando à sua direita, e percebeu que Catriana estava dando a volta para o lado oposto da sala em que o corpo de Sandre repousava.

Finalmente, abriu a porta que seria a última. Ela estava sozinha, em um quarto enorme, ao lado de uma gigantesca lareira. Havia três cavalos de bronze sobre a prateleira e três retratos nas paredes. O teto era forrado no que Devin sabia ser ouro. Na parede exterior, na qual uma fileira de janelas tinha vista para a rua, duas grandes mesas foram colocadas, cheias de comidas e bebidas. Aquele cômodo, diferentemente dos outros, fora limpo recentemente, mas as cortinas ainda o guardavam da luz da manhã e da multidão lá fora.

Sob a tênue luz filtrada daquela sala, Devin fechou a porta atrás de si, deixando o ferrolho se fechar com um ruído de propósito. O som foi um alarme espalhafatoso naquele silêncio.

Catriana se virou, com a mão à boca, mas, mesmo à meia-luz, Devin pôde notar que o brilho em seus olhos era de fúria, e não de medo.

— O que você pensa que está fazendo? — sussurrou ela asperamente.

Ele deu um passo hesitante para a frente. Buscou um gracejo, uma observação espirituosa para romper o clima pesado que parecia cobri-lo por toda a manhã, mas não conseguiu pensar em nada.

Balançou a cabeça.

— Eu não sei. Eu a vi saindo, e a segui. Não... não é o que você está pensando — concluiu, pateticamente.

— Como você saberia o que eu penso? — disparou ela, esforçando-se para manter a calma. Visivelmente, controlava sua voz. — Queria ficar a sós por alguns minutos. A apresentação me emocionou, e eu precisava de um tempo sozinha. Posso ver que você também se emocionou, mas será que posso pedir a cortesia de ter um pouco de privacidade, apenas por um momento?

Aquilo foi dito com educação. Ele poderia ter ido embora. Em qualquer outra manhã, ele *teria* ido embora. Mas Devin já havia passado, quase sem saber, por um portal de Morian.

Ele apontou para a comida nas mesas e disse, em tom grave, o que seria mais uma observação do que um desafio ou acusação:

— Este não é um local apropriado para ter privacidade, Catriana. Você não vai me dizer por que está aqui?

Preparou-se para mais uma onda de raiva, mas novamente Catriana o surpreendeu. Após um longo momento de silêncio, ela disse, finalmente:

— Você não tem intimidade comigo para exigir uma resposta a essa pergunta. Será realmente melhor se você for embora. Para nós dois.

Ele ainda podia ouvir vozes abafadas do outro lado da parede, à direita da lareira e dos cavalos de bronze. Aquela estranha sala, com mesas tão suntuosamente cobertas e retratos severos nas paredes, parecia estar em transe desperto. Lembrou-se de Catriana cantando no funeral, sua voz erguendo-se até onde a flauta de Tregea chamava. Recordou-se de seus olhos quando ela parou sob o arco que os dois atravessaram. Realmente sentia-se como se não estivesse completamente acordado, não no mundo que conhecia.

E naquela atmosfera, Devin se ouviu dizendo, apesar de um repentino aperto na garganta:

— Então, não poderíamos começar? Não poderíamos compartilhar nossa intimidade a partir de agora?

Novamente Catriana hesitou. Seus olhos estavam arregalados, mas impossíveis de ler na luz incerta. Ela balançou a cabeça e permaneceu onde estava, ereta e estática do lado oposto da sala.

— Acho que não — disse ela, muito baixo. — Não no caminho que estou trilhando, Devin d'Asoli. Mas agradeço por perguntar, e não negarei que uma parte de mim pode desejar o contrário. Mas tenho pouco tempo, e há algo que preciso fazer aqui. Por favor... você poderia me deixar sozinha?

Ele nunca esperou encontrar ou sentir tanto arrependimento, além e acima de todas as nuances que a manhã já carregara. Ele acenou afirmativamente com a cabeça — não havia

mais nada em que pudesse pensar para fazer ou dizer; e dessa vez se virou para ir embora.

Mas um portal já havia sido cruzado no Palácio Sandreni naquela manhã. No exato momento em que Devin se virava, ambos ouviram vozes — que agora vinham *de trás* dele.

— Pela Tríade! — sussurrou Catriana, quebrando o clima como se fosse uma espinha de peixe. — Sou amaldiçoada em tudo em que ponho as mãos!

Ela retornou à lareira, enquanto tateava freneticamente por baixo da prateleira.

— Pelo amor da deusa, faça silêncio! — ela sussurrou asperamente. A urgência em sua voz fez Devin congelar e obedecer.

— Ele disse que conhecia quem construiu esse palácio — ouviu-a balbuciar sob sua respiração —, e que devia estar bem...

Ela parou. Devin ouviu o ruído de uma trava se abrindo. Uma parcela da parede à direita da lareira deslizou brevemente, abrindo-se para revelar um pequeno cubículo oculto. Ele arregalou os olhos.

— Não fique aí de boca aberta, seu tolo! — sussurrou Catriana, ferozmente. — Rápido!

Uma nova voz somara-se às outras atrás deles; eram três agora. Devin correu para a porta oculta, esgueirando-se para dentro ao lado de Catriana, e juntos fecharam-na.

Um momento depois, ouviram a porta no outro extremo da sala ser aberta.

— Por Morian — reclamou Catriana, do fundo de seu coração. — Devin, *por que* você está aqui?

Questionado assim, o rapaz foi incapaz de formular uma resposta adequada. Em primeiro lugar, porque ainda não conseguia dizer por que a seguira; em segundo lugar, o armário em que se escondiam era pouco maior do que os dois juntos, e ele notava que o perfume de Catriana estava enchendo aquele pequeno espaço com um aroma inebriante, inquietante.

Se pouco antes ele estava parcialmente sonhando, agora se encontrava completamente acordado, além de perigosamente próximo da mulher que tanto desejara nas últimas duas semanas.

Catriana parecia ter chegado, tardiamente, à mesma conclusão; ele a ouviu fazer um som baixo, um tom diferente dos que já ouvira dela. Devin fechou os olhos, mesmo estando completamente escuro na câmara oculta. Ele podia sentir sua respiração tocando-lhe a testa, e notou que poderia envolver-lhe a cintura se movesse as mãos apenas um pouco.

Manteve-se cuidadosamente imóvel, inclinando-se o melhor que pôde para se afastar dela, sua própria respiração deliberadamente rasa. Sentia-se tolo o bastante por ter criado aquela situação ridícula — não estava disposto a aumentar sua lista crescente de erros tateando-a na escuridão.

As vestes de Catriana farfalharam levemente quando ela mudou de posição. Sua coxa roçou na dele. Devin respirou fundo, o que o fez inalar mais do cheiro dela do que seria bom para ele, dadas as resoluções virtuosas que tomara.

— Desculpe — sussurrou, embora tivesse sido ela quem se movera. Sentiu gotas de suor em suas sobrancelhas. Para se distrair, tentou se focar nos sons de fora. Atrás dele, o ruído de

pés passando e um murmúrio difuso e estável deixou claro que as pessoas ainda estavam passando em frente ao caixão de Sandre.

À sua esquerda, na sala da qual eles fugiram, três vozes poderiam ser percebidas. Uma delas, curiosamente, soava familiar.

— Meus serviçais estão a postos junto ao corpo. Isso nos dará um momento, antes de os outros chegarem.

— Você reparou nas moedas sobre os olhos dele? — perguntou uma voz muito mais jovem, aproximando-se da parede onde estavam as mesas. — Muito divertido.

— É claro que notei — respondeu o primeiro homem, em tom ácido. Onde Devin já ouvira aquele tom? Recentemente? — Quem você acha que gastou uma tarde inteira caçando dois astins de vinte anos atrás? Quem você pensa que preparou *tudo* isso?

A terceira voz fez-se ouvir, rindo suavemente:

— É uma bela mesa de comida.

— Não foi isso que eu quis dizer!

Risos.

— Sei que não, mas ainda assim é uma bela mesa.

— Taeri, este não é o momento para piadas, especialmente as ruins. Temos apenas um momento antes que os familiares cheguem. Escutem-me com atenção. Apenas nós três sabemos o que está acontecendo.

— Somos só nós, então? — questionou a voz jovem. — Ninguém mais? Nem mesmo meu pai?

— Não, Gianno, e você sabe por quê. Eu disse apenas nós. Guarde suas perguntas e ouça, filhote!

Foi então que Devin d'Asoli sentiu seu pulso acelerar de modo inequívoco. Em parte por causa do que ouvia, mas principalmente porque Catriana se movera de novo, com um suspiro baixo, e Devin mal conseguia acreditar que o corpo dela pressionava diretamente o seu e que um de seus longos braços circundava seu pescoço.

— Sabe — sussurrou ela, quase imperceptivelmente, a boca tocando sua orelha —, de repente, eu gosto da ideia de fazer isso. Você consegue ficar *bem* quieto? — E a ponta de sua língua tocou, apenas por um instante, o lóbulo de sua orelha.

A boca de Devin ficou completamente seca, enquanto seu sexo se enchia numa dolorosa ereção dentro das calças azul-prateadas. Do lado de fora, conseguia ouvir a voz que pensara ser familiar começando uma explicação resumida sobre algo que envolvia carregadores de caixão e uma cabana de caça, mas a voz e suas explicações pareciam ter-se tornado repentinamente triviais.

O que não era trivial naquele momento, o que era na verdade da maior importância imaginável, era o fato inegável de que os lábios de Catriana estavam ocupados em seu pescoço e sua orelha, e que, enquanto suas mãos se moviam — como se tomadas por vontade própria — para tocarem suas pálpebras e pescoço, e então deslizarem para o tão

sonhado volume de seus seios, os dedos dela estavam ágeis nas cordas da cintura dele, libertando-o.

— Oh, Tríade! — ele se ouviu gemendo, quando os dedos gelados o tocaram. — Por que você não me disse antes que o perigo a excitava?

Ele virou a cabeça e seus lábios se tocaram ferozmente pela primeira vez. Ele começou a levantar o vestido dela acima dos quadris.

Catriana se recostou em um canto da parede atrás de si, para que fosse mais fácil para ele; ela também respirava rápido, em doses curtas de ar.

— Haverá seis de nós — Devin ouviu da sala. — Quando a segunda lua nascer, quero que você esteja...

As mãos de Catriana de repente agarraram seu cabelo, quase dolorosamente; naquele momento, as últimas dobras de seu vestido se soltaram de sua cintura, e os dedos de Devin deslizaram por dentro de sua roupa íntima, encontrando o portal pelo qual ele tanto ansiava.

Ela emitiu um som leve e inesperado, enrijeceu-se por um segundo, e depois se tornou extremamente suave em seus braços. Os dedos de Devin tocaram gentilmente as dobras mais íntimas de sua carne. Ela soltou um longo e estranho suspiro para então se deslocar de novo, sutilmente, e guiar Devin para dentro de si. Ela ofegou, os dentes afundando forte nos ombros dele. Por um momento, perdido em prazer surpreendente e dor extrema, ele permaneceu imóvel, segurando-a junto de si, murmurando algo quase inaudível, sem saber exatamente o que dizia.

— Chega! Os outros estão aqui — murmurou a terceira voz, secamente.

— Sendo assim — disse a primeira —, lembrem-se, vocês dois vieram da cidade por caminhos diferentes, não juntos, para juntar-se a nós esta noite. O que quer que façam, certifiquem-se de não estarem sendo seguidos ou estaremos mortos.

Houve um breve silêncio. Então a porta do lado oposto se abriu e Devin, começando a estocar Catriana silenciosa e lentamente, finalmente reconheceu a voz que estava ouvindo.

Pois o mesmo homem continuou falando, mas agora Devin já imaginava as entonações delicadas do dia anterior.

— Enfim! — soltou Tomasso d'Astibar bar Sandre. — Nós temíamos que vocês tivessem se perdido nesses recantos empoeirados, para nunca mais serem encontrados!

— Você não tem tanta sorte, irmão — grunhiu uma voz, em resposta. — Embora isso não fosse tão surpreendente, depois de dezoito anos. Preciso muito de duas taças de vinho. Sentar quieto ouvindo aquela música a manhã toda me deu uma sede maldita.

No armário, Devin e Catriana se agarravam, dividindo um riso mudo. Então uma nova urgência se impôs sobre ele, e pareceu-lhe ter-se também colocado sobre ela. De repente não havia nada na península que importasse tanto quanto o ritmo gradualmente acelerado que eles teciam juntos.

Devin sentiu as unhas dela se cravarem em suas costas. Sentindo que chegava ao clímax, colocou as mãos por baixo dela; ela ergueu as pernas, enlaçando-as ao redor dele. Logo

depois, seus dentes afundaram em seu ombro pela segunda vez, e naquele instante ele se sentiu explodir, silenciosamente, dentro dela.

Por um espaço de tempo imensurável e frágil, continuaram naquela posição, suas roupas úmidas onde haviam sido pressionadas contra a pele. Para Devin, as vozes das duas salas externas pareciam vir de algum lugar infinitamente distante. De um mundo completamente diferente. Realmente não queria se mover.

No entanto, com o passar do tempo, Catriana cuidadosamente abaixou as pernas até tocar o chão e poder sustentar o próprio peso. Na escuridão, ele acariciou suas maçãs do rosto com o dedo.

Atrás dele, os senhores e mercadores de Astibar ainda passavam pelo corpo do Duque que tantos odiaram e poucos amaram. À esquerda deles, a mais nova geração Sandreni comia e bebia, celebrando o fim do exílio. Devin, tão próximo de Catriana, ainda revestido de seu calor, não conseguia encontrar palavras para dizer o que sentia.

Subitamente ela tomou um dos dedos indicadores que a acariciava e o mordeu com firmeza. Devin estremeceu de dor. Ela, no entanto, não disse nada.

Depois que os Sandreni saíram, Catriana encontrou o ferrolho e eles deslizaram de novo para a sala. Rapidamente organizaram suas roupas. Parando por um momento, apenas para afanar uma asa de galinha cada um, apressadamente refizeram seus passos pelos cômodos vizinhos, até alcançarem a escadaria. Encontraram três serviçais uniformizados vindo pelo outro lado; e Devin, sentindo-se excepcionalmente alerta e cheio de vida, segurou a mão de Catriana e deu uma piscadela aos serviçais que passavam.

Catriana puxou a mão logo em seguida.

— O que foi?

Ela deu de ombros.

— Eu gostaria que o que aconteceu não fosse proclamado por todo o Palácio Sandreni — murmurou ela, olhando para frente.

Devin ergueu as sobrancelhas:

— O que você preferiria que pensassem sobre estarmos lá em cima? Eu apenas dei a eles a explicação mais óbvia e trivial. Eles não vão nem se preocupar em falar disso. Esse tipo de coisa acontece o tempo todo.

— Não para mim — disse Catriana, baixinho.

— Não foi isso que eu quis dizer! — protestou Devin, surpreso. Mas, infelizmente, eles chegaram ao final da escada, e foi com uma inesperada sensação de estranhamento que parou para deixá-la entrar no cômodo.

Bastante confuso, tomou seu lugar atrás de Menico, enquanto se preparavam para voltar ao pátio.

Ele possuía apenas um papel secundário nos primeiros dois hinos e, portanto, seus pensamentos vagavam pela cena que acabara de acontecer no andar superior. Novamente, e mais uma vez, com a memória que parecia ser seu direito de nascimento focando como um

raio de sol em um detalhe após o outro, iluminando e revelando o que ele não havia percebido da primeira vez.

E então foi sua a vez de dar um passo adiante para encerrar e coroar os ritos fúnebres, vendo os três cleros observarem-no atentamente e notando como Tomasso adquiria uma postura de atenção absorta, Devin pôde dar ao “Lamento por Adaon” um espírito resolutivo, pois não estava mais confuso, e sim bastante decidido quanto ao que iria fazer.

Começou suavemente, atingindo o tom intermediário entre as duas syrenyas, construindo e lapidando a antiga história do deus. Depois, quando a flauta de Alessan entrou, Devin deixou sua voz se erguer em resposta a ela, como se voasse do vale da montanha até o rochedo à beira do abismo.

Cantou a morte do deus com uma voz tornada pura dentro do caldeirão de seu próprio coração, e coordenou as notas para subirem por todo o pátio e além dele, cruzando as ruas e praças da murada Astibar, muros altos que Devin pretendia cruzar naquela noite, encontrando e seguindo uma trilha até uma floresta, e lá, uma cabana de caça. Uma cabana para onde carregariam o corpo do Duque, e onde certo número de homens — *seis*, lembrava-lhe a clara voz da sua memória — se encontrariam em uma reunião sobre a qual Catriana d’Astibar havia feito de tudo, exceto matá-lo, para impedir que descobrisse. Lutou para transformar o sabor amargo daquela descoberta em luto por Adaon, guiando e inspirando o caminho do “Lamento”.

Ele se lembrou dela dizendo *Melhor para nós dois*, e pôde buscar em sua mente o arrependimento e a súbita gentileza na voz dela. Mas, quando se tem a idade de Devin, certo tipo de orgulho é mais forte do que em qualquer outro momento na vida de um homem mortal, e ele já decidira, antes mesmo de começar a cantar, ali naquele pátio lotado entre os grandes de Astibar, que *ele* seria o juiz a decidir o que seria melhor, e não ela.

Devin então entoou a dilaceração do deus pelas mãos das mulheres, e deu àquela morte nas encostas da montanha de Tregea tudo o que podia dar, fazendo de sua voz uma flecha lançada para mirar nos corações de todos os que o ouviam.

Deixou Adaon cair do penhasco, ouviu o som da flauta se afastar e cair, e deixou o luto de sua voz descer em espiral, caindo junto com o deus em Casadel, enquanto a canção terminava.

E naquela manhã também terminava uma parte da vida de Devin. Pois quando um portal de Morian é atravessado, como todos sabem, não há mais volta.

CAPÍTULO IV

Acompanhando o caixão de seu pai através do portão leste, uma hora antes do pôr do sol, Tomasso bar Sandre manteve seu cavalo em um ritmo calmo e deixou sua mente vagar pela primeira vez em 48 horas muito tensas.

A estrada estava quieta. Àquela hora, normalmente estaria abarrotada de pessoas retornando à distrada antes do toque de recolher fechar os portões da cidade. Normalmente o pôr do sol esvaziava as ruas de Astibar por completo, salvo pelas patrulhas de mercenários barbadianos e pelos inconsequentes o suficiente para desafiá-las em busca de mulheres, vinho ou outras diversões da noite.

No entanto, aquele não era um dia normal. Naquela noite e nas duas seguintes, não haveria toque de recolher em Astibar. Com as uvas recolhidas e a colheita da distrada bem-sucedida, o Festival das Vinhas veria cantoria, danças e coisas mais selvagens que essas nas ruas, por todas as três noites. Durante essas noites, todo ano Astibar fingia ser a sedutora e decadente Senzio. Nenhum duque, nos velhos tempos — nem mesmo o severo Alberico, agora — fora tolo o suficiente para irritar o povo sem necessidade, negando-lhe essa tradicional libertação dos tempos mais sóbrios do ano.

Tomasso lançou um olhar de volta à sua cidade. O sol poente estava vermelho entre as nuvens finas, atrás das cúpulas do templo e das torres, banhando Astibar num brilho lindo e quase sobrenatural. Uma brisa soprou e havia um toque de frio nela. Ele pensou em colocar suas luvas, mas preferiu não fazê-lo — para isso, teria de tirar alguns de seus anéis, e realmente gostava de ver as pedras naquela luz esquiva e passageira. Definitivamente, o outono estava chegando, os Dias das Bragas aproximando-se rápido. Não faltava muito, questão de dias, até que o primeiro floco de neve tocasse aquelas últimas e preciosas uvas, que haviam sido deixadas em vinhas escolhidas, para se tornarem, se tudo corresse bem, o gélido e límpido vinho azul que era o orgulho de Astibar.

Atrás dele, os oito serviçais se arrastavam impassivelmente ao longo da estrada, carregando o caixão simples do pai de Tomasso — de madeira lisa, exceto pelo brasão do Duque que o encimava. Nas laterais, dois guardiões de vigília cavalgavam em um silêncio implacável, o que não era surpresa, tendo em vista a natureza de sua tarefa e o intrincado ódio com várias origens que se retorcia entre aqueles dois homens.

Aqueles três homens, Tomasso se corrigiu. Eram três, caso se decidisse contar o homem morto que cuidadosamente planejara tudo aquilo, inclusive o detalhe de quem deveria cavalgar a cada lado de seu caixão, quem deveria estar à frente e quem iria atrás. Isso sem contar o detalhe, ainda mais surpreendente, de quais dois senhores da província de Astibar seriam solicitados para serem seus acompanhantes até a cabana de caça, para a longa noite de vigília, e dali para a Cripta Sandreni, ao alvorecer. Ou, para ir direto ao ponto, o *verdadeiro* ponto: a quais dois senhores poderia e deveria ser confiado o que eles viriam a

saber durante a vigília na floresta, naquela noite.

Ao pensar naquilo, Tomasso sentiu uma pontada de apreensão dentro de seu peito. Ele se controlou, como havia aprendido a fazer com o passar dos anos — inacreditável quantos anos haviam passado — ao discutir tais assuntos com seu pai.

Mas agora Sandre estava morto e ele estava agindo sozinho, e a noite para a qual haviam trabalhado estava chegando naquela luz que se desvanecia em vermelho. Tomasso, dois anos depois de seu quadragésimo batismo, sabia que, caso não fosse cuidadoso, facilmente poderia se sentir como uma criança de novo.

A criança que ele era, por exemplo, aos 12 anos, quando Sandre, Duque de Astibar, o havia encontrado nu sobre a palha do celeiro, com o filho de 16 anos do chefe dos cavaleiros.

Seu amante fora executado, é claro, embora discretamente, para manter o assunto em sigilo. Tomasso fora chicoteado por seu pai por três dias seguidos, o chicote meticulosamente redescobrimdo, a cada manhã, as feridas que começavam a fechar. Sua mãe fora proibida de vê-lo. Ninguém havia ido vê-lo.

Um dos poucos erros de seu pai, refletiu, voltando trinta anos no tempo, sob a luz do crepúsculo de outono. Sabia que devia àqueles três dias seu gosto peculiar por chicotes na hora do amor. Era uma de suas *alegrias*, como gostava de chamar.

Mas Sandre nunca mais o puniu daquele modo, nem de qualquer outra forma direta. Quando ficou claro, matando qualquer esperança de discrição, que as preferências de Tomasso não poderiam ser, para dizer o mínimo, mudadas ou amenizadas, o Duque simplesmente passou a ignorar a existência de seu filho do meio.

Continuaram assim por mais de dez anos, nos quais Sandre pacientemente tentou treinar Gianno para sucedê-lo, e passando quase tanto tempo com o jovem Taeri — deixando claro a todos que seu filho caçula era o próximo na linha de herança, após o primogênito. Por mais de uma década, Tomasso simplesmente não existira dentro das muralhas do Palácio Sandreni.

Embora ele com certeza existisse em outros locais de Astibar, e em várias outras províncias também. Por razões que agora lhe eram dolorosamente claras, tentara, ao longo daqueles anos, eclipsar as memórias de toda a nobreza dissoluta sobre a qual Astibar ainda contava lendas estarrecedoras, ainda que muitos deles já estivessem mortos há mais de quatrocentos anos.

Ele supôs que tivesse, até certo ponto, conseguido.

Certamente, a “invasão” ao templo de Morian, naquela Noite das Bragas tanto tempo antes, permaneceria por um tempo como o ápice ou paradigma do sacrilégio debochado (*era tudo uma questão de perspectiva*, como gostava de dizer na época).

A invasão não tivera nenhum impacto em sua relação com o Duque. Não havia relação a ser abalada, desde aquela manhã no celeiro, quando Sandre fatidicamente retornara de sua cavalgada uma hora mais cedo. Ele e seu pai simplesmente não falavam nem sequer tomavam conhecimento da presença um do outro, fosse em jantares de família ou em

ocasiões formais. Caso descobrisse algo que Sandre deveria saber — o que era bastante frequente, dadas as companhias que possuía e os perigos daqueles tempos —, contava à sua mãe durante um de seus cafés da manhã semanais juntos, e ela certificava-se de que seu pai ouvisse. Tomasso sabia que ela revelava também a fonte das informações. Não que isso importasse.

Ela morrera ao tomar vinho envenenado destinado ao seu marido, no último ano do reinado do Duque, ainda se esforçando, até a última manhã de sua vida, para conseguir uma reconciliação entre Sandre e seu filho do meio.

Pessoas mais românticas que o pai ou o filho poderiam se permitir acreditar que, quando a família Sandreni se aproximara na retaliação sangrenta daquele incidente, ela teria alcançado seu mais profundo desejo por meio de sua morte.

Ambos os homens sabiam que aquilo não era verdade.

De fato, foi apenas a vinda de Alberico do Império de Barbador, com sua feitiçaria domadora de vontades e a eficiência brutal de seus conquistadores mercenários, que levou Tomasso e Sandre a conversarem, tarde da noite durante o segundo ano de exílio do Duque. Foi a invasão de Alberico e um segundo fator: a estupidez monumental, imperdoável e inevitável de Gianno d'Astibar bar Sandre, herdeiro titular das fragmentadas fortunas de sua família.

E àquelas duas coisas, somou-se lentamente uma terceira verdade amarga para o orgulhoso Duque exilado. Tornou-se cada vez mais óbvio, acima de qualquer tentativa de negar, que se quaisquer traços e dons de sua personalidade houvessem se manifestado na geração seguinte, quaisquer sutilezas e percepções, quaisquer habilidades de camuflar o pensamento e compreender a mente alheia, teriam se transmitido, todas elas, apenas para seu filho do meio. Para Tomasso.

Aquele que gostava de garotos, e que não deixaria um herdeiro, nem mesmo um nome a ser pronunciado, menos ainda com orgulho, em Astibar ou em qualquer outro lugar da Palma.

No lugar mais fundo dentro de si, onde realizava a complexa tarefa de lidar com seus sentimentos pelo pai, Tomasso sempre soubera — mesmo antes, e certamente agora, na última estrada noturna sobre a qual Sandre viajaria — que uma das provas mais verdadeiras da grandeza do Duque como governante havia emergido naquela noite de inverno, tanto tempo antes. A noite em que quebrou uma década de silêncio e falou com seu filho do meio, tornando-o seu confidente.

Seu único confidente na dolorosa missão de dezoito anos para expulsar Alberico, sua feitiçaria e seus mercenários de Astibar e da Palma Oriental. Uma tarefa que se tornara uma obsessão para ambos, mesmo enquanto o comportamento público de Tomasso se tornou mais e mais excêntrico e decadente, sua voz e seu porte uma paródia — uma autoparódia, na verdade — do afetado e sibilante amante de garotos.

Tudo fora planejado durante as conversas tarde da noite com seu pai, na propriedade fora

das muralhas da cidade.

O papel paralelo de Sandre foi o de se tornar publicamente um homem impotente, ranzinza, que amaldiçoava a Tríade pelo seu exílio, marcado por caçadas barulhentas e exageradas, além do consumo excessivo de seu próprio vinho.

Tomasso nunca vira seu pai realmente bêbado. E também nunca usara sua voz esganiçada quando estavam a sós, à noite.

Oito anos antes, tentaram um assassinato. Um *chef*, passível de ser associado apenas à família Canziano, fora colocado numa estalagem no interior de Ferraut, próximo à fronteira com Astibar. Por mais de seis meses, os rumores em Astibar apontaram aquela estalagem como um lugar cada vez mais distinto. Depois, ninguém se lembrara como o boato começara: Tomasso sabia muito bem o quão útil era implantar esses rumores casuais dentre seus amigos nos templos. Os sacerdotes de Morian, em particular, eram lendários por seus apetites. Por *todos* os seus apetites.

Um ano inteiro depois de iniciarem o plano, Alberico de Barbadior parou em seu caminho dos Jogos da Tríade — exatamente como Sandre disse que faria —, para fazer sua refeição do meio-dia em uma estalagem que gozava de ótima reputação, perto da fronteira de Astibar, em Ferraut.

Quando o sol se pôs, ao fim daquele dia quente de verão, cada pessoa naquela estalagem — servos, patrões, cuidadores de estábulo, chefes, crianças e fregueses — teve suas costas, pernas, braços e pulsos quebrados e suas mãos cortadas, antes de serem amarrados, vivos, às rodas de tortura improvisadas dos barbadianos para morrerem.

A estalagem foi completamente destruída. Os impostos na província de Ferraut dobraram nos dois anos seguintes; e por um ano em Astibar, Tregia e Certando. Durante os seis meses seguintes, cada membro vivo da família Canziano foi encontrado, preso, torturado publicamente e queimado na Grande Praça de Astibar, com as mãos decepadas enfiadas na boca, para que seus gritos não perturbassem Alberico e seus conselheiros em seus aposentos de trabalho ao redor da praça.

E foi assim que Sandre e Tomasso descobriram que feiticeiros não podem ser envenenados.

Pelos seis anos seguintes, não fizeram nada além de conversar à noite, na casa senhorial entre as vinhas, juntando todo o conhecimento que obtinham sobre o próprio Alberico e sobre os eventos ao leste, em Barbadior, onde se dizia que o Imperador ficava mais velho e enfermo a cada ano.

Tomasso começou a encomendar e colecionar bengalas cujos punhos eram esculpidos em formas de órgãos sexuais masculinos. Rumores diziam que alguns dos seus jovens amigos serviam de modelo. Sandre caçava. Gianno, o herdeiro, consolidava uma reputação florescente como gênio sedutor e descompromissado de mulheres, e como gerador de crianças, legítimas e ilegítimas. O mais novo dos Sandreni tinha permissão para manter modestas casas na cidade, como parte da política geral de Alberico de ser o governante mais discreto possível — exceto quando perigo ou agitação social o ameaçavam, momentos em

que crianças poderiam morrer nas rodas de tortura.

O Palácio Sandreni, em Astibar, permanecia visivelmente trancado, vazio e cheio de pó. Um símbolo potente e útil da queda dos que poderiam vir a resistir ao Tirano. Os supersticiosos afirmavam ver luzes fantasmagóricas, ondulando lá à noite, especialmente nas noites de lua azul, ou nas Noites das Bragas de primavera ou de outono, quando se sabia que os mortos caminhavam livremente.

Então, durante uma noite no campo, Sandre contou a Tomasso, sem aviso ou cuidado, que pretendia morrer na véspera do Festival das Vinhas, dali a dois outonos. Ele prosseguiu, nomeando os dois senhores que seriam seus vigias, e por quê. Naquela mesma noite, ele e Tomasso decidiram que chegara a hora de contar a Taeri, o filho mais novo, o que estava acontecendo. Ele era corajoso, não estúpido, e poderia ser necessário para certas coisas. Eles também concordaram que Gianni havia gerado um filho digno do nome, embora ilegítimo, e que Herado — com 21 anos e apresentando encorajadores sinais de espírito e ambição — era a melhor esperança de ter a participação da geração mais nova no tumulto que Sandre esperava provocar logo após a sua morte.

Não era, na verdade, uma questão de qual familiar era confiável: afinal, família era família. A questão era decidir quem seria *útil*; e um sinal do quão diminuídos estavam os Sandreni foi que apenas dois nomes vieram à mente.

Tomasso se lembrava — enquanto levava o caixão de seu pai para o sudeste entre as árvores enegrecidas que ladeavam o caminho — como a conversa fora completamente desapaixonada. Todas as suas conversas foram assim, aquela não tivera nada de diferente. Mais tarde, no entanto, ele não conseguiu dormir, sentindo o dia do Festival marcado em sua mente, ainda que só fosse ocorrer dali a dois anos. O dia em que seu pai, tão preciso em seus planos, tão sensato, decidira que iria morrer para dar a ele uma nova chance, uma chance de fazer as coisas de um modo diferente.

A data viera e se fora, levando consigo a alma de Sandre d'Astibar, para onde quer que as almas de homens como ele fossem. Tomasso fez um gesto para espantar o mal por aquele pensamento. Atrás dele, ouviu o mordomo ordenando aos serviçais que acendessem as tochas. Esfriava conforme a escuridão caía. No céu, uma fina camada de altas nuvens se tingia de um tom púrpura escuro, vestígio dos últimos raios de luz. O próprio sol havia partido, por trás das árvores. Tomasso pensou em almas, na de seu pai e na sua própria. Estremeceu.

Vidomni, a lua branca, se ergueu; e então, pouco depois, veio a azul Ilarion, perseguindo-a em vão pelo céu. Ambas as luas estavam quase cheias. Na verdade, a procissão poderia ter seguido sem tochas, tão brilhante estavam os luas gêmeos, mas a luz das chamas combinava melhor com a tarefa a ser desempenhada e seu estado de espírito. Por isso, Tomasso deixou-as queimar enquanto a companhia deixava a estrada, rumo aos familiares caminhos sinuosos que atravessavam a floresta Sandreni, até chegar à cabana de caça simples que seu pai amara.

Os serviçais deitaram o caixão nos cavaletes montados no centro do grande salão de entrada. Velas foram acesas; assim como as duas lareiras, em cantos opostos do salão. A comida e o vinho haviam sido colocados mais cedo naquele dia, e trataram logo de retirar o pano que cobria as mesas. As janelas estavam abertas, permitindo que a brisa da noite arejasse o local.

Com um aceno de cabeça, Tomasso ordenou que o mordomo levasse os demais serviçais embora. Eles iriam para a mansão, mais a leste, e retornariam ao nascer do dia, quando a vigília tivesse terminado.

E então foram, enfim, deixados a sós. Tomasso e os senhores Nievole e Scalvaia, tão cuidadosamente escolhidos dois anos antes.

— Vinho, meus senhores? — perguntou Tomasso. — Teremos mais três companheiros em breve.

Dissera isso com sua voz natural, propositalmente deixando de lado o tom artificial e cantado que era sua marca em Astibar. Ficou satisfeito que ambos houvessem notado o fato imediatamente, seus olhos se estreitando ao olhar para ele.

— Quem mais? — grunhiu o barbudo Nievole, que havia odiado Sandre por toda a sua vida. Nem ele, nem Scalvaia fizeram qualquer comentário sobre a voz de Tomasso. Comentários desse gênero revelariam muito, e eles eram homens habilidosos o suficiente em guardar seus pensamentos para si.

— Meu irmão Taeri e meu sobrinho Herado, o mais inteligente dos bastardos de Gianno — disse ele casualmente, abrindo duas garrafas do Sandreni tinto especial enquanto falava. Encheu duas taças e deu cada uma a um deles, aguardando para ver qual dos dois iria quebrar o breve silêncio que seu pai previu que aconteceria. Sandre dissera que seria Scalvaia.

— Quem é o terceiro? — indagou Lorde Scalvaia, suavemente.

Internamente, Tomasso cumprimentou seu pai morto. Então, girando sua taça pela haste delicadamente para liberar o aroma do vinho, respondeu:

— Eu não sei. Meu pai não me disse seu nome. Disse apenas que os dois viriam e que nós três estaríamos aqui. E que haveria uma sexta pessoa nesta assembleia.

Aquela palavra também fora cuidadosamente escolhida.

— Assembleia? — repetiu o elegante Scalvaia. — Parece-me que não fui informado corretamente. Eu tinha a ingênua impressão de que se tratava de uma vigília.

Os olhos negros de Nievole brilharam acima de sua barba. Ambos encararam Tomasso.

— É um pouco mais do que isso — disse Taeri, adentrando o salão seguido por Herado.

Tomasso estava satisfeito em ver ambos vestidos com a sobriedade apropriada e em notar que, apesar da irreverente interrupção de Taeri, ele trazia uma expressão profundamente séria.

— Vocês conhecem meu irmão — murmurou Tomasso, indo encher mais duas taças, para os dois novos convidados. — Talvez os senhores não conheçam Herado, filho de Gianno.

O garoto fez uma reverência e se manteve em silêncio, como era adequado. Tomasso levou as taças até seu irmão e o sobrinho.

O silêncio durou mais um instante, e Scalvaia se afundou numa cadeira, esticando sua perna ruim à frente. Ergueu sua bengala e apontou-a para Tomasso. A ponta da bengala não tremeu.

— Eu lhe fiz uma pergunta — disse ele friamente, com sua voz, famosa pela beleza. — Por que você chamou isso de “assembleia”, Tomasso bar Sandre? Por que fomos trazidos até aqui sob pretextos falsos?

Tomasso parou de brincar com sua taça. Enfim, chegara o momento. Olhou de Scalvaia para o corpulento Nievole.

— Vocês dois — disse ele, sério — foram considerados pelo meu pai os dois últimos senhores que ainda desfrutam de algum poder de verdade em Astibar. Dois invernos atrás, ele decidiu e me informou que pretendia morrer na véspera deste Festival. Em um momento que Alberico não poderia recusar os ritos fúnebres completos, o que inclui uma vigília como esta. Em um momento que vocês dois estariam em Astibar, permitindo-me nomeá-los para me acompanhar.

Ele fez uma pausa em seu discurso meticulosamente ensaiado e lançou olhares demorados a cada um deles.

— Meu pai fez tudo isso para que pudéssemos nos reunir sem suspeitas, interrupções ou risco de sermos detectados, para que colocássemos em ação certos planos para destituir Alberico do poder em Astibar.

Ele observava de perto, mas Sandre escolhera bem. Nenhum dos dois homens a quem falava denunciou surpresa ou desgosto por um tremor de músculo sequer. Lentamente, Scalvaia baixou sua bengala e recostou-a à mesa, ao seu lado. O bastão era de ônix e machial, percebeu Tomasso. Estranho como a mente trabalhava em momentos como aquele.

— Você sabe... — disse Nievole, ao pé da lareira maior. — Você sabe que essa ideia passou pela minha cabeça quando tentei entender por que o seu maldito pai... ah, me perdoe, velhos hábitos são difíceis de largar... — Seu sorriso era mais ameaçador do que arrependido, e não chegou aos olhos estreitados — ... por que o Duque Sandre me escolheria para estar em sua vigília. Ele deve ter sabido do número de vezes que eu tentei apressar estes ritos durante os dias de seu reinado.

Tomasso sorriu de volta, igualmente lacônico:

— Ele estava certo de que você se perguntaria — disse ele educadamente ao homem que, tinha quase certeza, pagara pela taça de vinho que matara sua mãe. — Ele também estava certo de que você concordaria em vir, uma vez que é um dos últimos de uma raça moribunda em Astibar. Na verdade, em toda a Palma.

O barbudo Nievole ergueu sua taça:

— Você é muito lisonjeiro, bar Sandre. E devo dizer que prefiro sua voz como está agora, sem todas aquelas oscilações e vibrações que normalmente estão nela.

Scalvaia pareceu satisfeito. Taeri riu alto. Herado observava cuidadosamente. Tomasso gostava muito dele, e não da sua forma peculiar, como tivera que convencer seu pai em uma conversa desconcertante.

— Eu também prefiro essa voz — disse ele aos dois. — Sendo quem são e tendo o poder que têm, os senhores devem ter deduzido, nos últimos minutos, por que conduzo certos aspectos de minha vida das maneiras tão bem conhecidas. Há certas vantagens em ser visto como um depravado sem rumo.

— Há — concordou Scalvaia —, se você carrega um propósito que é servido por essa ilusão. Você disse um nome há pouco e insinuou que todos ficaríamos mais felizes se o portador desse nome estivesse morto ou longe. Vamos deixar de lado, por hora, o exame das possibilidades que se seguiriam a um evento tão dramático.

Seu olhar era quase impossível de se ler; Tomasso fora alertado de que seria assim. Não disse nada. Taeri se mexeu desconfortável, mas, felizmente, manteve-se calado como o havia instruído. Ele caminhou e tomou uma das cadeiras, no canto oposto ao caixão. Scalvaia continuou:

— Não podemos ignorar que, ao dizer o que você disse, colocou toda a sua família em nossas mãos, ou assim pareceria de início. Ao mesmo tempo, suponho também que, caso nos erguêssemos e marchássemos até Astibar levando notícias de sua traição, nos juntaríamos ao seu pai entre os mortos antes mesmo de sair desta floresta.

Era uma simples afirmação — um pequeno fato a ser confirmado, antes de partirem para assuntos mais importantes.

— Dificilmente — mentiu Tomasso, balançando a cabeça. — Os senhores nos honram com a sua presença e são inteiramente livres para partir. Na verdade, nós os escoltaremos, se quiserem, já que o caminho pode ser bastante traiçoeiro na escuridão. De fato, meu pai me aconselhou a lembrar-lhes de que, embora os senhores pudessem prontamente nos colocar em amarras e rodas de tortura, é extremamente plausível pensar que Alberico veria motivo o bastante para fazer o mesmo com vocês dois, por serem considerados nossos cúmplices. Os senhores se lembram do que aconteceu com os Canziano após aquele infeliz incidente em Ferraut, alguns anos atrás?

Houve um silêncio delicado e gracioso para apreciar o que fora dito. E foi quebrado por Nievole:

— Aquilo foi obra de Sandre, não foi? — grunhiu ele, junto ao fogo. — Não tinha nada a ver com os Canziano!

— Foi obra nossa — concordou Tomasso, calmamente. — E aprendemos muito com aquilo, devo dizer.

— E os Canziano também — murmurou Scalvaia, seco. — Seu pai sempre odiou Fabro bar Canzian.

— Não poderíamos dizer que eles se davam bem — afirmou Tomasso, sem emoção. — Embora eu deva dizer que, se vocês se focarem nesse aspecto da situação, temo que venham

a deixar de lado o que realmente interessa.

— O que você prefere que nos interesse — corrigiu Nievole, mordaz.

Inesperadamente, Scalvaia veio ao socorro de Tomasso:

— Isso não é justo, meu senhor. Se existe algo com o que todos nessa sala e nesses tempos devem concordar é que o ódio e o desejo de Sandre estão muito além de velhas guerras e rivalidades. Seu alvo era Alberico.

Seus olhos azul-gelo encararam os de Nievole por um longo instante, e enfim o homem maior concordou. Scalvaia se ajeitou em sua cadeira, arrepiando-se com a fisgada em sua perna dolorida. Disse a Tomasso:

— Muito bem. Você já nos disse por que estamos aqui e deixou claras as suas intenções e as de seu pai. De minha parte, farei uma confissão. Confesso, no espírito de sinceridade que uma vigília fúnebre deve inspirar, que ser governado por um lorde menor, abrutalhado, imoral e arrogante de Barbador traz pouca alegria ao meu velho coração. Estou com vocês. Se você tem um plano, eu gostaria de ouvi-lo. Pelo meu juramento e pela minha honra, serei leal aos Sandreni nesse assunto.

Tomasso estremeceu com a invocação das palavras tradicionais. E disse, realmente sentindo:

— O seu juramento e a sua honra são certezas além de qualquer medida.

— São mesmo, bar Sandre — disse Nievole, caminhando pesadamente e se afastando da lareira. — E ousa dizer que a palavra dos Nievolene nunca foi considerada de pouco valor. O mais caro desejo em meu coração é o de ver os barbadianos mortos e cortados em pedaços, se a Tríade permitir, por minha própria lâmina. Também estou com vocês. Por meu juramento e minha honra.

— Que palavras terrivelmente magníficas! — disse uma voz da janela oposta à porta.

Os cinco rostos se viraram, quatro deles pálidos de espanto, e o último, corado por trás da barba. O dono da voz falava pela janela aberta, cotovelos apoiados no parapeito e queixo repousando sobre as mãos. Ele passou os olhos, medindo-os com o rosto oculto pela borda da própria janela.

— Nunca antes vi frases elegantes, vindas de qualquer linhagem, conseguirem expulsar um tirano. Nem na Palma, nem em qualquer outro local.

Em um movimento contido, ergueu-se, projetou os pés para dentro da sala e se pôs confortavelmente sentado no parapeito da janela.

— Por outro lado — completou —, concordar sobre um assunto é um ponto de partida. Sou obrigado a fazer essa concessão.

— Você é o sexto homem de quem meu pai falou? — questionou Tomasso, cautelosamente.

Na luz, o homem até parecia familiar. Vestia-se para a floresta, e não para a cidade, com dois tons de cinza e um colete preto de couro de ovelha sobre a camisa, e calças enfiadas em duas botas de montaria, negras e gastas. Uma faca cingia sua cinta, sem qualquer ornamento.

— Eu ouvi você dizendo isso — disse o sujeito. — Espero que eu não seja, pois senão as implicações seriam, no mínimo, inquietantes. O fato é que eu nunca conversei com seu pai. Se ele sabia de minhas atividades e, de alguma maneira, esperava que eu descobrisse sobre essa reunião e estivesse aqui... bem, eu estaria um pouco lisonjeado pela confiança e bastante preocupado por ele saber tanto sobre mim. Por outro lado, é de Sandre d'Astibar que estamos falando, e eu sou mesmo o sexto homem aqui, certo?

Ele se curvou, sem qualquer ironia visível, numa reverência ao caixão.

— Você também se coloca, portanto, contra Alberico?

Os olhos de Nievole estavam vigilantes.

— Não — disse o homem na janela, abruptamente. — Alberico não significa nada para mim. A não ser um instrumento. Uma alavanca com a qual abrirei uma porta.

— E o que se encontra atrás dessa porta? — perguntou Scalvaia, afundado em sua poltrona. Foi então que Tomasso se lembrou.

— Eu o conheço! — disse, repentinamente. — Eu o vi esta manhã. Você é o pastor tregeano que tocou flauta nos ritos fúnebres!

Taeri estalou os dedos ao reconhecê-lo também.

— Eu toquei flauta, sim — afirmou o homem à janela, ainda sereno. — Mas não sou um pastor nem venho de Tregea. Convinha aos meus propósitos encenar um papel. Muitos papéis, na verdade, nesses muitos anos. Tomasso bar Sandre provavelmente me entende.

Ele sorriu. Tomasso não devolveu o sorriso. Em vez disso, falou do modo mais educado que conseguiu:

— Talvez então, dadas as circunstâncias, você possa nos fazer o favor de dizer quem você realmente é. Meu pai poderia até saber, mas nós não.

— E tampouco saberão tão cedo — disse o outro. E fez uma pausa. — Embora deva dizer que, eu jurasse pela honra de minha família, o peso desse voto eclipsaria os dois juramentos já feitos aqui esta noite.

O tom era casual, o que apenas fez sua arrogância parecer muito maior.

Para evitar a previsível explosão de raiva de Nievole, Tomasso se adiantou:

— Você não pode nos negar pelo menos *alguma* informação, ainda que resolva proteger seu nome. Disse que Alberico é uma ferramenta para você. Uma ferramenta para quê, Alessan não-de-Tregea? — Tomasso ficou feliz em se lembrar do nome que Menico di Ferraut mencionara no dia anterior. — Qual é o seu propósito? O que o traz a esta cabana?

O rosto do outro homem, esguio e com as maçãs do rosto salientes, se imobilizou, quase uma máscara. E no silêncio que se seguiu, ele afirmou:

— Eu quero Brandin. Eu quero Brandin de Ygrath morto, mais do que eu quero a imortalidade de minha alma além do último portal de Morian.

Houve novamente um silêncio, quebrado apenas pelo estalar do fogo nas duas lareiras. Tomasso sentiu como se um arrepio de inverno houvesse tomado a sala após aquela declaração.

— Que palavras terrivelmente magníficas! — murmurou Scalvaia preguiçosamente, rompendo a tensão. Ele arrancou risos de Nievole e Taeri. Mas ele mesmo não sorriu.

O homem à beira da janela recebeu o golpe com um leve aceno de cabeça. E sentenciou:

— Esse não é, meu senhor, um assunto sobre o qual eu permita trivialidades. Se iremos trabalhar juntos, é necessário que se lembre disso.

— Sou forçado a dizer que você é um jovem extremamente arrogante. Seria apropriado que se lembrasse com quem está falando.

O outro visivelmente conteve sua primeira resposta.

— A arrogância é um defeito familiar — disse, enfim. — Temo não ter conseguido escapar dele. Mas na verdade sei bem quem você é. E os Sandreni e meu senhor Nievole. É por isso que estou aqui. Tem sido de meu interesse, por muitos anos, conhecer as dissidências que percorrem a Palma. Por vezes, eu até as encorajei, discretamente. Essa noite marca a primeira vez em que me coloquei num encontro como este.

— Mas você já nos disse que Alberico não significa nada para você.

Internamente, Tomasso amaldiçoava seu pai por não lhe ter preparado melhor para aquela sexta figura tão peculiar.

— Nada por ele mesmo — corrigiu o outro. — Me permite?

Sem esperar por uma resposta, ergueu-se do parapeito e se dirigiu até onde estava o vinho.

— À vontade — respondeu Tomasso, tardiamente.

O homem se serviu de uma generosa taça de vinho tinto. Logo a esvaziou e voltou a enchê-la. Apenas então se voltou para encarar os cinco.

Os olhos de Herado observavam-no, arregalados.

— Dois fatos — disse o homem que chamavam de Alessan. — Vocês devem aprendê-los se quiserem realmente libertar a Palma. Primeiro: se vocês expulsarem ou matarem Alberico, terão Brandin sobre vocês em menos de três meses. Segundo: se Brandin for expulso ou morto, Alberico governará esta península nesse mesmo intervalo de tempo.

Ele parou. Seus olhos — acinzentados, Tomasso notava agora — moveram-se de um a outro, desafiadores. Ninguém falou nada. Scalvaia brincava com o punho de sua bengala.

— Essas duas coisas devem ser compreendidas — prosseguiu o estranho, no mesmo tom. — Nem eu em minha busca; nem vocês, na sua, podemos nos permitir esquecer-las. Elas são as verdades que fundamentam a Palma em nosso tempo. Os dois feiticeiros de além-mar se equilibram mutuamente na balança de poder, e esse equilíbrio é o *único* que existe na península atualmente, não importa o quão diferentes fossem as coisas há dezoito anos. Hoje apenas o poder de um evita que a mágica do outro se erga como no dia em que nos conquistaram. Se queremos derrubar um deles, então devemos derrubar os dois ou fazer com que ambos se destruam.

— Como? — perguntou Taeri, afobado.

O rosto esguio sob o cabelo negro prematuramente grisalho se virou para ele e respondeu apenas:

— Paciência, Taeri bar Sandre. Ainda tenho uma série de coisas a contar para vocês sobre descuidos antes de decidir se nossos caminhos irão se juntar. E digo isso com infinito respeito pelo homem morto que parece ter nos reunido aqui de modo tão notável. Temo que os senhores devam concordar em se submeter à minha liderança, ou não conseguiremos fazer nada juntos.

— Os Scalvaiane jamais se submeteram a nada ou ninguém em toda a memória viva ou história contada — disse aquele senhor astuto, com a voz num tom aveludado. — Eu não pretendo ser o primeiro a fazê-lo.

— Você preferiria — disse o outro — ter seus planos, sua vida e a longa glória de sua linhagem apagados como velas durante os Dias das Brasas por mero descuido em suas preparações?

— É melhor você se explicar — disse Tomasso, friamente.

— Pretendo fazê-lo. Quem escolheu uma noite de duas luas, ao nascer das duas luas, para se encontrar? — redarguiu Alessan, sua voz cortante como uma lâmina. — Por que não havia guardas colocados ao longo da trilha na floresta, de modo a avisá-los se alguém se aproximasse, como eu mesmo fiz? Por que nenhum serviçal foi colocado aqui esta tarde, para guardar a cabana? Vocês têm alguma ideia do quão mortos vocês cinco estariam, as mãos cortadas e enfiadas em suas gargantas, se eu não fosse quem sou?

— Meu pai... Sandre... disse que Alberico não nos seguiria — gaguejou Tomasso furiosamente. — Ele tinha certeza absoluta disso.

— E ele provavelmente estava certo. Mas vocês não podem permitir que sua perspectiva seja tão restrita. Seu pai, e sinto muito se tenho que dizer isso, passou tempo demais sozinho com sua obsessão. Ele se focava demais em Alberico. É evidente em tudo o que você fez nos últimos dois dias. E se houvesse alguém curioso ou ganancioso por perto? Um informante sem importância que pudesse decidir segui-los, apenas para ver o que aconteceria aqui? Apenas para ter uma história para contar na taverna amanhã? Será que você ou seu pai sequer pararam para considerar essas possibilidades? Ou a possibilidade de alguém ter descoberto onde vocês planejaram se encontrar e vir para cá antes de vocês?

Houve um silêncio hostil. Um pedaço de lenha no fogo menor crepitou com um ruído e uma dispersão de fagulhas. O ruído fez Herado dar um pulo involuntário.

— Vocês gostariam de saber — continuou o homem chamado de Alessan, mais gentilmente — que meu pessoal esteve guardando os arredores dessa cabana desde que vocês chegaram? Ou que eu enviei alguém para cá desde a metade da tarde para vigiar os serviçais que arrumavam tudo, e ver se alguém os seguia?

— O quê? — exclamou Taeri. — Aqui? Em nossa própria cabana?

— Para sua proteção e para a minha — disse o outro homem, terminando sua segunda taça de vinho. Ele olhou para cima, para as sombras na estrutura de madeira do piso, onde se armazenavam os estrados. E continuou, erguendo sua voz: — Acho que já chega, meu amigo. Você merece uma taça de vinho depois de tanto tempo em meio à poeira e com a

garganta seca. Já pode descer agora, Devin.

Na verdade, fora tudo fácil demais.

Menico, a bolsa tilintando com a maior quantidade de ouro que já ganhara por uma única apresentação, gentilmente passara sua apresentação na casa do mercador de vinho para Burnet di Corte. Burnet, que precisava do trabalho, estava satisfeito; o mercador de vinhos, inicialmente bravo, foi rapidamente apaziguado ao saber o quanto cresceria a conta que Menico deixara em aberto, diante de tamanha sensação que causaram naquela manhã.

Então, como consequência, Devin e o restante da companhia receberam o resto do dia e a noite de folga. Menico deu a todos um bônus imediato de cinco astins e os expulsou com benevolência, para que aproveitassem os diversos prazeres do Festival. Ele nem mesmo deu seu sermão habitual.

Pouco depois do meio-dia, já havia barracas de vinho em todas as esquinas, e mais de uma nas mais movimentadas. Cada vinícola na província de Astibar, e mesmo algumas das distantes Ferraut e Senzio, trazia as bebidas de safras anteriores, como arautos que prenunciavam o que as vinhas daquele ano iriam trazer. Mercadores buscando comprar em grandes quantidades experimentavam com muito rigor; os foliões, com um bem menor.

Vendedores de frutas também eram muitos, oferecendo figos, melões e as enormes uvas da estação, exibidas ao lado de grandes rodas de queijo branco de Tregea e enormes blocos de queijo vermelho do norte de Certando. No mercado, o ruído era ensurdecedor conforme as pessoas da cidade e da distrada pechinchavam com os vendedores itinerantes. Acima de tudo, os estandartes das casas nobres e das grandes propriedades vinícolas ondulavam na brisa outonal, enquanto Devin se encaminhava, decidido, para o que disseram ser o mais famoso salão de khav em Astibar.

A fama tinha suas vantagens. Foi reconhecido logo à porta; sua entrada, anunciada com empolgação; e dentro de poucos instantes já se encontrava no balcão de madeira do Paelion, cuidando de uma caneca de khav quente misturado com flambardion — e sem quaisquer questões levantadas sobre a idade de quem quer que fosse, o que agradecia muitíssimo.

Levou apenas meia hora para saber o que precisava sobre Sandre d'Astibar. Suas questões pareciam completamente naturais, vindas do tenor que acabara de cantar o lamento fúnebre do Duque. Devin aprendeu sobre seu longo reinado, suas brigas, seu amargo exílio e seu triste declínio nos últimos anos, até se tornar um caçador fanfarrão e bêbado, um fantasma do que outrora fora.

Sobre esse último aspecto, mais especificamente, Devin perguntou sobre os locais nos quais o Duque gostava de caçar. E lhe responderam. Explicaram onde ficava sua cabana de caça favorita, e ele mudou de assunto para falar sobre o vinho.

Foi fácil. Era o herói do momento; e o Paelion gostava de heróis por um momento. Acabaram deixando que partisse: ele apelou para a sensibilidade extenuada de um artista após os acontecimentos daquela manhã. Com o benefício do conhecimento prévio, ele podia

dar a devida importância a Alessan di Tregea, no meio de um grande grupo de pintores e poetas. Eles estavam rindo sobre uma espécie de aposta a respeito de certos versos de condolência que ainda não haviam chegado de Chiara. Ele e Alessan se saudaram de um modo elaborado e performático que agradou o salão lotado.

De volta à estalagem, Devin se desvencilhou dos fãs mais empolgados que o acompanharam até ali e subiu as escadas sozinho. Aguardou em seu quarto, esfregando as mãos com impaciência por uma hora, até ter certeza de que o último deles havia ido embora. Trocando-se e colocando uma túnica e calças marrom-escuras, colocou um capuz para esconder o cabelo e vestiu um casaco de lã para aguentar o vento gelado da noite. Seguiu, então, despercebido pelas ruas então lotadas, chegando até o portão leste da cidade.

Do lado de fora, viu-se em meio a várias carroças vazias que eram levadas de volta à distrada por fazendeiros prudentes que haviam vendido todos os seus produtos e preferiam reabastecer e voltar de manhã, em vez de celebrar a noite toda na cidade, gastando o que haviam acabado de ganhar.

Devin pegou carona numa daquelas carroças, comentando com o motorista sobre os impostos e ouvindo sobre as baixas taxas que estavam sendo pagas naquele ano pela lã de ovelhas. A certa altura, saltou da carroça, fingindo exuberância juvenil, e correu por volta de um quilômetro e meio pela estrada que levava para o leste.

Foi com grande satisfação que viu um templo de Adaon à sua direita. E logo após, como lhe havia sido prometido, estava a delicada imagem de um navio, cravada num portão à beira da estrada, dando passagem a uma modesta casa rural. A casa de Rovigo — ou o que Devin conseguia ver dela, situada atrás da estrada, entre ciprestes e oliveiras — parecia confortável e bem cuidada.

No dia anterior, quando era uma pessoa diferente, teria parado. Mas algo acontecera a ele naquela manhã, dentro dos cômodos empoeirados do Palácio Sandreni. Continuou.

Setecentos metros à frente, encontrou o que procurava. Certificou-se de estar mesmo sozinho, e rapidamente virou à direita, pelo sul da floresta, distante da estrada principal que levava à costa leste e à cidade portuária de Ardin.

A floresta estava quieta, e mais fria nos pontos em que os galhos e as folhas coloridas bloqueavam a luz do sol. Uma trilha passava pelas árvores; seguindo-a, Devin colocou-se a caminho da cabana de caça dos Sandreni. A partir dali, redobrou sua cautela. Na estrada, seria visto apenas como um andarilho; ali, era um transgressor, sem qualquer desculpa plausível para estar onde estava.

A não ser que o orgulho e os estranhos acontecimentos da manhã anterior pudessem contar como desculpas plausíveis. Devin duvidava bastante disso. Ao mesmo tempo, ainda não tinha certeza se os acontecimentos dos dias seguintes seriam ditados por ele, ou por certa personagem de cabelos ruivos e ações manipuladoras. Se ela imaginava que ele seria tão facilmente enganado — um jovem e indefeso escravo da paixão, cego e surdo pela oferta de seu belo corpo —, bem, cabia àquela tarde e àquela noite mostrar o quão errada uma moça

arrogante poderia estar.

O que mais a noite revelaria, Devin não tinha ideia. Não se permitira parar tempo suficiente para pensar no assunto.

Não havia ninguém ali quando chegou à cabana, depois de haver permanecido em silêncio em meio às árvores por um bom tempo para se certificar. A porta da frente estava fechada com correntes, mas Marra era muito boa com trancas e havia lhe ensinado uma ou duas coisas. Ele destrancou o cadeado com a fivela de seu cinto, entrou, abriu uma janela e deu a volta para retrancar o cadeado. Então se esgueirou pela janela, fechou-a, e deu uma olhada ao redor.

Não havia muitas opções, para falar a verdade. Os dois quartos nos fundos seriam perigosos para se esconder e não muito úteis se quisesse ouvir alguma coisa. Devin tomou impulso no braço da larga cadeira e, pulando, conseguiu chegar às armações de madeira do sótão em sua segunda tentativa.

Enquanto cuidava da canela que havia machucado durante o processo, tomou um dos travesseiros de um dos catres que estavam ali e deslizou para o canto mais remoto e escuro que pôde encontrar, atrás de duas camas e uma cabeça de veado empalhada. Deitando sobre seu lado esquerdo, olho grudado em uma fresta no piso de madeira, ele tinha uma visão quase completa do cômodo abaixo.

Tentou deixar seu espírito calmo e paciente. Infelizmente, logo percebeu de forma irracional que o olho de vidro do cervo estava fixo em sua direção. Naquelas circunstâncias, isso o deixava nervoso. Acabou se levantando para virar a cabeça para o outro lado e depois voltou a se deitar em seu esconderijo.

E imediatamente, assim que as ações de propósitos obscuros deram lugar a um tempo de espera, Devin começou a sentir medo.

Não alimentava ilusões: se o encontrassem ali, seria um homem morto. O sigilo e a tensão nas palavras e atitudes de Tomasso bar Sandre, naquela manhã, deixaram isso bem claro. Mesmo com tudo o que Catriana havia feito numa tentativa de ouvir aquelas palavras sem deixar que ele as ouvisse. Pela primeira vez, Devin começou a notar aonde o ímpeto de seu orgulho ferido o levaria.

Quando os serviçais chegaram para preparar o local, meia hora depois, passou por momentos complicados. Complicados o suficiente, na verdade, para fazê-lo desejar estar de volta à sua casa em Asoli, guiando um arado atrás de um par de búfalos d'água. Eram boas criaturas, os búfalos, pacientes e sem nunca reclamar. Eles aravam campos para você, e seu leite virava queijo. Havia algo bom a se dizer até mesmo sobre o céu de Asoli, previsivelmente cinza no outono, e as pessoas de lá, igualmente previsíveis. Nenhuma das garotas de lá, por exemplo, era tão irritantemente superior quanto Catriana d'Astibar, que o havia metido naquilo. E Devin tinha certeza de que nenhum serviçal em Asoli iria se oferecer, como um imbecil logo abaixo fazia naquele exato momento, para ir buscar um catre no sótão, caso um dos senhores pudesse se sentir cansado.

— Basta, não seja mais tolo do que você precisa ser! — soltou o mordomo, em resposta. — Eles devem ficar acordados em vigília a noite toda. Um catre no cômodo seria um insulto aos dois. Dê graças que você não depende do seu cérebro para alimentar sua barriga, Basta!

Devin concordou veementemente com aquele insulto, desejando ao mordomo uma vida longa e lucrativa. Pela décima vez desde que os serviçais de Sandre entraram na sala, amaldiçoou Catriana; amaldiçoou a si mesmo pela vigésima. A proporção parecia estar correta.

Por fim, os serviçais partiram, retornando a Astibar para buscar o corpo do Duque. As instruções do mordomo eram dolorosamente claras. Com idiotas como Basta por perto, pensou Devin com desprezo, aquilo era necessário.

De onde estava, conseguiu ver o dia minguar até o lusco-fusco crepuscular. Flagrou-se cantarolando a velha canção de sua infância. Forçou-se a parar.

Sua mente voltou para aquela manhã. Para a longa caminhada até os salões vazios e empoeirados do palácio. Para a câmara secreta, ao final. A sensação de tocar seda, quando Catriana ergueu seu vestido acima da cintura. Forçou-se a parar com isso também.

Aos poucos, escurecia. A primeira coruja piou, não muito longe dali. Devin crescera no interior; era um som familiar para ele. Ouviu algum animal silvestre enfiando-se num arbusto, nos limites da clareira. De vez em quando, uma rajada de vento fazia as folhas farfalharem.

Então, de repente, um feixe de luz branca atravessou uma das janelas cujas cortinas estavam abertas, e Devin soube que Vidomni estava alta o suficiente para iluminar a clareira entre as altas árvores da floresta, o que significava que a azul Ilarion devia estar se erguendo naquele instante — indicando que não faltava mais muito tempo.

Não mesmo. Logo surgiu um bruxuleio de luzes de tochas e sons de vozes. A fechadura fez um ruído e a porta se abriu. O mordomo guiava oito homens que levavam um caixão. Com os olhos colados à fresta no piso do sótão, respirando com dificuldade, Devin viu enquanto eles pousavam o caixão no chão. Tomasso entrou com os dois senhores cujos nomes e linhagens Devin havia aprendido no Paelion.

Os serviçais descobriram as comidas antes de deixar o local, Basta tropeçando na soleira da porta, batendo o ombro antes de sair. O mordomo, antes de ir, sussurrou desculpas, se recurvou e fechou a porta ao sair.

— Vinho, meus senhores? — disse Tomasso d'Astibar com a voz que Devin ouvira da câmara secreta. — Teremos mais três companheiros em breve.

E daí por diante, eles disseram o que disseram e Devin ouviu o que ouviu, tornando-se gradualmente ciente da magnitude do perigo em que havia se enfiado.

Então Alessan surgiu na janela oposta à porta.

Na verdade, Devin não conseguia ver aquela janela, mas reconheceu a voz imediatamente, e foi com descrença beirando a estupefação que ouviu o homem que Menico recrutara duas semanas antes negando ser de Tregia e apontando Brandin, Rei de Ygrath, como o perpétuo

alvo da raiva em sua alma.

Devin sempre fora do tipo impetuoso, e não poderia negar que carregava uma boa dose de tolice impulsiva. Mas nunca deixara de ser rápido ou esperto. Em Asoli, os meninos pequenos tinham de ser assim.

Quando Alessan disse seu nome, convidando-o a descer, sua mente acelerada juntou mais duas peças do quebra-cabeça e habilmente tomou o caminho colocado diante de si.

— Tudo quieto, desde o meio da tarde — anunciou ele, esgueirando-se para fora de seu canto e passando sobre os chifres do cervo. — Apenas os criados estiveram aqui, mas eles não fizeram um bom trabalho ao trancar a porta: a fechadura foi fácil de abrir. Dois ladrões e o Imperador de Barbador poderiam ter passado por aqui sem que um chegasse a ver o outro, ou sem que qualquer um aí embaixo os visse.

Disse isso da maneira mais fria que conseguiu. Então desceu, com uma pirueta propositalmente exagerada. Notou as expressões de cinco daqueles homens — que certamente o reconheceram —, mas sua concentração e satisfação repousava no breve sorriso de aprovação recebido de Alessan.

Por enquanto, sua apreensão sumira, substituída por algo completamente diferente. Ao chamá-lo, Alessan lhe dera legitimidade naquele lugar. Ele estava claramente ligado ao homem que agora controlava os acontecimentos na sala. E os acontecimentos tomavam uma proporção do tamanho da Palma. Devin precisava lutar para controlar sua própria empolgação.

Tomasso se aproximou da mesa e gentilmente encheu para ele uma taça de vinho. Devin estava impressionado com tal compostura. E também soube, pela cortesia exagerada e o inegável brilho no olhar do Sandreni, que, apesar da voz cícora ser falsa, Tomasso ainda era, em certos assuntos e propensões, muito do que diziam ser. Aceitou a taça, tomando cuidado para que seus dedos não se tocassem.

— Eu me pergunto — disse Lorde Scalvaia em sua magnífica voz — se escutaremos um recital enquanto passamos nossa vigília. Parece ter uma boa quantidade de músicos aqui, esta noite.

Devin não disse nada, mas, seguindo o exemplo de Alessan, não sorriu.

— Devo chamá-lo de plantador de uvas provinciano, meu senhor? — A raiva na voz de Alessan era real. — E chamar Nievole de um agricultor de grãos da estrada a sudoeste? O que fazemos fora dessas paredes não possui relação alguma com a razão de estarmos aqui, a não ser por dois aspectos. — Levantando um dedo comprido, continuou: — Primeiro, como músicos, temos uma desculpa para cruzar toda a Palma, o que oferece vantagens que não preciso explicar. — Um segundo dedo ergueu-se ao lado do primeiro: — Segundo, a música treina a mente para a precisão dos detalhes, assim como a matemática ou a lógica. O tipo de precisão, meus senhores, que teria impedido a falta de cuidado que ocorreu esta noite. Se Sandre d'Astibar estivesse vivo, eu discutiria esses assuntos com ele e discordaria de sua experiência e de seu longo esforço.

Ele parou, olhando de um homem para o outro; então disse, muito mais suavemente:

— Eu poderia, ou talvez não. Essa é uma canção que já se foi, para jamais ser entoada novamente. Como as coisas estão, devo apenas avisar de novo que, se iremos trabalhar juntos, devem aceitar minha liderança.

Ele falou a última frase diretamente para Scalvaia, que ainda permanecia, elegante e inexpressivo, afundado em sua cadeira. Mas foi Nievole quem respondeu, objetiva e cruamente:

— Não possuo o hábito de me demorar a julgar um homem. Acho que você está sendo sincero e que realmente entende mais dessas coisas do que nós. Eu aceito. Seguirei sua liderança. Com uma única condição.

— Qual?

— Que nos conte seu nome.

Devin, olhando com intensidade ávida, ansioso para não perder uma palavra ou nuance sequer, viu os olhos de Alessan se fecharem por um instante, como se tentasse conter algo que, do contrário, seria exposto. Os outros aguardaram em meio ao curto silêncio.

Então, Alessan sacudiu a cabeça:

— É uma condição justa, meu lorde. Dadas as circunstâncias, é inteiramente justo. E posso apenas pedir para que não me exijam isso. É uma pena, e não posso dizer o quanto me aflige, mas não posso concordar.

Pela primeira vez, pareceu estar buscando as palavras, escolhendo-as cuidadosamente.

— Nomes têm poder, como vocês sabem. Como os dois feiticeiros tiranos de além-mar certamente sabem — o que vim a aprender da maneira mais amarga possível. Meu senhor, saberá meu nome no momento em que nosso triunfo vier, e somente então. Devo dizer que essa condição se impõe diante de mim; não é uma escolha. Você pode me chamar de Alessan, que é um nome bastante comum aqui na Palma, e que por coincidência é o nome verdadeiro que minha mãe me deu. O senhor seria generoso o suficiente para aceitar isso ou teremos de seguir por caminhos distintos?

Essa última questão foi feita num tom desprovido da arrogância que havia marcado a atitude e o discurso do homem desde o momento de sua chegada.

Assim como o medo anterior de Devin virara empolgação, agora sua excitação se rendia a um sentimento que ainda não conseguia identificar. Encarou Alessan. O homem parecia, de algum modo, mais novo do que antes — e incapaz de esconder o quanto precisava daquele sigilo.

Nievole limpou a garganta alto, como se buscasse expulsar uma aura ou ressonância qualquer que tivesse entrado na sala como a luz mesclada das duas luas lá fora. Outra coruja piou na clareira. Nievole abriu a boca para responder a Alessan.

Eles nunca puderam saber o que ele diria, ou o que Scalvaia diria.

No futuro, em noites quando o sono lhe fugia e ele observava uma ou as duas luas varrerem o céu, ou contava as estrelas no Diadema de Eanna numa noite sem lua, Devin

deixaria sua memória levá-lo de volta, tentando — por razões difíceis de explicar — imaginar o que os dois nobres teriam feito ou dito se todas as linhas de seus destinos, brevemente interligadas, houvessem seguido caminhos diferentes a partir daquela cabana.

Ele poderia tentar adivinhar, analisar, remontar cenários em sua mente, mas nunca *saberia*. Foi uma verdade soturna que se transformou em um pesar esquisito e particular para ele em meio a tudo o que veio depois. Um símbolo de arrependimento. Um lembrete do que era ser mortal e poder tomar apenas uma estrada — e poder tomá-la apenas uma vez — até que Morian chamasse sua alma e as luzes de Eanna se perdessem. Nunca podemos conhecer verdadeiramente o caminho que não trilhamos.

Os caminhos que cada um daqueles homens na cabana seguiria, através de seus próprios portais até destinos próximos ou distantes, foram traçados pela coruja que piara uma segunda vez, muito claramente, assim que Nievole começou a falar. Alessan ergueu as mãos:

— Problemas! *Baerd*?

A porta se abriu com um estrondo. Devin viu um homem grande, com os cabelos loiros e longos presos numa tira de couro, amarrada na testa. Outra correia de couro tangia seu pescoço. Trajava camisa e calça similares às das terras altas do sul. Seus olhos, mesmo na esparsa luz da lareira, eram de um azul intenso. Carregava uma espada desembainhada — o que, estando tão perto de Astibar, era passível de pena de morte.

— Vamos! — disse o homem, com urgência. — Você e o menino. Os outros devem ficar aqui. O filho mais novo e o neto podem se explicar facilmente. Livrem-se das taças extras!

— O que é isso? — perguntou Tomasso d'Astibar rápido, com olhos arregalados.

— Vinte homens a cavalo no caminho da floresta. Continuem a vigília e fiquem o mais calmos que conseguirem. Não estaremos longe e voltaremos daqui a pouco! Alessan, *vamos*!

O tom de sua voz foi suficiente para trazer Devin até a porta. Mas Alessan hesitava; seus olhos, por algum motivo, fixos nos de Tomasso. E aquele olhar, o que foi trocado nele, se tornou mais uma das coisas que Devin jamais esqueceu ou compreendeu.

Por um longo momento — um momento muito longo, segundo pareceu a Devin com vinte homens chegando a cavalo e uma espada desembainhada na sala da cabana —, ninguém falou. E então:

— Parece que teremos de continuar esta interessante discussão em outro momento — murmurou Tomasso bar Sandre, com uma postura verdadeiramente impressionante. — Você aceita uma última taça antes de partir, em nome de meu pai?

Alessan sorriu largamente, mas balançou a cabeça negativamente.

— Espero ter uma chance de aceitar mais tarde — disse ele. — É com prazer que beberei a seu pai, mas tenho um hábito que não poderei satisfazer no pouco tempo que temos agora.

A boca de Tomasso se retorceu de modo estranho.

— Eu já satisfiz diversos hábitos em outra época. Conte-me o seu.

A resposta foi quase um murmúrio, de modo que Devin teve que se esforçar para conseguir ouvi-la.

— Minha terceira taça da noite é azul — disse Alessan. — A terceira taça que bebo é sempre de vinho azul. Em memória de algo que perdi. Para que eu jamais esqueça, em qualquer noite, o motivo pelo qual eu vivo.

— Espero que não esteja perdido para sempre — disse Tomasso, num tom igualmente baixo.

— Não para sempre, eu jurei, pela minha alma e pela de meu pai, onde quer que ela esteja.

— Então haverá vinho azul da próxima vez em que bebermos — afirmou Tomasso —, se estiver em meu alcance consegui-lo. E eu o beberei com você, pela alma de nossos pais.

— Alessan! — chamou o louro chamado Baerd. — Pelo nome de Adaon, eu disse que são vinte homens! Você vem?

— Sim — disse Alessan. Ele lançou tanto sua taça quanto a de Devin pela janela, rumo à escuridão. E então disse aos cinco homens da sala: — Que a Tríade guarde a todos.

Eles seguiram Baerd pelas sombras da clareira.

Com Devin no meio, correram agilmente pela lateral da cabana, distante da trilha que levava à estrada principal. Não foram longe. Com o coração batendo furiosamente, Devin se jogou no chão quando os outros dois fizeram o mesmo. Espiando cuidadosamente pelos arbustos, conseguia ver a cabana. A luz do fogo escapava pelas janelas abertas.

Um momento depois, o coração de Devin se agitou dentro do peito, como um navio apanhado por uma grande onda, quando um graveto se partiu atrás dele.

— Vinte e dois homens a cavalo — disse uma voz. A pessoa que falou se lançou suavemente ao chão, do outro lado de Baerd. — O que está no meio deles está encapuzado.

Devin olhou por cima de Baerd e, pela luz fraca das duas luas, viu Catriana d’Astibar.

— Encapuzado? — repetiu Alessan, respirando rapidamente. — Você tem certeza?

— Claro que tenho — disse Catriana. — Por quê? O que isso significa?

— Que Eanna tenha compaixão de todos nós — murmurou Alessan, sem lhe responder.

— Eu não contaria com isso agora — disse Baerd, amargurado. — Acho que devemos deixar este lugar. Eles irão nos procurar.

Por um momento, Alessan pareceu que iria se opor à ideia, mas logo ouviram o som de vários cavalos vindo do caminho do outro lado da cabana.

Sem que outra palavra fosse pronunciada, os quatro se ergueram, afastando-se em silêncio.

— Esta noite — murmurou Scalvaia — traz mais acontecimentos a cada momento.

Tomasso estava grato pela serenidade do elegante senhor, o que o ajudou a manter seus nervos firmes. Olhou para seu irmão Taeri, que parecia estar bem. Herado, no entanto, estava pálido. Tomasso piscou para o garoto:

— Tome outra taça, sobrinho. Você fica infinitamente mais bonito quando seu rosto está com alguma cor. Não há nada a temer. Estamos aqui fazendo exatamente aquilo que temos permissão para fazer.

Ouviram os cavalos. Herado correu até a mesa, encheu uma taça e virou-a em um gole.

Assim que baixou a taça, a porta se escancarou com um estrondo, acertando a parede ao lado. Quatro soldados barbadianos, enormes e completamente armados, fizeram a sala parecer ainda menor.

— Cavaleiros! — lançou Tomasso habilmente, balançando as mãos. — O que é isso? O que os traz aqui, para interromperem uma vigília?

Ele tomava o cuidado de parecer petulante, e não furioso.

Os mercenários nem sequer se dignaram a olhar para ele, quanto mais responder. Dois deles correram para revistar os quartos e um terceiro ergueu a escada e foi conferir o sótão onde o jovem cantor estivera escondido. Tomasso notou, com apreensão, que outros soldados se posicionavam ao lado de cada janela. Havia muito barulho lá fora, entre os cavalos, e uma confusão de tochas.

Tomasso repentinamente bateu o pé, em frustração.

— O que significa isto? — bradou ele, enquanto os soldados continuavam a ignorá-lo. — Digam-me! Irei protestar diretamente ao seu senhor. Temos a autorização expressa de Alberico para conduzir esta vigília hoje e o enterro amanhã. Tenho a autorização por escrito, e com seu selo!

Ele se dirigia ao capitão dos barbadianos, que permanecia junto à porta. Novamente, foi como se não houvesse dito nada, já que foi completamente ignorado. Mais quatro soldados entraram e se colocaram nos quatro cantos das salas com uma expressão vazia e perigosa.

— Isto é inaceitável! — ganiu Tomasso, permanecendo em seu personagem e contorcendo as mãos. — Irei falar com Alberico imediatamente! Irei exigir que vocês sejam enfiados em navios e mandados de volta para seus buracos miseráveis em Barbador!

— Isso não será necessário — disse uma figura corpulenta e encapuzada parada à porta. Ele deu um passo adiante e retirou seu capuz. — Você pode me fazer sua reclamação infantil bem aqui — disse Alberico de Barbador, Tirano de Astibar, Tregea, Ferraut e Certando.

As mãos de Tomasso seguraram sua própria garganta, enquanto ele caía de joelhos. Os outros também se ajoelharam imediatamente — até mesmo o velho Scalvaia se dobrou sobre sua perna ruim. Uma névoa de medo e torpor desceu sobre Tomasso, confundindo sua fala e seu pensamento.

— Meu senhor... — gaguejou ele. — Eu não... eu não poderia... nós não tínhamos como saber!

Alberico permaneceu em silêncio, encarando-o friamente. Tomasso lutou para controlar seu terror e sua surpresa.

— O senhor é bem-vindo aqui — soltou ele, erguendo-se cuidadosamente —, muito bem-vindo, ó tão honrado senhor. O senhor nos honra com sua presença nos ritos de meu pai.

— De fato — disse Alberico, seco. Tomasso sentiu o peso do escrutínio dos olhos semicerrados e sem piscar, perdidos nas dobras do rosto largo do feiticeiro. O crânio calvo de Alberico refletia a luz da lareira. Ele retirou as mãos dos bolsos de sua túnica.

— Beberei vinho — exigiu, balançando a mão gorda.

— Mas é claro, é claro...

Tomasso correu para obedecê-lo, intimidado como sempre pelo porte largo de Alberico e de seus barbadianos. Sabia que eles odiavam a ele e a toda sua linhagem, acima de tudo o que aqueles conquistadores sentiam pelo povo da Palma Oriental, cujas terras agora governavam. Sempre que encarava Alberico, Tomasso era esmagado pelo pensamento de que o Tirano poderia quebrar seus ossos com as próprias mãos, e não pensaria duas vezes em fazê-lo.

Não era um pensamento reconfortante. Apenas os dezoito anos que passara treinando seu corpo para ignorar sua mente mantiveram sua mão firme enquanto entregava uma taça cheia de vinho a Alberico. Os soldados observavam cada movimento seu. Nievole voltou para perto da lareira maior; Taeri e Herado estavam juntos perto da menor. Scalvaia permanecia parado, apoiado sobre sua bengala do lado da cadeira em que estivera sentado.

Era hora, pensou Tomasso, de parecer mais confiante e menos culpado.

— Você irá me perdoar, meu senhor, pelas minhas palavras inflamadas aos seus soldados. Sem saber que o senhor estava aqui, pude apenas deduzir que agiam em ignorância aos seus desígnios.

— Meus desígnios mudam — disse Alberico com sua voz pesada e imutável. — É provável que eles saibam dessas mudanças antes de você, bar Sandre.

— É claro, meu senhor. Mas é claro. Eles...

— Eu gostaria — disse Alberico de Barbadior — de ver o caixão de seu pai. Ver e rir. Ele não mostrou qualquer sinal de estar se divertindo.

Tomasso sentiu seu sangue como gelo nas veias. Alberico passou por ele e se colocou diante dos restos do Duque.

— Este — disse, sem expressar emoção — é o corpo de um homem vaidoso, miserável e tolo que decidiu a hora de sua própria morte sem motivo. Sem o mínimo motivo. Isso não é divertido?

E então ele riu — três ganidos curtos e ásperos que eram mais assustadores do que qualquer coisa que Tomasso já ouvira até então. *Como ele poderia saber?*

— Vocês não irão rir comigo? Vocês Sandreni? Nievole? Meu pobre, aleijado e impotente Lorde Scalvaia? Não é desconcertante pensar em como vocês três foram trazidos até aqui e condenados por uma tolice senil? Por um velho que viveu tempo demais para entender que as reviravoltas de seu próprio tempo poderiam ser facilmente esmagadas, nos dias atuais, por um punho.

Sua mão fechada esmurrou pesadamente a tampa do caixão, estilhaçando o brasão entalhado dos Sandreni.

Com um ruído de aflição, Scalvaia se afundou na cadeira.

— Meu senhor — engasgou-se Tomasso, gesticulando —, o que o senhor poderia querer dizer com isso? O que o senhor...

Ele não falou mais do que isso. Avançando selvagemente, Alberico lhe deu um forte tapa

no rosto. Tomasso cambaleou para trás, com sangue pingando de seu lábio rasgado.

— Você usará sua voz natural, filho de um tolo — disse o feiticeiro; suas palavras ainda mais aterrorizantes por estarem no mesmo tom de antes. — Você se sentirá melhor sabendo o quão fácil foi? Descobrimos há quanto tempo Herado bar Gianno vem sendo meu informante?

E com tais palavras, a noite caiu.

O manto negro de angústia e puro terror contra o qual Tomasso lutava enfim o cobriu. Ó, *meu pai*, pensou, ferido até a alma por saber que sua própria família os condenara. Sua família. *Família!*

Várias coisas aconteceram a seguir, num espaço muito curto de tempo.

— Meu senhor! — gritou Herado, num alto tom de desgosto. — O senhor prometeu! O senhor disse que eles não saberiam! O senhor me disse...

Foi tudo o que ele disse. É difícil reclamar com uma adaga enfiada na garganta.

— Os Sandreni lidam com a sujeira embaixo das próprias unhas — disse seu tio Taeri, que puxara a adaga da parte de trás de sua bota. Ainda enquanto falava, Taeri liberou sua adaga da garganta de Herado e suavemente, como parte de um mesmo e contínuo movimento, cravou-a no próprio coração. — Um Sandreni a menos para suas execuções, barbadiano! — disse ele, engasgado. — Que a Tríade mande uma praga para comer a carne de seus ossos.

Ele caiu de joelhos. Suas mãos seguravam a bainha da adaga, cheias de sangue escorrendo delas. Seus olhos buscaram os de Tomasso:

— Adeus, irmão — sussurrou ele. — Que Morian permita às nossas sombras se reconhecerem em seus Salões.

Nesse momento, algo agarrou o coração de Tomasso, apertando e apertando, enquanto ele assistia à morte de seu irmão. Dois dos guardas, treinados para protegerem seu senhor de um tipo muito diferente de golpe, avançaram e viraram o corpo de Taeri para cima com a ponta de seus pés.

— Imbecis! — bradou Alberico, visivelmente aborrecido pela primeira vez. — Eu precisava dele vivo! Eu queria os dois vivos!

Os soldados empalideceram diante da fúria expressa em seu rosto. E então o foco da sala mudou completamente de lugar.

Com um rugido animal que misturava fúria e dor, Nievole d'Astibar, um homem muito grande, uniu as duas mãos como um martelo e desferiu um golpe certeiro contra o rosto do soldado mais perto dele, esmagando seus ossos como se fossem madeira. Sangue espirrou enquanto o homem gritava e se chocava pesadamente contra o caixão.

Ainda rugindo, Nievole agarrou a espada de sua vítima.

Já a tinha em mãos e estava pronto para lutar, quando quatro flechas acertaram-no no peito e no pescoço. Por um instante, seu rosto ficou inerte; então seus olhos arregalaram-se e sua boca relaxou num sorriso macabro de triunfo, enquanto deslizava até o chão.

E então, somente então, com todos os olhares repousando sobre o corpo de Nievole, Lorde

Scalvaia fez a única coisa que ninguém ousara até então. Enfiado em sua cadeira, tão imóvel que quase haviam se esquecido dele, o velho aristocrata ergueu sua bengala com mão firme, apontou-a direto para o rosto de Alberico e pressionou o botão secreto no punho.

De fato, feiticeiros não podem ser envenenados. Trata-se de uma arte de proteção menor que a maioria deles aprende ainda na juventude. Por outro lado, eles certamente podem ser mortos por flecha, lâmina ou qualquer instrumento que cause uma morte violenta — razão pela qual essas coisas eram proibidas dentro de um limite decretado por Alberico.

Há também uma verdade bem conhecida sobre os homens e seus deuses, seja da Tríade — na Palma — ou do variado panteão adorado em Barbadior, a deusa-mãe, o deus que morre e ressuscita, o senhor dos arcos das estrelas; ou o único e magnífico Poder acima de todos esses em algum suposto mundo primordial distante e flutuante no espaço.

A simples verdade é que os mortais não conseguem entender por que os deuses fazem as coisas acontecerem do jeito que acontecem. Por que alguns homens e mulheres são colhidos na flor da idade, enquanto outros vivem o suficiente para se tornarem meras sombras de si mesmos. Por que a virtude deve, por vezes, ser esmagada e o mal floresce em meio à beleza de um jardim. Por que o acaso, puro e aleatório acaso, exerce um papel tão devastador na vida dos homens e em seus destinos.

Foi o acaso que salvou Alberico de Barbadior naquele momento, quando metade de seu nome já havia sido pronunciado pela morte. Seus homens se concentravam nos homens mortos e na figura tensa e ensanguentada de Tomasso. Ninguém se preocupou em olhar para o lorde aleijado em sua cadeira.

Foi apenas o fato — impiedosamente aleatório — de o capitão da guarda daquela noite ter entrado na cabana, justamente ao lado de Scalvaia, que mudou o curso da história da Península da Palma e além. Por coisas tão dolorosamente pequenas, vidas inteiras são medidas e desfiguradas.

Alberico, virando-se tomado de ódio para esbravejar uma ordem a seu capitão, viu a bengala erguendo-se e o dedo de Scalvaia mexer-se sobre o cabo. Se estivesse olhando para a frente ou virado para o outro lado, teria morrido por obra de um projétil afiado atravessando seu cérebro.

Mas ele se virara na direção de Scalvaia, e só havia um mago mais poderoso que ele na Palma. Ainda assim, o que fez — a única coisa que poderia fazer — exigiu-lhe todo o poder de que dispunha, e um pouco mais do que poderia comandar. Não havia tempo para o feitiço verbal, o gesto de foco. O projétil que seria seu fim já havia sido disparado.

Alberico deixou de controlar seu corpo por um instante.

Observando com terror, sem acreditar, Tomasso viu o projétil letal *atravessar* uma mistura borrada de gosma e ar, exatamente onde a cabeça de Alberico estava, atingindo, inofensivamente, a parede acima da janela.

E naquela mesma centelha de tempo, sabendo que um instante mais tarde seria tarde demais — que seu corpo poderia se perder para sempre, a alma nem viva nem morta,

deixada para lamentar eternamente no hiato existente apenas para aqueles que ousam utilizar tal magia —, Alberico invocou a forma de seu corpo de volta para si.

Foi por muito pouco.

Ele ficou com a pálpebra direita caída depois daquele dia, e sua força física jamais foi a mesma. A partir de então, quando estava muito cansado, seu pé direito tendia a se entortar, como se recriando o estranho momento daquela magia. E ele mancava, assim como Scalvaia.

Pelos olhos que lutava para manter abertos, Alberico de Barbadior viu a cabeça grisalha de Scalvaia voar pela sala e cair, com um som macabro, no piso da cabana — decapitado pela tardia espada do capitão da guarda. A bengala mortal, talhada em pedras e metais que o Tirano não reconheceu, se chocou ruidosamente contra o chão. O ar parecia grosso e viscoso ao feiticeiro, anormalmente denso. Notou um ruído estranho, um fraquejo em sua respiração, e um tremor espasmódico nos joelhos.

Passou-se um momento, marcado pelo rígido e paralisante silêncio de todos na sala, até que tivesse confiança para tentar falar novamente.

— Seu monte de esterco — disse ele com voz rouca ao pálido capitão. — Você é menos do que esterco. Você é um monte de lodo. Você vai se matar. Agora!

Ele falava como se houvesse terra enfiada em sua boca, caindo dos seus lábios. Com esforço, engoliu sua saliva.

Sobrecarregou-se herculeamente para conseguir manter os olhos funcionando e assistiu seu capitão ajoelhar-se sem jeito e, virando sua espada, acertar a própria jugular com um golpe rápido e irregular. Alberico sentiu uma onda de fúria jorrando e ardendo em sua mente. Lutou para conseguir controlar um tremor em sua mão esquerda. E não conseguiu.

Havia homens mortos demais naquela sala, e ele quase fora um deles. Não se sentia como se estivesse completamente vivo — seu corpo parecia ter-se reestruturado de um modo diferente do que era antes. Passou os dedos fracos pela pálpebra trêmula. Sentiu-se nauseado. O ar estava difícil de respirar. Precisava sair, ir para longe da cabana repentinamente sufocante de seus inimigos.

Nada acontecera como esperava. Apenas um elemento permanecia do seu plano original, uma coisa que ainda poderia lhe oferecer algum prazer, que poderia compensar em parte o que havia dado tão desesperadamente errado.

Virou-se lentamente para olhar o filho de Sandre. O amante de rapazes. Sua boca se esticou num sorriso, sem saber o quão hediondo parecia.

— Tragam-no — disse secamente aos soldados. — Amarrem-no e tragam-no. Há coisas que podemos fazer com esse aqui antes que ele tenha permissão para morrer. Coisas apropriadas ao que ele era.

Sua visão ainda não funcionava perfeitamente, mas viu um de seus mercenários sorrir. Tomasso bar Sandre fechou os olhos. O sangue tomava seu rosto e suas roupas. E haveria mais, antes de tudo estar terminado.

Alberico colocou seu capuz e mancou para fora da sala.

Atrás dele, os soldados carregavam o corpo do capitão morto e auxiliavam o homem cujo rosto havia sido partido por Nievole.

Tiveram que ajudar o Tirano a montar em seu cavalo, o que ele julgou humilhante, embora tenha começado a se sentir melhor durante a cavalgada de volta a Astibar. Mas encontrava-se completamente desprovido de magia. Mesmo naquele corpo fraco e alterado, conseguia sentir o buraco onde seu poder deveria estar. Seriam necessárias pelo menos duas semanas, ou talvez mais, até que ele o tivesse de volta plenamente. Se o tivesse de volta plenamente. O que fizera naquele rápido instante na cabana havia lhe sugado mais energia do que qualquer ato mágico já o fizera em sua vida.

Mas estava vivo, e acabara de esfacelar as três famílias mais perigosas que restavam na Palma Oriental. Mais do que isso: tinha o filho do meio dos Sandreni, como uma evidência, uma prova pública de conspiração para o futuro. O pervertido que se dizia saborear a dor. No esconderijo de seu capuz, Alberico se permitiu um leve sorriso.

Tudo seria feito de acordo com a lei e publicamente, como era seu hábito desde o dia em que tomara o poder na região. Nenhum tumulto nasceria em resposta a um exercício arbitrário de poder. Eles poderiam odiá-lo, é claro que iriam odiá-lo, mas nenhum cidadão de suas quatro províncias poderia duvidar da justiça ou negar a legitimidade de sua resposta à conspiração dos Sandreni.

Ou deixar de perceber o quão abrangente aquela resposta seria.

Com a precaução e a prudência que eram a verdadeira fonte de sua personalidade, Alberico de Barbador começou a pensar em suas ações nas próximas horas e dias. Os deuses maiores do Império sabiam que aquela distante península era um local de perigo constante e precisava de um governo severo. Mas os deuses, que não eram cegos, conseguiam ver que ele sabia como lhes dar o necessário. E era cada vez mais possível que os conselheiros do Imperador, que não eram mais cegos do que os deuses, vissem as mesmas coisas.

E o Imperador estava velho.

Alberico parou de pensar nesses aspectos tão familiares e sedutores. Forçou-se a focar novamente nos detalhes; detalhes eram tudo em assuntos como aqueles. Enquanto cavalgava, os passos impecáveis de seu plano encaixaram-se como pérolas num fio de djarra. Com frieza e precisão, decidiu as ordens que daria. Os únicos comandos que lhe causavam alguma emoção eram aqueles relacionados a Tomasso bar Sandre. Esses, ao menos, não precisariam — não seriam — tornados públicos. Apenas a confissão e seus detalhes precisavam sair dos muros de seu palácio. O que quer que ocorresse em certas masmorras poderia ser extremamente sigiloso. Surpreendeu-se um pouco pela empolgação que sentia.

Em certo momento, lembrou-se de que queria queimar a cabana ao sair. Suavemente, ajustou seus planos. Que os Sandreni menores e seus servos encontrassem os mortos ao amanhecer. Que eles imaginassem e sentissem medo. A dúvida duraria apenas um instante.

E então ele faria com que tudo ficasse extremamente claro.

CAPÍTULO V

— **Ó**, Morian — sussurrou Alessan, com arrependimento na voz —, eu poderia mandá-lo para seu julgamento agora mesmo. Uma criança poderia ter-lhe acertado uma flecha no olho, daqui.

Não esta criança aqui, pensou Devin, pesaroso, encarando a distância e a luz, de onde estavam escondidos, entre as árvores ao norte da estrada que os barbadianos haviam acabado de tomar. Olhava para Alessan com ainda mais respeito do que antes, encarando a besta que ele pegara de uma caixa enquanto corriam para aquele local.

— Ela o reclamará para si quando estiver pronta — disse Baerd, prosaicamente. — E foi você que passou a vida dizendo que não adiantaria nada se um dos dois morresse cedo demais.

Alessan grunhiu.

— Eu atirei, por acaso? — Alessan questionou, mordaz.

Os dentes de Baerd brilharam sob a luz da lua:

— Eu o teria impedido, de qualquer modo.

Alessan praguejou sucintamente. Um momento mais tarde, relaxou em um silêncio divertido. Os dois homens tratavam-se como se se conhecessem de longa data.

Devin reparou que Catriana não sorria. Certamente, não para ele. Por outro lado, lembrou-se de que era *ele* quem deveria estar bravo, embora as atuais circunstâncias dificultassem um pouco as coisas. Sentia-se ao mesmo tempo ansioso, orgulhoso e empolgado.

Ele também fora o único dos quatro que não havia percebido Tomasso, amarrado em seu cavalo pelos pulsos e tornozelos.

— É melhor nós verificarmos a cabana — disse Baerd, quando o humor passageiro se dissipou. — Depois, acho que teremos de viajar muito rápido. O filho de Sandre vai entregar você e o garoto.

— É melhor falarmos sobre o garoto primeiro — apontou Catriana, num tom que permitia a Devin retomar sua raiva.

— O garoto? — repetiu ele, erguendo as sobrancelhas. — Acho que você sabe muito bem que não sou só um garoto.

Ele deixou seu olhar repousar sobre o dela, sentindo-se recompensado em vê-la corar e virar o rosto.

A recompensa durou pouco.

— Indecoroso da sua parte, Devin — disse Alessan. — Espero nunca mais ouvir esse tipo de comentário vindo de você. Catriana foi contra tudo o que conheço dela ao fazer o que fez nesta manhã. Se você é inteligente o suficiente para ter vindo até aqui, acho que também é inteligente o suficiente para entender por que ela o fez. Você poderia ignorar um pouco o seu orgulho para pensar em como ela está se sentindo.

O tom era suave, mas Devin sentiu como se levasse um soco no estômago. Engolindo em seco, olhou de Alessan para Catriana, mas o olhar dela estava fixo nas estrelas, longe e acima de todos. Finalmente, envergonhado, ele voltou a encarar o chão enegrecido de terra da floresta. Ele se sentiu como se tivesse 14 anos novamente.

— Eu não gostei desse comentário, Alessan — ele a ouviu dizer, friamente. — Eu sei me defender muito bem. Você sabe disso.

— Isso sem mencionar — completou Baerd, com naturalidade — o quão absurdamente inapropriado é você castigar alguém por ter orgulho demais.

Alessan preferiu ignorar esse comentário. Para Catriana, ele disse:

— Pela estrela de Eanna, você acha que não sei como você consegue lutar? Isso é diferente. Não posso permitir que o que aconteceu hoje pela manhã ganhe força. Isso não pode se tornar um ponto de atrito entre vocês dois se Devin irá se tornar um de nós.

— Se ele *o quê*? — Catriana voltou-se para ele. — Você está maluco? É pela música? Pelo fato de que ele sabe cantar? Por que alguém de Asoli seria...

— Calma! — interrompeu Alessan. Catriana ficou em silêncio de repente.

Sem ter ideia de para onde olhar ou o que sentir, Devin continuou fingindo um enorme interesse pelo solo da floresta sob seus pés. Sua mente e seu coração rodopiavam, confusos.

Ao continuar falando, a voz de Alessan soou mais gentil:

— Catriana, o que aconteceu esta manhã também não foi culpa dele. Você não deve culpá-lo. Você fez o que achou que deveria fazer, e não funcionou. Ele não pode ser culpado ou castigado por segui-la de forma inocente, como fez. Se quiser, culpe a mim por não pará-lo quando o vi cruzar aquela porta. É o que eu deveria ter feito.

— E por que não o fez? — perguntou Baerd.

Devin se lembrou da maneira que Alessan o olhava quando parou no arco, antes de cruzar a porta que lhe parecia um portão para uma terra de sonhos.

— Sim, por quê? — perguntou o rapaz, olhando para cima. — Por que me deixou continuar?

O luar estava completamente azul agora. Vidomni encontrava-se a oeste, atrás da ponta das árvores. Apenas Ilarion estava alta entre as estrelas, tornando a noite estranha com seu brilho. *Luz-fantasma*, era como as pessoas do interior se referiam à luz da lua azul sozinha no céu.

A luz estava atrás de Alessan, fazendo com que seus olhos não pudessem ser vistos. Por um instante, os únicos sons foram os ruídos noturnos da floresta: o farfalhar de folhas com a brisa, a grama, o estalar da madeira no chão, as batidas rápidas de asas vindas de um galho próximo. Em algum lugar ao norte dele, um pequeno animal grunhiu e outro respondeu.

Alessan disse:

— Porque eu conhecia a canção que seu pai lhe ensinou quando criança, e eu sei quem ele é, e que não é de Asoli. Catriana, minha querida, não é apenas pela música, ainda que você pense que essa é minha fraqueza. Ele é um de nós, minha querida. Baerd, você pode testá-

lo?

No nível mais consciente e racional de sua mente, Devin não entendeu quase nada. Ainda assim, começou a sentir um frio crescente enquanto Alessan falava. Foi arrebatado pela sensação, como se uma ave de rapina descesse sobre ele, de que se encontrava exatamente aonde os portais de Morian o haviam conduzido, ali, nas sombras daquela floresta sob a lua azul.

As coisas não ficaram mais simples quando ele se voltou para Baerd e viu o olhar espantado em seu rosto. Mesmo sob a luz distorcida daquele luar, conseguia ver quão pálido Baerd estava.

— Alessan... — começou Baerd, rouco.

— Você me é mais querido do que qualquer pessoa viva — disse Alessan. — Você tem sido mais do que um irmão para mim. Eu não o machucaria por nada neste mundo. Especialmente não com isso. Eu não lhe pediria se não tivesse certeza. Teste-o, Baerd.

Baerd ainda hesitou, o que fez a ansiedade de Devin crescer. Ele compreendia cada vez menos o que estava acontecendo. Apenas parecia que aquilo importava demais para os outros.

Por um longo momento, ninguém se moveu. Finalmente, Baerd caminhou cuidadosamente, como se estivesse se controlando demais, tomou Devin pelo braço e o levou mais alguns passos para dentro da floresta, até uma pequena clareira entre um círculo de árvores.

Elegantemente, abaixou-se e sentou no chão com as pernas cruzadas. Após hesitar um instante, Devin fez o mesmo.

Não havia o que fazer, a não ser seguir as indicações que recebia. Não tinha ideia de para onde iriam a partir dali. *Não no caminho que estou trilhando*, ele se lembrou das palavras de Catriana no palácio, naquela manhã. Ele juntou suas mãos para mantê-las firmes e sentiu um frio que não tinha relação alguma com o vento da noite.

Pôde ouvir Alessan e Catriana seguindo-os, mas não olhou para trás. Por enquanto, o que realmente importava era aquela coisa gigantesca — o que quer que fosse — que se formava nos olhos de Baerd. O homem loiro parecera competente e à vontade até então; e agora, de modo absurdo, parecia terrivelmente frágil. Alguém que poderia ser despedaçado com facilidade. Abruptamente, e pela segunda vez naquele longo dia, Devin sentiu como se atravessasse uma terra de sonhos, deixando para trás a simplicidade do mundo diurno.

Naquela atmosfera, sob a luz azul de Ilarion, ouviu Baerd começar a lenda, atingindo-o como um feitiço, como algo tecido com palavras que se perderam nos espaços de sua infância — o que, na verdade, era exatamente o caso.

— No ano em que Alberico tomou Astibar — disse Baerd —, enquanto as províncias de Tregea e Certando se preparavam para enfrentá-lo individualmente, e antes de Ferraut ter caído, Brandin, Rei de Ygrath, veio de sua península a oeste. Navegou com sua frota até o Grande Porto de Chiara e tomou a ilha facilmente, já que o Grande Duque se matou ao ver

a quantidade de navios que vinham de Ygrath. Até aqui, imagino que você saiba.

A voz dele soava baixo. Devin tinha se reclinado, esforçando-se para ouvir. Uma trialla cantava doce e tristemente em um galho atrás dele. Alessan e Catriana não faziam som algum. Baerd continuou.

— Naquele ano, a Península da Palma se tornou o campo de batalha de uma enorme disputa entre Ygrath e o Império de Barbadior. Nenhum deles achava que pudesse dar ao outro liberdade de ação aqui, a meio caminho de seus territórios, uma das razões pelas quais Brandin veio. A outra razão, conforme descobriríamos mais tarde, estava ligada ao seu filho mais novo e mais amado, Stevan. Brandin de Ygrath buscava construir um segundo reino no qual seu filho pudesse reinar. O que ele encontrou, no entanto, foi algo diferente.

A trialla ainda cantava. Baerd fez uma pausa para ouvi-la, como se encontrasse na voz fluida, ainda mais gentil que a do rouxinol, um eco de algo dentro de si.

— Os chiareanos, tentando estabelecer uma resistência nas montanhas, foram massacrados nas encostas de Sangarios. Brandin tomou a província de Asoli pouco depois, e boatos sobre seu poder se espalharam. Sua magia era muito forte, ainda mais do que a de Alberico, e, embora tivesse menos homens do que os barbadianos a leste, os seus eram totalmente leais e mais bem treinados. Enquanto Alberico era apenas um senhor menor do Império, rico e ambicioso, que usava mercenários, Brandin *governava* Ygrath e seus homens eram os melhores daquele reino. Eles avançaram para o sul por Corte quase sem esforço, derrotando os exércitos de cada província, um a um, pois nenhum de nós agiu em conjunto naquele ano. Nem depois, é claro.

A voz de Baerd não estava distante o bastante para alcançar a ironia que pretendia.

— De Corte, o próprio Brandin se voltou para leste com a menor parte de seu exército, esperando encontrar Alberico em Ferraut e derrotá-lo ali mesmo. Enviou Stevan para o sul, para tomar a última província livre da parte ocidental, e depois encontrá-lo em Ferraut, na batalha contra os barbadianos, que, ele acreditava, iria moldar o destino da Palma. Foi um erro, embora ele não pudesse saber disso na época, dezoito anos atrás. Era um recém-chegado, não conhecia as diferentes características das províncias desta península. Imagino que ele quisesse que Stevan sentisse um pouco do gosto de comandar uma tropa. Deu ao filho a maior parte do exército e seus melhores comandantes, confiando em sua própria magia para conter Alberico até que os outros se unissem a ele.

Baerd parou por um instante, seus olhos azuis voltados para dentro de si. Quando voltou a falar, havia um novo timbre em sua voz. Pareceu a Devin que carregava muitas coisas velhas e tristes.

— Na margem do Rio Deisa — disse Baerd —, pouco além da metade do caminho entre Certando e o mar da Corte, Stevan encontrou a mais dura resistência que qualquer um dos exércitos invasores encontraria na Palma. Conduzidos por seu Príncipe, pois, em seu orgulho, chamavam assim seu governante, o povo daquela última província a oeste encontrou os ygratheanos e os enfrentou, empurrando-os de volta ao rio, com perdas

numerosas nos dois lados. E o Príncipe Valentin, daquela província... a que você conhece hoje como Baixa Corte, matou Stevan de Ygrath, o filho amado de Brandin, na margem do rio ao amanhecer, após um amargo dia de mortes.

Devin podia praticamente sentir o gosto afiado de um velho lamento naquelas palavras. Ele viu Baerd olhar pela primeira vez para onde Alessan estava. Não falaram nada. Devin não tirou os olhos de Baerd. Concentrava-se como se sua vida dependesse disso, tratando cada palavra como uma valiosa peça de um mosaico a ser guardado na memória da qual se orgulhava tanto.

E foi então que lhe pareceu que um sino distante começou a soar, longe, em algum canto de sua mente. Um aviso. Como os sinos de perigo do templo de Adaon, que invocavam os lavradores de volta urgentemente de seus campos. Um sino remoto, fraco embora claro, vindo além dos campos de grãos amarelos.

— Por meio de sua magia, Brandin soube imediatamente o que havia acontecido — disse Baerd, com voz rascante. — Ele recuou de volta para o sul e para o oeste, deixando Ferraut e Certando livres para Alberico. Voltou com todo o peso de sua magia e seu exército, com a fúria de um pai cujo filho fora morto, e encontrou o que sobrou de seus oponentes onde eles o aguardavam, junto ao Deisa.

Mais uma vez, Baerd olhou para Alessan. Sua face estava pálida sob a luz da lua. Ele disse:

— Brandin os aniquilou. Ele os esmagou em pedaços, sem misericórdia nem intervalo. Empurrou-os de volta às suas terras, ao sul do Deisa, e queimou cada plantação e vila pela qual passou. Não houve prisioneiros. Matou as mulheres e as crianças naquele primeiro ataque — algo que não havia feito em nenhum outro lugar. Mas em nenhum outro lugar sua própria cria tinha morrido. Muitas almas foram enviadas para Morian por conta da alma de Stevan de Ygrath. Seu pai tomou aquela província sob sangue e fogo. Antes que o verão terminasse, ele havia derrubado todas as gloriosas torres da cidade que é agora conhecida como Stevanien, no sopé das montanhas. Na cidade real, costeira, transformou suas muralhas e portos em ruínas e areia. E na batalha à beira do rio, capturou o Príncipe que matara seu filho, para depois vê-lo torturado, mutilado e morto em Chiara.

A voz de Baerd parecia agora um sussurro seco sob a luz das estrelas e da lua solitária. E ainda havia aquela sensação de tristezas ainda por vir, cada vez mais forte na mente de Devin. Baerd prosseguiu:

— Brandin de Ygrath fez mais uma coisa, além de tudo isso. Ele reuniu sua magia, o poder mágico que tinha, e lançou sobre aquela terra um feitiço que nunca antes fora sequer concebido. E, com aquela magia, ele... fez com que seu nome desaparecesse. Ele apagou aquele nome definitivamente das mentes de cada homem e mulher que não tivessem nascido naquela província. Foi sua maldição mais profunda, sua última e maior vingança. Fez parecer que nunca existimos. Nossos feitos, nossa história, nosso próprio nome... E então nos deu o nome de Baixa Corte, por causa dos nossos piores inimigos dentre as províncias.

Atrás de si, Devin ouviu algo e notou que Catriana chorava. Baerd prosseguiu:

— Brandin fez com que ninguém vivo pudesse ouvir e se lembrar do nome daquela terra, de sua cidade real à beira-mar ou mesmo das altas torres douradas que adornavam as velhas estradas nas montanhas. Ele nos destruiu e nos aniquilou. Ele matou uma geração inteira e então *nos privou de nosso nome*.

Aquelas últimas palavras não foram sussurradas ou gritadas, na escuridão outonal de Astibar. Elas foram ditas como uma denúncia, um veredito, para as árvores, a noite e as estrelas — as estrelas, que observaram todos aqueles acontecimentos.

A mágoa daquela acusação acertou Devin como um soco, mais forte do que Baerd poderia imaginar, do que qualquer um poderia imaginar. Ninguém, desde a morte de Marra, sabia o quanto a memória era importante para Devin d'Asoli: a maneira como se tornara a pedra angular em sua alma.

A memória era seu amuleto e sua proteção, seu portal e sua lareira. Era orgulho e amor, protegendo-o da perda: pois se algo pudesse ser lembrado, então não estava completamente perdido. Não estaria morto, tendo partido para sempre. Marra vivia; seu pai duro e austero lhe cantava uma canção de ninar. E por causa disso, porque esse era o fundamento do que Devin era, a velha vingança de Brandin de Ygrath o atingiu naquela noite como se houvesse sido lançada recentemente, pulsando pelo vulnerável centro da maneira como via e lidava com o mundo, e isso o feriu de um modo novo e mortal.

Com esforço, obrigou-se a ficar firme, buscando a concentração que lhe permitiria se lembrar daquilo. De tudo aquilo — o que parecia mais importante do que nunca. Especialmente agora, com o eco das últimas e terríveis palavras de Baerd esvaindo-se pela noite. Devin olhou para o homem loiro com fitas de couro sobre as sobancelhas e o pescoço, e esperou. Ele fora um garoto esperto; era um homem astuto. Entendeu o que estava por vir. Tudo se encaixava.

Muito mais velho do que uma hora antes, Devin ouviu Alessan murmurar atrás dele:

— A canção de ninar que o ouvi tocar era daquela última província, Devin. Uma canção da cidade das torres. Ninguém que não fosse daquele lugar poderia ter aprendido essa canção da maneira como você me disse que aprendeu. E é assim que sei que você é um de nós. Foi por isso que não o impedi quando o vi seguindo Catriana. Eu deixei que Morian decidisse o que aconteceria do outro lado daquela porta.

Devin acenou com a cabeça, absorvendo aquilo. Um instante depois, disse da forma mais cuidadosa que conseguiu:

— Se isso é verdade, se eu os entendi corretamente, então eu devo ser uma das únicas pessoas que ainda pode ouvir e se lembrar do nome que foi... banido.

— Exatamente — disse Alessan.

Devin descobriu que suas mãos tremiam. Olhou para elas, concentrando-se, mas não conseguia fazê-las parar.

Então disse:

— Portanto isso é algo que me foi roubado por toda a minha vida. E vocês irão... me trazer

de volta? Vocês me contarão o nome da terra em que eu nasci?

Ele olhava para Baerd pela luz das estrelas, já que Ilarion também havia partido, desaparecendo a oeste por trás das árvores. Alessan disse que cabia a Baerd contar. Devin não sabia por quê. Na escuridão, ouviram a trialla mais uma vez, uma nota longa e baixa. E então Baerd falou, e pela primeira vez em seus dias Devin ouviu alguém dizer:

— *Tigana*.

Dentro dele, o aviso que ouvia até então, como se fosse um sonho de algum campo de verão, silenciou. E naquela calma abrupta e profunda, um sentimento de perda o tomou como as ondas de um oceano. E depois veio outra onda, e então uma terceira — uma trazendo amor e a outra um orgulho do fundo do coração. Sentiu uma tontura estranha, uma leveza, como se uma convocação corresse dentro de suas veias.

Então viu como Baerd o encarava. Viu seu rosto rígido e pálido, o medo visível mesmo sob a luz das estrelas, e outra coisa ainda: uma sede amarga; uma fome dolorosa vinda da alma. Devin compreendeu e deu ao outro homem o alívio de que precisava.

— Obrigado — disse Devin. Não estava mais tremendo. Com um nó na garganta, continuou, pois agora era a sua vez, o seu teste: — *Tigana. Tigana*. Eu nasci na província de Tigana. Meu nome... meu verdadeiro nome é Devin di Tigana bar Garin.

Enquanto falava, algo semelhante à glória resplandecia no rosto de Baerd. O homem de cabelos claros fechou os olhos com força, como se tentasse conter essa glória dentro de si, impedindo-a de escapar para a escuridão, retendo-a firmemente à sua vontade. Devin ouviu Alessan inspirar de maneira oscilante e então, surpreso, sentiu Catriana tocar seu ombro e depois retirar a mão.

Baerd estava perdido em um local além da fala. Foi Alessan quem disse:

— Esse é um dos dois nomes que nos foram tirados, e certamente é o mais profundo deles. Tigana foi nossa província e o nome da cidade real à beira mar. A mais bela cidade sob as luzes de Eanna que poderia ser nomeada. Ou talvez... talvez a segunda mais bela.

Em sua voz, havia o vestígio de algo que poderia se tornar uma risada. Risada e amor, juntos. Pela primeira vez, Devin se virou para olhá-lo.

Alessan disse:

— Se você tivesse falado com alguém do interior sulista, da cidade em que o Rio Sperion nasce, descendo pela montanha a oeste até encontrar o mar, ouviria a história de outro jeito. Porque sempre fomos orgulhosos, e sempre houve rivalidade entre as duas cidades.

No fim, por mais que tentasse, sua voz só conseguia passar a sensação de perda.

— Você nasceu nessa cidade interiorana, Devin, e eu também. Somos filhos daquele alto vale e do rio prateado que corre por aquela montanha. Nascemos em Avalor. Em Avalor das Torres.

Novamente surgiu uma música na mente de Devin ao ouvir aquele nome, mas diferente do sino que soara antes. Agora, era uma música que o levou para bem longe, até seu pai e sua infância.

— Você sabe a letra, não é? — perguntou.

— Claro que sim — respondeu Alessan, gentilmente.

— Pode cantá-la, por favor? — pediu Devin.

Mas foi Catriana quem lhe respondeu, na voz que poderia ter vindo de uma jovem mãe ninando seu filho, numa noite muito distante:

*Manhã de primavera em Avalor
E deixarei o sacerdote sozinho falar
Rio abaixo vou me aventurar
Numa manhã de primavera em Avalor.*

*Quando eu crescer, pode esperar
Farei um barco pra viajar
E o rio à baía de Tigana irá me levar
E para o mar além de Avalor.*

*Mas onde estiver e pr'aonde olhar,
Em águas calmas ou em alto mar,
Meu coração irá sempre voltar
Para o sonho das torres de Avalor.*

O sonho em meu lar em Avalor.

As palavras doces e tristes da canção que sempre conhecera atingiram Devin e trouxeram algo mais. Uma sensação de perda tão grande que quase afogou a luz que havia se formado pela canção de Catriana. Nada de ondas ou algo correndo pelo sangue: apenas as águas da espera. Uma espera por algo que lhe fora tirado antes mesmo de saber que possuía, tirado tão completamente que poderia ter passado toda a sua vida sem sequer saber que perdera.

E chorou enquanto Catriana cantava. Garotos pequenos e mirrados para sua idade aprendiam muito cedo no norte de Asoli o quão arriscado era ser visto chorando. Mas Devin havia sido tomado, naquela noite e naquela floresta, por algo grandioso demais.

Se ele havia entendido corretamente as palavras de Alessan, aquela canção era uma das que sua mãe cantara para ele.

Sua mãe, cuja vida havia sido tirada por Brandin de Ygrath. Ele abaixou a cabeça, não para esconder suas lágrimas, e ouviu enquanto Catriana terminava aquela canção de ninar, tão doce e tão amarga: uma canção sobre uma criança desafiando ordens e autoridades, mesmo sendo muito jovem, que confiava em si o suficiente para construir um barco sozinha, e corajosa o bastante para querer navegar pela vastidão do mundo, sem jamais voltar. E sem se esquecer do lugar onde tudo começara.

Uma criança muito parecida com o próprio Devin.

E essa era uma das razões pelas quais chorou. Pois quiseram que ele perdesse e se

esquecesse dessas torres, roubaram-lhe qualquer sonho que pudesse ter de Avalor. Ou de Tigana e sua baía.

Assim, suas lágrimas se seguiram uma a uma, na escuridão, enquanto lamentava por sua mãe e seu lar. E nas sombras daquela floresta perto de Astibar, aquelas duas mágoas foram fundidas na forja de seu coração com a importância da memória para ele e a perda da lembrança: e daquela incandescência, algo tomou forma dentro de Devin; algo que mudaria o curso de sua vida daquela noite em diante.

Secou os olhos na manga e olhou para cima. Ninguém disse nada. Ele viu que Baerd o observava. Propositamente, Devin ergueu sua mão esquerda: o lado do coração. Muito cuidadosamente, ele dobrou o terceiro e o quarto dedos, de modo que sua mão tomasse a forma da Península da Palma.

A posição em que se fazia um juramento.

Baerd ergueu a mão direita e fez o mesmo gesto. Eles deixaram que as pontas dos dedos se tocassem, a pequena palma de Devin contra a mão larga e calejada do outro homem.

— Se vocês me aceitarem, estou com vocês. Em nome de minha mãe, que morreu naquela guerra, juro jamais quebrar sua confiança.

— Nem eu, a sua — disse Baerd. — Em nome da Tigana perdida.

Houve um farfalhar quando Alessan se sentou no chão, ao lado deles.

— Devin, eu preciso avisar — falou ele, em tom solene — que essa não é uma causa em que você deva se envolver sem pensar. Você pode nos ajudar sem ter que mudar completamente sua vida vindo conosco.

— Ele não tem escolha — murmurou Catriana, movendo-se para o outro lado. — Tomasso bar Sandre dará seus nomes para os torturadores hoje ou amanhã. Temo que a carreira de Devin d'Asoli termine justo quando começou de verdade.

Ela encarava os três homens; seus olhos, indecifráveis na escuridão.

— Já acabou — disse Devin, tranquilamente. — Acabou quando conheci meu verdadeiro nome.

A expressão de Catriana não mudou. Ele não tinha ideia do que ela estava pensando.

— Muito bem — disse Alessan. Ele ergueu a própria mão, com dois dedos dobrados. Devin tocou-a com a mão direita. Alessan hesitou.

— Um juramento em nome de sua mãe é mais forte para mim do que você pode imaginar.

— Você a conheceu?

— Nós dois conhecemos — disse Baerd. — Ela era dez anos mais velha do que nós, mas todo adolescente em Tigana era um pouco apaixonado por Micaela. E a maioria dos homens também, eu acho.

Outro nome novo — e toda a dor que veio com ele.

O pai de Devin nunca o dissera. Seus filhos sequer sabiam o nome da mãe. Havia mais caminhos de tristeza naquela noite do que Devin imaginara.

— Todos nós invejávamos e admirávamos seu pai mais do que posso expressar —

completou Alessan. — Embora eu fique feliz que, no final, ela tenha sido conquistada por um homem de Avalor. Eu me lembro do dia em que você nasceu, Devin. Meu pai enviou um presente para o seu batizado. Só não consigo lembrar o que era.

— Você *admirava* meu pai? — disse Devin, surpreso.

Alessan ouviu aquilo e sua voz mudou.

— Não o julgue por aquilo que ele se tornou. Você o conheceu depois que Brandin esmagou sua geração e todo o seu mundo, acabando com suas vidas e condenando suas almas. Sua mãe estava morta, Avalor tinha caído, Tigana desaparecera. Ele lutou e sobreviveu a ambas as batalhas do Deusa.

Acima deles, Catriana emitiu um ruído baixo.

— Eu nunca soube — protestou Devin. — Ele nunca nos contou nada disso.

Havia uma nova dor dentro dele. *Tantos caminhos*.

— Poucos dos sobreviventes falam sobre aqueles dias — disse Baerd.

— Meus pais nunca falaram — confessou Catriana. — Eles nos levaram para o mais longe que conseguiram, para uma vila de pescadores em Astibar, descendo a costa de Ardin, e nunca falaram sobre nada disso.

— Para proteger vocês — disse Alessan, delicadamente. Sua palma, menor do que a de Baerd, ainda tocava a de Devin. — Uma grande quantidade dos pais que conseguiu sobreviver fugiu, para que seus filhos pudessem ter uma chance de viver livres da opressão e do estigma que atingiu e ainda atinge Tigana — ou Baixa Corte, como devemos chamá-la agora.

— Eles fugiram — disse Devin, teimosamente. Sentia-se enganado, roubado, traído.

Alessan balançou a cabeça.

— Devin, pense. Não julgue ainda: pense. Você realmente acha que aprendeu aquela melodia por acaso? Seu pai escolheu não passar para você ou seus irmãos o perigo de nossa herança, mas colocou uma marca sobre você, uma melodia, sem letra por segurança. E o enviou pelo mundo com algo que certamente o revelaria para qualquer um de Tigana, e mais ninguém. Não acho que tenha sido por acaso. Não mais do que a mãe de Catriana lhe deu um anel que a faria ser reconhecida por qualquer um nascido no mesmo local que ela.

Devin olhou para trás. Catriana ergueu a mão para que ele pudesse ver o anel. Estava escuro, mas seus olhos se adaptaram às sombras, e ele pôde vislumbrar uma estranha forma reluzente sobre a joia: um ser, metade humano, metade criatura do mar. Engoliu em seco.

— Você pode me falar sobre ele? — perguntou, voltando-se para Alessan. — Sobre meu pai?

Sobre o impassível e sisudo Garin, o triste agricultor de uma terra cinzenta e úmida, que havia vindo da bela Avalor das Torres, nas terras altas ao sul de Tigana; e que havia, em sua juventude, conquistado uma mulher amada por todos que a viam, que lutara e sobrevivera a duas terríveis batalhas à beira de um rio. E que havia, se Alessan estivesse certo, propositadamente enviado ao mundo seu filho, esperto o suficiente para encontrar tudo o

que descobrira naquela noite. E que também, percebeu Devin de repente, provavelmente mentira quando disse que havia esquecido a letra daquela canção. De repente, tudo era muito difícil.

— Eu contarei o que sei sobre ele, e com prazer — disse Alessan. — Mas não esta noite, pois Catriana está certa, e devemos partir antes do amanhecer. Por enquanto, jurarei honras com você, como Baerd o fez. Eu aceito seu juramento. Você tem o meu. Você será como um irmão para mim, até o fim dos meus dias.

Devin se voltou para Catriana.

— Você me aceita?

Ela mexeu no cabelo.

— Eu não tenho muita escolha, tenho? — respondeu, descuidadamente. — Você parece ter-se metido completamente nisso.

Mas ela abaixou a mão esquerda enquanto falava, dobrando dois de seus dedos. Seus dedos encontraram os dele, num toque leve e frio.

— Seja bem-vindo — disse ela. — Eu juro que serei leal a você, Devin di Tigana.

— E eu, a você. Sinto muito pelo que aconteceu de manhã.

Ela retirou a mão e seus olhos brilharam. Mesmo naquela escuridão, era possível vê-los.

— Ah, claro... — disse ela, sarcasticamente. — Com certeza você sente muito. Estava muito claro, o tempo todo, o quanto você lamentou aquela experiência!

Alessan segurou o riso.

— Catriana, minha querida... eu acabei de proibi-lo de comentar quaisquer detalhes sobre o que aconteceu. Como vamos nos esquecer do que ocorreu se você continuar trazendo isso à tona?

Sem o menor vestígio de um sorriso, Catriana replicou:

— Eu sou a parte ofendida aqui, Alessan. Você não vai me proibir de nada. As regras não são as mesmas.

Baerd, de repente, riu:

— As regras não parecem ser as mesmas desde que você se juntou a nós. Por que seria diferente agora?

Catriana mexeu no cabelo mais uma vez, mas não se deu ao trabalho de responder.

Os três homens ficaram de pé. Devin dobrou os joelhos para livrá-los da tensão de ter permanecido sentado por tanto tempo na mesma posição.

— Ferraut ou Tregea? — perguntou Baerd. — Qual fronteira?

— Ferraut — respondeu Alessan. — Eles dirão que sou tregeano assim que Tomasso confessar. Pobre homem. Se eu estivesse pensando claramente, teria atirado uma flecha nele enquanto cavalgavam.

— Que clareza de espírito! — redarguiu Baerd. — Com vinte soldados ao seu redor. Estaríamos todos acorrentados em Astibar agora.

— Você teria desviado minha flecha — respondeu Alessan, agora também jocoso.

— Existe alguma chance de ele não confessar? — interrompeu Devin, sem jeito. — Sabem, estou pensando em Menico. Se Tomasso citar seu nome...

Alessan balançou a cabeça, negativamente.

— Todos falam sob tortura. Especialmente quando há magia envolvida. Também me preocupo com Menico, mas não há nada que possamos fazer, Devin. É assim que nossa vida é. Pessoas são colocadas em risco por quase tudo o que fazemos. Eu gostaria de saber o que aconteceu dentro daquela cabana.

— Você queria verificar — lembrou-lhe Catriana. — Temos tempo?

— Eu queria. E sim, temos tempo — disse Alessan, incisivamente. — Ainda há uma peça faltando. Eu *ainda* não sei como Sandre d’Astibar esperava que eu...

Ele parou. A não ser pelo zunido das cigarras e o farfalhar de algumas folhas, tudo estava quieto na floresta. A trialla havia ido embora. Alessan ergueu a mão de repente e passou-a pelo próprio cabelo. Balançou a cabeça.

— Você tem ideia do quão tolo eu posso ser às vezes? — perguntou a Baerd, num tom quase confessional — Estava na palma da minha mão o tempo todo! — Sua voz mudou: — Vamos! E vamos rezar para que não seja tarde demais!

Na cabana dos Sandreni, as duas lareiras já estavam quase apagadas. Apenas as estrelas brilhavam sobre a clareira na floresta. O Diadema de Eanna estava a oeste, seguindo as luas. Enquanto os quatro se aproximavam, um rouxinol cantava, como se respondesse à trialla anterior. Diante da porta, Alessan hesitou por um instante antes de dar de ombros em um gesto que Devin já conseguia reconhecer. Então empurrou a porta e deu um passo adiante.

No brilho vermelho das brasas, eles olharam — com olhos já acostumados à escuridão — para a carnificina lá dentro. O caixão ainda estava no mesmo local, embora com marcas de golpe e estilhaços. Ao seu redor, repousavam os corpos de homens que ainda viviam quando eles deixaram a sala. Os dois Sandreni mais novos. Nievole, com um punhado de flechas em sua garganta e em seu peito. O corpo de Scalvaia d’Astibar.

Então, Devin percebeu a cabeça de Scalvaia, decapitada e em meio a uma poça de sangue, terrivelmente distante de seu corpo. O rapaz lutou para controlar o vômito em sua garganta.

— Ó, Morian... — sussurrou Alessan. — Ó, Senhora dos Mortos, seja gentil com eles em seus Salões. Eles morreram sonhando com liberdade, antes de seu tempo.

— *Três deles, na verdade* — disse uma voz seca, do fundo de uma das poltronas. — *O quarto deveria ter sido estrangulado ao nascer.*

Devin deu um pulo, o coração martelando com o susto.

O falante se levantou, colocando-se atrás de uma cadeira, encarando-os. Estava completamente encoberto pelas sombras.

— Imaginei que vocês voltariam — disse ele.

O *sexto homem*, Devin pensou, esforçando-se para entender, lutando para distinguir aquela forma alta e magra no brilho fraco das brasas.

Alessan parecia inabalado.

— Nesse caso, sinto muito por deixá-lo esperando. Levei muito tempo para decifrar tudo. O senhor me permite expressar minha tristeza pelo que ocorreu aqui? — Ele fez uma pausa. — E meus respeitos, meu senhor Sandre.

O queixo de Devin caiu como se não estivesse bem preso ao seu rosto. Depois ele fechou a boca com tanta força que sentiu uma dor nos dentes; esperava que ninguém tivesse visto. Os acontecimentos estavam se desenrolando rápido demais.

— Eu aceitarei a tristeza — disse a figura magra na frente deles. — Mas não mereço seu respeito, ou o de ninguém. Talvez merecesse, mas não mais. Você está falando com um velho tolo e vaidoso, exatamente como o barbadiano disse. Um homem que passou muitos anos sozinho, preso em redes que ele mesmo teceu. Você estava correto sobre tudo o que falou anteriormente, sobre descuido. Isso me custou três filhos esta noite. Em um mês, talvez um pouco menos, não haverá mais nenhum Sandreni.

A voz soara seca e condenava seu dono, sem qualquer misericórdia. Era o tom de um juiz, em algum salão negro de apelação final.

— O que aconteceu? — perguntou Alessan, baixo.

— O garoto era um traidor — a voz era fria, conformada, fatalista.

— Ó, meu senhor... — exclamou Baerd. — *Família?*

— Meu neto. O filho de Gianno.

— Sua alma está amaldiçoada, então — disse Baerd, baixo e firme. — Ele está sob a custódia de Morian agora, e a deusa saberá como lidar com ele. Que ele seja condenado à escuridão até o final dos tempos.

O velho pareceu não ter sequer ouvido.

— Taeri o matou — murmurou ele, maravilhado. — Nunca pensei que ele fosse tão corajoso ou tão rápido. E então se apunhalou, para evitar que tivessem esse prazer ou que tirassem qualquer informação dele. Nunca pensei que ele fosse tão corajoso — repetiu, distante.

Pelas sombras densas, Devin olhou para os dois corpos próximos à lareira menor. Tio e sobrinho estavam caídos tão próximos que pareciam abraçados, do lado oposto ao caixão. O caixão vazio.

— Você disse que esperava por nós — murmurou Alessan. — Pode nos contar por quê?

— Pela mesma razão que vocês voltaram.

Sandre se moveu pela primeira vez, caminhando duramente até a lareira maior. Pegou um pequeno pedaço de madeira e atirou-o ao fogo. Faíscas voaram. Ele arrumou a lenha, cutucando-a com o ferro até que uma língua de fogo subisse, livre das cinzas que a cobriam.

O Duque se virou, e agora Devin pôde ver sua barba e seus cabelos brancos, assim como as bochechas ossudas. Seus olhos estavam fundos nas órbitas, mas brilhavam com uma provocação fria.

— Eu estou aqui — disse Sandre — e vocês estão aqui porque isso continua. Não terminou, não importa o que aconteça ou quem morra. Enquanto houver fôlego para respirar e um

coração para carregar o ódio. Minha busca e a de vocês. Até que estejamos mortos, elas continuam.

— Então você estava ouvindo — disse Alessan. — De dentro do caixão. Você ouviu o que eu disse?

— A droga perdeu efeito ao pôr-do-sol. Eu estava acordado antes de chegarmos à cabana. Ouvi tudo o que você disse e boa parte do que preferiu não dizer — respondeu o Duque, endireitando-se, com uma altivez fria na voz. — Ouvi o nome que você deu e o que escolheu não contar. Mas eu sei quem você é.

Ele deu um passo em direção a Alessan. Ergueu a mão enrugada e apontou para ele:

— Eu sei *exatamente* quem você é, Alessan bar Valentin, Príncipe de Tigana!

Aquilo era demais. O cérebro de Devin simplesmente desistiu de tentar entender. Muitos fragmentos de informação vinham ao mesmo tempo de várias direções, contradizendo-se um ao outro com ferocidade. Sentiu-se tonto, cansado. Estava em uma sala na qual, pouco tempo antes, havia vários homens. Agora quatro deles estavam mortos, com mais violência do que imaginara presenciar. Ao mesmo tempo, o homem que ele *soubera* estar morto — aquele em cujos ritos fúnebres cantara naquela mesma manhã — era o único homem de Astibar com vida naquela cabana.

Se ele *fosse* de Astibar!

Pois, se ele fosse, como conseguiria dizer o nome de Tigana, dado o que Devin acabara de aprender na floresta? Como poderia saber que Alessan era — e isso também era algo difícil de assimilar — um príncipe? O filho daquele Valentin que matara Stevan de Ygrath, trazendo a vingança de Brandin sobre todos.

Devin simplesmente parou de tentar juntar todas as peças. Decidiu escutar e observar, de modo a absorver o máximo possível na memória que nunca o desapontara e deixar a compreensão para depois, quando tivesse tempo para pensar.

Assim resolvido, ouviu Alessan dizer, após um silêncio longo o bastante para revelar o grau de sua surpresa e espanto:

— Agora eu entendo. Finalmente entendo. Meu senhor, sempre o considereei um gigante entre os homens. Desde a primeira vez em que o vi nos Jogos da Tríade, 23 anos atrás. O senhor é ainda mais do que eu pensava. Como sobreviveu? Como conseguiu esconder isso dos dois por todos esses anos?

— Esconder o quê? — Foi Catriana, com sua voz tão exaltada, que imediatamente fez Devin se sentir melhor: ele não era o único que estava completamente perdido.

— Ele é um mago — disse Baerd, calmamente.

Houve um novo silêncio. Então Alessan completou:

— Os magos da Palma são imunes às magias que não são feitas especificamente para eles. Isso vale para todos os usuários de magia, independente de onde venham ou de como conseguiram seu poder. Por essa razão, entre outras, Brandin e Alberico têm caçado e matado magos desde que chegaram a esta península.

— E eles têm tido sucesso porque ser um feiticeiro não tem relação alguma com inteligência ou bom senso — apontou Sandre d’Astibar, num tom ácido.

Ele bateu firmemente no fogo com o atizador de metal. A chama se encheu, reluzindo numa forte luz vermelha.

— Eu sobrevivi simplesmente porque ninguém sabia — disse o Duque. — Não envolveu nada mais complexo do que isso. Usei meu poder umas cinco vezes, se tanto, durante todo o meu reinado, e sempre escondido atrás da magia de outra pessoa. E não fiz *nada* com magia, absolutamente nada, desde a chegada dos feiticeiros. Eu nem sequer a usei para fingir minha morte. O poder deles é mais forte do que o nosso. Muito mais forte. Era óbvio desde o momento em que cada um deles chegou. A magia nunca fez parte da Palma como faz em outros lugares. Nós sabíamos disso. Todos os magos sabiam disso. É de se imaginar que eles dedicariam seus cérebros a esse conhecimento, não é? Qual a vantagem de se usar uma magia localizadora, ou uma flecha mental mortífera, se isso o levar direto a uma roda de tortura barbadiana?

A voz do velho Duque estava carregada de uma amargura debochada.

— Ou uma das de Brandin — murmurou Alessan.

— Ou uma das de Brandin — concordou Sandre. — É a única coisa em que aqueles dois pássaros carnicheiros concordaram, além da linha divisória que percorre a Palma: que a única magia nesta terra deve ser a deles.

— E é — disse Alessan. — Ou está tão perto disso que dá no mesmo. Eu tenho procurado um mago por mais de uma década.

— Alessan! — soltou Baerd, rapidamente.

— Por quê? — perguntou o Duque, no mesmo instante.

— *Alessan!* — repetiu Baerd, mais urgentemente.

O homem que Devin acabara de descobrir ser o Príncipe de Tigana encarou seu amigo e balançou a cabeça.

— Não este, Baerd — disse ele, enigmaticamente. — Não Sandre d’Astibar.

Ele se voltou para o Duque e hesitou, escolhendo suas palavras. Então, sem conseguir disfarçar o orgulho, falou:

— Você deve ter ouvido a lenda. Ela é verdadeira. A linhagem dos Príncipes de Tigana, e todos os seus descendentes diretos, podem prender um feiticeiro à sua vontade até a morte.

Pela primeira vez, um brilho verdadeiro de curiosidade e interesse apareceu nos olhos encobertos de Sandre.

— Eu conheço a história. O único mago que percebeu o que eu era avisou-me, uma vez, para tomar cuidado com os Príncipes de Tigana. Ele era um homem velho e já fora de si. Lembro que ri dele. Você está dizendo que ele disse a verdade?

— Sim. Estou certo de que ainda é. Mas nunca tive chance de testar. É nossa história mais importante: Tigana é a província escolhida por Adaon das Ondas. O primeiro de nossos príncipes, Rahal, nasceu do deus por meio de Micaela, que chamamos de nossa mãe mortal.

E a linhagem dos príncipes jamais foi quebrada.

Devin sentiu uma mistura complexa de emoções dentro de si. Ele sequer tentou enumerar quantas coisas sacudiram-se em seu coração. *Micaela*. Ele ouvia e observava, forçando-se a memorizar.

Ouviu a risada de Sandre d'Astibar.

— Eu conheço essa história também — disse o Duque. — Essa desculpa velha e fraca para a arrogância tiganesa. Príncipes de Tigana! Não duques, não! *Príncipes!* Descendentes do deus!

Ele apontou o atizador para Alessan e continuou:

— Você vai se colocar aqui, esta noite, em meio à realidade fedida da tirania em que vivemos e destes homens mortos, enquanto vomita essa antiga mentira em cima de mim? Você vai mesmo fazer isso?

— É a verdade — disse Alessan baixo, sem se mover. — É a razão de sermos o que somos. Seria uma ofensa ao deus se seus descendentes usassem um título menor. O presente de Adaon para seu filho mortal não poderia ser a imortalidade; isso, Eanna e Morian proibiram. Mas o deus garantiu a seu filho o poder de controlar a magia da Palma, e para os filhos e filhas de sua descendência, enquanto um príncipe ou uma princesa de Tigana dessa linhagem vivesse. Se você duvida e gostaria que eu testasse, eu farei como Baerd queria que eu fizesse, e colocarei minha mão sobre sua testa, meu senhor, para colocá-lo sob a minha vontade. A velha lenda não deve ser deixada de lado, Sandre d'Astibar. Se somos orgulhosos, é porque temos motivo para tal.

— Não mais — ironizou o Duque. — Não desde que Brandin chegou.

O rosto de Alessan se contorceu. Ele abriu a boca, e então voltou a fechá-la.

— Como ousa? — disparou Catriana. Corajosamente, Devin pensou.

O Príncipe e o Duque a ignoraram, encarando-se intensamente. O cinismo divertido de Sandre gradualmente se esvaiu nas marcas fundas que tinha cravadas no rosto. A amargura permaneceu nos olhos, na postura e nos lábios retorcidos. Alessan disse:

— Eu não esperava isso de você. Considerando todas as circunstâncias.

— Você não está em posição de saber o que esperar de mim — replicou o Duque, muito baixo. — Considerando todas as circunstâncias.

— Devemos nos separar agora, então?

Por um longo momento, algo se equilibrava no ar entre eles, um processo de ponderações e resoluções, imensuravelmente complicado pela morte, a raiva, o luto e o orgulho implacável dos dois homens. Devin, enervado por aquela tensão, percebeu que não respirava.

— Eu preferiria que não — disse, enfim, Sandre d'Astibar. — Não desta maneira.

Devin voltou a respirar. O Duque prosseguiu:

— Você aceita as desculpas de alguém que está mais abatido do que nunca?

— Eu aceito — disse Alessan, com simplicidade. — E buscarei seu aconselhamento, na verdade, antes de nos separarmos por um tempo. Seu filho do meio foi levado com vida. Ele

irá entregar o meu nome e o de Devin amanhã de manhã, se não esta noite.

— Não esta noite — disse o Duque, quase ausente. — Alberico não pressente nenhum perigo. E também estará seriamente debilitado pelo que aconteceu aqui. Ele deixará Tomasso em paz até que possa aproveitar o que irá acontecer. Até que esteja novamente com ânimo para... brincar.

— Esta noite ou amanhã, não faz diferença! — disse Baerd, sua voz grossa quebrando o clima. — Ele vai falar. E nós devemos estar longe antes que ele o faça.

— Talvez, ou talvez não — murmurou Sandre, com a mesma voz despreocupada. Ele olhou para os quatro homens mortos no chão. — Eu gostaria de saber exatamente o que aconteceu. De dentro do caixão, eu não podia ver nada, mas posso lhes dizer que Alberico usou uma magia tão forte esta noite que ainda pulsa pela sala. E ele a usou para salvar a própria vida. Scalvaia fez algo, não sei o quê, mas chegou bem perto. — Ele olhou para Alessan antes de continuar: — Perto de dar a Brandin de Ygrath domínio sobre toda a península.

— Você me ouviu, então? — perguntou Alessan. — Você concorda comigo?

— Acho que sempre soube disso, e sei que consegui negar isso pra mim mesmo. Estava centrado demais em meu próprio inimigo, aqui em Astibar. Eu precisava ouvir alguém dizê-lo, mas uma vez foi o suficiente. Sim, concordo com você. Eles devem ser derrotados ao mesmo tempo.

Alessan balançou a cabeça, concordando, e um pouco de sua própria tensão pareceu se esvair.

— Ainda há quem pense o contrário — ele disse. — Fico feliz que concorde comigo.

Olhou para Baerd, sorrindo de modo estranho, e então se voltou para o Duque.

— Você mencionou a magia que Alberico usou como se fosse importante para nós. Qual foi a importância disso? Somos ignorantes nesses assuntos.

— Não se envergonhe. Se você não é um mago, é normal ser ignorante. — Sandre sorriu levemente. — Mas o significado é bem simples: há tanta magia escorrendo por esta sala agora que um simples uso do meu poder seria completamente indetectável. Acho que posso garantir que seus nomes não sejam dados aos torturadores amanhã.

— Entendo — disse Alessan, balançando a cabeça lentamente. Devin não entendia nada; sentia como se estivesse sendo levado por uma onda de informações. Os olhos de Alessan brilhavam quando ele perguntou ao Duque: — Você pode viajar pelo espaço? Pode ir lá e trazê-lo?

Mas Sandre balançou a cabeça negativamente. Ele ergueu sua mão esquerda, intacta.

— Eu nunca cortei meus dois dedos, a união máxima de um mago com a Palma. Minha mágica é profundamente limitada. Não posso dizer que me arrependo: nunca teria sido Duque de Astibar se tivesse feito isso, dados os preconceitos e as leis que controlam os magos. Mas isso reduz drasticamente o que consigo fazer. Eu posso me mover para lá, sim, mas não tenho força suficiente para trazer alguém para fora. Mas posso levar algo até lá.

— Entendo — disse Alessan, novamente, embora com outro tom na voz.

Houve um silêncio. Ele passou a mão por seu cabelo desgrenhado. E murmurou um “Eu sinto muito” de forma lenta e suave.

O rosto do Duque estava inexpressivo. Acima da barba branca e da face magra, seus olhos não denunciavam suas emoções. Atrás dele, o fogo crepitava, lançando fagulhas pela sala.

— Eu tenho uma condição — disse Sandre.

— Qual?

— Quero que me deixe ir com vocês. Sou agora um homem morto. Entregue a Morian. Aqui em Astibar, não posso falar com ninguém, conseguir nada. Para manter algum propósito desse fiasco que foi a minha morte, devo ir com vocês. Príncipe de Tigana, você aceita um feiticeiro fraco em seu grupo? Um feiticeiro que vá em liberdade, e não escravizado por uma lenda?

Por um longo tempo, Alessan permaneceu em silêncio, olhando para o outro homem com as mãos quietas, ao lado do corpo. Então, inesperadamente, sorriu. Foi como um raio de luz ou uma onda de calor rompendo o gelo na sala.

— O quão apegado você é à sua barba e aos seus cabelos? — perguntou ele, num tom de voz inesperado.

Um segundo depois, Devin ouviu um som estranho. Demorou um pouco para perceber que o que ouvia, alta e ruidosa, era a gargalhada sincera do Duque de Astibar.

— Faça comigo o que quiser — disse Sandre, controlando o riso. — O que você fará comigo? Irá tingir meus cabelos de vermelho, como os da moça?

— Espero que não — respondeu Alessan. — Uma dessas cabeleiras é mais do que o suficiente para uma única companhia. Mas vou deixar esse assunto para Baerd. Deixo muitos assuntos para ele.

— Então devo me colocar em suas mãos — disse Sandre, curvando-se gravemente para o homem de cabelos loiros. Devin percebeu que Baerd não parecia completamente feliz. Sandre também notou isso.

— Eu não farei um juramento — disse o Duque a ele. — Eu fiz um juramento quando Alberico chegou, e esse foi o último que proferi. No entanto, direi que me esforçarei, pelo resto dos meus dias, em garantir que não se arrependerá disso. Isso será o suficiente para você?

Lentamente, Baerd assentiu:

— Será.

Ouvindo, Devin tinha a intuição de que aquelas palavras também possuíam alto grau de importância; que nenhum dos dois havia falado levianamente ou de maneira falsa. Ele se voltou para olhar Catriana e descobriu que ela o observava. Mas ela desviou o olhar rapidamente.

— Acho melhor fazer conforme falei — Sandre disse. — Graças à camuflagem dada pela magia de Alberico, devo ir e voltar desta sala, mas acho que vocês não precisam passar a noite aqui, em meio aos mortos, não importa o quão ilustres eles sejam. Vocês possuem um

acampamento na floresta? Devo encontrá-los lá?

A ideia de magia ainda não era completamente confortável a Devin, mas as palavras de Sandre lhe deram uma ideia: seu primeiro pensamento racional desde que entrara na cabana.

— O senhor tem certeza de que conseguirá impedir seu filho de falar? — perguntou ele, timidamente.

— Absoluta — respondeu Sandre.

As sobranceiras de Devin se uniram.

— Bem, nesse caso, parece-me que nenhum de nós está em perigo imediato. A não ser você, meu senhor. O senhor não deve ser visto.

— Até que Baerd termine de arrumá-lo — interveio Alessan. — Mas continue.

Devin se voltou para ele:

— Eu gostaria de me despedir de Menico e tentar pensar numa razão convincente para partir. Devo muito a ele. Não quero que ele me odeie.

Alessan pareceu pensativo.

— Ele vai odiar você um pouco, Devin, ainda que ele não seja esse tipo de sujeito. O que ocorreu esta manhã é o que um músico itinerante como Menico sonha. E nenhuma explicação que você invente mudará o fato de que ele precisa de você para transformar esse sonho em realidade.

Devin engoliu em seco. Odiou o que ouvia, mas não podia negar a verdade dos fatos. Uma temporada ou duas cobrando o que Menico disse que poderia cobrar a partir de então, e o dono da companhia poderia, enfim, comprar a estalagem em Ferraut com a qual sempre sonhara. O lugar onde dizia que gostaria de se estabelecer quando a estrada se tornasse muito árdua para seus ossos cansados. Onde poderia servir cerveja e vinho, e oferecer uma cama e uma refeição para os velhos e novos amigos, em meio às suas longas jornadas. Onde poderia ouvir e recontar as fofocas do dia, compartilhar as velhas histórias que tanto amava. E onde, nas noites frias de inverno, poderia se sentar junto ao fogo e conduzir quem estivesse por lá através de todas as canções que conhecia.

Devin enfiou as mãos até o fundo dos bolsos de suas calças. Sentia-se desajeitado e triste.

— Só não queria sumir do nada. E nós três, de uma vez. Também temos apresentações amanhã.

A boca de Alessan soltou:

— Pelo que me lembro, são duas apresentações.

— Três — disse Catriana, inesperadamente.

— Três — concordou Alessan, sorrindo. — E uma no dia seguinte, no Salão Woolguild. E acabei de lembrar que fiz uma grande aposta no Paelion que pretendo ganhar.

Isso arrancou um previsível rosnado de Baerd.

— Você acha mesmo que o Festival das Vinhas irá continuar depois do que houve aqui esta noite? Você quer ir tocar e cantar em Astibar como se nada tivesse acontecido? Música? Já

passei por isso com você, Alessan. Não gosto nada disso.

— Na verdade, estou bastante certo de que o Festival *irá* continuar — afirmou Sandre. — Alberico é, acima de tudo, cauteloso. E acho que isso irá dobrar depois desta noite. Ele permitirá que as pessoas celebrem, deixará aqueles da distrada se dispersarem e partirem, e atacará imediatamente depois disso. Mas apenas as três famílias que estavam aqui, eu imagino. Honestamente, é o que eu faria.

— Impostos? — indagou Alessan.

— Talvez. Ele os aumentou depois do envenenamento dos Canziano, mas aquilo foi diferente. Uma tentativa de assassinato, em local público... ele não teve muita escolha. Acho que ele agirá diferente desta vez. Essas três famílias já trarão corpos suficientes para suas rodas.

Devin ficou incomodado com a naturalidade do Duque ao falar sobre aquele assunto. Estavam falando de seus parentes. Seu filho mais velho, netos, sobrinhos, sobrinhas, primos — todos encontrariam seu fim nas rodas de tortura dos barbadianos. Devin imaginou se um dia se tornaria cínico a esse ponto. Se o que começara naquela noite o endureceria a esse ponto. Tentou imaginar seus irmãos em uma roda de tortura em Asoli e descobriu que sua mente fugia dessa imagem. Sem perceber, fez o sinal de proteção contra o mal.

A verdade é que ficava chateado só de pensar em Menico, e tratava-se apenas de dinheiro, nada mais. As pessoas mudavam de trupes o tempo todo. Saíam para montar suas próprias companhias ou se aposentavam das estradas, passando para um negócio que lhes desse mais segurança. Alguns artistas já até *esperavam* que ele partisse sozinho depois do sucesso daquela manhã. Isso deveria ser um pensamento reconfortante, mas não era. De algum modo, Devin odiava fazer parecer que eles estavam certos. Algo mais lhe ocorreu:

— Não vai parecer um pouco estranho se sumirmos logo após os ritos fúnebres? Logo depois de Alberico desmascarar um plano ligado a eles? De certo modo, estamos ligados aos Sandreni agora. Deveríamos chamar tanta atenção sobre nós mesmos? Não é como se nosso desaparecimento não fosse ser notado.

Por algum motivo, disse isso para Baerd. E foi recompensado, no momento seguinte, com um aceno de concordância.

— Eu concordo com isso — disse Baerd. — Faz sentido, embora eu não goste de admitir.

— Faz muito sentido — reforçou Sandre.

Devin se inquietou ao ser medido por aqueles olhos negros e fundos. Em seguida o Duque apontou para ele e Catriana e continuou:

— Vocês dois ainda podem redimir a sua geração para mim.

Dessa vez, Devin se recusou a olhar para a garota. Ao invés disso, lançou o olhar para o outro canto, onde o neto de Sandre repousava próximo à segunda lareira, já quase extinta, com a garganta cortada por uma lâmina da família.

Alessan quebrou o silêncio com uma tosse proposital.

— Há ainda outro ponto importante — disse, num tom curioso. — Apenas aqueles que já

passaram tantas noites na floresta quanto eu podem entender minha preferência por uma cama macia. Em suma — concluiu ele, sorrindo —, sua eloquência me convenceu, Devin. Leve-me de volta a Menico, na estalagem. Mesmo uma cama dividida com dois tocadores de syrenya roncando em harmonia seria melhor do que um chão frio ao lado de Baerd, que fica quieto a noite toda.

Baerd lhe respondeu com um olhar de aviso — um olhar que Alessan sabia ignorar com facilidade — e disse, sombriamente:

— Vou evitar enumerar os seus hábitos noturnos. Vou ficar aqui, sozinho, esperando a volta do Duque Sandre. Teremos que queimar essa cabana, por razões óbvias. Do contrário, haverá um corpo faltando quando os servos chegarem aqui pela manhã. Encontraremos vocês três no esconderijo, daqui a três manhãs, assim que deixarem seus travesseiros. Isto é — completou, com grande sarcasmo —, a não ser que a vida mole da cidade o faça esquecer onde é o esconderijo.

— Se ele esquecer, eu encontro — disse Catriana.

Alessan olhou para um e para outro, com expressão de ressentimento.

— Isso não é justo — protestou ele. — É apenas a música. Vocês dois sabem disso.

Devin não sabia. Alessan ainda olhava para Baerd.

— Vocês sabem que eu só estou voltando por causa da música!

— Claro que eu sei — disse Baerd, tranquilamente. Sua expressão mudara. — Apenas temo que a música nos mate um dia desses.

Então, interceptando o olhar trocado entre eles, Devin aprendeu algo novo e surpreendente — numa noite em que já havia aprendido mais do que conseguia aguentar — sobre a natureza dos relacionamentos e o amor.

— Vá! — disse Baerd, expulsando-o, pois Alessan ainda hesitava. Catriana já estava na porta. — Nós encontraremos vocês depois do Festival. No esconderijo. E não espere nos reconhecer.

Subitamente, Alessan sorriu; e, em seguida, Baerd também se permitiu um sorriso. Isso mudava bastante seu rosto. Devin percebeu que ele não tinha esse hábito. Ainda pensava nisso enquanto seguia Alessan e Catriana pela porta, adentrando novamente a escuridão da floresta.

CAPÍTULO VI

No fim, o longo caminho daquele dia e daquela noite não os conduziu de volta à estalagem.

Os três voltaram pela floresta até a estrada principal que ligava Astibar à cidade de Ardin. Caminharam em silêncio pela estrada sob o arco das estrelas de outono, as cigarras cantando alto na mata que os ladeava. Devin ficou feliz por ter levado seu colete de lã; estava frio agora e a noite poderia trazer uma geada.

Era estranho estar do lado de fora na escuridão, tão tarde. Quando viajavam, Menico sempre cuidava para que a companhia estivesse reunida e acomodada na hora do jantar. Mesmo com as rígidas medidas que os tiranos haviam tomado contra bandidos e salteadores, as estradas da Palma não eram frequentadas por pessoas bem intencionadas à noite.

Pessoas como Devin, naquela mesma manhã.

Ele havia se mantido seguro em seu lugar e na sua profissão, tinha até mesmo alcançado — por mais improvável que fosse — um triunfo. Estava à beira do sucesso verdadeiro. E agora andava por uma estrada à noite, tendo abandonado esperanças e seguranças, depois de ter feito um juramento que o marcaria como merecedor da roda de tortura, se não ali, em Chiara. Na verdade, nos dois lugares, caso Tomasso bar Sandre falasse.

Era um sentimento estranho e solitário. Confiava nos homens a quem se unira — e até confiaria na garota, se fosse preciso —, mas não os *conhecia* muito bem. Não como conhecia Menico ou Eghano, depois de tantos anos.

Ocorreu-lhe que o mesmo dilema poderia ser aplicado à causa que acabara de jurar defender: também não conhecia Tigana, o que era exatamente o objetivo do feitiço que Brandin de Ygrath havia feito. Devin estava a ponto de mudar toda a sua vida por uma história contada sob a lua, por uma canção infantil, uma evocação de sua mãe, algo que era quase pura abstração. Um nome.

Ele era honesto o suficiente para se perguntar se fazia isso pela aventura em si, pelo encanto que Alessan, Baerd e o velho Duque representavam, ou pelas profundezas de dor e angústia que conhecera na floresta, naquela noite. Não sabia responder. Não sabia o quanto Catriana entraria nessa balança, ou mesmo seu pai, seu orgulho ou o som da voz de Baerd no meio da noite, confessando suas perdas.

A verdade é que, se Sandre d'Astibar pudesse impedir seu filho de falar, conforme prometera, não havia nada que impedisse Devin de voltar à mesma vida que tivera pelos últimos seis anos. De ter a glória e as recompensas que pareciam estar à sua frente. Balançou a cabeça. Era surpreendente, de certa forma, o quanto aquele caminho, com Menico na estrada, apresentando-se por toda a Palma — a vida para a qual acordara naquela manhã — parecia quase inconcebível para ele agora, como se houvesse cruzado alguma fronteira gigantesca. Devin se perguntava com que frequência os homens faziam o que eles haviam

feito, a grande escolha de suas vidas, por razões simples e descomplicadas, facilmente compreensíveis à medida que aconteciam.

Foi arrancado de seus pensamentos quando Alessan levantou a mão de repente, em sinal de alerta. Sem falar, os três se esconderam entre as árvores que ladeavam a floresta. Após um momento, Devin viu um bruxuleio de luz de tochas a oeste e ouviu o som de uma carroça se aproximando. Havia vozes tanto masculinas quanto femininas. Foliões voltando para casa, ele pensou. Afinal, *havia* um Festival acontecendo. De algum modo, isso começara a ser outra coisa irrelevante. Esperaram até a carroça passar.

Ela não passou.

Os cavalos foram parados, com uma puxada leve nas rédeas, bem em frente ao local em que os três estavam. Alguém desceu, e eles ouviram o ruído de um portão sendo destrancado.

— Eu sou indulgente demais! — ouviram-no reclamar. — Cada vez que olho para essa porcaria de brasão, penso que deveria ter pedido para um artesão fazê-lo. Existem limites, ou pelo menos deveriam existir, para o que um pai permite!

Devin reconheceu a voz e o lugar no mesmo instante. Um impulso, uma vontade repentina de voltar à vida comum antes daquela noite, fez com que se levantasse.

— Confiem em mim — sussurrou ele, quando Alessan lançou-lhe um olhar. — Ele é um amigo.

Então saltou para a estrada.

— Eu achei bem desenhado — disse ele, claramente. — Melhor do que a maioria dos artistas que eu conheço. E, para dizer a verdade, Rovigo, lembro-me de ouvi-lo dizendo o mesmo ontem à noite, no Pássaro.

— Eu conheço essa voz — respondeu Rovigo imediatamente. — Conheço essa voz e estou imensamente feliz de ouvi-la; ainda que você tenha me flagrado diante de uma esposa megera e uma filha que tem sido a perdição da existência infeliz de seu próprio pai. Devin d'Asoli, se não estou enganado!

Ele saiu da frente do portão, levantando a lanterna da carroça. Devin ouviu as duas mulheres na carroça rirem, aliviadas. Atrás dele, Alessan e Catriana voltaram para a estrada.

— Você não está enganado — disse Devin. — Deixe-me apresentar dois membros de minha companhia: Catriana d'Astibar e Alessan di Tregea. Este é Rovigo, um mercador com quem eu dividia uma garrafa num ambiente bastante elegante ainda ontem, quando Catriana conseguiu que eu fosse atacado e lançado para fora.

— Ah! — exclamou Rovigo, erguendo mais a lanterna. — A irmã!

Catriana, revelada pela luz da lanterna, sorriu recatadamente.

— Eu precisava falar com ele — começou ela, tentando se explicar —, mas não queria entrar naquele lugar.

— Uma mulher sábia e prudente — aprovou Rovigo, sorrindo. — Queria que minhas filhas tivessem a metade dessa inteligência. Ninguém deveria querer entrar no Pássaro, a não ser

que estivesse tão resfriado que houvesse aniquilado seu olfato.

Alessan soltou uma risada.

— Você é alguém agradável de conhecer numa estrada escura, mestre Rovigo. Especialmente se você for o dono de um navio chamado *Dama do Mar*.

Devin piscou, surpreso.

— De fato, eu tenho o grande azar de possuir aquela porcaria de navio e navegar nele — admitiu Rovigo, animado. — Como você o conhece, amigo?

Alessan pareceu divertir-se muito.

— Porque me disseram para procurá-lo se tivesse a oportunidade. Tenho notícias para você da cidade de Ferraut. Notícias de um sujeito corpulento e de rosto muito avermelhado chamado Taccio.

— Meu caro amigo em Ferraut! — exclamou Rovigo. — Que bom que nos encontramos! Pelo deus, onde você o conheceu?

— Em outra taverna, sinto dizer. Uma taverna na qual eu tocava algumas músicas e ele... bem, disse que estava fugindo de uma vingança. Na verdade, nós dois éramos os últimos clientes da noite. Ele não parecia ter pressa em voltar para casa, pelo que me pareceu uma razão bastante prudente, e começamos a conversar.

— Nunca é difícil começar a conversar com Taccio — comentou Rovigo.

Devin ouviu uma risadinha vinda de dentro da carroça. Não parecia a voz de uma filha enfadonha e inadequada ao casamento. Ele começava a entender o modo como Rovigo tratava as mulheres. Naquela escuridão, ele percebeu que sorria.

Alessan disse:

— O nobre Taccio me explicou seu dilema, e quando eu disse que tinha acabado de me juntar à companhia de Menico di Ferraut e que vínhamos para o Festival, ele me encarregou de procurá-lo e buscar a confirmação verbal de uma carta que ele diz ter enviado a você.

— Meia dúzia de cartas — resmungou Rovigo. — Vamos a ela, então: eis sua confirmação verbal, amigo Alessan.

— O bom Taccio mandou-me dizer, e jurar-lhe pela graça da Tríade e pelos três dedos da Palma que é verdade — e aqui a voz de Alessan se tornou uma paródia perfeita da voz de um mensageiro —, que se a cama nova não chegar a Astibar antes do gelo do inverno, o Dragão que hiberna ao seu lado irá acordar numa fúria inimaginável, colocando um fim violento à sua vida de serviços.

Houve risos e aplausos das sombras na carroça. Devin percebeu, recuperando aquele pensamento anterior, que a mãe não parecia nem um pouco ranzinza.

— Que Eanna e Adaon, que abençoam juntos os casamentos, impeçam uma coisa tão terrível de acontecer — disse Rovigo, piedosamente. — A cama já foi encomendada e está construída, e será enviada assim que o Festival terminar.

— Então o Dragão poderá descansar em paz e Taccio será salvo! — declamou Alessan, com o tom elevado usado para dar a “moral” das peças infantis de marionetes.

— Embora eu não consiga entender — disse uma voz feminina, ainda risonha, da carroça — por que vocês se intimidam tanto diante da pobre Ingonida. Rovigo, será que nos esquecemos completamente de nossos modos? Iremos segurar essas pessoas aqui em pé, no frio e na escuridão?

— Claro que não, minha amada! — exclamou o marido, apressadamente. — Alix, foi apenas a visão de Ingonida em fúria que atrasou meu cérebro.

Devin percebeu que não conseguia parar de sorrir. Até Catriana, notou, relaxou sua habitual expressão de indiferença e superioridade.

— Vocês estavam voltando para a cidade? — perguntou Rovigo.

Foi o primeiro momento arriscado — e Alessan deixou que ele resolvesse.

— Estávamos — disse Devin. — Andamos bastante para esvaziar a cabeça e fugir do barulho, mas estávamos prestes a enfrentar a cidade de novo.

— Imagino que vocês três tenham sido parados por admiradores a noite toda — disse Rovigo.

— De fato, parece que alcançamos certa notoriedade — admitiu Alessan.

— Bem — falou Rovigo, sério —, brincadeiras à parte, eu entenderia se vocês quisessem voltar às celebrações, que não estavam perto de terminar quando saímos de lá. Elas devem continuar a noite toda, é claro, mas confesso que não gosto de deixar as mais novas sozinhas até tão tarde. E infelizmente a minha mais velha, Alais, sofre de tremedeiras e desmaios quando se empolga demais.

— Que pena — disse Alessan, o rosto sério.

— Pai! — ouviu-se o protesto de dentro da carroça.

— Rovigo, pare com isso imediatamente ou eu irei jogar uma bacia de água em você enquanto dorme! — declarou a mãe, embora, conforme Devin avaliou, sem raiva de verdade.

— Vocês veem como são as coisas? — disse o mercador, gesticulando abertamente com a mão livre. — Sou atormentado sem folga até mesmo enquanto durmo. Mas se os gritos estridentes de minhas mulheres e a possibilidade de encontrar mais três igualmente desagradáveis não os expulsar, eu humildemente os convido a dividir uma ceia tardia e uma bebida conosco, num ambiente mais calmo do que vocês poderão encontrar em Astibar.

— E três camas, se nos derem a honra — acrescentou Alix. — Ouvimos vocês tocarem e cantarem hoje pela manhã, nos ritos do Duque. Seria realmente uma honra se ficassem conosco.

— Você estava no palácio? — perguntou Devin, surpreso.

— Infelizmente, não — murmurou Rovigo, num tom autodepreciativo. — Estávamos na rua, no meio da multidão. — Ele hesitou. — Sandre d'Astibar era um homem a quem eu admirava e honrava muito. As terras dos Sandreni são próximas às minhas, a leste. Vocês estavam andando por suas florestas agora mesmo. Era um ótimo vizinho, até o fim de seus dias. Eu queria ouvir seus ritos fúnebres... e quando descobri que a companhia de meu mais

novo amigo foi a responsável por realizar os ritos... bem... vocês *poderiam* unir-se a nós?

Daquela vez, Devin deixou a decisão para Alessan.

E Alessan respondeu, ainda com ar divertido, seus dentes brancos reluzindo na escuridão:

— Não poderíamos sequer sonhar em recusar uma oferta tão generosa. E poderemos brindar à jornada segura da nova cama de Taccio e ao descanso de seu Dragão!

— Pobre Ingonida... — disse Alix, da carroça, tentando sem sucesso não rir. — Vocês são tão injustos com ela!

Dentro da casa havia luz, calor e riso ininterrupto. Havia também três jovens inegavelmente atraentes, além da jovem que os acompanhava, cujos nomes passaram muito rápido por Devin, em meio a gritos e rubores. A mais velha dessas três — que o rapaz imaginou ter por volta de 17 anos — possuía um tom naturalmente musical na voz e um olhar sedutor demais.

Alais era diferente.

Sob a luz da sala, a filha mais velha do mercador revelava-se pequena, séria e esbelta. Seu cabelo negro era muito longo e muito liso, e seus olhos carregavam o tom mais suave de azul que Devin já vira. Ao lado dela, os olhos azuis de Catriana pareciam mais desafiadores do que nunca, e seus cabelos vermelhos lembravam, mais do que tudo, a juba de uma leoa.

Eles foram levados por mãos e vozes femininas insistentes a cadeiras imensamente confortáveis em uma sala de estar decorada em tons de verde e dourado. O fogo crepitava na lareira, afastando o frio do outono. O chão era coberto por uma tapeçaria de estilo claramente quileiano, até mesmo para o olho destreinado de Devin. A filha de 17 anos — Selvena, lembrou-se com um estalo — sentou-se graciosamente no tapete, aos pés de Devin. A jovem olhou-o e sorriu. Ele recebeu — e decidiu ignorar — um olhar desdenhoso e sarcástico de Catriana, que se sentou junto à lareira. Alais estava em outra sala, ajudando a mãe.

Foi quando Rovigo reapareceu de alguma sala nos fundos, animado e triunfante, carregando três garrafas.

— Eu espero que vocês três gostem do vinho azul de Astibar — disse, sorrindo para eles.

Para Devin, aquela simples frase gerou uma aura de esperança sobre suas ações impulsivas naquela noite escura. Ele olhou para Alessan, e recebeu de volta um sorriso estranho que parecia apreciar muitas coisas.

Rovigo começou logo a abrir e servir o vinho.

— Se alguma de minhas deploráveis garotas estiver incomodando vocês — disse o anfitrião —, sintam-se livres para enxotá-las como gatos.

Uma leve fumaça azul podia ser vista saindo de cada taça. Selvena ajustou seu vestido olhando de modo mais atraente ao seu redor, ignorando seu pai com uma facilidade que revelava o quanto estava acostumada àquele tipo de comentário. Sua mãe — asseada, magra, eficiente, uma versão tão distante da descrição que Rovigo tecera no Pássaro que chegava a ser risível — juntou-se a eles, trazendo Alais e uma empregada já idosa. Em pouco tempo,

uma das mesas estava coberta com uma grande variedade de comida.

Devin aceitou uma taça de Rovigo, saboreando o aroma gélido. Ele se recostou na cadeira e se preparou para o próximo momento, que prometia ser bastante agradável. Selvena se levantou ao receber um olhar de sua mãe, mas apenas para encher um prato para Devin. A jovem o serviu, sorrindo, e voltou a se sentar no carpete, um pouco mais perto do que antes. Alais serviu Alessan e Catriana enquanto as duas filhas mais novas sentaram-se no chão, próximas ao pai, que ergueu um punho para elas, fingindo ferocidade.

Devin duvidou que já tivesse visto um homem tão feliz por estar onde estava. E isso devia ter transparecido na ironia divertida de seu olhar, pois Rovigo, vendo sua expressão, deu de ombros:

— Filhas — lamentou, balançando a cabeça com pesar.

— “Cambalhotas de alegria” — lembrou-o Devin, olhando para a esposa do mercador. Rovigo estremeceu. Um riso começava a se formar no rosto de Alix, que entreouvira a conversa.

— Ele fez de novo, não é? — disse ela, recurvando a cabeça para um lado. — Deixe-me adivinhar: eu tinha as proporções de um elefante e um humor insuportável, e as quatro garotas juntas não possuíam características boas para fazer uma mulher aceitável. Acertei?

Rindo alto, Devin se virou para Rovigo — nada desconcertado —, sorrindo orgulhoso para a esposa.

— Exatamente — disse Devin a Alix. — Mas eu devo dizer, em defesa dele, que nunca vi alguém dar uma descrição dessas com tanta alegria.

Foi presenteado com a risada de Alix e um sorriso maravilhosamente gracioso de Alais, sobre seu ombro, enquanto guardava a louça.

Rovigo ergueu sua taça, movendo-a em pequenos círculos para formar um padrão com a fumaça azul.

— Você me acompanha em um brinde à memória de nosso Duque e pela glória da música? Eu não quero desperdiçar vinho azul com brindes supérfluos.

— Nem eu — disse Alessan, baixo. E erguendo sua própria taça: — À memória. A Sandre d’Astibar. À música.

Alessan ainda disse algo mais, muito baixo, antes de tomar o vinho.

Devin bebeu, experimentando pela terceira ou quarta vez na vida a complexidade tão rica e surpreendente do vinho azul de Astibar. Não havia nada igual em qualquer outro lugar da Palma. E seu preço mostrava isso. Ergueu os olhos e saudou Rovigo com sua taça.

— A todos vocês — disse Catriana, de repente. — À gentileza em meio a um caminho escuro.

Ela sorria, um sorriso sem qualquer vestígio de falsidade ou zombaria. Devin estava surpreso, e pensou que era injusto de sua parte surpreender-se.

Não no caminho que eu estou trilhando, dissera a moça no Palácio Sandreni. E agora conseguia entender, pois ele também estava naquele caminho, apesar do que Catriana fizera

para mantê-lo longe. Tentou ver seus olhos, mas não conseguiu. Ela falava com Alix, sentada agora ao seu lado. Pensativo por um momento, Devin voltou sua atenção para a comida.

Um momento depois, Selvena tocou seu pé, levemente.

— Você irá cantar para nós? — perguntou ela, com um sorriso delicioso, e não retirou sua mão. — Alais e meus pais ouviram, mas o resto de nós esteve aqui o dia todo.

— Selvena! — clamaram a mãe e a irmã mais velha ao mesmo tempo. A garota se encolheu como se tivesse levado um golpe, mas Devin percebeu que fora para o pai que ela se virara, mordendo os lábios. Ele a encarava, com a feição séria.

— Minha querida — disse ele, num tom muito distante da zombaria de antes —, você tem uma lição a aprender. Nossos amigos fazem música como ganha-pão. Eles são nossos convidados esta noite. E, luz da minha vida, não devemos pedir a um convidado que trabalhe enquanto está aqui.

Os olhos de Selvena brilharam com lágrimas. Ela abaixou a cabeça. No mesmo tom de antes, Rovigo disse a Devin:

— Você aceita minhas desculpas? Ela não fez por mal, isso eu posso garantir.

— Eu sei que não — protestou Devin, enquanto Selvena limpava suas lágrimas. — Não há necessidade de se desculpar.

— Realmente — concordou Alessan, deixando seu prato de comida de lado. — É verdade que fazemos música para sobreviver, mas também fazemos música porque ela nos faz viver. Não seria trabalho tocar entre amigos, Rovigo.

Selvena terminou de enxugar os olhos e olhou-o, agradecida.

— Eu ficaria feliz em cantar — disse Catriana. — A não ser, é claro, que você tivesse apenas Devin em mente.

Devin se surpreendeu, mesmo que aquelas palavras não fossem voltadas para ele. Selvena se encolheu, corando pela segunda vez em poucos minutos. Pelo canto do olho, Devin viu uma expressão intrigante no rosto de Alais.

Selvena começou a se defender, séria, explicando que obviamente estendia o pedido aos três. Alessan estava entretido pela completa reviravolta na situação. Devin teve uma intuição súbita de que aquele homem, relaxado e sociável, estava tão próximo de ser do Príncipe de Tigana quanto a figura arrogante e precisa que vira na cabana.

É assim que ele disfarça, pensou de repente. Assim que a ideia lhe tocou a mente, soube ser verdade. Ele havia ouvido o homem tocar o “Lamento de Adaon”.

— Bem — disse Rovigo, sorrindo para Catriana —, se você é gentil o suficiente para atender uma criança desbocada que envergonha seu pai. Eu por acaso tenho um conjunto de flautas de Tregia, sabe lá a Tríade por quê. Acho que em algum momento tive a ilusão de pai, em pensar que alguma dessas criaturas pudesse ter *algum* tipo de talento.

Alix, que estava a vários metros de distância, fingiu que batia com uma colher na cabeça do marido. Impassível e com seu bom humor restaurado, Rovigo enviou a filha mais nova para buscar a flauta, enquanto ele mesmo se ocupava em encher mais uma rodada de taças para

todos.

Devin flagrou Alais olhando para ele, do local em que ela se encontrava, próximo ao fogo. Sem pensar, sorriu para ela. A moça não devolveu o sorriso, mas manteve o olhar, suave e terno. Ele sentiu que seu coração mudava, por um instante, o ritmo dos batimentos.

Depois que a refeição acabou, ele e Catriana cantaram por mais de uma hora, ao som das flautas de Alessan. Na metade da apresentação, enquanto entoavam uma das velhas baladas das terras altas da velha Certando, Rovigo saiu por um instante, voltando com um par de tambores senzianos. De modo inicialmente tímido e muito suave, ele os acompanhou no refrão, provando-se tão competente naquilo quanto em tudo o mais que Devin o vira fazer. Catriana lhe lançou um sorriso particularmente deslumbrante. Rovigo não precisou de mais nenhum estímulo para terminar com eles aquela canção, e então a próxima e a outra ainda.

Nenhum homem, Devin pegou-se pensando, precisaria de mais encorajamento do que um olhar daqueles olhos azuis. Não que Catriana tivesse alguma vez *lhe* lançado um olhar remotamente parecido. De repente, sentia-se muito confuso.

Alguém — obviamente, Alais — encheu sua taça uma terceira vez. Ele bebeu um pouco mais rápido do que era recomendável, dada a lendária potência do vinho azul, e então conduziu os outros três pela próxima canção. Alix anunciou, sob protestos, que seria a última para as duas filhas mais novas.

Ele não poderia cantar sobre Tigana, e certamente não cantaria sobre paixão ou amor. Então começou uma canção muito antiga sobre Eanna criando as estrelas e ligando cada uma delas à sua própria memória, para que nada jamais pudesse se perder ou se esquecer, no espaço ou no tempo.

Era o mais perto que poderia chegar do que aquela noite representava para ele; do motivo que, no fim, fez com que tomasse as decisões que tomara.

Conforme começou a cantar, recebeu um olhar pensativo de Alessan e outro, enigmático, de Catriana, quando os dois se juntaram a ele. Os tambores de Rovigo permaneceram em silêncio, enquanto o mercador ouvia. Devin viu que Alais, com seus cabelos negros reluzindo à luz das chamas, assistia-o com grande concentração. Cantou um verso inteiro olhando diretamente para ela; então, sendo fiel à canção, olhou para dentro de si, para onde a música mais pura poderia sempre ser encontrada. E não olhou para mais ninguém, enquanto cantava para a própria Eanna, um hino aos nomes e à nomeação das coisas.

Em algum lugar, viu uma imagem em sua mente, uma estrela azul muito brilhante chamada Micaela, solitária numa noite escura, e deixou a sensação vívida levá-lo, cada vez mais alto, subindo conforme a voz de Catriana subia, e então descendo, suavemente, ao final.

Com a atmosfera calma que fora criada, Selvena e as duas irmãs mais novas foram para cama com incrível tranquilidade. Alguns momentos depois, Alix subiu, assim como, para a decepção de Devin, Alais.

À porta, ela se voltou para Catriana:

— Você deve estar muito cansada. Se quiser, posso mostrar o seu quarto. Espero que não se importe em dividi-lo comigo. Geralmente, durmo com Selvena, mas ela ficará com as garotas essa noite.

Devin esperava que Catriana reclamasse, ou pior, diante dessa separação bastante explícita entre homens e mulheres. Mas ela o surpreendeu mais uma vez, hesitando apenas um segundo antes de se levantar:

— *Estou* cansada e não me importo nem um pouco em dividir o quarto. Irá me lembrar da minha casa.

Devin, que sorria diante da ironia da situação, de repente achou seu sorriso inadequado. Mas Catriana o vira sorrindo; e ele preferia, honestamente, que não tivesse visto. Com certeza, ela entenderia mal. E ocorreu a ele, em um senso de irrealidade genuíno, que eles haviam feito amor naquela manhã.

Depois que as mulheres foram embora, os três homens se sentaram em silêncio, cada um perdido nos próprios pensamentos. Rovigo se levantou devagar e encheu os copos com o que sobrara do vinho. Colocou mais um pedaço de madeira na lareira e observou-o até pegar fogo. Com um suspiro, se afundou de volta na cadeira. Olhou para os dois convidados, enquanto brincava com sua taça.

Foi Alessan quem quebrou o silêncio:

— Devin é um amigo. Nós podemos conversar, Rovigo. Embora tema que ele esteja prestes a ficar muito bravo conosco.

Devin se sentou abruptamente e colocou sua taça de lado. Rovigo, com uma expressão irônica brincando nos lábios, mirou-o e então voltou o olhar, calmamente, para Alessan.

— Eu imaginei — disse Rovigo. — Embora eu suspeitasse que ele já se encontrasse conosco agora, dadas as circunstâncias.

Alessan também sorria. Ambos se viraram para Devin.

Ele, por sua vez, sentiu-se corar. Seu cérebro percorria, freneticamente, os eventos do dia anterior. Encarou Rovigo:

— Você não me encontrou no Pássaro por acidente. Alessan o enviou. Você mandou que ele me seguisse, não foi? — acusou, voltando-se para o Príncipe.

Os dois homens trocaram olhares, até que Alessan respondeu.

— Mandeí — admitiu. — Eu tinha uma suspeita de que haveria ritos fúnebres para Sandre d'Astibar e que poderiam pedir para realizarmos um teste. Eu precisava saber onde você estaria.

— Sinto dizer que estive atrás de você o tempo todo na Rua dos Templos ontem — disse Rovigo.

Devin percebeu que ele teve a gentileza de parecer envergonhado. Mas sentia-se mais furioso ainda, e muito confuso.

— Então você mentiu sobre o Pássaro, toda aquela história sobre ir lá toda vez que voltava de viagem.

— Não, essa parte era verdade — disse Rovigo. — Tudo o que eu disse era verdade, Devin. Assim que você foi forçado a ir para a zona do porto, acabou em um lugar que eu conheço muito bem.

— E Catriana? — perguntou Devin, furioso. — E quanto a ela? Como ela...

— Eu paguei a um garoto para levar uma mensagem à estalagem, quando vi que o velho Goro havia deixado você ficar no Pássaro. Devin, não fique bravo. Havia um propósito nisso tudo.

— Havia — repetiu Alessan. — Você já deveria entender agora. A razão pela qual Catriana e eu viemos até Astibar com a trupe de Menico era me certificar do que eu esperava acontecer com a morte do Duque.

— Espere um minuto! — exclamou Devin. — Esperava? Como vocês sabiam que ele iria morrer?

— Rovigo me contou — respondeu Alessan, com simplicidade. Esperou um instante de silêncio, para que a informação fosse registrada. — Ele foi meu contato em Astibar pelos últimos nove anos. Quando o conheci, tive a mesma impressão dele que você teve ontem, e tão rápido quanto.

Devin, com a mente girando, olhou para o mercador que conhecera por acaso no dia anterior. Não tão por acaso, agora. Rovigo abaixou sua taça.

— Eu me sinto do mesmo modo que vocês com relação aos tiranos — disse ele, baixo. — O governo de Alberico aqui, ou o de Brandin de Ygrath, em Chiara, em Corte, em Asoli e na terra da qual vem Alessan, cujo nome não posso ouvir nem lembrar, não importa o quanto eu tente.

Devin engoliu em seco.

— E o Duque Sandre? Como você...?

— Eu os espionei — disse Rovigo, calmamente. — Não era difícil. Eu costumava monitorar as idas e vindas de Tomasso. Eles estavam completamente concentrados em Alberico; eu era um vizinho aqui na distrada, foi fácil entrar escondido em suas terras. Descobri sobre o fingimento de Tomasso anos atrás. E, embora não me orgulhe de dizer isso, eu estava do lado de fora de sua janela, na casa e na cabana, nas muitas noites do ano passado em que eles planejaram os detalhes da morte de Sandre.

Devin lançou um olhar rápido para Alessan, abrindo a boca para dizer algo, mas fechando-a em seguida, sem falar nada.

Alessan aquiesceu.

— Obrigado — disse ele, e voltou-se para Rovigo. — Há algumas coisas aqui, como já houve outras vezes, que você desconhece. E é melhor que seja dessa forma, para sua segurança e para a de sua família. Imagino que, a essa altura, você entenda que não se trata de confiar ou não.

— Depois de nove anos, acho que já entendi isso — murmurou Rovigo. — O que *devo* saber sobre os acontecimentos desta noite?

— Alberico chegou logo após eu me juntar a Tomasso e aos outros, na cabana. Baerd e Catriana nos avisaram e tive tempo de me esconder. Com Devin, que chegara sozinho até a cabana.

— *Sozinho?* Como? — perguntou Rovigo, surpreso.

Devin ergueu a cabeça, com dignidade.

— Eu tenho meus próprios meios.

Pelo canto do olho, viu Alessan conter um riso e se sentiu ridículo. Consternado, explicou:

— Entreouvi uma conversa dos Sandreni, antes de começar a segunda sessão dos ritos fúnebres.

Rovigo parecia ter mais uma ou duas perguntas, mas, com um olhar de Alessan, guardou-as. Devin ficou grato por isso. Alessan disse:

— Quando voltamos à cabana, encontramos os lordes mortos. Tomasso foi levado. Baerd ficou para trás, para cuidar de uma série de coisas na cabana. Mais tarde, ele a queimará.

— Passamos pelos barbadianos quando saíamos da cidade — observou Rovigo, pensativo.
— Eu vi Tomasso bar Sandre com eles. Temi por você, Alessan.

— Com razão — disse Alessan, secamente. — Havia um informante ali. O garoto, Herado, filho de Gianno, trabalhava para Alberico.

O rosto de Rovigo demonstrava sua surpresa.

— Família? Que Morian o condene à escuridão por isso! — soltou, duramente. — Como ele pôde fazer tal coisa?

Alessan deu sua encolhida de ombros característica.

— Muito do que tínhamos desmoronou desde a chegada dos tiranos, não é mesmo?

Houve um silêncio, no qual Rovigo lutou para controlar seu abalo e sua raiva. Devin tossiu, nervoso, e rompeu o silêncio:

— Sua família, Rovigo. Eles...

— Eles não sabem nada sobre isso — disse o mercador, recuperando a calma. — Nem Alix nem as meninas haviam visto Alessan ou Catriana antes desta noite. Eu conheci Alessan e Baerd na cidade de Tregea, nove anos atrás, e descobrimos ao longo daquela noite que possuíamos alguns sonhos e alguns inimigos em comum. Eles me contaram alguns de seus propósitos e eu disse que estava disposto a ajudá-los da melhor maneira possível, desde que não colocassem minha esposa e minhas filhas em risco. É o que tenho tentado fazer. E continuarei tentando. Minha maior esperança é a de viver o bastante para ouvir o juramento que Alessan profere quando bebe vinho azul.

Ele disse aquelas últimas palavras em um tom de voz baixo, mas com óbvia comoção. Devin olhou para o Príncipe, lembrando-se das palavras inaudíveis que ele murmurara antes de beber.

Alessan fixou seu olhar em Rovigo.

— Existe mais uma coisa que você deve saber: Devin é um de nós, além da forma óbvia. Descobri isso por acidente, ontem à tarde. Ele nasceu na mesma província que eu, antes da

queda. E é por isso que ele está aqui.

Rovigo não disse nada.

— Qual é seu juramento? — perguntou Devin. E então, mais timidamente. — É algo que eu deva saber?

— Não é nada que mude o curso das coisas. Apenas faço uma oração minha. — A voz de Alessan fez-se muito cuidadosa e muito clara. — Sempre faço. *Tigana, deixe que sua memória seja como uma lâmina em minha alma.*

Devin fechou os olhos. As palavras e a voz. Ninguém disse nada. Devin abriu os olhos e encarou Rovigo, cuja fronte torcia-se numa consternação furiosa.

— Meu amigo, Devin precisa entender isso — disse-lhe Alessan, gentilmente. — É parte do legado que lhe foi tirado. O que você me ouviu dizer?

Rovigo gesticulou, visivelmente frustrado.

— A mesma coisa que ouvi na primeira vez em que isso aconteceu. Naquela noite, nove anos atrás, quando começamos a beber vinho azul. Ouvi você pedindo para que a memória de algo fosse uma lâmina em você. Na sua alma. Mas não ouvi... perdi o começo de novo. Tem mais alguma coisa...

— *Tigana* — disse Alessan novamente. Ternamente, tão claro quanto um cristal.

Mas Devin viu a expressão de Rovigo ficar ainda mais perplexa e abatida. O mercador buscou sua taça, e virou-a.

— Você poderia... mais uma vez?

— *Tigana* — disse Devin, antes que Alessan falasse. Para que aquele legado, aquela mágoa no cerne das coisas, fosse mais verdadeiramente sua, como de fato era. Pois essa terra era *dele*, ou ao menos havia sido um dia, e seu nome era parte de si próprio, ambos perdidos. Levados embora.

— Deixe que sua memória seja como uma lâmina em minha alma — completou ele, voz trêmula no final, embora tivesse feito um enorme esforço para que soasse firme como a de Alessan.

Espantado, desorientado e visivelmente desgastado, Rovigo balançou a cabeça.

— E a magia de Brandin está por trás disso?

— Sim — respondeu Alessan friamente.

Após um instante, Rovigo suspirou e se recostou em sua cadeira.

— Sinto muito — disse ele, com calma. — Perdoem-me, vocês dois. Eu não deveria ter perguntado. Abri uma ferida.

— Fui eu quem perguntou — disse Devin, rapidamente.

— A ferida está sempre aberta — disse Alessan, em seguida.

Havia muita compaixão no rosto de Rovigo. Era difícil perceber que se tratava do mesmo homem que estava brincando sobre arrumar camponeses senzianos como maridos para as filhas. O mercador se ergueu de repente e se ocupou com o fogo, embora as chamas estivessem ardendo perfeitamente. Enquanto isso, Devin olhou para Alessan, que retribuiu o

olhar. Não disseram nada. As sobrancelhas de Alessan se ergueram um pouco e ele deu de ombros da maneira que Devin já o vira fazer.

— O que faremos agora? — perguntou Rovigo d'Astibar, voltando à sua cadeira, mas permanecendo em pé ao lado dela. Seu rosto corava, talvez por causa do fogo. — Estou tão incomodado com isso como da primeira vez em que nos encontramos. Não gosto de magia. Especialmente desse tipo. Continua sendo um assunto de... grande importância para mim, um dia conseguir ouvir o que não posso agora.

Devin sentiu uma onda de ânimo dentro dele, mais uma vez: a outra parte de seus sentimentos naquela noite. Sua raiva por ter sido enganado no Pássaro já se dissipara. Aqueles dois, assim como Baerd e o Duque, eram homens em quem se podia confiar de todos os modos possíveis, e estavam traçando planos que poderiam mudar o mapa da Palma, ou do mundo todo. E encontrava-se ali com eles, era um deles, perseguindo um sonho de liberdade. Devin tomou um longo gole de vinho azul.

Entretanto, a expressão de Alessan era de preocupação. Ele pareceu, de repente, como se tivesse recebido um novo peso sobre os ombros. Recostou-se devagar na cadeira, passando a mão pelo cabelo desgrenhado enquanto olhava para Rovigo em silêncio por um longo tempo.

Olhando de um homem para o outro, Devin abruptamente voltou a se sentir perdido, sua empolgação esvaindo-se quase tão rápido quanto havia surgido.

— Rovigo, nós já não o envolvemos o suficiente? — perguntou Alessan, depois de um tempo. — Devo admitir que isso se tornou mais difícil para mim, agora que conheci sua esposa e suas filhas. O próximo ano poderá trazer mudanças em muitas coisas, e não posso nem começar a enumerar os perigos que virão. Quatro homens morreram naquela cabana esta noite, e acho que você sabe tão bem quanto eu que vários outros irão morrer nas rodas de tortura em Astibar nas próximas semanas. Uma coisa foi você manter o ouvido atento por aqui e durante as suas viagens, monitorando discretamente as ações de Alberico e de Sandre, com você, eu e Baerd nos encontrando e tocando palmas e conversando como amigos. Mas essa história irá tomar outra forma e temo acabar por colocá-lo em perigo.

Rovigo concordou.

— Imaginei que você fosse dizer algo desse tipo. Agradeço sua preocupação. Mas, Alessan, já tomei minha decisão há muito tempo. Eu... não esperava conquistar a liberdade sem pagar um preço por ela. Você disse, três dias atrás, que a vinda da primavera marcaria uma virada na vida de todos nós. Se houver algum modo de poder ajudar nos dias que virão, você deve me dizer. — Ele hesitou, então concluiu: — Uma das razões pelas quais eu amo Alix é que ela repetiria tudo o que eu disse caso estivesse aqui e soubesse de tudo.

A expressão de Alessan ainda mostrava preocupação.

— Mas ela não está conosco e não sabe — disse ele. — Há razões para ter sido assim até agora e haverá muitas mais depois desta noite. E as suas garotas? Como posso pedir que as coloque em perigo?

— Como você pode tomar essa decisão por mim ou por elas? — respondeu Rovigo sem

hesitar, embora de modo suave. — Onde estaria a *nossa* escolha, a nossa liberdade, se você fizesse isso? É claro que eu preferiria não fazer nada que as colocasse em perigo, e não posso parar completamente com meus negócios. Mas dentro dessas restrições, não há nenhuma ajuda que eu possa oferecer que fará alguma diferença?

Entendendo, por fim, a fonte das preocupações de Alessan, Devin se manteve quieto. Isso era algo que não havia sequer lhe ocorrido, mas contra o que Alessan parecia estar lutando a noite inteira. Sentiu-se humilhado, sóbrio e com medo, embora não por si mesmo.

Pessoas serão colocadas em perigo por causa de tudo o que fizermos, disse o Príncipe na floresta, falando de Menico. E agora Devin começava a entender, dolorosamente, a verdade daquelas palavras.

Não queria que aquelas pessoas se machucassem. De maneira alguma. Sua empolgação havia sumido e Devin sentia, pela primeira vez, uma dentre as várias dores secundárias que jaziam no caminho que parecia ter encontrado. Encarava a distância que aquele caminho impunha entre ele e, pelo que notava, quase todos que viria a conhecer. Até mesmo os amigos. Até mesmo pessoas que compartilhavam uma parte ou todo o seu sonho. Pensou de novo em Catriana no palácio e entendeu-a ainda melhor agora do que uma hora antes.

Observando, enquanto deixava a sabedoria crescer dentro de si e guiá-lo pelo silêncio, Devin focou-se no rosto de Alessan, temporariamente desprotegido, e viu que ele chegava a um momento de difícil escolha. Observou o Príncipe respirar fundo e, lentamente, receber mais um peso sobre os ombros, o preço de ter seu sangue. Alessan deu um sorriso estranho e pesaroso.

— Na verdade, há sim, Rovigo — disse ele. — *Existe* algo que você pode fazer para nos ajudar agora. — Ele hesitou e, inesperadamente, o sorriso aumentou e alcançou seus olhos. — Você alguma vez considerou a hipótese — continuou, numa voz cuidadosamente casual — de ter alguns sócios?

Por apenas um instante, Rovigo pareceu perplexo; então, um sorriso rápido de compreensão se abriu em seu rosto.

— Entendo — ele disse. — Vocês precisam de acesso a alguns lugares.

Alessan concordou.

— Além disso, há mais de nós agora. Devin está conosco, e podem ter outros antes da primavera. As coisas serão diferentes de quando éramos apenas Baerd e eu. Tenho pensado nisso desde que Catriana se uniu a nós.

Sua voz se acelerou, tornando-se mais nítida. Devin lembrou-se de ter ouvido aquele tom antes, na cabana. Este era o homem que ele encontrara lá pela primeira vez. Alessan disse:

— Se estivermos juntos, no mesmo negócio, você e eu teremos formas mais legítimas para trocar informações, e irei precisar de informações com certa regularidade durante o inverno. Como sócios, teremos motivos para escrever um ao outro, para falar de qualquer coisa que afete os negócios. E, é claro, tudo afeta os negócios.

— De fato — disse Rovigo, com os olhos fixos em Alessan.

— Podemos nos comunicar diretamente, se você tiver recursos para isso, ou por meio de Taccio, em Ferraut. — E olhando rápido para Devin, explicou: — A propósito, eu conheço Taccio, e isso também não era uma coincidência. Presumo que você já tivesse notado.

Na verdade, Devin não havia sequer pensado no assunto. Mas antes que pudesse responder, Alessan se voltou para Rovigo e indagou:

— Imagino que você tenha mensageiros em quem possa confiar.

Rovigo assentiu. Alessan continuou:

— O grande problema é que, embora ainda possamos viajar como músicos, as pessoas nos reconhecerão depois da apresentação desta manhã. Se eu tivesse pensado nisso antes, teria desafinado um pouco ou pedido a Devin que fosse um pouco menos impressionante.

— Não, você não faria isso — disse Devin, baixinho. — O que quer que você fizesse, certamente estragar a música não seria uma delas.

Alessan entortou os lábios. Rovigo sorriu.

— Talvez — o Príncipe murmurou. — Afinal, *foi mesmo* especial, não foi?

Houve um breve silêncio. Rovigo se levantou e colocou mais lenha no fogo.

— Tudo faz sentido — disse Alessan. — Há certos lugares e certas atividades que seriam estranhas para nós como músicos. Especialmente músicos renomados. Como mercadores, teríamos acesso a tais lugares.

— Certas ilhas, talvez? — perguntou Rovigo, falando baixo, ao pé do fogo.

— Talvez — concordou Alessan. — Se chegarmos a isso. Embora talvez haja um empate aqui: artistas são bem-vindos na corte de Brandin, em Chiara. Isso nos dá outra opção, e gosto de ter várias opções com que trabalhar. Já foi necessário, uma ou duas vezes, um personagem que interpretei sumir ou morrer.

Sua voz soava tranquila, casual. Ele bebericou seu vinho.

Passado um instante, ele se virou de volta para Rovigo, que coçava o queixo numa perfeita imitação de comerciante avaro.

— Bem — disse o comerciante com uma voz cheia de cobiça —, parece que os senhores me apresentaram uma proposta bastante... *intrigante*, cavalheiros. Mas devo fazer uma ou duas perguntas, antes de aceitá-la. Eu conheço Alessan há algum tempo, mas esse assunto nunca surgiu antes. — Seus olhos se estreitaram com astúcia exagerada. — O que você sabe sobre negócios, se é que sabe alguma coisa?

Alessan soltou uma gargalhada, mas logo ficou sério mais uma vez.

— Você tem algum dinheiro à mão? — perguntou ele.

— Meu navio acabou de chegar — respondeu Rovigo. — Dinheiro de dois dias de negociações, e crédito fácil com base nos lucros das próximas semanas. Por quê?

— Eu iria sugerir que você comprasse uma quantidade razoável, mas não chamativa, de grãos nas próximas 48 horas. Na verdade, nas próximas 24, se conseguir.

Rovigo ficou pensativo.

— Eu poderia fazer isso — disse ele. — E meus recursos são limitados, nenhuma compra

que eu faça irá chamar a atenção. Também tenho um contato: o mordomo das fazendas Nievolene, próximo à fronteira de Ferraut.

— Não de Nievole — disse Alessan, rapidamente.

Outro silêncio. Rovigo assentiu devagar.

— Entendo — disse Rovigo, assustando Devin com seu raciocínio rápido. — Você acha que podemos esperar alguns confiscos depois do Festival?

— Podemos — disse Alessan. — Entre outras coisas ainda menos agradáveis. Você tem outra fonte de que possa comprar grãos?

— Talvez.

Rovigo olhou para Alessan e Devin, passando os olhos por eles.

— Quatro sócios, então? Nós três e Baerd. É isso?

Alessan aquiesceu.

— Quase certo, mas serão cinco sócios. Há mais uma pessoa que deve chegar em breve, para dividir a nossa parte, se não houver problemas para você.

— E por que haveria? Isso não tiraria nada da minha parte. Irei conhecer essa pessoa?

— Espero que sim, mais cedo ou mais tarde — disse Alessan. — Espero que vocês se entendam.

— Certo — disse Rovigo, assertivo. — Os acordos comuns para uma associação contraina dizem que dois terços pertencem àquele que investe os fundos, e um terço fica para as partes que viajam e investem seu tempo. Baseado no que você acabou de me contar, penso que vocês trarão informações muito valiosas para nosso negócio. Ofereço dividirmos os nossos lucros, meio a meio, em todos os negócios que conduzirmos juntos. Parece aceitável a vocês?

Ele olhava para Devin. Com o máximo de compostura que conseguiu reunir, o rapaz respondeu:

— Bastante aceitável.

— É mais do que o habitual — disse Alessan. Sua expressão mostrava, novamente, preocupação.

Pareceu que continuaria falando, mas Rovigo o interrompeu:

— Então está feito. Nada mais a ser dito, Alessan. Iremos para a cidade amanhã, para documentar e selar a contraina. Para onde vocês pretendem ir depois do Festival?

— Ferraut, eu acho — disse Alessan, lentamente. — Podemos discutir o que faremos depois, mas tenho algo para fazer lá, e uma ideia sobre uns negócios com Senzio que talvez lhe interesse.

— Ferraut? — disse Rovigo, ignorando os últimos comentários. Um sorriso se desenhava sobre todo o seu rosto. — Ferraut! Isso é esplêndido. Absolutamente esplêndido! Vocês já irão me economizar algum dinheiro! Vou lhes dar uma carruagem e vocês podem levar a cama nova para Ingonida!

Enquanto subia as escadas, Alais não conseguia se lembrar da última vez em que se sentira tão feliz. Não que tendesse a ficar mal-humorada, como Selvena, mas a vida dentro de casa

costumava ser muito quieta, especialmente quando seu pai estava viajando.

E agora tantas coisas pareciam estar acontecendo ao mesmo tempo!

Rovigo estava de volta, depois de uma viagem mais longa do que o habitual até a costa. Alix e Alais nunca ficavam tranquilas quando ele ia para o sul, pelas montanhas que davam em Quileia, não importava o quanto ele promettesse tomar cuidado. E, além disso, aquela viagem fora no final do outono, com seus ventos. Mas ele estava em casa agora, e havia trazido consigo o Festival das Vinhas. Era o segundo Festival de Alais, que amara cada dia e cada noite, absorvendo com seus olhos arregalados tudo o que via. Assimilando.

Na multidão que se aglomerava na praça em frente ao Palácio Sandreni, naquela manhã, ela permanecera imóvel, ouvindo uma voz muito clara, que planava desde o pátio interno até o silêncio pouco natural daquele aglomerado. Uma voz que lamentava a morte de Adaon em meio aos cedros de Tregea de modo tão amargo e tão doce que Alais teve medo de chorar. Ela fechara os olhos.

Foi-lhe uma fonte de orgulho surpreso quando Rovigo mencionou para ela e a mãe, casualmente, que no dia anterior tomara uma bebida com um dos cantores que participavam dos ritos fúnebres do Duque. Ele disse que até convidara o rapaz a visitá-lo e conhecer suas quatro horríveis moças. A provocação não incomodou Alais. Ela até acharia que algo estava errado se Rovigo falasse delas de algum outro modo. Nem ela e nem suas irmãs nutriam qualquer dúvida em relação à afeição do pai. Precisavam apenas olhar nos olhos dele.

Enquanto voltava para casa, tarde da noite, já bastante aterrorizada pelo ruidoso encontro com os soldados barbadianos enquanto passavam pelas muralhas da cidade, ela se assustara quando ouvira uma voz, chamando-os em meio à escuridão perto da porta de casa.

Então, quando seu pai respondeu, e Alais pôde gradualmente perceber de quem se tratava, ela pensou que seu coração fosse parar de tão empolgada que estava. Pudera sentir a cor avermelhada tomar-lhe as bochechas.

Quando ficou claro que os músicos iriam entrar, precisou de extremo autocontrole para recuperar o semblante e a compostura apropriados à filha mais velha e mais confiável.

Dentro de casa, foi mais fácil, já que Selvena começara seu previsível frenesi de acasalamento no instante em que os dois homens passaram pela porta. Era um comportamento tão transparente aos olhos de sua irmã mais velha que Alais logo voltou à sua costumeira postura de observadora desinteressada. Selvena havia chorado até dormir na maior parte do ano, pois cada vez parecia mais que ainda estaria solteira no dia de seu 18o aniversário, na primavera.

Devin, o cantor, era menor e tinha uma aparência mais jovem do que ela esperava. Mas era apumado e esbelto, com um sorriso agradável, um olhar inteligente e cabelos castanhos que faziam uma curva sobre as orelhas. Alais esperava que ele fosse arrogante ou pretensioso, apesar do que seu pai dissera, mas viu que o jovem cantor não era nada disso.

O outro homem, Alessan, parecia ser uns quinze anos mais velho, talvez mais. Seu cabelo negro e emaranhado se mostrava prematuramente grisalho nas têmporas. Tinha um rosto

fino e expressivo, com olhos acinzentados e uma boca larga. Ele a intimidava um pouco, embora tivesse brincado com seu pai desde o começo, da exata maneira que, ela sabia, Rovigo gostava.

Talvez fosse isso, pensou Alais: poucas pessoas que ela já encontrara poderiam competir com seu pai, em piadas ou em qualquer outra coisa. E aquele homem de traços precisos e zombeteiros conseguia fazê-lo sem nenhum esforço. Imaginou, consciente de que tal pensamento era bastante arrogante, como um músico de Tregea conseguia fazer isso. Por outro lado, pensou, não sabia muito sobre músicos.

Fato que a deixou ainda mais curiosa quanto à mulher. Alais achou Catriana assustadoramente linda. Com sua altura imponente e aqueles olhos tão espantosamente azuis, sob cabelos tão vermelhos que pareciam uma segunda lareira na sala... ela fez com que Alais se sentisse pequena, pálida e sem graça. Curiosamente, esse sentimento se uniu aos flertes exagerados de Selvena e ela relaxou, mais do que se inquietou: esse tipo de competição era algo no qual simplesmente *não iria* se envolver. Olhando com mais atenção, vira Catriana encarando os flertes de Selvena, aos pés de Devin; e notou o olhar sardônico da cantora ruiva para seu colega de música.

Alais decidira ir até a cozinha. Sua mãe e Menka poderiam estar precisando de ajuda. Quando chegou ali, Alix lançou-lhe um olhar rápido e pensativo, mas não comentou nada.

Elas rapidamente aprontaram uma refeição. De volta à sala, Alais ajudou a pôr a mesa, e ouviu e observou tudo de sua cadeira favorita perto do fogo. Mais tarde teve razões para agradecer a falta de decoro de Selvena. Nenhum outro membro daquela família teria sonhado em pedir aos seus convidados para cantarem.

Dessa vez, podia enxergar os cantores e manteve seus olhos bem abertos. Perto do final, Devin chegou a cantar olhando diretamente para ela, fazendo-a corar violentamente, enquanto forçava-se a não desviar o olhar. Durante o resto daquela canção, sobre Eanna dando nomes às estrelas, percebeu que sua mente vagava por coisas estranhas a ela — o tipo de coisas sobre as quais Selvena divagava todas as noites, em detalhes. Alais esperava que todos atribuíssem sua cor ao calor do fogo.

Entretanto, perguntou-se sobre uma coisa, tendo observado as pessoas pela maior parte de sua vida. Havia *algo* entre Devin e Catriana, mas certamente não era amor — ou mesmo afeto do jeito que ela conhecia. Eles olhavam um para o outro, de vez em quando, e geralmente quando o outro não estava percebendo. E aqueles olhares eram mais desafiadores do que qualquer outra coisa. Alais lembrou a si mesma outra vez que o mundo daquelas pessoas era mais distante do seu do que imaginava.

As mais novas se despediram e foram dormir. Selvena o fez suspeitosamente sem reclamar e tocando as pontas dos dedos, de maneira escandalosa, com a palma de cada um dos homens em despedida. Alais trocou um olhar com o pai, e pouco depois se levantou quando a mãe o fez.

Foi apenas por impulso que convidou Catriana a subir com ela. Assim que as palavras

saíram de sua boca, percebeu como iriam soar a uma mulher tão independente e acostumada com a companhia de outros homens. Alais se arrependeu interiormente por seu jeito atrapalhado e provinciano, e se preparou para receber uma recusa. Catriana, no entanto, sorriu de maneira graciosa enquanto se levantava.

— Irá me lembrar da minha casa — dissera ela.

Pensando naquilo enquanto subiam as escadas, passando pelas luminárias e pelas pinturas que seu avô trouxera de Khardhun há muitos e muitos anos, Alais tentou entender o que levaria uma garota de sua própria idade a se aventurar pelas dificuldades e perigos de longas estradas, sem ter alojamento certo. Por longas noites e por homens que pensariam que, se estava entre eles, encontrava-se disponível. Tentou, mas realmente não conseguiu entender. Apesar disso, ou talvez por causa disso, um sentimento generoso brotou em sua alma em relação à outra mulher.

— Obrigada pela música — disse ela, timidamente.

— É um pequeno pagamento pela sua gentileza — respondeu Catriana, suavemente.

— Não tão pequeno quanto você pensa — disse Alais. — Nosso quarto é logo aqui. Fico feliz que isso traga lembranças de sua casa... espero que sejam boas memórias.

Fora um pouco intrometida, mas não rude, ela esperava. Queria falar com aquela mulher, queria que fossem amigas, queria aprender o máximo que pudesse sobre uma vida tão distante da sua.

Entraram no quarto grande. Menka já havia preparado o fogo e as duas camas. As colchas eram novas naquele outono — mais um contrabando que Rovigo trouxera de Quileia, onde os invernos eram muito mais rigorosos do que ali.

Catriana riu, enquanto arqueava as sobrancelhas, vislumbrando o quarto.

— Dividir um quarto, sim. Isto é muito mais do que conheci em uma cabana de pescadores.

Alais corou, temendo tê-la ofendido, mas antes de conseguir falar, Catriana se virou para ela, com os olhos arregalados, e disse casualmente:

— Diga-me: vamos precisar amarrar sua irmã? Ela parece estar no cio, e temo pela segurança dos dois homens lá embaixo.

Em um segundo, Alais passou de sentir mimada e insensível por estar vermelha com o choque. Então viu um sorriso surgir rapidamente no rosto da outra mulher e riu alto, livrando-se da ansiedade e da culpa.

— Ela é terrível, não é? Ela jurou que vai se matar de algum jeito dramático e horrível, se não estiver casada durante o Festival do ano que vem.

Catriana balançou a cabeça.

— Conheci algumas garotas como ela, de onde vim. E também conheci algumas na estrada. Nunca consegui entendê-las.

— Nem eu — disse Alais, um pouco rápido demais. Catriana olhou-a. Alais arriscou um sorriso, hesitante. — Acho que é algo que temos em comum, então?

— Uma coisa — disse a outra mulher, virando-se indiferente. Ela se voltou para uma das tapeçarias na parede e perguntou, enquanto passava os dedos por ela: — Isso é muito bonito. Onde seu pai encontrou?

— Eu fiz — disse Alais. Sentiu-se tratada como uma criança, o que a irritou.

Isso deve ter transparecido em sua voz, pois Catriana se virou para olhá-la sobre o ombro. As duas mulheres trocaram olhares em silêncio. Catriana suspirou.

— Sou difícil de ter como amiga — disse ela, devagar. — Não acho que valha seu esforço.

— Não é esforço — disse Alais, serenamente. — Além do que, talvez eu vá precisar da sua ajuda, para amarrar Selvena.

Surpresa, Catriana riu.

— Ela vai ficar bem — disse ela, sentando-se em uma das camas. — Nenhum dos dois irá tocar nela enquanto forem convidados na casa de seu pai. Ainda que ela se esgueire pelo quarto deles, vestindo apenas uma única luva vermelha.

Surpresa pela segunda vez, embora começasse a achar a sensação estranhamente divertida, Alais riu e se sentou em sua própria cama, balançando as pernas. Os pés de Catriana, percebeu ela com tristeza, tocavam facilmente o carpete.

— Pode ser que ela faça isso — sussurrou Alais, sorrindo com a ideia. — Acho até que ela tem uma luva vermelha guardada em algum lugar!

Catriana balançou sua cabeça.

— Então acho que teremos de escolher entre amarrá-la como um bezerro ou confiar nos rapazes. Mas como eu disse: eles não farão nada.

— Imagino que você os conheça muito bem — Alais arriscou.

Ainda não tinha certeza se suas palavras gerariam uma reprovação ou um sorriso. Estava descobrindo que aquela não era uma mulher fácil de lidar.

— Conheço Alessan melhor — disse Catriana. — Mas Devin tem andado pelas estradas por um longo tempo, e não tenho dúvidas de que conhece as regras.

Olhou para o lado ao dizer essas palavras, corando um pouco.

Ainda temerosa de uma nova rejeição, Alais disse com cautela:

— Eu não sei nada disso para dizer a verdade. *Existem* regras? Algum deles... Você tem problemas enquanto viaja?

Catriana deu de ombros.

— Do tipo de problemas que sua irmã espera encontrar? Não com os músicos. Há um código não escrito, ou apenas certo tipo de mulheres entraria nas companhias, e isso afetaria a música. E a música é algo realmente importante para a maioria das trupes. Pelo menos para aquelas que duram. Os homens podem se machucar bastante por mexerem com uma garota. E eles com certeza nunca irão encontrar trabalho, caso isso aconteça com *muita* frequência.

— Entendo — disse Alais, tentando imaginar.

— Na verdade, é até *esperado* que você encontre alguém — complementou Catriana. — Como se fosse o mínimo que você pudesse fazer para não ser vista como uma tentação.

Então você encontra um homem de quem gosta. Algumas garotas encontram uma mulher, é claro. É bem comum também.

— Oh! — disse Alais, juntando as mãos sobre o colo.

Catriana, esperta o suficiente, percebera um traço de diversão e malícia mescladas.

— Não se preocupe — disse ela gentilmente, apontando o olhar para o local que as mãos de Alais protegiam, como uma barreira. — Essa luva não me serve.

Abruptamente, Alais colocou as mãos ao lado de seu corpo, enquanto corava furiosamente.

— Eu não estava preocupada — disse ela, tentando parecer casual. Atingida pela expressão zombeteira, devolveu: — Que luva lhe *serve*, então?

A diversão no rosto da outra mulher desapareceu rapidamente. Houve um silêncio breve.

— Então, você tem alguma personalidade — julgou Catriana. — Eu tinha minhas dúvidas.

— Isso é bem condescendente de sua parte — disse Alais, movida por uma raiva que lhe era rara. — Como você poderia ter certeza a respeito de qualquer coisa sobre mim? E por que eu deixaria que notasse isso?

Novamente, houve um silêncio; e, novamente, Catriana a surpreendeu:

— Sinto muito. De verdade. Não sou mesmo muito boa nisso. Eu avisei. — E, olhando para o outro lado, continuou: — O que acontece é que você acertou um nervo, e tendo a ficar agressiva quando isso acontece.

A raiva de Alais, desaparecendo tão rápido quanto surgira, já havia sumido enquanto a outra mulher falava. Ela era, lembrou-se com dureza, uma convidada em sua casa.

Alais não teve chance de responder de imediato ou mesmo de tentar consertar a situação, pois Menka entrou no quarto naquele exato instante, com uma bacia de água quente vinda da cozinha, seguida pelo mais jovem dos aprendizes de Rovigo, que trazia uma segunda vasilha e toalhas, penduradas sobre ambos os ombros. Os olhos do garoto se voltaram desesperadamente para baixo, enquanto carregava a bacia e as toalhas para aquele quarto com duas mulheres, colocando os objetos sobre a mesa, junto à janela.

A barulheira que Menka inevitavelmente fazia aonde quer que fosse quebrou o clima por completo — tanto em seu lado positivo, quanto no negativo, pensou Alais. Depois que os dois serviçais saíram, as mulheres se lavaram em silêncio. Alais, olhando de esguelha para o corpo longo e esguio da outra, sentiu-se ainda mais desajustada em seu corpo pequeno e branco e na vida fechada que possuía. Ela se deitou, desejando poder, de algum modo, recomeçar toda aquela conversa.

— Boa noite — disse ela.

— Boa noite — respondeu Catriana, após um momento.

Alais tentou ler um convite a continuar a conversa no tom da outra, mas não teve certeza de encontrá-lo. Se Catriana quisesse conversar, pensou, ela só precisava falar alguma coisa.

Apagaram as velas ao lado de suas camas e ficaram deitadas, silenciosas, em meio à semiescuridão. Alais observou o brilho rubro das chamas, dobrou os dedos dos pés ao redor do tijolo quente que Menka pusera ao pé de sua cama e pensou que a distância até o lado do

quarto que era de Selvena nunca parecera tão grande.

Algum tempo depois, Alais ainda não conseguira dormir, apesar da chama já ter se reduzido a brasas, e ouviu uma explosão de risos, vinda dos três homens lá embaixo. O som caloroso e cativante da risada de seu pai chegou até ela de alguma forma, aliviando sua tensão. Ele estava em casa. Sentiu-se abrigada e segura. Sorriu para si mesma na escuridão. Ouviu os homens subindo as escadas, pouco depois, indo cada qual para seu quarto.

Ficou acordada por um tempo, com o ouvido atento, tentando captar o som de sua irmã no corredor — embora realmente não acreditasse que Selvena fizesse isso. Não ouviu nada e, afinal, dormiu.

Sonhou que repousava no topo de uma colina em um lugar estranho. E um homem estava lá com ela. Deitando-se sobre ela. Uma noite suave e sem lua, repleta de estrelas. Deitou-se com ele naquele lugar alto, em meio ao orvalho e às flores de verão. E naquele local desconhecido de seus sonhos, Alais se encheu de complexos desejos que nunca poderia mencionar em voz alta.

Estava muito frio na masmorra em que finalmente foi atirado. As pedras eram úmidas e geladas, cheirando a urina e fezes. Deixaram que vestisse apenas suas roupas de baixo, de linho, e as calças. Havia ratos na cela. Não conseguia vê-los em meio à escuridão, mas já fora mordido duas vezes, quando cochilara.

Antes, estivera nu. O novo capitão da guarda — o substituto do anterior, que se matara — permitiu a seus homens brincarem com o prisioneiro, antes de trancafiá-lo para passar a noite. Todos eles conheciam a reputação de Tomasso. Não havia quem não conhecesse. Ele havia garantido isso; fazia parte do plano.

Então os guardas tiraram suas roupas, na desagradável claridade da sala de guarda, e se divertiram, cutucando-o com suas espadas ou com o atizador de fogo, ainda quente. Deslizavam as lâminas ao redor de seu sexo flácido, espetavam-no nas nádegas e na barriga. Amarrado e sem qualquer amparo, Tomasso queria apenas fechar os olhos e desejar que tudo aquilo acabasse.

Por alguma razão, era a memória de Taeri que não o deixava desistir. Ainda não conseguia acreditar que o irmão mais novo estava morto. Ou que Taeri tivesse sido tão corajoso e tão decidido em seus últimos minutos. Pensar nisso fez com que tivesse vontade de chorar, mas não iria deixar que os barbadianos vissem isso. Era um Sandreni, o que parecia significar mais para ele agora, nu e perto de seu fim, do que havia significado por toda a sua vida.

Então manteve seus olhos abertos e fixou-os friamente no novo capitão. Esforçou-se ao máximo para ignorar as coisas que estavam fazendo com ele, assim como as sugestões obscenas e brutas do que iria acontecer no dia seguinte. Na verdade, não eram muito criativos. Ele sabia que a manhã seguinte seria pior. Muito pior.

Eles o machucaram um pouco com suas espadas, tiraram-lhe um pouco de sangue, mas não demais: Tomasso sabia que tinham ordens de guardá-lo para os profissionais no dia seguinte. Alberico também estaria lá.

Aquilo era apenas uma brincadeira.

Enfim, o capitão se cansou do olhar fixo de Tomasso, ou talvez tivesse decidido que já havia muito sangue espalhado pelo chão, escorrendo pelas pernas do prisioneiro. Mandou que seus homens parassem. As amarras de Tomasso foram cortadas e eles devolveram parte de suas roupas, assim como uma tira de coberta imunda. Desceram as escadas com ele, atirando-o em uma das masmorras escuras de Astibar.

A entrada era tão baixa que, mesmo de joelhos, ainda ralou sua cabeça na pedra quando o empurraram para dentro. Mais sangue, pensou ele, enquanto sentia algo grudado em sua mão. Não que importasse.

Mas odiava os ratos. Sempre tivera medo de ratos. Enrolou o cobertor inútil o máximo que conseguiu, para usá-lo como um porrete frágil. Entretanto, isso era difícil na escuridão.

Tomasso desejou ser um homem fisicamente mais corajoso. Ele sabia o que o esperava pela manhã, e esse pensamento, agora que estava sozinho, transformou suas entranhas em geleia.

Ouviu um som e demorou um instante para perceber que era ele mesmo, choramingando. Lutou para manter controle sobre si mesmo, mas estava sozinho, na escuridão congelante das mãos do inimigo — e havia ratos. Não conseguia controlar os sons que emitia. Sentiu como se seu coração estivesse partido, espalhado em pedaços em ângulos estranhos dentro de seu peito. Dentre esses fragmentos, tentava amaldiçoar Herado e sua traição, mas nada parecia estar à altura do que seu sobrinho havia feito. Nada parecia grande o suficiente para abarcar aquilo.

Ele ouviu outro rato e atacou cegamente com sua nova arma. Acertou algo e ouviu um guincho. Continuou batendo, de novo e de novo, no local de onde viera aquele som. Pensou que o tivesse matado. Um deles. Tremia, mas o frenesi daquele ato o ajudava a enfrentar sua fraqueza. Não chorava mais. Encostou-se na parede úmida de pedra, encolhendo-se por causa de suas feridas. Fechou os olhos, embora não pudesse ver nada, e pensou na luz do sol.

E foi então que deve ter cochilado, pois acordou de repente, com um grito de dor: um dos ratos mordida sua coxa com força. Debateu-se com o cobertor por alguns instantes, mas tremia, sentindo-se completamente enjoado. Sua boca estava inchada e dolorida, por causa do golpe de Alberico na cabana. Engolir doía. Tocou a testa e percebeu que estava com febre.

Foi por isso que, ao ver a luz pálida de uma vela, teve certeza de se tratar de uma alucinação. Conseguiu, entretanto, enxergar um pouco seus arredores, graças ao seu brilho. A cela era minúscula. Havia um rato morto, perto da sua perna direita, e dois vivos perto da porta, grandes como gatos. Viu, na parede ao seu lado, uma imagem arranhada de um sol, com riscos que contavam os dias. Era a coisa mais triste que Tomasso conseguia se lembrar de já ter visto. Ficou encarando-a por um longo tempo.

Olhou de volta para a direção da luz e percebeu que certamente *era* uma alucinação ou um sonho.

Seu pai segurava a vela, vestido com a túnica azul de seu velório, olhando para baixo com

uma expressão que Tomasso nunca vira antes em seu rosto.

A febre devia estar muito alta, concluiu; sua mente estava conjurando diante de si, naquele abismo, a imagem que seu coração tão desesperadamente queria. Um olhar de ternura — ou mesmo, se quisesse pensar nessa palavra, de amor — nos olhos do homem que o havia chicoteado quando criança e depois o vira apenas como alguém útil para duas décadas de conspirações contra um tirano.

Algo que terminara naquela noite, que com certeza terminaria para Tomasso da forma mais horrível possível na manhã seguinte, em meio a uma dor que não conseguia sequer imaginar. Mas ele *gostou* daquele sonho, daquela fantasia trazida pela febre. Havia luz. Afastava os ratos. Até mesmo parecia diminuir o frio e a umidade das pedras embaixo dele e atrás de suas costas.

Ergueu uma mão trêmula em direção à chama. Com a garganta seca e os lábios feridos e inchados, resmungou algo. O que queria dizer para a imagem-sonho de seu pai era um *Me desculpe*, mas não conseguiu formar as palavras.

Mas aquilo era um sonho, seu sonho, e a imagem de Sandre parecia tê-lo entendido.

— Você não tem por que se desculpar — disse a imagem-sonho de seu pai. Tão delicadamente. — Foi minha culpa, e apenas minha. Nesses anos todos, e também agora. Eu sempre soube das limitações de Gianno. Eu tinha muitas esperanças para você quando era uma criança. Isso... me afetou muito. Depois.

A vela pareceu fraquejar por um instante. Uma parte de Tomasso, um canto de seu coração, tentava se recompor, mesmo que aquilo fosse apenas um sonho, apenas seu próprio desejo. Uma última e frágil fantasia: a de ser amado, antes que o matassem.

— Você me deixa pedir desculpas por ser um tolo que o condenou a isso? Você acredita se eu disser que sempre tive orgulho de você, do meu próprio jeito?

Tomasso se deixou chorar. As palavras foram um bálsamo para a mais profunda dor que conhecia. Mas chorar fazia com que a luz embaçasse e enfraquecesse, e ele ergueu as mãos trêmulas para tentar enxugar as lágrimas. Queria falar, mas a boca ferida não conseguia formar palavras. Aquiesceu, no entanto, de novo e de novo. Então teve uma ideia, e levantou sua mão esquerda — a mão do coração, dos juramentos e da lealdade — em direção ao fantasma de seu pai, em seu sonho.

E a mão de Sandre se abaixou lentamente, como se viesse de muito longe, atravessando anos e anos de distância, estações perdidas e esquecidas em meio à passagem do tempo e do orgulho, e pai e filho se tocaram.

Foi um contato mais sólido do que Tomasso pensou que seria. Ele fechou os olhos por um momento, concentrando-se na intensidade de seus sentimentos. Quando os abriu, a imagem de seu pai parecia estar segurando algo. Um frasco com uma espécie de líquido. Tomasso não compreendeu.

— Essa é a última coisa que posso fazer por você — disse o fantasma, num tom inesperadamente nostálgico. — Se eu fosse mais forte, poderia fazer mais. Mas pelo menos

eles não vão mais machucá-lo pela manhã. Eles não vão mais machucá-lo, meu filho. Beba, Tomasso. Beba, e tudo isso acabará. Tudo, eu prometo. E então, se você puder, espere por mim nos Salões de Morian, Tomasso. Eu gostaria de andar com você por lá.

Tomasso ainda não compreendia, mas o tom era tão calmo e tão reconfortante que pegou o frasco do sonho. Mais uma vez, era mais sólido do que esperava.

Seu pai acenou com a cabeça, encorajando-o. Com mãos trêmulas, Tomasso retirou a tampa. Em um último gesto — uma última paródia zombeteira de si mesmo — levantou-o numa saudação ampla e exagerada à sua própria capacidade de fantasiar, e engoliu o conteúdo amargo.

O sorriso de seu pai era triste demais. Sorrisos não deveriam ser tristes, Tomasso queria dizer. Dissera isso uma vez, para um garoto à noite, em um quarto no templo de Morian em que não deveria estar. Sua cabeça estava pesada. Sentiu como se estivesse prestes a dormir, ainda que já *estivesse* dormindo e sonhando em meio à febre. Realmente não conseguia compreender. Não entendia, especialmente, por que seu pai, que estava morto, pedia *a ele* que o esperasse nos Salões de Morian.

Olhou para cima mais uma vez, querendo lhe perguntar isso. Mas sua visão estava ficando muito estranha.

Sabia disso porque a imagem de seu pai, olhando-o de cima, parecia estar chorando. Havia lágrimas nos olhos de seu pai.

Algo impossível. Mesmo em um sonho.

— Adeus — ouviu-o.

Adeus, tentou dizer, em resposta.

Não tinha certeza de haver conseguido formar a palavra ou se tinha apenas pensado nela, mas foi então que uma escuridão mais envolvente que jamais conhecera cobriu-o, como um cobertor ou uma manta, e a diferença entre o dito e o não dito não mais importava.

PARTE DOIS

Dianora



CAPÍTULO VII

Dianora ainda se lembrava do dia em que chegara à Ilha.

O ar daquela manhã de outono era muito parecido com o daquele dia, no começo da primavera — nuvens brancas dançavam no céu azul, enquanto o vento empurrava o navio de tributos até o porto de Chiara. Além do porto e da cidade, viam-se as encostas que subiam as montanhas pintadas com tons outonais. As folhas estavam mudando: avermelhadas e douradas, enquanto algumas ainda insistiam no verde; ela se lembrava.

As velas do navio de tributos de tanto tempo atrás também eram vermelhas e douradas: as cores de celebração em Ygrath. Ela sabia disso agora, mas não na época. Ficou de pé no convés do navio para vislumbrar pela primeira vez o esplendor do porto de Chiara, no longo píer em que os grão-duques costumavam ficar para lançar um anel ao mar e de onde Letizia saltara no primeiro Mergulho do Anel para reclamar o anel das águas e se casar com seu duque: transformando os Mergulhos do Anel num símbolo de sorte e orgulho para Chiara. Até que a linda Onestra mudara o final da história, centenas e centenas de anos antes, e os Mergulhos do Anel cessaram. Ainda assim, todas as crianças na Palma conheciam aquela lenda da ilha. Meninas de todas as províncias brincavam de mergulhar na água e sair dela triunfantes, com seu cabelo encharcado, prontas para se casarem com um duque cheio de poder e glória.

Próxima à proa do navio de tributos, Dianora olhara além do porto e do palácio, observando a grandiosidade dos Sangarios, cobertos de neve, erguendo-se atrás deles. Os marinheiros de Ygrath não haviam perturbado seu silêncio, permitindo que ela viesse à frente para observar a chegada à ilha. Depois de estar segura na embarcação e o navio ter partido, haviam sido gentis com ela. As mulheres que eles acreditavam ter boas chances de serem escolhidas para a saishan eram sempre bem tratadas nos navios de tributos. Um capitão poderia fazer fortuna na corte de Brandin caso trouxesse para casa uma prisioneira que viesse a se tornar a favorita do Tirano.

Sentada na sacada da ala saishan, olhando através da tela ornamentada que escondia as mulheres dos curiosos na praça abaixo, Dianora observava as bandeiras de Chiara e Ygrath tremendo na brisa fresca da primavera e se lembrava de como o vento soprava seu cabelo sobre o rosto, mais de doze anos antes. Ela se lembrava de ter olhado das velas brilhantes até as colinas arborizadas que alcançavam os Sangarios, do azul e branco do mar às nuvens no céu azul. Do tumulto e do caos da vida no porto até a grandiosidade serena do palácio, logo à frente. Os pássaros voavam em círculos, gritando alto sobre os três mastros altos do navio de tributos. O sol nascente era como um feixe de luz, traçando-se ao longo do mar a leste. Quanta vivacidade no mundo, que manhã rica, bela e resplandecente para estar viva.

Mais de doze anos antes. Ela tinha 21 anos, alimentando seu ódio e seu segredo como se fossem duas das três cobras de Morian enroladas em seu coração.

Fora escolhida para a saishan.

As circunstâncias de sua captura tornavam a escolha bastante provável, e os famosos olhos acinzentados de Brandin se arregalaram prazerosamente, analisando-a quando a colocaram à sua frente, dois dias mais tarde.

Estivera usando um vestido de seda com cores pálidas, lembrava-se, escolhido para destacar seu cabelo negro e seus olhos castanho-escuros.

Tinha certeza de que seria escolhida. Não se sentia triunfante ou com medo, mesmo tendo direcionado toda a sua vida para aquele dia, durante cinco anos, mesmo que as paredes, telas e corredores tivessem se fechado ao seu redor no momento em que fora escolhida, definindo o resto de sua vida. Carregava seu ódio e seu segredo, e guardar os dois não deixava espaço para mais nada.

Ou assim pensava aos 21 anos.

Dianora refletia em sua sacada, doze anos depois, que apesar de tudo o que vira e vivera, ainda sabia muito pouco, perigosamente pouco, sobre muitas coisas que tinham importância demais.

Mesmo protegida do vento, estava fresco na varanda. Os Dias das Bragas se aproximavam, mas as flores apenas começavam a nascer nos vales e nas colinas, e o verdadeiro começo da primavera ainda estava um pouco distante, mesmo ali no norte. Era diferente em sua casa, Dianora se lembrava. Por vezes, ainda havia neve nas terras altas do sul quando os Dias das Bragas da primavera começavam e terminavam.

Sem olhar para trás, Dianora ergueu uma mão. Em um instante, o eunuco lhe trouxe uma caneca fumegante de khav de Tregea. Brandin gostava de lhe dizer, em particular, que era preciso saber selecionar quais tarifas e restrições de importação faziam diferença, ou a vida poderia ficar difícil demais. Khav era uma das coisas selecionadas. Só no palácio, é claro. Do outro lado das muralhas, eles bebiam os produtos inferiores de Corte ou de Senzio, que era neutra. Certa vez, um grupo de mercadores de khav, vindo de Senzio, chegara como parte de uma embaixada para tentar convencê-lo de que havia melhorado a qualidade dos grãos e da bebida fabricada. *É realmente neutro*, disse Brandin com rigor, enquanto provava. *Tão neutro que nem parece estar ali*.

Os mercadores recuaram, consternados e pálidos, tentando desesperadamente compreender o significado oculto nas palavras do Tirano de Ygrath. Os senzianos passavam muito tempo tentando fazer isso, Dianora comentara secamente com Brandin depois. E ele rira. Ela sempre conseguia diverti-lo, mesmo na época em que era muito nova e inexperiente para fazer isso de propósito.

E esse pensamento lhe lembrou do jovem eunuco que a servira naquela manhã. Scelto estava na cidade, buscando o vestido que ela usaria na recepção daquela tarde. O rapaz que a atendera era um dos eunucos mais novos enviados de Ygrath para servir à saishan que crescia na colônia.

Ele já estava bem treinado. Os métodos de Vencel podiam ser duros, mas não havia como negar que funcionavam. Dianora decidiu não contar ao garoto que o khav não estava forte o

suficiente; ele certamente desmoronaria, o que seria inconveniente. Ela comentaria o fato com Scelto e deixaria que ele lidasse com o assunto. Não havia necessidade de contar a Vencel: era-lhe útil que alguns dos eunucos sentissem por ela tanto gratidão quanto medo. O medo vinha automaticamente, como uma consequência de quem ela era ali, na saishan. Já gratidão ou afeto eram coisas que precisava conquistar.

Mais de doze anos desde aquela primavera, pensou novamente, reclinando-se para ver através da tela a preparação para a chegada de Isolla de Ygrath, naquele mesmo dia. Aos 21, ela supunha estar no ápice de qualquer beleza que pudesse ter em sua vida. Lembrava-se de não ter nada daquela graça aos 15 e 16; em sua terra, sequer se preocuparam em escondê-la dos soldados ygratheanos.

Aos 19, começara a mudar completamente. Embora, naquela época, já não estivesse mais em casa e Ygrath não fosse mais um perigo para os moradores de Certando, dominada pelos barbadianos. Ou não normalmente, ela corrigiu, lembrando-se — embora não fosse algo que precisasse de lembrete — de que ali, na saishan, ela era Dianora di Certando. E também o era do outro lado da ala oeste, na cama de Brandin.

Dianora tinha 33 anos e, em algum momento daqueles anos, que passaram tão rápido, ganhou poder dentro daquele palácio — o que, é claro, significava poder em toda a Palma. Na saishan, apenas Solores di Corte competia com ela no acesso a Brandin, e Solores era seis anos mais velha do que ela, coletada no primeiro ano dos navios de tributos.

Às vezes, mesmo agora, tudo parecia demais para acreditar. Os eunucos mais jovens tremiam se os olhasse séria; cortesãos, fosse na distante Ygrath ou ali, nas quatro províncias da Palma, buscavam seu conselho e apoio nos pedidos a Brandin; músicos escreviam canções para ela; poetas declamavam e dedicavam versos que louvavam sua beleza e sabedoria em êxtases hiperbólicos. Os ygratheanos a comparavam às irmãs de seu deus, enquanto os homens de Chiara, à lendária beleza de Onestra, antes do último Mergulho do Anel para o Grão-Duque Cazal. É claro que os poetas sempre paravam essa última analogia antes do mergulho e das tragédias que se seguiram.

Depois de uma dessas longas listas de adjetivos vinda de Doarde, ela sugerira a Brandin, durante uma ceia tardia e privativa, que uma das principais diferenças entre homens e mulheres residia no poder. O poder tornava os homens atraentes, mas, quando uma mulher se tornava poderosa, apenas era conveniente elogiar sua beleza.

Ele refletira sobre o assunto, recostando-se e acariciando a barba. Dianora soubera que assumia certo risco, mas ela também o conhecia muito bem.

— Duas perguntas — dissera Brandin, Tirano da Palma Ocidental, tocando-lhe a mão que ela deixara sobre a mesa. — Você pensa que possui algum poder, minha Dianora?

Já esperava por aquilo.

— Apenas através do senhor e pelo pouco tempo que me resta antes de envelhecer, e o senhor não mais me procurar. — Deixou uma leve crítica a Solores, mas discreta o bastante. — Mas enquanto o senhor me ordenar que o veja, irá parecer que tenho algum poder na

corte, e os poetas dirão que sou cada dia mais amável. Mais amável do que os diademas das estrelas que coroam a ascensão do mundo... ou sei lá como era aquele verso.

— Acho que ele escreveu *o diadema recurvado*. — Ele sorriu.

Dianora esperava um elogio, já que Brandin costumava ser bem generoso nesse assunto. Entretanto, seus olhos cinzentos se mantinham sóbrios e diretos. Ele disse:

— Minha segunda pergunta: você me consideraria atraente sem o poder que possuo?

E aquilo, lembrava-se ela, quase a pegara desprevenida. Era uma questão muito inesperada e muito próxima ao lugar em que suas duas serpentes ainda estavam, mesmo que muito adormecidas.

Ela abaixara seu olhar para as mãos, entrelaçadas. *Como as serpentes*, pensara. Fugiu rápido daquele pensamento. Levantou a cabeça e, com o olhar manhoso de lado que sabia que ele amava, disse, fingindo surpresa:

— O senhor possui algum poder aqui? Eu não havia percebido.

Um segundo depois, a gargalhada cheia de vida dele explodira. E Dianora sabia que os guardas, lá fora, ouviriam. E falariam sobre aquilo. Todos em Chiara falavam; a ilha se alimentava de fofocas e rumores. Depois daquela noite, haveria outra história. Nada novo, apenas uma reafirmação, vinda daquela gargalhada alta, do quanto Brandin de Ygrath se divertia com sua morena Dianora.

O Tirano a levava para a cama então, ainda divertido, fazendo-a sorrir e então rir diante de seu bom humor. Brandin recebera seu prazer, lentamente e na miríade de modos que ele lhe ensinara através dos anos, já que os ygratheanos traziam conhecimentos sobre tais assuntos; e ele era, acima de tudo, o Rei de Ygrath.

E ela? De sua sacada, fechou os olhos naquela manhã de primavera, lembrando-se de como aquela noite, e antes daquela noite — por anos e anos antes —, e mesmo então, tanto tempo depois, seu próprio corpo rebelde, seu coração e seus pensamentos, que traíam juntos a sua alma, haviam saciado a necessidade desesperada e profunda que o Tirano nutria.

Brandin de Ygrath — que viera aqui para matar, doze anos antes, com duas serpentes envoltas nos escombros de seu coração, por ele ter feito o que fizera a Tigana, lar de Dianora.

Ou que ao menos fora seu lar, antes de ele o invadir, tomar, queimar e matar uma geração inteira e destruir o próprio nome daquela terra. Seu verdadeiro nome. Ela era Dianora di Tigana bren Saevar, e seu pai morrera no Segundo Deisa, portando desajeitadamente uma espada, e não o cinzel de um escultor. O espírito de sua mãe se quebrara como um galho seco diante da brutalidade da ocupação que se seguira. E seu irmão, cujos olhos e cabelos eram exatamente como os seus e que ela amara mais do que qualquer coisa na vida, fora exilado para a vastidão do mundo. Ela tinha apenas quinze anos.

E não fazia ideia de onde ele poderia estar, tantos anos depois. Se estaria vivo ou morto, talvez longe da península em que os tiranos governavam províncias outrora orgulhosas, onde o nome da mais orgulhosa delas havia desaparecido da memória dos homens.

Por causa de Brandin. Em cujos braços ela se deitara por tantas noites ao longo dos anos,

sentindo a dor da necessidade e do desejo cada vez que ele a mandava chamar. O homem cuja voz trazia conhecimento, inteligência e graça, a água na secura de seus dias. O homem cuja risada, quando solta, quando ela conseguia arrancar-lhe, era como um sol curativo que partia as nuvens. O homem cujos olhos cinzentos traziam a indecifrável cor do mar sob a primeira luz da manhã de outono ou de primavera. Na mais antiga das histórias contadas em Tigana, fora do mar cinzento ao amanhecer que o deus Adaon se erguera e viera para Micaela, e com ela se deitara na sinuosidade comprida e escura da areia. Dianora conhecia aquela história tão bem quanto conhecia seu nome. Seu verdadeiro nome.

E também sabia duas outras coisas: que seu pai ou seu irmão a matariam se algum dos dois estivesse vivo para ver o que havia se tornado. E que aceitaria esse final, e saberia que o merecera.

Seu pai estava morto. O coração de Dianora tremia diante da possibilidade do irmão também estar, ainda que a morte fosse poupá-lo da angústia de vê-la ali. Mas, a cada manhã, ela rogava à Tríade, especialmente a Adaon das Ondas, para que ele estivesse além-mar, distante demais de onde poderia receber notícias de uma Dianora, com olhos escuros como os seus, na saishan do Tirano.

A não ser, disse a voz tranquila em seu coração, a não ser que ainda estivesse por vir a manhã em que ela conseguiria encontrar um modo, ali na ilha, de conseguir, apesar de tudo o que acontecera — apesar das pernas entrelaçadas à noite e apesar do som de sua própria voz, gritando num desejo satisfeito —, trazer de volta mais um som para o mundo. Para as vozes de homens, mulheres e crianças em toda a Palma, e ao sul além das montanhas da Quileia, e ao norte e a oeste além de todos os mares.

O som do nome *Tigana*, que havia desaparecido. Desaparecido, mas não, se as deusas e o deus fossem bondosos — se ainda houvesse algum amor ou piedade neles —, não para sempre esquecido nem para sempre perdido.

Nas noites em que dormia sozinha, era aquele o maior sonho de Dianora, depois de Scelto massagear sua pele e passar-lhe óleo, indo dormir do lado de fora de sua porta com uma vela: que, talvez, ainda teria uma chance de descobrir como fazer isso, que seu irmão, distante de casa, iria miraculosamente ouvir o nome de Tigana, falado por um estrangeiro em meio a estrangeiros, em alguma corte ou em um bazar distante. E de algum modo, ele saberia, enchendo-se de alegria nas profundezas do coração que Dianora conhecia tão bem, que havia sido por meio dela que aquele nome se encontrava novamente no mundo.

Ela estaria morta a essa altura. Não tinha dúvidas quanto a isso. O ódio de Brandin naquela única coisa — no assunto da vingança de seu filho — era algo fixo e inalterável. Era a única estrela eterna no firmamento de todas as terras que governava.

Ela estaria morta, mas não haveria problema: pois o nome de Tigana estaria restaurado, e seu irmão estaria vivo e saberia que foi ela, e Brandin... Brandin entenderia que ela encontrara um modo de fazer aquilo enquanto poupava sua vida, noite após noite, por incontáveis noites, quando ela poderia tê-lo matado ao seu lado, enquanto dormia após fazer

amor.

Aquele era o sonho de Dianora. Ela costumava acordar no meio da noite com o rosto repleto de lágrimas, tamanha a intensidade dos sentimentos que ele desencadeava. Ninguém jamais vira aquelas lágrimas, a não ser Scelto. E em Scelto ela confiava mais do que em qualquer pessoa viva.

Ouviu os passos dele, rápidos e leves, no corredor, cruzando o piso até chegar à sua varanda. Ninguém mais na saishan se movia como Scelto. Os eunucos eram notoriamente propensos à preguiça e a gula — as óbvias substituições do prazer. Mas não Scelto. Tão magro quanto no dia em que o conhecera, ele ainda buscava aquelas tarefas que os outros eunucos evitavam: viagens pelas ladeiras da cidade velha ou mesmo para o norte, às colinas dos Sangarios, em busca de ervas e folhas com poder de cura ou mesmo flores campestres para decorarem o quarto dela.

Parecia não ter idade, mas já não era novo quando Vencel o designara para Dianora, e ela imaginava que ele deveria ter por volta de 60 anos. Se Vencel morresse um dia — algo difícil de imaginar, na verdade — Scelto certamente seria o próximo na fila para sucedê-lo como chefe da saishan.

Eles nunca falaram a respeito, mas Dianora sabia, com a mesma certeza com que poderia saber qualquer coisa, que ele recusaria o cargo, se alguma vez lhe fosse oferecido, para permanecer a seu serviço. Também sabia — e era isso que a tocava — que isso aconteceria mesmo se Brandin parasse de procurá-la e ela se tornasse apenas outro item ignorado, envelhecendo nos corredores da saishan.

E essa era a segunda coisa que Dianora nunca esperara encontrar, quando o ódio a trouxera pelos mares de Chiara num outono, dentro do navio dos tributos: gentileza, carinho e um amigo por trás das altas muralhas e vidraças enfeitadas do palácio, onde mulheres aguardavam em meio a homens que haviam perdido sua masculinidade.

Os passos de Scelto, rápidos mesmo depois de subir toda a grande escadaria e então mais vários metros até a saishan, soaram pelos mosaicos no chão da sacada, atrás dela. Dianora ouviu enquanto murmurava algo para o garoto, e então o dispensava.

O eunuco deu mais um passo e pigarreou, anunciando sua chegada.

— É muito feio? — perguntou, sem se virar para ele.

— Vai servir — disse Scelto, ficando ao seu lado. Ela deu uma olhada, sorrindo ao ver o cabelo curto e grisalho, a boca precisa e magra e o horrível nariz quebrado, em forma de arco. De muitos anos atrás, ele dissera quando Dianora lhe perguntara. Resultado de uma briga por uma mulher, ainda em Ygrath. Ele havia matado o outro homem, que era um nobre. E isso custara a Scelto seu sexo e sua liberdade, o que o trouxera até ali. Dianora ficara mais incomodada com a história do que ele parecera ficar. Por outro lado, pensara a moça, aquilo era algo novo para ela, enquanto para Scelto seria apenas uma velha história em sua vida, datada de muito antes.

Ele trazia o vestido vermelho escuro, que havia mandado fazer na velha cidade. Pelo sorriso

dele, que refletia o dela, sabia que tinha valido a pena adular Vencel em troca do dinheiro necessário. O líder da saishan certamente iria querer um favor mais tarde, sempre queria, mas a saishan era regida por aquelas trocas; e Dianora, olhando para o vestido, não se arrependia.

— O que Solores vai usar? — perguntou.

— Hala não quis me contar — murmurou Scelto, com tristeza. Dianora riu alto da expressão séria que ele conseguia manter.

— Tenho certeza de que não quis — disse ela. — O que ela vai usar?

— Verde — disse o eunuco, prontamente. — Cintura alta, gola alta. Pregas de dois tons, abaixo da cintura. Sandálias douradas. Um bom punhado de ouro em todos os cantos. O cabelo vai estar preso, é claro. Ela tem brincos novos.

Dianora riu novamente. Scelto se permitiu um pequeno sorriso de satisfação.

— Eu tomei a liberdade de comprar mais uma coisa, enquanto estava na cidade — continuou ele.

O eunuco pôs a mão em um dos bolsos de sua túnica e lhe deu uma pequena caixa. Dianora abriu-a e segurou a pedra preciosa em sua frente, sem palavras. Na luz daquela manhã que batia na sacada, a pedra brilhou e refletiu como uma terceira lua, dessa vez vermelha, unindo-se à Vidomni branca e à Ilarion azul. Scelto disse:

— Achei que cairia melhor com o vestido do que qualquer coisa que Vencel pudesse oferecer dentre as joias da saishan.

Ela balançou a cabeça, embasbacada.

— É linda, Scelto. Nós podemos pagar por isso? Terei de ficar sem chocolate durante a primavera e o verão?

— Não é uma má ideia — disse ele, ignorando a primeira pergunta. — Você comeu dois pedaços esta manhã, enquanto eu estava fora!

— Scelto! — exclamou ela. — Pare com isso! Vá espiar a Solores e ver no que ela gasta seus claros. Eu tenho meus hábitos e meus prazeres, e nenhum deles, até onde posso ver, faz mal a alguém. Você acha que estou gorda?

Com alguma relutância, Scelto balançou a cabeça negativamente.

— Não tenho ideia do porquê, mas não — murmurou ele.

— Bem, então continue pensando nisso até descobrir a resposta — disse ela, com uma jogada de cabelos. — Aliás, isso me lembra... O garoto desta manhã foi bem, exceto pelo khav, que estava muito fraco. Você pode falar com ele, explicar como eu gosto do khav?

— Eu já falei. Mande que fizesse um pouco fraco.

— Você *o quê*? Scelto, eu...

— Você sempre começa a beber mais khav no fim do inverno, quando o tempo começa a mudar, e a cada primavera você tem problemas para dormir à noite. Você sabe que é verdade, minha senhora. Ou menos copos, ou khav mais fraco. É meu trabalho tentar mantê-la descansada e tranquila.

Por um segundo, Dianora não soube o que dizer.

— Tranquila! — finalmente conseguiu falar. — Eu poderia ter assustado aquela pobre criança até a ponta de seus dedos! Eu teria me sentido *terrível*!

— Eu lhe disse o que falar — disse Scelto, calmamente. — Ele teria me culpado.

— É mesmo? E se eu tivesse me reportado diretamente para Vencel? — respondeu Dianora. — Scelto, ele faria com que aquele garoto fosse amarrado e torturado!

O leve som fungado que Scelto proferiu deixou bem claro o quanto ele achava a sua senhora incapaz de fazer tal coisa.

A expressão do eunuco era tão irônica que, mesmo contra sua vontade, Dianora pegou-se rindo novamente.

— Muito bem — disse ela, rendendo-se. — Que sejam menos copos então, pois você sabe que eu gosto deles fortes, Scelto. Não vale a pena bebê-los de outro jeito. Além disso, não acho que seja esse o motivo de eu não conseguir dormir à noite. Essa época simplesmente me deixa inquieta.

— Você foi oferecida como tributo na primavera. Todas na saishan ficam inquietas na estação em que foram levadas — murmurou ele. E então, hesitando: — Não posso fazer nada quanto a isso, minha senhora. Mas pensei que o khav talvez estivesse piorando as coisas.

Havia preocupação e afeto em seus olhos castanhos, quase tão escuros quanto os dela.

— Você se preocupa demais comigo — disse ela, após um momento.

Scelto sorriu.

— E com quem mais eu me preocuparia?

Houve um pequeno silêncio; Dianora podia ouvir ruídos na praça, à distância.

— E por falar em preocupação — disse Scelto, em um esforço visível para mudar o assunto —, talvez estejamos nos preocupando demais com o que Solores está fazendo. Talvez devêssemos olhar mais para a mais nova, a dos olhos verdes.

— Iassica? — perguntou Dianora, surpresa. — Para quê? Brandin nunca a chamou, e ela já está aqui há um mês.

— Exatamente — disse Scelto. Ele parou, um pouco encabulado, o que despertou a curiosidade dela.

— O que foi, Scelto?

— Eu, bem, é que Tesios, que toma conta dela, me disse que nunca viu ou ouviu falar de uma mulher na saishan com tamanho... controle de seu corpo ou tanta... capacidade para o clímax do amor.

Ele corava intensamente, o que fez Dianora ficar constrangida também. Era uma prática comum, com algumas variações mais incomuns, que as mulheres da saishan usassem seus eunucos para lhes dar alívio físico, caso ficassem muito tempo sem serem chamadas à outra ala.

Dianora nunca pedira tal serviço a Scelto. Alguma coisa nessa ideia a perturbava: parecia-

lhe um abuso, de um modo que não conseguia explicar. Frequentemente se lembrava de que ele era um homem que havia matado alguém pelo amor de uma mulher. Seu relacionamento, por mais próximo que fosse, nunca havia entrado nessa dimensão. Era estranho, pensou ela, e até mesmo divertido o quão tímidos os dois ficavam com a simples menção desse assunto — e a Tríade sabia o quanto isso era frequente num lugar como a saishan.

Ela se virou para o corrimão e olhou através do biombo, dando a Scelto tempo para se recompor. Embora, pensando no que ele havia falado, ela se divertisse. E já estava planejando como e quando iria contar a Brandin sobre isso.

— Meu amigo — disse ela —, você pode me conhecer muito bem. Mas do mesmo modo e pelas mesmas razões, eu conheço Brandin muito bem.

Ela olhou de volta para seu eunuco.

— Ele é mais velho do que você, Scelto. Tem quase 65. E, por razões que eu não consigo entender, disse que deve viver aqui na Palma por pelo menos mais sessenta anos. Toda a feitiçaria do mundo com certeza não seria o suficiente para prolongar tanto sua vida se Iassica for tão... excepcional quanto Tesios sugeriu. Ela iria desgastá-lo, não importa o quão prazeroso fosse, em um ano ou dois.

Scelto corou novamente e olhou rápido por sobre os ombros. Mas estavam sozinhos. Dianora riu, em parte porque estava realmente se divertindo, e principalmente para mascarar a mágoa que sentia sempre que essa mentira era contada: o que ela ainda escondia de Scelto. O único segredo que importava.

É *claro* que sabia por que Brandin precisava ficar ali na Palma, por que ele precisava usar sua feitiçaria para prolongar sua vida em um lugar que certamente era para ele um exílio em uma terra de mágoa.

Brandin precisava esperar até que todos os nascidos em Tigana morressem.

Somente então ele poderia deixar a península em que seu filho fora assassinado. Somente então sua vingança teria se espalhado completamente naquele chão ensanguentado. Pois não haveria ninguém no mundo que carregasse uma memória verdadeira de Tigana antes de sua queda, uma lembrança de Avalor das Torres, das canções e das lendas, de toda a sua longa e magnífica história.

E daí estaria finalmente terminada. Apagada. Setenta ou oitenta anos arquitetando uma obliteração tão completa que se assemelhava ao que os milênios haviam feito às civilizações antigas, agora desconhecidas. Culturas inteiras que eram agora pouco mais do que o nome estranho de um lugar ou um título pomposo — Imperador de Toda a Terra — decifrado num vaso quebrado.

Brandin poderia voltar para sua casa em sessenta anos. Ele poderia fazer o que quisesse. Até lá, ela já estaria morta há muito tempo, assim como aqueles nascidos em Tigana que eram ainda mais novos do que ela. Os últimos herdeiros.

As últimas crianças que conseguiam ouvir e ler o nome da terra que um dia fora deles.

Oitenta anos é quanto Brandin se dava. Mais do que o suficiente, dada a expectativa de vida na Palma.

Oitenta anos até o esquecimento. Até o vaso quebrado e sem significado. Já se haviam perdido os livros, as pinturas, as tapeçarias, as esculturas, a música: rasgados, esmagados ou queimados naquele terrível ano após a queda de Valentin, quando Brandin arremetera contra eles na agonia de um pai que perde o filho, trazendo-lhes o ódio igualmente grave de um conquistador.

Fora o pior ano na vida de Dianora. Ver toda a beleza e esplendor esvair-se em entulho e pó ou queimar até as cinzas do aniquilamento. Ela tinha 15, 16 anos. Ainda era muito jovem para compreender tudo o que estava sendo erradicado. Pela morte de seu pai e a destruição de sua arte — os trabalhos vindos de suas mãos e de seus dias — lamentara amargamente. E também pela morte de amigos e os terrores de uma cidade subitamente empobrecida e atacada. As maiores perdas, as implicações futuras, ainda não compreendia.

Muitos da cidade enlouqueceram naquele ano.

Outros fugiram, levando seus filhos para tentar construir uma vida distante das chamas, da memória das chamas, das marretas despedaçando as estátuas dos príncipes na galeria do Palácio ao Mar. Alguns entraram tão fundo em si mesmos — outra espécie de loucura — que apenas uma mera fagulha restara neles, o suficiente para fazê-los comer e dormir, e de algum modo andar, em meio ao deserto de seus dias.

Sua mãe fora uma dessas.

Na sacada em Chiara, tantos anos depois, Dianora olhou para Scelto e percebeu, pela expressão preocupada em seu rosto, que ficara calada por tempo demais.

Forçou um sorriso. Ela estava ali há muito tempo; era boa em dissimular, em sorrir, quando preciso. Mesmo para Scelto, a quem odiava enganar. E especialmente para Brandin, a quem precisava enganar, ou morreria.

— Não precisamos nos preocupar com Iassica — disse, calma, continuando a conversa como se nada tivesse acontecido. De fato, nada *tinha* acontecido, a não ser o retorno de velhas memórias. Nada que importasse ao mundo, nada de valor ou serventia. Apenas perda. E, rindo habilmente, acrescentou: — Ela é muito estúpida para diverti-lo, e muito jovem para relaxá-lo como Solores faz. Mas estou feliz em receber essa informação. Acho que podemos usá-la. Diga-me, cuidar dela está deixando Tesios desgastado? Devo falar com Vencel para lhe designar alguém mais novo? Ou talvez mais de um?

Ela o fez sorrir, ainda que corando novamente. Aquilo sempre parecia acontecer. Se ela conseguisse fazê-los rir ou sorrir, as nuvens seriam varridas como pelo vento, deixando para trás o céu azul e límpido.

Dianora desejou, com o coração doído, que já soubesse fazer isso dezoito anos antes. Por sua mãe e seu irmão. Por ambos, tanto tempo atrás. Naquela época, não houve risadas. Não houve risos em lugar algum, e o céu azul servia apenas de zombaria às ruínas abaixo dele.

Vencel, incrivelmente mais obeso a cada dia, aprovou o vestido de Solores, o de Nesaia, o de Chylmoene e então o dela. Apenas as quatro com experiência suficiente para saber como agir segundo as exigências de uma recepção formal iriam descer até a câmara de audiências. Scelto apontara secamente que a inveja na saishan havia sido tão forte naquela última semana que era possível até mesmo sentir seu cheiro. Dianora não havia percebido; estava habituada.

Enquanto a analisava, os olhos astutos de Vencel se arregalaram em meio às muitas rugas de seu rosto escuro. Ela trazia a pedra preciosa em sua fronte, numa faixa de ouro branco que mantinha seu cabelo preso. Esparramado em seu sofá cheio de almofadas, o chefe da saishan brincava com as dobras de sua imensa túnica branca. O brilho do sol, vindo diretamente de uma janela atrás dele, se refletia em sua cabeça calva.

— Não me lembro dessa pedra entre nossos tesouros — murmurou ele, no tom agudo e discrepante de sua voz. Era uma voz tão inconsistente que poderia levar alguém a subestimar seu dono. Algo que, conforme várias pessoas haviam descoberto ao passar dos anos, era um erro terrível e, às vezes, mortal.

— Não é de lá — respondeu Dianora, feliz. — Embora, depois que voltarmos nesta tarde, eu deseje pedir que a guarde lá, em meu nome, entre os outros tesouros.

Era uma sugestão de Scelto. Vencel podia ser corrupto e mercenário em muitas coisas, mas não no que dizia respeito aos aspectos formais de seu cargo. Era esperto demais para isso. Novamente, uma verdade que algumas pessoas haviam pagado um preço bem alto para descobrir.

Ele assentiu.

— Parece uma pedra muito boa, vista de longe.

Obedientemente, Dianora deu um passo à frente e inclinou a cabeça com graciosidade, deixando-o ver a joia mais de perto. Ela foi tomada pelo aroma de flores que ele sempre usava após o fim do inverno. Era doce demais, mas não desagradável.

Ela chegara a temer Vencel uma vez: um misto entre a repulsa física que sentia dele e os rumores das coisas que ele gostava de fazer com os eunucos mais novos e com algumas das mulheres que estavam na saishan por razões puramente políticas, sem esperança de voltar a ver o mundo lá fora ou mesmo a ala oeste do palácio e os aposentos de Brandin. Mas fazia muito tempo desde que ela e o líder da saishan haviam chegado a um entendimento. Solores possuía o mesmo acordo não verbal com Vencel. E no tênue equilíbrio que conseguiram alcançar, os três controlavam, da melhor maneira que podiam, aquela vida de clausura, intensidade, ociosidade, incensos, mulheres frustradas e meios-homens.

Com um dedo surpreendentemente delicado, Vencel tocou a pedra em sua testa e sorriu:

— Uma boa pedra — disse, novamente, dessa vez em tom de julgamento e com o hálito perfumado. — Deverei falar com Scelto sobre isso. Veja bem, entendo dessas coisas. E, veja bem, pedras-de-veiro vêm do norte. De minha terra. São extraídas de Khardhun. Por muitos anos, brinquei com elas como se fossem bijuterias, os brinquedos de um monarca. Na época em que eu era mais do que sou agora. Pois, como você bem sabe, eu fui Rei de Khardhun.

Dianora concordou, com um sério aceno de cabeça. Pois aquele era mais um dos termos de seu acordo não verbal com Vencel: que não importava quantas vezes ele soltasse essa mentira louca e estúpida — e ele o fazia várias vezes ao dia, com uma variação ou outra —, ela deveria concordar, pensativa, como se ponderasse sobre a mensagem contida na grandeza de sua queda.

Apenas em seu quarto, a sós com Scelto, Dianora poderia rir como uma menina ao pensar que o imenso líder da saishan já fora *mais* do que ele era agora ou com as imitações que Scelto fazia de seus discursos e gestos.

— Você é muito bom nisso — dizia ela, inocentemente, enquanto Scelto arrumava seu cabelo ou lustrava suas sandálias até que brilhassem.

— É uma coisa que conheço muito, veja bem — respondia o eunuco e, se soubesse com certeza que estavam sozinhos, subia o tom de sua voz. Ele fazia gestos lentos e abrangentes. — Porque, como você bem sabe, eu era Rei de Khardhun.

E ela ria como uma menina que sabia estar aprontando e que adorava fazê-lo.

Certa vez, perguntara a Brandin sobre isso. Soubera que a campanha dele em Khardhun não havia sido um absoluto sucesso. Ele já falava com franqueza a Dianora sobre esses assuntos. Havia magia de verdade em Khardhun, naquela terra quente ao norte, depois do mar, entre as vilas costeiras e as planícies do deserto. Uma magia muito mais poderosa do que qualquer coisa na Península da Palma e equivalente ao poder de Ygrath.

Brandin havia tomado uma cidade e estabelecido um tênue controle sobre algumas das terras que margeavam o grande deserto que se estendia pelo norte. Ela também descobriu que houvera perdas, grandes perdas. Os khardhuneanos eram aclamados por suas habilidades de batalha, o que era de conhecimento geral na Palma: vários deles haviam servido como mercenários bem pagos nas províncias em guerra, muito antes de os tiranos chegarem e tornarem irrelevantes todos os conflitos menores.

Brandin lhe contou que Vencel era um arauto que fora capturado tardiamente, durante a campanha. Ele já era eunuco: algo que eles faziam aos mensageiros no norte por razões que Brandin desconhecia. Quando trazido para Ygrath, era óbvio o local para onde o eunuco deveria ir. E ele já era, conforme confirmara Brandin, enorme.

Dianora se endireitou quando Vencel retirou seu dedo da brilhante pedra-de-veiro vermelha.

— O senhor descerá conosco? — perguntou ela. Uma formalidade.

— Acho que não — disse ele, sério, como se realmente pensasse no assunto. — Talvez Scelto e Hala possam cuidar dessa tarefa. Tenho alguns assuntos que exigem minha atenção por aqui hoje à tarde, veja bem.

— Eu compreendo.

Dianora lançou um olhar a Solores, e ambas ergueram uma palma aberta, numa saudação respeitosa. De fato, Vencel não deixara a ala saishan nos últimos cinco anos. Mesmo quando andava pelos cômodos daquele andar, fazia-o sobre uma bem-arquitetada esteira rolante de

almofadas. Dianora não conseguia se lembrar da última vez em que realmente o vira de pé. Scelto e Hala — designado a cuidar de Solores — atendiam a todas as demandas formais fora da saishan. Vencel gostava de delegar tarefas.

Eles desceram a escadaria que ia da saishan para o mundo. No piso abaixo, elas aceitaram o olhar — respeitoso, embora cuidadoso — dos dois guardas colocados junto às pesadas portas de bronze que barravam o acesso ao local em que as mulheres estavam.

Dianora respondeu aos seus olhares com um sorriso. Um deles sorriu em resposta, tímido. Os guardas eram trocados com frequência; não conhecia nenhum dos dois, mas um sorriso era o começo de uma amizade, e ter um amigo a mais não era má ideia.

Scelto e Hala, vestidos discretamente de marrom, guiaram as quatro mulheres para fora da ala saishan, através do corredor principal do palácio até a grande escadaria ao centro. Ali, os dois eunucos pararam para deixar que as mulheres passassem à sua frente. Com algum orgulho, mas não com altivez — eram as prisioneiras e concubinas de um conquistador —, Dianora e Solores guiaram o caminho, descendo as escadas.

Obviamente, foram notadas. As mulheres da saishan eram sempre notadas quando apareciam. Havia várias pessoas no cômodo de mármore que dava para a câmara de audiências; elas abriram passagem para os quatro. Alguns dos homens mais novos sorriam de um modo que Dianora havia levado tempo para aceitar.

Outros a conheciam melhor; suas expressões eram muito diferentes. Ela e Solores pararam novamente junto à entrada da maior entre as salas de recepção formal. Estavam lado a lado, dessa vez apenas para causar efeito — o vestido vermelho-sangue ao lado do verde — e caminharam juntas pelo salão abarrotado.

Enquanto andava pelo salão — como toda vez em que fazia isso —, Dianora agradeceu internamente pelo impulso que levou Brandin a mudar as regras da saishan na colônia que governava.

Sabia que, em Ygrath, isso jamais seria permitido. Se outro homem, que não fosse o Rei ou um dos eunucos, visse uma mulher da saishan, quanto mais conversasse com ela, isso significava a morte para ambos. E, segundo Vencel lhe contara, também para o chefe da ala saishan.

As coisas quase sempre haviam sido diferentes ali, em Chiara. Com o passar dos anos, Dianora aprendeu que parte de sua gratidão deveria ser direcionada a Dorotea, Rainha de Ygrath, e à sua decisão de permanecer lá com Giraldo, o filho mais velho, em vez de acompanhar seu marido no exílio autoimposto. Escolha de Dorotea; ou, dependendo de quem se escutasse, a escolha de Brandin, que não exigiu a companhia de sua Rainha.

De modo instintivo, Dianora sempre preferira a última versão da história. Mas era sábia o suficiente para entender sua preferência, e essa era uma das coisas que nunca contara a Brandin. Não que o assunto fosse um tabu; ele não era esse tipo de homem. Simplesmente não saberia como lidar com a resposta que ele daria, caso a questão fosse um dia levantada.

De qualquer modo, com a permanência de Dorotea em Ygrath, havia poucas mulheres

nascidas na corte dispostas a se arriscar cruzando os mares e o desprazer da Rainha, apenas para vir à colônia da Palma — o que significava uma grande escassez de mulheres na nova corte de Brandin em Chiara. E isso, por sua vez, gerava uma mudança no papel da saishan, que aumentou substancialmente nos últimos anos, desde que Brandin ordenara que os navios de tributo buscassem as filhas de famílias distintas, em Corte ou em Asoli. Em Chiara, ele mesmo as escolhia. De Baixa Corte, que um dia carregara um nome diferente, ele não pegava mulher alguma, uma regra absoluta. O ódio ali corria em ambas as direções e de maneira profunda, e a saishan não era um local para deixá-lo se inflamar.

Ele trouxera apenas algumas das mulheres de sua saishan em Ygrath, deixando-a quase intacta. A política era bem clara: o controle da saishan era um símbolo que confirmava a imagem de autoridade de Giraldo, que governava então como Regente de Ygrath em nome de seu pai.

Com tais mudanças ali, na colônia, a nova saishan era muito diferente da antiga; Vencel e Scelto haviam contado a ela. O ambiente era outro, inteiramente distinto.

Havia ainda, entre todas essas mulheres de Corte, Chiara e Asoli e do punhado que viera de Ygrath, uma mulher chamada Dianora, de Certando. Da Certando que era governada pelos barbadianos.

Ou assim pensavam todos do palácio.

Dianora se lembrava de como isso quase havia começado uma guerra.

Nos dias depois da partida de seu irmão, Dianora di Tigana, com apenas 16 anos, filha de um escultor que morrera na guerra e de uma mãe que quase não falara mais depois daquele dia, resolveu que dedicaria sua própria vida à morte do Tirano em Chiara.

Endurecendo da maneira que os homens eram forçados a fazer em uma batalha — da maneira que seu pai provavelmente tentara fazer, junto ao Deisa —, ela começou preparando-se para deixar sua mãe naquela casa vazia, cheia de ecos, que já fora um lar repleto de alegria. Um lugar onde o Príncipe de Tigana andara no quintal, um braço apoiado sobre o ombro de seu pai, conversando e elogiando os trabalhos que realizava ali.

Dianora conseguia se lembrar.

Ao entrar na câmara de audiências, ela conferiu e aprovou seu reflexo na parede de espelhos dourados que ficava do outro lado da sala. E então seus olhos buscaram, instintivamente, os de d'Eymon de Ygrath, o Chanceler. O segundo homem mais poderoso na corte.

Previsivelmente, ele já olhava em direção às duas, seu olhar tão vazio quanto sempre fora. Um olhar que havia incomodado Dianora quando ela chegara. Pensou que d'Eymon não gostasse dela — ou pior: que suspeitasse de algo. Não demorou até ela perceber que o Chanceler desgostava e desconfiava de qualquer um que entrasse naquele palácio. Todos recebiam o mesmo escrutínio gélido. E também fora assim, ouvira ela, em Ygrath. A lealdade de d'Eymon a Brandin era fanática e inalterável, e assim também era seu zelo em proteger o Rei.

Com o passar dos anos, Dianora desenvolveu certo respeito pelo amargo ygratheano, relutante a princípio, depois mais natural. E ela considerava a confiança que conquistara dele como mais um de seus triunfos. Uma confiança que durava anos; do contrário, nunca teriam permitido que ela passasse a noite na cama com Brandin enquanto ele dormia.

O triunfo da enganação, pensou, com uma ironia que mordiscava a própria alma.

D'Eymon fez um leve movimento circular com a cabeça, olhando-a, e então repetiu o gesto para Solores. Era o que já esperavam: estavam ali para se misturar e conversar. Nenhuma delas deveria se sentar na cadeira que ficava ao lado do trono insular. Elas o faziam, às vezes — e assim tinha feito a linda Chloese, antes de sua morte prematura —, mas Brandin era bastante rígido quando convidados de Ygrath estavam entre eles. Em tais ocasiões, o assento ao lado do seu permanecia notadamente vazio. Para Dorotea, sua Rainha.

Obviamente Brandin ainda não havia entrado no salão, mas Dianora viu Rhun, o Bobo preguiçoso e careca, dançando diante de uma das serviçais que carregava vinho. Naturalmente desajeitado e extremamente retardado, estava vestido suntuosamente de dourado e branco, e Dianora soube que Brandin também estaria. Era parte integrante da complexa relação entre os reis feiticeiros de Ygrath e seus bobos.

Por séculos, o Bobo servira como sombra e projeção do Rei de Ygrath. Ele se vestia como seu monarca, comia perto dele nos eventos públicos, estava lá quando honrarias eram conferidas ou julgamentos realizados. E todo bobo de um rei era visivelmente, e às vezes dolorosamente, doente ou deformado. O caminhar de Rhun era lento, seus traços retorcidos e disformes. Suas mãos ficavam em ângulos estranhos quando em repouso, sua fala era arrastada. Ele reconhecia as pessoas na corte, mas não sempre; e não da maneira que se poderia esperar, o que por vezes trazia uma mensagem. Uma mensagem do Rei.

Aquela parte, Dianora não compreendia plenamente, e duvidava que um dia compreendesse. Sabia que a mente turva e limitada de Rhun era controlada principalmente por ele, mas também sabia que havia algo mais. Havia feitiçaria ali: a sutil magia de Ygrath.

O que ela entendia era que, além de servir de forma bastante visual para lembrar o Rei de sua própria mortalidade e de suas limitações, os bobos de Ygrath, vestidos exatamente como seus senhores, poderiam às vezes servir como uma voz, um canal externo para os pensamentos e as emoções do Rei.

Algo que significava que ninguém conseguia saber ao certo se as palavras e ações de Rhun, tão lentas e estranhas, eram dele ou serviam como uma importante revelação do humor de Brandin. Aquilo era um terreno traiçoeiro para os incautos.

Naquele momento, Rhun parecia estar sorridente e feliz, sacudindo-se e saudando cada um que encontrava, o chapéu dourado caindo sempre. Mas ele ria cada vez que se abaixava para recolhê-lo e colocá-lo sobre o cabelo, cada vez mais ralo. Às vezes, algum cortesão mais ansioso, buscando ganhar reconhecimento de qualquer modo possível, corria para pegar o chapéu e devolvê-lo ao Bobo. Rhun ria disso também.

Dianora tinha de admitir que ele a incomodava, embora tentasse esconder esse sentimento

debaixo da compaixão sincera que sentia por suas doenças e por sua idade, visivelmente avançada. Mas a grande verdade, para ela, era que Rhun estava intimamente ligado à magia de Brandin; ele era uma extensão dela, uma ferramenta, e essa magia era a fonte de toda a sua perda e o seu medo. E de sua culpa.

Assim, com o passar dos anos, ela se tornou hábil em evitar situações que a obrigassem a estar a sós com o Bobo; seus olhos sinceros, tão dolorosamente similares aos de Brandin, davam-lhe verdadeira agonia. Se os encarava por muito tempo, eles pareciam não ter profundidade, sendo apenas superficiais, refletindo sua imagem de volta para si de uma maneira muito diferente dos espelhos de borda dourada. E, naqueles momentos, não gostava do que via.

Da porta, com a graça adquirida pela longa experiência, Solores deu um passo para a direita, enquanto Dianora se movia para a esquerda, sorrindo para as pessoas que conhecia. Nesaia e Chylmoene, trajando castanho e âmbar, cruzaram o salão juntas, criando uma visível agitação por onde passavam.

Dianora viu o poeta Doarde, com sua esposa e sua filha. A menina, que devia ter uns 17 anos, estava obviamente empolgada. Dianora imaginou que fosse seu primeiro evento formal. Doarde sorriu excessivamente do outro lado do salão, fazendo-lhe uma elaborada reverência. Mesmo à distância, no entanto, ela conseguia ler a frustração em seus olhos: uma recepção daquele nível para um músico vindo de Ygrath deveria ser um fel amargo para o poeta mais velho na colônia. Durante todo o inverno ele havia se envaidecido dos versos que Brandin enviara para leste, como estímulo aos barbadianos quando a notícia da morte de Sandre chegara até eles no outono. Doarde se tornara insuportável por meses. Naquele dia, no entanto, Dianora conseguia simpatizar com ele um pouco, ainda que o considerasse uma fraude monumental.

Dissera isso a Brandin certa vez, apenas para descobrir que ele considerava o poeta pomposamente divertido. Quando queria uma arte genuína, dissera ele, procurava em outro lugar.

E você o destruiu, ela tivera vontade de dizer.

Muita vontade. Lembrava-se, com uma dor quase física, da cabeça quebrada e do busto esfacelado do último Adaon de seu pai, na escadaria do Palácio ao Mar. Aquele para o qual seu irmão, enfim com idade suficiente, havia servido como modelo para o jovem deus. Ela se lembrava de estar com os olhos secos enquanto olhava para os escombros daquela escultura, querendo chorar, mas sem saber onde suas lágrimas estavam.

Olhou novamente para a filha de Doarde, para sua empolgação juvenil, mal contida. Dezessete.

Logo após seu aniversário de 17 anos, Dianora havia roubado metade da prata do cofre escondido de seu pai, pedindo perdão ao seu espírito e a bênção de sua mãe em seu coração, e implorando pela compaixão de Eanna, que tudo via sob o brilho de sua luz.

Partira sem dizer adeus, embora tenha olhado uma última vez para trás, na luz fraca da

vela que carregava. Avistara a figura magra e envelhecida de sua mãe, dormindo mal na imensidão da cama. Dianora já endurecera, como se fosse para uma batalha. Ela não chorou.

Quatro dias depois, cruzara a fronteira e chegara a Certando, tendo atravessado o rio por uma parte mais deserta, ao norte de Avalor. Ela precisou ter cuidado ao chegar lá — soldados ygratheanos ainda caminhavam pelo interior e, em Avalor, martelavam as torres, derrubando-as. Algumas ainda permaneciam de pé — conseguia ver de seu esconderijo —, embora a maioria já fosse apenas ruínas e o que ela vira de Avalor tenha sido através de uma cortina de fumaça.

Nem era mais Avalor, tampouco. O feitiço já havia sido lançado, a mágica de Brandin. A cidade sobre a qual uma mortalha de fumaça e pó se erguia pesadamente agora se chamava Stevanien. Dianora se lembrava de não entender como um homem conseguia dar o nome do filho que ele um dia amara àqueles horríveis escombros de um lugar outrora tão lindo. Mais tarde, ficaria mais claro para ela: o nome não tinha nada a ver com a memória que Brandin mantinha de Stevan. Era apenas, para aqueles que viviam ali e para todos os que já foram de Tigana, um lembrete constante e inescapável da morte de quem significara sua ruína. Os tiganeses agora viviam em uma província chamada Baixa Corte — e Corte fora sua mais amarga inimiga por séculos. A cidade de Tigana era agora a cidade de Baixa Corte.

E Avalor das Torres era Stevanien. A vingança do Rei de Ygrath fora além da ocupação, dos incêndios, dos escombros e das mortes. Ela englobara nomes e memórias, o tecido da identidade; era algo sutil e impiedoso.

Havia muitos refugiados no verão em que Dianora fora para o leste, mas nenhum deles possuía algo sequer semelhante ao seu propósito, por isso a maioria ia para muito mais além: até o extremo das plantações de Certando, até Ferraut, Tregea ou mesmo Astibar. Pretendendo, às vezes até ansiosos por isso, viver sob a tirania do senhor barbadiano, para conseguirem se distanciar o máximo possível das imagens do que Brandin de Ygrath fizera ao seu lar.

Mas Dianora se agarrara àquelas imagens. Ela as alimentava dentro de seu peito com ódio, moldando rancor com a memória. Serpentes gêmeas dentro dela.

Andou apenas alguns quilômetros além da fronteira, dentro de Certando. Os campos de milho, típicos do final do verão, estavam altos e amarelos, recordava-se, mas todos os homens haviam partido, fugido para o norte e o leste, já que Alberico de Barbador, tendo cuidadosamente consolidado suas conquistas de Ferraut e Astibar, movia-se para o sul.

Ele seria o senhor de Certando quando o outono terminasse. E tomaria Borifort, a última fortaleza que resistia em Tregea, na primavera seguinte, depois de um cerco que duraria todo o inverno.

Muito antes disso, Dianora já havia encontrado o que procurava nas terras altas a oeste de Certando. Uma aldeia, com vinte casas e uma taverna, ao sul de Sinave e de Forese, os dois grandes fortes que se encaravam de cada lado da fronteira que dividia Certando do que aprendera a chamar de Baixa Corte.

A terra próxima das montanhas do sul não era tão boa quanto a que se encontrava além, no norte. A época de plantio e crescimento era mais curta. Ventos frios desciam de Braccio e Sfaroni no começo do outono, trazendo neve logo em seguida, um inverno branco e longo. Lobos uivavam nas noites de inverno; e em algumas manhãs, viam-se estranhas pegadas na neve profunda — pegadas que desciam da montanha e então retornavam.

Uma vez, muito tempo antes, a vila se encontrava próxima a uma das estradas que bifurcavam a nordeste, vindo da estrada principal que passava pelo Passo Sfaroni, nos dias em que ainda se comercializava com Quileia, ao sul. Por isso a antiga taverna era tão grande, em meio a uma aldeia agora tão pequena, com quatro quartos no andar de cima para os viajantes que não vinham já havia muitos anos.

Dianora escondera a prata de seu pai ao sul da vila, numa encosta bem arborizada, longe de onde os pastores costumavam ficar e fora trabalhar como servente na taverna. Não havia dinheiro para pagá-la, é claro. Ela trabalhara em troca do quarto e da escassa comida disponível naquelas primeiras estações do ano; e labutara no campo com as outras mulheres e os garotos para levar para casa tudo o que pudessem colher.

Ela lhes dissera que era do norte, perto de Ferraut, que sua mãe estava morta e seu pai e seu irmão tinham ido para a guerra. Dissera que seu tio começara a abusar dela e por isso fugira. Era boa com sotaques, e soube fingir ser do norte bem o suficiente para acreditarem. Ou ao menos não fazerem perguntas. Havia muita gente passando pela Palma naqueles dias, e as perguntas dificilmente eram insistentes. Ela comia pouco e trabalhava tanto quanto qualquer um no campo. Na verdade, havia pouco a se fazer na estalagem, já que os homens estavam na guerra. Ela dormia em um dos quartos no andar de cima, e até o tinha só para si. À sua própria maneira, eram gentis com ela, dada a natureza das coisas naquela época.

Quando a luz e o local estavam adequados, geralmente pela manhã, em certos pontos dos campos mais altos, conseguia olhar para oeste, através da fronteira e em direção ao rio, e ver as torres restantes e a fumaça sobre o que fora Avalor. Uma manhã, perto do final do ano, percebeu que não conseguia ver mais nada. Que, na verdade, já fazia tempo desde que vira algo. A última torre se fora.

Naquela mesma época, os homens começaram a retornar para casa, cansados e feridos. Novamente, houve trabalho na cozinha e espera nas mesas ou atrás do balcão do bar. Também se esperava mais uma coisa dela, para a qual se preparara da melhor forma possível por todo o outono: que levasse um homem para o quarto, caso ele oferecesse o preço justo.

Toda vila parecia precisar de uma mulher assim, e ela fora a candidata óbvia daquele lugar. Tentara não se importar, mas aquela fora a sua tarefa mais difícil até então. No entanto, tinha uma missão, uma razão para estar ali, uma vingança para realizar; e aquilo, mesmo aquilo, dizia ela a si mesma enquanto subia as escadas com alguém, fazia parte dessa missão. Ela endurecera, mas nem sempre, e não o bastante.

Talvez isso tenha ficado nítido. Vários homens pediram-na em casamento. Um dia, ela se flagrou pensando em um deles enquanto limpava as mesas após o almoço. Era quieto e

gentil, tímido quando ele a levava para o andar cima, e seus olhos a seguiam na taverna com grande concentração sempre que estava lá.

Foi o dia em que soube que deveria partir.

Ela ficou um pouco surpresa ao notar que já haviam-se passado três anos. Era primavera.

Escapou numa noite, novamente sem se despedir, lembrando-se da chegada mesmo enquanto partia. Flores do prado desabrochavam junto à trilha das colinas. O ar estava limpo e morno. Sob a luz mista das duas luas, encontrou sua prata enterrada e caminhou sem olhar para trás, tomando a estrada para o norte, em direção ao forte de Sinave. Tinha 19 anos.

Dezenove e, em algum momento daqueles últimos dois anos, tornara-se bonita. Suas feições angulares e ossudas haviam se amenizado, mesmo enquanto perdia os últimos traços de meninice. Seu rosto era oval, com bochechas largas, quase austero. Isso mudava quando ria — e por alguma razão ainda sabia rir —, tornando-a calorosa e animada, enquanto seus olhos negros pareciam prometer coisas que iam além da mera diversão. Homens que conseguiram fazê-la rir ou sorrir iriam encontrar aquele olhar novamente mais tarde, seja nas memórias ou na tênue fronteira entre sono e sonho, anos depois que Dianora se fora.

Em Sinave, os barbadianos a incomodavam com seu tamanho opressivo e sua brutalidade descuidada e casual. Ela se forçara a manter a calma e permanecer ali. Duas semanas seriam o suficiente, imaginara. Precisava deixar uma impressão e uma lembrança.

Uma lembrança cuidadosamente construída, de uma garota ambiciosa e bonita do interior, de algum lugarejo perto das montanhas. Uma garota que costumava se calar durante as conversas na taverna; mas que, quando falava, contava histórias vívidas e marcantes de sua vila ao sul. Contava-lhes com a perceptível dicção lacônica e as vogais arredondadas que a marcariam em qualquer lugar da Palma como uma mulher nascida nas terras altas de Certando.

As histórias eram geralmente tristes — como a maioria naquele tempo. Mas, de vez em quando, Dianora oferecia uma jocosa imitação de algum rústico das terras altas, dando sua opinião embasada sobre os grandes negócios do mundo, e aqueles que se sentavam à mesa com ela riam por muito tempo.

Ela passava a impressão de ter algum dinheiro, provavelmente ganho da maneira que garotas bonitas costumavam ganhar. Mas dividia um quarto com outra mulher na melhor das duas hospedarias dentro das muralhas do forte, e nenhuma delas jamais havia sido vista convidando um homem a subir. Ou aceitando o convite de alguém para ir a outro lugar. Os soldados barbadianos poderiam ter sido um problema — e, no inverno, foram —, mas ordens haviam chegado de Astibar, e eles estavam de rédeas curtas na primavera.

O que Dianora pretendia, segundo confiara certa noite ao grupo de jovens homens e mulheres ao qual havia se juntado, era trabalhar numa taverna, ou local semelhante, que servisse um tipo melhor de pessoas. Ela já havia visto o suficiente e mais um pouco daqueles tipos de estalagem, muito obrigada, declarara.

Alguém mencionara A Rainha, em Stevanien, do outro lado da fronteira de Baixa Corte.

Com um sincero suspiro de alívio, Dianora começara a fazer perguntas sobre o lugar.

Perguntas para as quais já sabia a resposta havia três dias; naquele período, sentara-se em meio àquelas mesmas pessoas, plantando sugestões sutis na esperança de fazer o nome vir à tona. Mas não valia a pena desperdiçar sutileza entre os jovens da fronteira de Certando, e ela praticamente teve de arrastar a conversa na direção que queria.

E então ouvira, parecendo arrebatada e interessada, enquanto dois de seus novos conhecidos descreviam a mais recente e elegante inovação ygratheana em Baixa Corte. Um restaurante coordenado por um cozinheiro trazido da própria Ygrath pelo atual governador de Stevanien e suas distradas. Parecia que o Governador era um grande apreciador de vinhos, comidas e boa música tocada em salões confortáveis. Ele havia ajudado o novo mestre de cozinha a se estabelecer num conjunto de salões no andar térreo de uma antiga casa bancária e se deleitava na glória refletida pelo restaurante mais elaborado e luxuoso da Palma. Ele mesmo jantava lá várias vezes por semana, ouvira Dianora.

Pela segunda vez.

Ela já ouvira tudo isso em meio às fofocas dos mercadores, enquanto conferia os preços e os estilos das roupas disponíveis no Forte Sinave. Sabia que precisava se vestir de acordo com a cidade. Isso poderia fazer a diferença.

Desde a primeira vez em que ouvira o nome, percebeu que A Rainha seria a estalagem perfeita para o próximo estágio do plano para mudar seu passado.

O que ela aprendera com os mercadores era que ninguém de Baixa Corte tinha autorização para comer ali. Comerciantes de Corte eram bem-vindos, assim como aqueles das distantes Asoli ou Chiara. Qualquer ygratheano, soldado, mercador ou quem quer que buscasse riqueza na nova colônia, era gentilmente convidado a saudar o retrato da Rainha Dorotea, pendurado na parede em frente à porta. Mesmo os mercadores que estivessem cruzando a divisa entre a Palma Oriental e a Ocidental eram mais do que bem-vindos a deixar ali uma parte de qualquer forma de dinheiro que carregassem.

Apenas os verdadeiros inimigos do Rei — os cidadãos de Baixa Corte ou de Stevanien — eram proibidos de contaminar e sujar o ambiente com sua presença imunda e infecta de assassinos de herdeiro.

E um mercador de Ferraut que trazia couro de Stevanien com a expectativa de vender com algum lucro, apesar das tarifas daquele ano, contou a Dianora que os ditos inimigos nunca entravam na Rainha. O que os habitantes de Stevanien fizeram em resposta à proibição foi simplesmente se recusar a trabalhar no novo estabelecimento. Nem como garçons, nem como ajudantes de cozinha, nem no estábulo, nem como músicos ou artesãos que auxiliassem a decorar e a manter seus esplêndidos salões.

O Governador, ao descobrir o que estava acontecendo, jurou, vermelho de raiva, que obrigaria os desprezíveis habitantes dali a trabalharem em qualquer lugar em que fossem solicitados por seus mestres de Ygrath. Iria forçá-los com masmorras, chicotes e rodas de tortura se fosse preciso.

O cozinheiro chefe, Arduini, discordou.

Arduini argumentou, numa demonstração muito semelhante do temperamento artístico, que ninguém poderia construir e manter um estabelecimento de qualidade por meio de trabalho forçado e de malgrado. Seus padrões eram simplesmente altos demais para aquilo. Mesmo os garotos que cuidavam dos estábulos de *seu* restaurante, disse Arduini de Ygrath, deveriam ser treinados e bem dispostos, além de terem certo *estilo*.

Quando aquilo se espalhou, houve risos: ajudantes de estábulo com estilo, ora essa. Mas o deboche logo se tornou respeito; pois Arduini, pretensioso ou não, sabia o que estava fazendo. O mercador de Ferraut disse a Dianora que A Rainha era como um oásis em meio aos desertos de Khardhun. Na desolada e destruída Stevanien, era como um brilho cálido de civilidade e graça ygratheana. Ele lamentou, embora com certa discrição, já que estava desse lado da fronteira, que tais traços não aparecessem nos barbadianos, que haviam ocupado sua própria província.

Mas, sim, disse ele, em resposta à questão aparentemente casual de Dianora: Arduini ainda estava passando por problemas em conseguir funcionários. Stevanien não era um local movimentado e, além do mais, ficava na província mais oprimida da Palma, seja militarmente, seja por meio de impostos. Era praticamente impossível fazer com que pessoas viajassem até lá ou mesmo permanecessem ali. E, como nenhum dos aventureiros de Ygrath havia viajado até tão longe para lavar pratos, limpar mesas ou ajudar em um estábulo — ainda que o estábulo tivesse muito estilo —, havia uma necessidade crônica de trabalhadores de outros locais da Palma.

Naquele momento, Dianora mudou todos os seus planos. Traçou a linha de sua vida com base naquela informação do acaso e fez um pedido silencioso a Adaon. Ela já esperava, com alguma preocupação sincera, ir até Corte. Aquele sempre fora o destino quase final de seus planos. E nas noites em que não conseguia dormir, como era frequente, ponderara se três anos em Certando seriam suficientes para que não comesçassem a buscar a verdadeira história de sua vida. Mas não tinha ideia do que mais poderia fazer.

Agora tinha.

Algumas noites depois, na maior das tavernas do Forte Sinave, uma animada multidão de jovens assistia sua nova amiga beber mais do que deveria, pela primeira vez desde que chegara. Mais de um dos rapazes viu ali um motivo para otimismo no que dizia respeito às possibilidades daquela noite.

— Então, está decidido! — gritava Dianora, com sua voz atraente e seu sotaque interiorano. Ela se recostava, amparada contra o ombro de um carroceiro perplexo. — Amanhã será um novo começo para mim! Vou para a fronteira assim que puder, para visitar A Rainha de Ygrath! Que a Tríade abençoe seus dias!

Que a Tríade proteja e cuide da minha alma, pensava ela enquanto falava, completamente sóbria, sentindo um profundo calafrio com as palavras que gritava com tanta facilidade.

Eles a silenciaram, rindo alto — em parte, para cobrirem suas palavras. Na Certando dos

barbadianos, saudar a Rainha de Ygrath estava longe de ser uma decisão inteligente. Dianora riu de modo cativante, mas por fim se acalmou. O carroceiro e outro homem tentaram acompanhá-la até seu quarto, mas acabaram sendo delicadamente dispensados, indo beber juntos em meio a outros mercenários fora de seu horário de trabalho na única taverna do Forte Sinave que funcionava a noite toda.

Eles concordaram, sabiamente, que ela era descontrolada e *interiorana* demais para que tivessem sucesso em suas ambições. E também concordaram, alguns copos depois, que ela tinha o mais encantador dos sorrisos. Algo sobre como os olhos dela ficavam quando estava satisfeita.

Pela manhã, Dianora viu-se vestida e pronta, com todas as suas coisas guardadas e esperando, logo cedo, em frente ao portão principal do forte. Barganhara uma carona até Stevanien com um mercador de meia-idade bastante simpático que vinha de Senzio carregando especiarias barbadianas para o mercado de luxo. A única razão para ir até a triste e acabada Stevanien, dissera-lhe o mercador, era o novo restaurante, A Rainha. Ela interpretara aquela feliz coincidência como um bom sinal, fechando os dedos da mão esquerda sobre o polegar três vezes, para fazer com que o desejo se tornasse realidade.

As estradas andavam melhores do que se lembrava. Certamente, os mercadores que cruzavam por ali pareciam sentir-se seguros. Enquanto viajavam, ela perguntou sobre isso ao senziano. Ele sorriu, sarcástico:

— Os tiranos acabaram com a maioria dos bandidos da estrada. É apenas uma questão de proteger os próprios interesses. Eles querem ter certeza de que ninguém mais irá nos roubar antes deles, com seus impostos e as tarifas nas fronteiras. — Discretamente, ele cuspiu na poeira da estrada. — Pessoalmente, eu preferia os bandidos. Havia modos de se lidar com eles.

Pouco depois, Dianora vira evidências do que ele dizia: passaram por duas rodas de tortura ao lado da estrada, os corpos de supostos ladrões presos com braços e pernas abertos, girando lentamente sob o sol, com as mãos decepadas apodrecendo em suas bocas. O cheiro era horrível.

O senziano parou em frente à fronteira para negociar no Forte de Forese. Pagou também a taxa de passagem, enquanto aguardava na fila para que sua carroça fosse examinada e taxada. As rodas de tortura, comentou depois, à maneira cáustica dos senzianos, não eram destinadas apenas aos bandidos de estrada ou aos magos capturados.

Como já estava tarde, passaram a noite num estabelecimento naquela estrada, juntando-se a um grupo de mercadores de Ferraut para o jantar. Dianora se retirou cedo e foi para a cama. Ela pagara para ter um quarto individual e tivera a precaução de arrastar um armário de carvalho para bloquear a porta. Mas nada a perturbou, a não ser seus sonhos. Viu-se de volta a Tigana, mas não estava lá, pois ali não era Tigana. Sussurrara o nome para si, como um talismã ou uma oração, antes de cair em um sonho agitado, repleto de imagens de destruição daquele ano de guerra.

Passaram a segunda noite em outra estalagem, ao lado do rio, em frente às muralhas de Stevanien, já que haviam chegado após o toque de recolher do pôr do sol, que fechava os portões. Daquela vez, comeram sozinhos e ela conversou com o senzião até tarde. Ele era decente e estava sóbrio, negando os clichês sobre sua província decadente, e ficou claro que gostava dela. Ela gostava de sua companhia e, de certo modo, sentia-se atraída por seu jeito seco e espirituoso. Ainda assim, foi para a cama sozinha. Aquela não era a vila em Certando: não tinha obrigações.

Ou, ao menos, não aquele tipo de obrigações. E quanto à diversão ou às necessidades comuns de interação humana... nada disso faria sentido para ela, caso alguém lhe explicasse.

Tinha 19 anos e estava na Tigana-que-já-existira.

Pela manhã, dentro das muralhas da cidade, se despediu do senzião, tocando palma com palma, brevemente. Ele parecia um tanto afetado pela noite anterior, mas Dianora se virou e saiu andando antes que ele conseguisse encontrar as palavras que seus olhos procuravam.

Ela encontrou uma estalagem não muito distante. Uma em que sua família nunca se hospedara. Não estava realmente preocupada em ser reconhecida; sabia o quanto tinha mudado e que havia muitas garotas chamadas Dianora em toda a Palma. Pagou adiantado pela estadia de três dias e deixou suas coisas lá.

Então caminhou pelas ruas do que fora, não muito tempo antes, Avalor das Torres. Avalor, nas margens verdejantes do Sperion, logo antes do rio voltar-se a oeste para buscar o mar. Uma dor crescia nela enquanto andava. O que mais lhe doeu foi perceber o quanto um lugar poderia ser o mesmo após ter mudado completamente.

Atravessou o distrito do couro e o distrito da lã. Conseguia se lembrar de andar por ali com sua mãe, quando toda a família fora até Avalor para ver uma das esculturas de seu pai ser colocada, com cerimônias, em alguma das praças. Ela até reconheceu a loja em que comprara seu primeiro par de luvas de couro cinza, com moedas guardadas de seu aniversário no verão especialmente com esse propósito.

Cinza era a cor para mulheres crescidas e jovens, não para meninas, o artesão de barba ruiva provocara. *Eu sei*, dissera orgulhosa a Dianora de 6 anos naquele outono tão distante. Sua mãe rira. Em algum lugar do tempo, sua mãe havia sido uma mulher que ria. Dianora se lembrava.

No quarteirão da lã, viu mulheres e meninas trabalhando sem descanso, cardando e tecendo da mesma maneira que fizeram por séculos, diante de portas abertas para os primeiros raios de sol daquele começo de verão. Do outro lado do rio, conseguiu sentir o cheiro dos galpões e pátios de tintas.

Quando Quileia, além do sul das montanhas, se voltara para seu matriarcado, centenas e centenas de anos antes, Avalor sofreu graves consequências. Talvez maiores do que qualquer outra cidade na Palma. Como estava diretamente localizada entre uma das duas rotas principais de comércio entre as montanhas, encontrava-se em súbito risco de se tornar irrelevante. Com uma ingenuidade coletiva que beirava a genialidade, a cidade decidiu

mudar seu foco.

No espaço de tempo de uma geração, aquela cidade de bancos e comércio se tornou o principal centro de trabalhos com couro e da lã tingida suntuosamente em toda a Palma.

Sem perder tempo, Avelle perseguira sua nova prosperidade e seu orgulho. E as torres continuaram subindo.

Sentindo uma fisgada no coração, Dianora finalmente reconheceu que trilhava seu caminho, cuidadosamente, pelos arredores de Stevanien, os distritos periféricos, os quarteirões dos artesãos, olhando apenas para o outro lado e para dentro das casas. Nunca para o centro, em direção às colinas. Onde costumavam ficar as torres.

Então, ao perceber que fazia isso, voltou seu rosto, permanecendo imóvel no meio de uma praça, no início da rua da Guilda dos Artesãos. Em frente à praça, havia um templo de Morian, pequeno e muito bonito, feito de mármore com detalhes róseos. Ela o encarou por um instante, para então direcionar seu olhar por cima dele e adiante.

Naquele momento, Dianora foi atingida por uma verdade decisiva: o quanto algo conseguia parecer inalterado em todos os pequenos detalhes superficiais de sua existência, nos detalhes em que as coisas nunca mudavam verdadeiramente, homens e mulheres sendo o que são. Mas como o coração, a base, o cerne de tudo havia se tornado completamente diferente do que fora outrora.

As lindas e amplas ruas pareciam ainda mais amplas do que antes. Mas é porque estavam quase vazias. Havia um barulho abafado à sua esquerda, à beira do rio, onde o mercado ainda se encontrava. Sua memória lhe dissera, contudo, que o som não era sequer uma fração do que havia sido nas manhãs que se haviam perdido.

Havia pouquíssimas pessoas. Tantos haviam partido ou morrido, e os soldados ygratheanos ficavam ainda mais visíveis no vazio das ruas. Dianora deixou seu olhar viajar além do templo, além da linha da larga avenida que estava ao seu lado, até o coração da cidade.

Nós podemos e vamos construir e expandir, dissera certa vez o povo de Avelle; mesmo no começo, quando as cidades em todos os outros locais eram viveiros tortuosos de becos entrelaçados e vias retorcidas e fáceis de defender. *Não haverá outra cidade como a nossa em todo o mundo e, se for preciso nos defender, iremos nos defender do alto de nossas torres.*

Torres que não mais existiam. A linha feia do horizonte, reta e contínua, acertou Dianora dolorosamente. Era como se seus olhos tivessem sido enganados, procurando algo que *deveria* estar ali.

Desde os primeiros dias daquela grande e elegante cidade na beira do Sperion, as torres eram o símbolo de Avelle, afirmações do orgulho tiganês — pura arrogância, como diziam nas províncias de Corte, Chiara e Astibar. Eram sinais da rivalidade interna, pois cada família rica, assim como cada grupo rico de banqueiros, comerciantes ou artesãos, construía sua própria torre, o mais alto que conseguiram, e então ainda mais alto. Graciosas ou de aspecto bélico, de pedras vermelhas, cor de areia ou acinzentadas, as torres de Avelle se erguiam em direção ao céu de Eanna como uma floresta dentro das muralhas da cidade.

Os conflitos internos chegaram a ser verdadeiramente perigosos durante um tempo, comumente repletos de assassinatos e sabotagens, e os melhores construtores e arquitetos cobravam valores assombrosos. Fora o terceiro Príncipe Alessan di Tigana que colocara um fim àquela insanidade da maneira mais simples possível, mais de duzentos anos antes.

Ele recebera Orsaria, a mais celebrada entre as arquitetas, requisitando a construção de um palácio para ele em Avalor. E aquele palácio deveria ter uma torre, dissera o Príncipe Alessan, que seria — e se manteria, pela força da lei — a mais alta da cidade.

E assim o fora. A Torre do Príncipe, esguia e graciosa, era envolta em faixas de verde e branco, de modo a servir como memória do mar em meio à terra, colocando um fim à competição pelo topo de Avalor. E dali em diante, seguindo o exemplo daquele Príncipe Alessan e criando um costume e uma tradição, os príncipes e as princesas de Tigana nasceriam em Avalor, no palácio abaixo daquela torre, para que pertencessem a ambas as cidades: Tigana das Ondas e Avalor das Torres.

Dianora sabia que, um dia, chegaram a existir mais de setenta torres, coroadas em glória por aquela presença verde e branca. Um dia? *Quatro anos antes.*

E Dianora pensara, enquanto sua visão sentia a dor daquela ausência: o que é uma pessoa que segue seus dias como sempre fez, que fala, anda e trabalha, que come, faz amor, dorme e às vezes até consegue rir, mas cujo coração foi cortado e arrancado de seu corpo? Nenhuma cicatriz fora deixada à vista. Nenhuma ferida, pela qual pudessem se lembrar do golpe da lâmina.

Todos os escombros foram removidos. Não havia fumaça, a não ser aquela vinda dos locais de tinturas. O dia estava agradável e brilhante, os pássaros cantavam boas-vindas ao calor que chegava. Não havia nada, absolutamente nada que mostrasse que um dia houvera torres naquele lugar. Naquela cidade de Stevanien, baixa e cada vez mais baixa, num canto remoto da Península da Palma, na mais oprimida das províncias.

O que é tal pessoa?, pensou Dianora mais uma vez. Uma pessoa cujo coração havia sido arrancado? Ela não tinha uma resposta; como poderia ter? A perda nasceu e se enrolou dentro dela, seguida pelo ódio, como se fossem dois recém-nascidos, ainda mais frios e agudos do que antes.

Ela subiu aquela larga avenida até o centro de Stevanien. Passou pelas barracas dos soldados e pelas portas do Palácio do Governador. Não muito longe, encontrou A Rainha. Foi contratada imediatamente, para começar naquela mesma noite. Precisavam desesperadamente de ajuda. E era difícil encontrar quem quisesse trabalhar ali. Arduini de Ygrath, que cuidava de todas as contratações pessoalmente, decidiu que aquela bela criatura de Certando tinha certo estilo. Mas ela deveria fazer algo, ele avisou, a respeito daquele sotaque miseravelmente vulgar das terras altas. Ela prometeu tentar.

E Arduini comentaria, seis meses depois, que Dianora já falava quase como uma nativa da cidade. Naquele tempo, ela já passara da cozinha à sala da frente, para servir as mesas, vestida de creme e marrom-escuro, assim como todo o estabelecimento. Cores que

combinavam bastante com ela.

Dianora era quieta, hábil, despretensiosa e educada. Lembrava-se dos nomes e das preferências dos fregueses. Aprendia rápido. Quatro meses depois, na primavera antes de completar 21 anos, Arduini lhe ofereceu a cobiçada posição à frente da Rainha, recebendo os clientes e supervisionando os funcionários nas três salas de jantar.

Ela o surpreendeu ao recusar. Surpreendeu várias pessoas. Mas Dianora sabia que aquele cargo era proeminente demais para seus propósitos, que não haviam mudado. Se pretendia viajar para o norte rumo à Corte em breve, além de ser tida como inegavelmente vinda de Certando, deveria ser associada com A Rainha, mas não de maneira tão eminente. Pessoas eminentes tinham que responder perguntas sobre si, ela sabia disso.

Então fingiu um ataque de ansiedade, típico de garota do interior, na noite em que Arduini lhe fez a proposta. Quebrou duas taças e derrubou uma bandeja, deixou cair vinho verde de Senzio no Governador.

Em lágrimas, tinha ido até Arduini e implorado por mais tempo para ganhar autoconfiança. Ele concordou. O fato de já estar apaixonado por ela ajudou. Ele a convidou, graciosamente, a ser sua amante. E aquilo ela também recusou, alegando que tal relação traria uma inevitável tensão ao local e aos funcionários, prejudicando A Rainha. Fora o argumento certo. Aquele estabelecimento era a verdadeira amante de Arduini.

De fato, Dianora havia se decidido a não deixar homem nenhum tocá-la. Estava em território ygratheano e tinha um propósito. As regras haviam mudado. Com hesitação, decidiu que partiria para o norte, para Corte, durante o outono. Havia começado a traçar desculpas e planos, quando os acontecimentos a atingiram de forma tão espetacular.

Humildemente circulando pela câmara de audiências, Dianora parou para cumprimentar a esposa de Doarde, de quem gostava. O poeta aproveitou a oportunidade para apresentar sua filha. A garota corou, mas abaixou a cabeça, unindo as mãos de modo refinado. Dianora sorriu para ela e prosseguiu.

Um dos serviais chegou até ela, trazendo khav em um cálice negro com pedras preciosas vermelhas. Um presente dado, anos antes, por Brandin. Era sua marca em ocasiões como aquela: nunca bebia nada mais forte do que khav em recepções públicas. Com um olhar culpado em direção à porta em que sabia que Scelto estaria, recostado à parede, tomou um agradecido gole da bebida quente. Abençoados fossem a Tríade e os agricultores de Tregea, pois o khav era negro, denso e muito forte.

— Minha querida senhora Dianora, você está mais magnífica do que nunca.

Ela se virou, suprimindo o olhar de desgosto. Reconhecera a voz: Neso de Ygrath, um nobre menor de além-mar que chegara recentemente à corte de Brandin, no primeiro navio da estação, com a única esperança de se tornar um nobre maior na colônia. Ele era, até onde Dianora conseguira discernir, um homem sem talento ou moral.

Sorriu radiantemente para ele e permitiu que tocasse sua mão.

— Meu caro Neso, que gentileza a sua mentir tão habilidosamente para uma mulher que

está envelhecendo.

Gostava de dizer aquele tipo de coisa. Afinal, como Scelto observara uma vez, se ela estava velha, o que dizer de Solores?

Neso apressou-se em oferecer todas as enfáticas e previsíveis negações. Elogiou o vestido e a pedra-de-veiro, observando com olhos e língua de um cortesão como as pedras daquele cálice ecoavam suas cores naquele dia. Então, abaixando a voz até que apenas Dianora o ouvisse, com uma intimidade que ele não tinha, perguntou-lhe pela oitava vez, no mínimo, se ela ouvira algo mais a respeito daquela posição vaga de Mestre das Tributações, ao norte de Asoli.

Era, de fato, um cargo lucrativo. O homem que ocupara essa posição anteriormente fizera sua fortuna, ou ao menos o que julgava suficiente, e voltaria para Ygrath em algumas semanas. Dianora odiava aquele tipo de politicagem e, certa vez, fora corajosa o suficiente para dizer isso a Brandin. Divertindo-se um pouco — o que a irritara —, ele apontou de forma prosaica o quão difícil era conseguir homens para servir em locais tão desprovidos de atenção quanto o norte de Asoli, sem lhes oferecer a chance de enriquecer um pouco.

Os olhos cinza por baixo da grossa sobrelanceira escura repousavam sobre ela enquanto reclamava, até que finalmente cedera à triste verdade em suas palavras. Enfim, Dianora olhara para cima e acenara, relutante, que concordava — o que o fizera soltar uma gargalhada.

— Estou *tão* aliviado — gracejara Brandin de Ygrath — que minha lógica e meu governo, tão desajeitados, estejam de acordo com a sua aprovação.

Ela corara até a raiz dos cabelos, mas então, percebendo a ironia, rira também diante do absurdo de sua presunção. Isso fora há muitos anos.

Então, tudo o que tentava fazer, de forma discreta, era que cargos como esses não fossem parar nas mãos dos mais mesquinhos entre aquela mistura de pequenos cortesãos ygratheanos. Decidira que Neso *não conseguiria* o cargo se pudesse evitar. O problema era que d'Eymon parecia, sabe-se lá por que motivo, favorecer a nomeação de Neso. Ela já pedira a Scelto para tentar descobrir a razão daquilo.

Naquele momento, Dianora deixava o sorriso se esvaír num olhar sério de preocupação benevolente, enquanto encarava aquele ygratheano lustroso e gordo. Baixando a voz, embora sem se curvar em sua direção, murmurou:

— Estou fazendo o que posso. Você precisa saber que parece haver certa oposição.

Os olhos de Neso se apertaram por trás da fumaça que se erguia de seu khav. Com discrição, eles passaram sobre seus ombros e chegaram até onde ela sabia estar d'Eymon, à porta do Rei. Neso olhou de volta para ela, erguendo as sobrelanceiras discretamente. Dianora deu de ombros, como se pedisse desculpas.

— Você tem alguma... sugestão? — perguntou Neso, seu rosto sulcado pela ansiedade.

— Eu começaria sorrindo um pouco — disse ela, com acidez proposital. Não havia sentido em fazer intrigas que seriam conhecidas por toda a corte.

Neso forçou uma risada imediatamente e então aplaudiu, como se ela houvesse feito alguma piada irresistível.

— Perdoe-me — disse o cortesão, sorrindo conforme ordenado. — Esse é um assunto de grande importância para mim.

É um assunto muito mais importante para o povo de Asoli, seu parasita ambicioso, pensou Dianora. Ela colocou a mão levemente sobre as mangas bufantes de Neso.

— Eu sei que sim — disse, em tom gentil. — E farei o que puder. Se as circunstâncias... me permitirem.

Neso, fosse o que fosse, conhecia bem esse tipo de coisa. Mais uma vez, a falsa risada se ergueu diante de uma piada que não existia.

— Espero conseguir ajudar as circunstâncias — murmurou.

Dianora sorriu novamente e retirou sua mão. Era o bastante. Scelto receberia mais dinheiro naquela tarde. Ela esperava que fosse o suficiente para cobrir uma parte do custo da pedra-de-veiro. E quanto a d'Eymon, ela provavelmente acabaria falando diretamente com ele, em algum momento da semana. Ou o mais diretamente quanto fossem possíveis as conversas com aquele homem.

Tomando mais um gole de khav, voltou a andar. Pessoas vinham até ela por onde quer que fosse. Na corte de Brandin, era uma má ideia não ter uma boa relação com Dianora di Certando. Enquanto mantinha conversas de modo ausente e aleatório, continuava com os ouvidos apurados, à procura de algum empregado ou arauto que deixasse escapar o que Brandin anunciaria naquele evento. Ela notou que Rhun fazia caretas para si mesmo em um dos espelhos e ria com o resultado. Ele estava de bom humor, o que era um bom sinal. Voltando-se para o outro lado, viu de repente um rosto de que gostava. Um que havia sido, inegavelmente, de suma importância para sua própria história.

Muitos poderiam dizer, de várias maneiras diferentes, que a culpa fora do Governador. Ele estava tão ansioso para amenizar a evidente frustração de Rhamanus, capitão do navio de tributos daquele ano, que ordenou à garota de Certando que servia as mesas — e que se desculpava de modo tão charmoso depois do incidente com o vinho, um tempo antes — que trouxesse mais dos melhores vinhos da Rainha para aqueles à mesa.

Mais cedo naquele dia, Rhamanus, jovem o suficiente para ainda ser ambicioso, velho o bastante para sentir suas chances escapando, fizera alguns comentários bastante ácidos sobre a situação em Stevanien e seus arredores. Um lugar morto, com taxas e impostos descabidos, murmurara ele bastante casualmente, dizendo que não tinha nem mesmo a certeza de que valeria a pena subir o rio na primavera, à bordo da galé... diante das atuais circunstâncias administrativas.

O Governador, que já alcançara tudo o que sua ambição queria, mas ainda precisava de mais alguns anos arrancando sua parte das tarifas e impostos, estremecera por dentro e amaldiçoara o alinhamento dos planetas. Por que, depois de ter lutado tanto para ser

decente e incontestável em tudo o que fazia, tentando deixar a água em que entrara tão calma quanto antes, por que tinha tão pouca sorte?

A não ser pela ação militar na primeira metade do verão, não havia outro modo de conseguir arrancar mais dinheiro ou bens daquela região tão empobrecida. Se Brandin realmente quisesse extrair alguma riqueza de Stevanien, deveria ter sido aconselhado a não destruir a cidade e suas distradas daquele modo.

Não que o Governador tivesse algum dia sequer sonhado em deixar um comentário como aquele chegar aos seus lábios. Mas a verdade é que estava fazendo o melhor que podia. Se espremesse os grupos de couro ou de lã ainda mais do que já fazia, eles iriam simplesmente começar a ruir. Stevanien, já tão pouco habitada e com tão poucos homens em idade de trabalho, iria tornar-se uma cidade de fantasmas e praças vazias. E ele recebera ordens explícitas do Rei para evitar aquilo.

Se as várias ordens e desejos do Rei se acumulavam e se contradiziam de forma tão violenta e tão evidente, o que poderia fazer um administrador de meio-escalão?

Não que tal queixa pudesse ser apresentada contra o ouriçado e infeliz Rhamanus. Por que o capitão iria se importar com os dilemas do Governador? Os capitães de um navio de tributos eram julgados pelo que traziam de volta até Chiara. Seu trabalho era colocar tanta pressão nos administradores locais quanto conseguisse — chegando ao ponto, por vezes, de forçá-los a entregar uma parte de seus próprios impostos para alcançar a meta que tinham dentro do navio. O Governador já se resignara, funestamente, a fazer exatamente isso até o final da semana, caso a última colheita prematura da distrada, que ordenara, não fosse suficiente para satisfazer Rhamanus. E sabia que não seria. Ele lidava com um capitão ambicioso, e a última colheita havia sido escassa em Corte — a próxima parada de Rhamanus.

O local onde se aposentaria, no leste de Ygrath e no alto da colina que já escolhera em sua mente, parecera naquela noite mais distante do que nunca. Ele fizera um sinal, pedindo mais uma rodada de vinho para todos, lamentando internamente pela beleza do mar e pelas esplêndidas florestas de caça ao pé da casa que provavelmente nunca construiria.

Vendo por outro lado — como gostavam de dizer por ali —, parecia que sua tentativa de apaziguar a ira de Rhamanus tivera um sucesso inesperado. O Governador pedira ao incrível Arduini, a verdadeira e única alegria que conseguia encontrar naquele lugar boçal, que lhes preparasse um jantar inesquecível.

— *Todos os meus pratos são inesquecíveis* — respondera Arduini, previsivelmente, embora tivesse sido acalmado por uma mistura de bajulação, ygras de ouro e um rápido lembrete (quase certamente uma mentira, refletiu o Governador sem remorsos) de que os convidados daquela noite tinham acesso direto aos ouvidos do Rei em Chiara.

O jantar foi uma série crescente de surpresas; o atendimento era prestativo, suave e discreto; os vinhos, uma sequência de graciosas notas complementares ao talento inegável de Arduini. Rhamanus, um homem que parecia ter dificuldade em manter seu porte físico,

passara do nervosismo pela apreciação silenciosa a um deleite crescente, culminando num bom humor expansivo e volúvel.

E em algum lugar em meio às garrafas de vinho de sobremesa importadas de Ygrath, também acabara ficando bêbado.

Algo que era a única explicação, a única explicação *possível*, para o fato de, após o jantar estar terminado e A Rainha já estar fechado, ele formalmente confiscar a garçonne de cabelos negros daquela noite como um tributo para Brandin em Chiara, enviando-a diretamente para o navio.

A garçonne. A garçonne de *Certando*.

Certando, do outro lado da fronteira, um lugar dominado por Alberico de Barbadior, e não por Brandin de Ygrath!

O Governador de Stevanien fora acordado ao amanhecer pelo secretário do conselho, assustado, saindo de um sono irregular e com gosto de vinho. Ainda nu e sem nem um gole de khav para ajudar, ele ouvira aquelas notícias — em meio a uma colossal dor de cabeça.

— Pare aquela galé! — urrou ele, enquanto as assustadoras consequências lutavam para fazer sentido na consciência que acordava lentamente. Ou pelo menos ele *tentara* urrar. O que havia saído era um ganido patético que fora, no entanto, explícito o suficiente para enviar o secretário voando, com sua túnica balançando atrás dele.

Bloquearam o Rio Sperion, parando Rhamanus exatamente quando ele levantava a âncora.

Infelizmente, o capitão dos tributos procedeu de modo a revelar uma teimosia que ia incrivelmente contra o mais elementar bom-senso político. Ele se recusou a devolver a garota. Em um momento de alucinação e desespero, o Governador chegou a considerar a hipótese de atacar a galé.

A galé de Brandin, Rei de Ygrath, Senhor de Burrakh em Khardhun, Tirano das províncias ocidentais da Península da Palma. A dita galé, que carregava os próprios desejos de Brandin, assim como a bandeira de Ygrath.

Rodas de tortura, pensou o Governador, eram especialmente preparadas para funcionários menores que faziam tais manobras.

Desesperadamente, com seu cérebro afetado pela injusta claridade da luz do sol matutino ao pé do rio, o Governador tentou encontrar um modo de incutir razão a um capitão de tributos acometido pelos espasmos de uma loucura de verão.

— Você quer começar uma guerra? — gritou do cais.

Tivera de gritar do cais. Eles não o deixaram subir na galé. A maldita garota não estava em nenhum local visível; com certeza, encontrava-se enfiada na cabine do capitão. O Governador desejara que ela estivesse morta. Desejara que ele mesmo estivesse morto. Desejara, no maior sacrilégio de todos, que Arduini, o cozinheiro-chefe, nunca tivesse colocado os pés em Stevanien.

— E por que — disse Rhamanus, calmamente, do meio do rio — eu causaria uma guerra, se estou fazendo exatamente meu trabalho para meu Rei?

— Por acaso o sal do mar acabou com essa porcaria que você chama de cérebro? — gritou o Governador, impropriamente. A expressão no rosto do capitão ficou sombria. O Governador insistia, pingando suor sob o sol. — Ela é *de Certando*, pelo amor das sete irmãs sagradas do deus! Você tem alguma *ideia* de como seria fácil para que isso incitasse Alberico a começar uma guerra por fronteiras?

Ele enxugou o suor da testa com um pedaço de pano vermelho que um servo tardiamente trouxera.

Rhamanus, amaldiçoadamente disposto após ter bebido tanto quanto o Governador na noite anterior, não parecia estar convencido.

— Até onde eu sei — disse ele devagar, suas palavras atravessando lentamente a água —, ela estava vivendo em Stevanien, trabalhando em Stevanien e foi levada de Stevanien. Até onde eu sei, isso faz dela perfeitamente adequada para a saishan, ou o que quer que o Rei, em sua sabedoria, decida fazer com ela.

E, apontando um dedo ameaçadoramente para o Governador, continuou:

— Agora tire esses barcos da minha frente ou eu vou acelerar e afundá-los em nome de cada uma das sete irmãs e do Rei de Ygrath. A não ser — concluiu ele, esticando a mão — que você queira solicitar uma conversa de longe e deixar que o Rei resolva isso, lá de Chiara.

Eles tinham uma expressão ali na colônia: *pelado entre um punho e um punho*. E era perfeita para descrever o lugar onde aquela proposta, tão insidiosa, calculada e injusta colocara seu ouvinte. A expressão descrevia, de forma precisa e bastante visual, onde o Governador de Stevanien repentinamente sentia-se estar. O lenço vermelho era passado de forma repetitiva e ineficaz em sua testa e em seu pescoço.

Ninguém realizava conversas de longe com o Rei, a não ser por um motivo *realmente* importante, o que fora dolorosamente reforçado a todos os administradores regionais da Palma Ocidental. O poder exigido de Brandin para manter uma conversa com seus subalternos não feiticeiros era considerável.

E ninguém faria isso justamente nas primeiras horas da manhã, quando o Rei poderia estar ainda sonolento. E o que talvez fosse o mais importante de tudo: ninguém se apressava em solicitar a presença mental de um monarca, estando com a mente ainda confusa pelos efeitos tardios do vinho, para falar de um assunto que envolvia, em essência, a apreensão de uma garota do interior para ser tributo.

Esse era um dos punhos.

O outro era a possibilidade de uma assustadora guerra na fronteira. Pois quem, pelo amor das irmãs e do deus, saberia como a insidiosa mente pagã de Alberico de Barbador funcionava? Como ele interpretaria — ou decidiria interpretar — um incidente como aquele? Apesar da análise superficial de Rhamanus, o fato de que a garota trabalhava na Rainha deixava óbvio que ela não era realmente de Baixa Corte. Pelo amor das irmãs, eles não poderiam sequer *levar* alguém de Baixa Corte como tributo! Não tinham permissão, por ordem do próprio Rei. Para levar a mulher, ela deveria ser de Certando. Se Rhamanus

quisesse argumentar que ela era uma moradora de Stevanien, bem, isso significava que ela era de Baixa Corte — e que *não poderia* ser levada! O que significava que... ele não *sabia* o que aquilo significava. O Governador descartou seu lenço ensopado e recebeu um novo. Sentia como se seu cérebro estivesse fritando sob o sol.

Tudo o que ele quisera, naqueles últimos anos de trabalho, era manter o calmo e lucrativo posto conquistado por meio do contínuo, mesmo que pequeno, apoio de sua família à sucessão de Brandin ao trono de Ygrath. Era isso. Apenas isso. Com uma casa decente naquela colina a leste, num dia em que poderia assistir ao sol erguendo-se sobre o mar e ir caçar na floresta com seus cachorros. Era pedir demais?

Em vez disso, um punho e um punho.

Por um instante, considerara a ideia de lavar suas mãos por completo — e que os malditos habitantes dessa península vejam *o que é* uma boa expressão! — e deixar aquele capitão de tributos imbecil levar sua galé, rio abaixo, do jeito que ele quisesse. Na verdade, ele percebeu que, se tivesse ficado na cama e fingido que não recebera a mensagem a tempo, seria considerado totalmente inocente sobre aqueles delírios de um capitão bêbado. Ele fechou seus olhos, saboreando a doçura de tal possibilidade.

Tarde demais. Estava à margem do rio, sob a luz cegante e o calor do sol, e metade de Stevanien ouvira o que ele e Rhamanus gritavam um ao outro por sobre as águas.

Com uma pequena e discreta oração para seus próprios deuses da comida e da floresta, e uma imagem precisa daquela propriedade à beira-mar, o Governador escolheu seu punho.

— Deixe-me subir então — disse, tão vivamente quanto conseguiu. — Eu não irei conversar de longe com o Rei enquanto estou parado neste cais. Quero uma cadeira e um pouco de calma e uma caneca extremamente forte do que quer que vocês usem numa galé para substituir o khav.

Rhamanus ficou visivelmente perplexo. E o Governador pôde sentir certo prazer diante do fato.

Eles lhe deram tudo o que pedira. A mulher fora levada para o deque inferior e ele fora deixado, a sós, na cabine do capitão. Tomara fôlego uma vez, e então de novo e de novo. Bebera seu khav, esfolando a língua — o que, tanto quanto todas as outras coisas, acordara-o. Então, pela primeira vez em três anos de cargo, focou sua mente em uma imagem pontual, como Brandin o ensinara, e enquadrou, interrogativamente, o nome do Rei em seus pensamentos.

Numa velocidade muito inquietante, a voz fria de Brandin entrava em sua cabeça, com o tom levemente mordaz que lhe era comum. Era desorientador. O Governador lutou para manter sua compostura. Então descreveu a situação que encarava, o mais cuidadosa e rapidamente quanto conseguiu, já que todos eles haviam aprendido que a velocidade era fundamental. Ele se desculpou duas vezes, mas não ousou tomar tempo com um terceiro pedido, apesar de todos os seus instintos vitais o dizerem para fazê-lo. De que serviam os instintos de uma vida inteira como diplomata, quando imerso em feitiçaria? Ele se sentiu

enjoado com o fluxo e a descontinuidade da conversa de longe.

Então, com uma afluência de seu espírito, com glórias, com hinos a vinte entidades diferentes ecoando dentro dele, o Governador de Stevanien compreendeu que o Rei não estava bravo. E mais: que procedera corretamente em invocar uma conversa de longe, que o momento não poderia ser mais apropriado para testar as determinações de Alberico e que, portanto, Rhamanus deveria levar a garota como tributo, mas — e o Rei enfatizou este ponto — a garota deveria ser claramente identificada como certandean. Uma certandean que, por acaso, estava em Baixa Corte. Esse fato deveria ser sua reivindicação de autoridade: nada de evasões sobre ela morar em Stevanien ou algo do tipo. Eles veriam, enfim, que tipo de espírito esse pequeno feiticeiro barbadiano possuía.

O Rei disse que o Governador fizera bem.

A imagem da casa à beira-mar cresceu, nitidamente vívida no fundo da mente do Governador, mesmo enquanto ouvia a si mesmo balbuciar em silêncio, através da ligação feita por Brandin, suas abjetas declarações de amor e obediência. O Rei o interrompeu.

— Devemos encerrar agora — disse ele. — E vá mais devagar com o vinho por aí.

E então ele se foi.

O Governador permaneceu sentado na cabine do capitão por um longo tempo, tentando se convencer de que a última frase de Brandin havia sido bem-humorada, e não reprovadora. Ele tinha certeza de que era. Tinha quase certeza.

Seguiram-se momentos bastante tensos. Deixaram a galé partir naquela mesma manhã. Durante os quinze dias seguintes, o Rei conversou de longe com ele duas vezes. Na primeira, ordenou que a defesa na fronteira, em Forese, fosse aumentada discretamente, mas não em proporção suficiente para parecer uma provocação. O Governador passou uma noite de angústia, tentando calcular que número de soldados corresponderia àquele comando.

Reforços da cidade de Baixa Corte chegaram, subindo o rio, complementando as forças de Stevanien. Mais tarde, o Rei o instruiu a vigiar, procurando um possível enviado barbadiano de Certando, que deveria ser recebido com cordialidade, e que todas as suas perguntas deveriam ser enviadas para serem respondidas em Chiara. Ele também foi avisado a estar preparado para uma invasão retaliatória na fronteira de Sinave — e para aniquilar toda e qualquer tropa barbadiana que se aventurasse em Baixa Corte. O Governador possuía muito pouca experiência pessoal em aniquilamentos, mas jurou obedecer.

Disse-lhe ainda que os mercadores deveriam ser aconselhados a adiarem seus planos de viajar para leste por um tempo. Não eram ordens, não era nada oficial, apenas um pequeno conselho que um homem de negócios prudente talvez gostasse de ouvir. E a maioria deles ouviu.

No fim, nada aconteceu.

Alberico escolheu ignorar por completo o assunto. A não ser que estivesse disposto a ver as coisas se alongarem demais, não havia nada que pudesse fazer sem perder o prestígio. Por algum tempo, especulou-se que ele poderia punir os comerciantes ou músicos itinerantes da

Palma Ocidental que por acaso estivessem em suas províncias, mas também não houve sinal algum disso. Os barbadianos simplesmente consideraram a garota uma moradora estabelecida em Baixa Corte, exatamente como Rhamanus tão despreocupadamente sugerira, na manhã em que ela fora levada.

Nas províncias ygratheanas, no entanto, a garota era propositadamente descrita, desde o início, como sendo de Certando. Era a mulher do território barbadiano que Brandin havia buscado, zombando de Alberico. E também se dizia que era linda.

Rhamanus voltou lentamente para casa, numa viagem que levou o resto daquele verão e o início do outono. A galé desceu o rio, e todos os tributos recolhidos em terra foram transferidos para o grande navio de tributos, com suas velas largas. Lentamente, subiu a costa, coletando taxas e impostos nos lugares designados de Corte e de Asoli.

De fato, a colheita fora ruim em Corte, e eles tiveram de se esforçar para atingir as cotas por lá. Por duas vezes, deixaram a âncora baixa, enquanto o capitão ia até um dos postos estabelecidos em terra. O tempo todo, Rhamanus buscou mulheres que pudessem ser usadas como mais do que reféns ou símbolos da dominação de Ygrath. Mulheres que honrariam a própria saishan, e então fariam a carreira de certo capitão de tributos que, depois de mais de vinte anos no mar, estava pronto para um cargo em terra firme.

Três possibilidades foram encontradas. Uma era de berço nobre, cuja existência fora revelada por um informante. A moça fora tomada somente após a mansão de seu pai em Corte ter sido, lamentavelmente, queimada.

À distância em meio à paisagem de outono, o navio de tributos deslizara, belo até mesmo em meio à desagradável Asoli no período de chuvas, pelas enganosas passagens do Estreito de Asoli, entrando nas águas do Mar de Chiara. Alguns dias depois, com suas velas vermelhas e douradas recurvando-se triunfantemente, ele velejara para o grande porto da ilha, celebrado em canções por mais décadas do que era possível contar.

O navio de tributos de Rhamanus já carregara ouro, pedras preciosas e moedas dos mais diversos tipos. Levara couro de Stevanien, madeira de Corte e grandes rodas de queijo salgado vindas da costa oeste de Asoli. Eles tinham especiarias, ervas e facas, vitrais, lãs e vinhos. Havia duas mulheres de Corte e uma de Asoli; e, além daquelas três, havia outra, e esta era diferente. Tinha cabelo negro, olhos castanhos e uma beleza que passou a ser conhecida por toda a península, no momento em que a viagem terminou, como aquela que quase havia começado uma guerra.

Seu nome era Dianora di Certando.

Dianora, que pretendia ir à ilha desde o começo, desde os primeiros passos de seu plano, quando se sentara sozinha diante de uma lareira apagada, certa noite, na silenciosa casa de seu pai. Ela, que havia se endurecido, da maneira como se dizia que os soldados faziam, diante do pensamento de ser capturada e trazida ali e trancada pelo resto de sua vida dentro da saishan do Tirano. Ela planejava isso cinco anos antes, uma garota com a morte no coração, com um pai morto, um irmão perdido e uma mãe que se perdera de forma muito

pior: as imagens dos três se erguiam em seus sonhos das cinzas de sua terra que queimava.

E a morte ainda estava com ela, ali, naquele navio. Ainda tinha aqueles sonhos, mas junto a eles vinha agora outra coisa, conforme Chiara surgia sob a luz do céu: uma incredulidade atordoada e quase inerte sobre o modo como sua vida se desenrolara, como as coisas haviam dado completamente errado, e ainda assim, tão precisamente de acordo com seus planos iniciais.

Ela tentara ver aquilo como um sinal, fechando a mão esquerda três vezes sobre o polegar para fazer com que o desejo virasse realidade enquanto entrava naquele mundo novo.

CAPÍTULO VIII

Era estranho, Dianora pensava — ainda andando pela câmara de audiências abarrotada, enquanto a luz da primavera banhava a corte de Brandin, entrando pelos vitrais —, o modo como os presságios tão claros da juventude eram submetidos à alquimia do tempo, para se transformarem nas complexas ambiguidades da vida adulta.

Bebericando de sua taça adornada com joias, considerou a alternativa. A de que ela simplesmente *permitira* que as coisas se tornassem diferentes e complicadas. E que as verdades ainda eram exatamente as mesmas do dia em que chegara. Tudo o que fizera fora se esconder: do que havia se tornado e do que ainda não havia feito.

Aquela era a questão fundamental de sua vida e mais uma vez ela a empurrou para o canto de sua consciência. Não hoje. Nunca durante o dia. Aqueles pensamentos pertenciam às noites em que estava sozinha na saishan, quando apenas Scelto, postado à sua porta, poderia saber o quanto ela estava insone ou encontrar os vestígios de lágrimas em suas bochechas, quando vinha acordá-la pela manhã.

Eram pensamentos noturnos, e aquele era um dia ensolarado, em um lugar público demais.

Assim, andou em direção ao homem que havia reconhecido, enquanto deixava um sorriso nascer em seu rosto. Balançando sua taça graciosamente, fez uma saudação ygratheana à figura corpulenta e sobriamente vestida que portava três pesadas correntes de ouro ao redor do pescoço.

— Saudações — murmurou Dianora, endireitando-se e se aproximando dele. — Mas que surpresa. É realmente raro que o atarefado Guardião dos Três Portos consiga dispor de um momento em seus afazeres para visitar velhos amigos.

Infelizmente, Rhamanus continuava tão difícil de irritar ou desconcertar quanto sempre fora. Dianora tentava provocá-lo desde a noite em que ele a empacotara como se fosse um novilho, naquela rua em frente à porta da Rainha, direto para a galé.

Agora, ele se limitava a sorrir, cansado pelo passar dos anos e, nos últimos tempos, pelas obrigações costeiras. Mas ainda era, sem dúvida, o homem que a trouxera até ali.

Um dos poucos homens de Ygrath de quem ela verdadeiramente gostava.

— Isso não dói vindo de você, garota — gracejou ele. — Meu tempo não é para mulheres desocupadas que não fazem nada o dia inteiro a não ser ficar prendendo e soltando o cabelo como exercício, e que ficam criticando aqueles de nós que ainda trabalham arduamente em cargos que encurtam nossas noites e encham nossa cabeça de cabelos brancos.

Dianora riu. Os cachos negros e espessos de Rhamanus — que causavam inveja à metade da saishan — não mostravam um fio branco sequer. Ela fixou seu olhar, de forma bastante expressiva, em sua cabeleira negra.

— Sou um mentiroso — entregou-se ele, com uma serenidade imperturbável, enquanto se reclinava para a frente, de modo que apenas ela o ouvisse. — Esse inverno tem sido quieto

como a morte. Não há nada para fazer. Eu poderia ter vindo visitá-la, mas você sabe o quanto eu odeio essas vindas à corte. Os botões de minha veste saltam quando faço uma reverência.

Dianora riu mais uma vez e lhe apertou o braço suavemente. Rhamanus fora gentil com ela no navio e se manteve cortês e amigável desde então, mesmo quando ela era apenas mais um corpo novo — ainda que bem chamativo — na saishan do Rei. Sabia que ele gostava dela. E também ouvira, da boca do próprio d'Eymon, que o antigo capitão dos navios de tributo era um administrador eficiente e justo.

Ela o ajudara a conseguir aquele posto, quatro anos antes. Era uma alta honraria para um homem do mar supervisionar as regras e os padrões dos três principais portos de Chiara. E também era, a julgar pelas roupas levemente surradas de Rhamanus, perto demais do poder para que ele pudesse ganhar dinheiro de verdade.

Pensando, ela estalava a língua nos dentes de cima, um hábito de que Brandin debochava. Ele alegava que aquilo sempre significava um pedido ou uma sugestão. Ele a conhecia muito bem, o que a assustava no mínimo tanto quanto causava outras reações.

— É apenas uma ideia — disse ela para Rhamanus, baixinho — mas você teria algum interesse em viver no norte de Asoli por alguns anos? Não que eu queira me livrar de você. É um lugar horrível, todos sabem disso, mas *existem* algumas oportunidades, e eu preferiria dá-las a um homem decente do que a algum dos animais gananciosos que rondam por aqui.

— Mestre das Tributações? — perguntou ele, muito baixo.

Ela aquiesceu. Os olhos de Rhamanus se abriram um pouco; mas, habituado a ser discreto, não ofereceu nenhum outro sinal de interesse ou surpresa.

O que ele fez, um instante mais tarde, foi lançar um olhar rápido por cima do ombro de Dianora, em direção ao trono. Ela já estava se virando, com uma sensação inexplicável, quase uma antena, alertando-a.

Fitou o trono insular, quando a porta atrás dele se abriu e o arauto bateu com seu cajado duas vezes no chão, não muito alto, e Brandin adentrou a sala. Ele foi seguido pelos dois sacerdotes, e pela sacerdotisa de Adaon. Rhun se colocou, desajeitadamente, ao lado do Rei, usando roupas idênticas às dele a não ser pelo chapéu.

A mais verdadeira forma de se medir o poder, dissera-lhe uma vez Brandin, não estava em ter vinte arautos ensurdecendo uma sala com a chegada de alguém. Qualquer tolo com dinheiro por um dia conseguiria ser o centro das atenções assim. O procedimento mais desafiador, a forma de medida mais precisa, estava em entrar discretamente e ver o que acontecia.

E o que aconteceu foi o habitual. A câmara de audiências parou em uníssono, como se tivesse passado os dez últimos minutos aguardando na beira de um precipício. E então, ainda ao mesmo tempo, a corte saltara obedientemente. Ninguém em toda a sala continuou falando no momento em que o cajado do arauto iniciou seu movimento, proclamando o Rei. No silêncio, os dois singelos golpes no chão de mármore soaram como trovões.

Brandin estava muito bem humorado. Dianora podia notar isso, mesmo estando do outro lado da sala e mesmo se não tivesse recebido a dica de Rhun. O coração dela batia muito rápido. Sempre acontecia, quando Brandin entrava no mesmo cômodo em que ela estava. Mesmo após doze anos. Mesmo então, e apesar de tudo. Tantas linhas de sua vida começavam ou terminavam nesse homem, ou se uniam, desesperadamente entrelaçadas a ele.

Inicialmente, ele olhou para d'Eymon, como sempre, e recebeu sua reverência, bastante recurvada, como era comum entre os ygratheanos. Então, como sempre, voltou-se e sorriu para Solores.

Em seguida, para Dianora. Por mais preparada que estivesse, como sempre tentava estar, ainda não conseguia controlar o que acontecia com ela quando aqueles olhos acinzentados encontravam os seus. Seu olhar era como um toque, uma presença suave, simultaneamente flamejante e glacial — assim como Brandin.

E tudo isso, por um olhar lançado do outro lado de uma sala lotada.

Certa vez, anos antes, na cama, ela ousara lhe perguntar algo que há muito a incomodava.

— Há feitiçaria envolvida quando você me ama aqui ou toda vez em que nos vemos em um local público?

Dianora não soubera, ao certo, qual resposta preferia ou que reação esperar. Ela pensara que ele pudesse se sentir lisonjeado ou ao menos se divertir. Mas nunca era possível ter certeza dos pensamentos de Brandin, já que sua mente corria através de caminhos muito distintos e de forma muito sutil. E era por isso que as perguntas, especialmente as de cunho revelador, eram tão perigosas. Mas aquilo era importante para ela: se ele dissesse que sim, usaria aquilo para atizar novamente sua vontade de matá-lo. Sua fúria, que parecia ter-se perdido ali, no estranho mundo que era aquela Ilha.

Sua expressão devia estar bastante séria. Brandin se virara sobre o travesseiro, apoiando a cabeça em uma das mãos para encará-la abaixo da linha das sobrancelhas. Ele balançara a cabeça.

— Não do jeito que você está pensando. Não há nada que eu controle ou molde com minha magia, a não ser a questão dos filhos. Não terei mais herdeiros, você sabe disso. — Ela sabia. Todas as suas mulheres sabiam. Ele disse, após uma pausa cuidadosa: — Por que você pergunta? O que acontece com você?

Por um segundo, Dianora pensara ter ouvido incerteza em sua voz, embora ninguém pudesse ter certeza de tais coisas, quando se tratava de Brandin.

— Coisas demais — respondera ela. — Coisas demais acontecem.

E ela falara, daquela única vez, a desprotegida verdade de um coração não mais inocente. Houvera uma compreensão muito precisa nos olhos dele, o que a assustou. Ela se moveu, levada por todos os níveis de sua necessidade, recostando-se contra seu corpo, e então sobre ele, para que pudessem reiniciar todo o processo. Todo ele: traição e memória, misturados com desejo, assim como no vinho cor de âmbar que se dizia ser a bebida da Tríade. Uma

bebida potente demais para que qualquer mortal pudesse experimentá-la.

— Você estava falando sério sobre aquele cargo em Asoli?

A voz de Rhamanus era suave. Brandin não fora até o trono, preferindo fazer um calmo percurso pela sala, no que evidenciava mais uma vez seu bom humor. Rhun, com seu sorriso torto, seguiu-o cambaleante.

— Confesso que nunca havia pensado no assunto — completou o antigo capitão.

Com esforço, Dianora se forçou a pensar novamente nele. Por um segundo, esquecera-se de sua própria pergunta. Brandin fazia isso com ela, o que não era bom, pensou. Por várias razões, aquilo não era bom. Ela se voltou novamente para Rhamanus:

— Estou falando sério — disse ela. — Mas não tinha certeza se você iria querer o cargo, mesmo se fosse possível. Você tem mais prestígio onde está. E, afinal de contas, estamos falando de Chiara. Asoli pode lhe oferecer alguma possibilidade de riqueza, mas imagino que você saiba o que está envolvido. O que importa mais para você, Rhamanus?

A colocação pareceu mais seca do que a cortesia consideraria apropriado, ainda mais se tratando de um amigo.

Ele piscou e apontou para uma de suas correntes:

— É disso que se trata? — perguntou ele, hesitante. — É assim que você vê? Será que um homem não poderia, talvez, ser levado pela perspectiva de um novo desafio, ou ainda, correndo o risco de soar tolo, pelo desejo de servir ao seu Rei?

Foi a vez de Dianora piscar.

— Você me envergonha. Juro, Rhamanus — disse ela, com simplicidade, após um instante. Freando seus rápidos protestos, colocou uma mão sobre sua manga. — Às vezes, eu me pergunto o que está acontecendo comigo. Com toda a intriga que acontece por aqui.

Ela ouviu passos se aproximando, e o que disse em seguida dirigia-se tanto ao homem atrás dela quanto àquele à sua frente:

— Às vezes, eu me pergunto o que esta corte está fazendo comigo.

— Será que eu deveria me perguntar o mesmo? — questionou Brandin de Ygrath.

Sorrindo, ele se juntou aos dois. Não a tocou. Ele raramente tocava as mulheres da saishan em público, e aquela era uma recepção ygratheana. Elas conheciam as regras. Suas vidas eram moldadas pelas regras dele.

— Meu senhor — disse Dianora, virando-se e tecendo uma reverência. Ela manteve sua voz em um tom provocativo. — Você me acha mais cínica agora do que quando esse homem terrível me trouxe?

O olhar divertido de Brandin se voltou para Rhamanus. Não era como se ele precisasse do lembrete de qual capitão dos tributos a trouxera. Ela sabia disso, e ele sabia que ela sabia. Era tudo parte de sua dança verbal. Sua inteligência forçava os limites de Dianora, para então expandi-los. Ela percebeu, talvez porque o assunto surgira com Rhamanus, que havia tantos cabelos grisalhos quanto negros em sua barba.

Ele acenou com a cabeça, fingindo uma grande preocupação acerca daquela questão.

— Eu teria que dizer que sim. Você tem se tornado cada vez mais manipuladora, tanto quanto esse homem terrível tem se tornado mais e mais gordo.

— Tanto assim? — reclamou Dianora. — Meu senhor, ele está *muito* gordo!

Os dois homens riram. Rhamanus acariciou a própria barriga, carinhosamente.

— Isso — disse ele — é o que acontece quando você alimenta um homem com carne seca por vinte anos no mar e então o expõe às delícias da cidade do Rei.

— Bem, então — disse Brandin — talvez nós o enviemos a outro lugar, até você emagrecer novamente.

— Meu senhor — disse Rhamanus, no mesmo instante, com a expressão sóbria e intensa —, ponho-me inteiramente sob seu comando.

Brandin ouviu aquilo e seu tom também mudou:

— Eu sei disso — murmurou ele — e gostaria de ter mais pessoas como você em minha corte. Em minhas duas cortes. Gordo ou magro, Rhamanus, eu não me esqueço de você, apesar do que nossa Dianora possa pensar.

Era um alto elogio, uma espécie de promessa, e uma dispensa, por enquanto. Com os olhos brilhando, Rhamanus fez uma reverência formal e se retirou. Brandin se afastou mais alguns passos, com Rhun seguindo-o. Dianora também o acompanhou, como era esperado. Uma vez que estavam distantes de quaisquer ouvidos que não os do bobo, Brandin voltou-se para ela. Dianora ficou triste em ver que ele não estava sorrindo.

— O que você fez? Ofereceu-lhe o norte de Asoli?

Dianora fingiu uma expressão de indignação. Isso acontecia o tempo todo.

— Ora, isso é injusto — protestou ela. — Você *está* usando magia.

Brandin se permitiu sorrir. Ela sabia que as pessoas os observavam. E sabia o que diriam entre si.

— Dificilmente — murmurou Brandin. — Eu não a gastaria com algo tão óbvio.

— Óbvio?! — reclamou ela.

— Não por você, minha manipuladora cínica. Mas Rhamanus ficou sério demais rápido demais quando brinquei sobre enviá-lo para outro lugar. E o único cargo significativo que temos disponível atualmente é no norte de Asoli, então...

Ele deixou o resto da frase no ar. O riso dançava em seus olhos.

— Será que ele seria uma escolha tão ruim? — perguntou Dianora, desafiando-o. Era realmente desconcertante o quanto Brandin conseguia inferir das coisas. Se ela se permitisse pensar muito nisso, sentiria medo novamente.

— O que você acha? — perguntou ele, em resposta.

— Eu? Pensar? — Ela ergueu as sobrancelhas, exageradamente. — Como um mero objeto de prazer ocasional do Rei poderia formular uma opinião em assuntos como esse?

— Aí, sim, está uma observação inteligente — disse Brandin, balançando a cabeça vigorosamente. — Talvez, em vez disso, eu deva consultar Solores.

— Se você conseguir extrair uma observação inteligente dela — disse Dianora, acidamente

— eu me jogarei no mar, pulando da sacada da saishan.

— Passando por todo o porto? É uma queda difícil — disse Brandin, levemente.

— Tão difícil quanto conseguir um comentário inteligente de Solores — respondeu ela.

E, com isso, ele gargalhou. A corte ouvia. Todos ouviam. Todos chegariam às suas próprias conclusões, mas todos teriam a mesma opinião no final. Scelto, ela pensou, talvez recebesse contribuições discretas antes de o dia terminar, e não seriam só de Neso de Ygrath.

— Vi algo interessante na montanha hoje pela manhã. — A voz de Brandin agora perdia o riso. — Algo bastante incomum.

Dianora percebeu que essa era a razão pela qual Brandin quisera conversar com ela em particular.

Naquela manhã, ele subira os Sangarios. Ela era uma das poucas que sabia. Brandin mantinha essa aventura em sigilo, para o caso de fracassar. Ela estivera até mesmo preparada para zombar dele por causa disso.

No começo da primavera, assim que os ventos começavam a mudar, antes de a última neve derreter em Certando, em Tregea e sobre o sul do que outrora fora Tigana, vinham os três Dias das Brásas que marcavam a virada do ano.

Nenhum fogo era aceso, além daqueles que já o estivessem em toda a Palma. Os devotos jejuavam durante, pelo menos, o primeiro dos três dias. Os sinos nos templos da Tríade silenciavam. Homens permaneciam em suas casas à noite, especialmente após o anoitecer do primeiro dia, que era o Dia dos Mortos.

Também havia Dias das Brásas no outono, quando chegava o período de luto pelo massacre de Adaon em sua montanha em Tregea, quando os raios do sol começavam a se esvaír, enquanto Eanna lamentava e Morian se retirava para seus Salões subterrâneos. Mas os Dias primaveris inspiravam um pavor mais frio, especialmente no interior do país, já que tanto dependia do que iria acontecer em seguida. Passaria o inverno, a estação da sementeira e a esperança do grão, da vida, na plenitude do verão que estava por vir.

Diferente de todos os outros lugares da Palma, Chiara abrigava ainda outro ritual.

Era a ilha em que, segundo a lenda, Adaon e Eanna haviam se amado pela primeira vez, durante três dias e três noites, no topo dos Sangarios. E, no clímax crescente de seu desejo, durante a terceira noite, Eanna das Luzes criara as estrelas do céu e as espalhara como uma renda brilhante através da escuridão. E dizia a lenda que nove meses depois — o que era três vezes três —, a Tríade se completava com o nascimento de Morian, nas profundezas do inverno, em uma caverna naquela mesma montanha.

E, com Morian, viera ao mundo tanto a vida quanto a morte; e, com a vida e a morte, vieram os homens mortais para andar sob as estrelas recém-nomeadas, sob as duas luas do céu e sob o sol do dia.

E, por essa razão, Chiara sempre afirmara sua superioridade entre as nove províncias da Palma. E, também por essa razão, a ilha nomeara Morian como guardião de seu destino.

Morian dos Portais, que dominava todos os limiares. Pois todos sabiam que ilhas eram, por

si só, mundos; que ir até uma das ilhas era ir até um novo mundo. Uma verdade conhecida sob as estrelas e as luas, mesmo que nem sempre lembrada sob a luz do dia.

Então, a cada três anos, no começo de cada Ano de Morian, no primeiro Dia das Brásas primaveril, os jovens rapazes de Chiara competiam entre si em uma corrida matutina até o topo dos Sangarios, para ali colher um ramo negro de sonrai, os inebriantes frutos da montanha, sob os rigorosos olhos dos sacerdotes de Morian que mantinham vigília no topo da montanha durante toda a noite e em meio aos espíritos dos mortos. O primeiro homem a descer a montanha era proclamado Senhor dos Sangarios até a próxima corrida, dali a três anos.

Nos tempos antigos, muito antigos, o Senhor dos Sangarios seria caçado e abatido em sua montanha pelas mulheres, seis meses depois, no primeiro Dia das Brásas do outono.

Não mais... Fazia muito tempo. Agora, o jovem campeão estava mais propenso a ser procurado como amante por mulheres buscando a benção de sua semente. Segundo Dianora dissera certa vez a Brandin, era um novo tipo de caçada.

Ele não rira. Não achava o ritual engraçado. De fato, seis anos antes, o Rei de Ygrath tinha escolhido fazer ele mesmo o percurso, na manhã antes da corrida oficial. E ele o fizera de novo, três anos depois. Não era uma conquista pequena, de fato, considerando-se sua idade e quanto os corredores treinavam para isso. Dianora não sabia o que era mais estranho: o fato de Brandin fazer isso em tamanho segredo ou o fervoroso orgulho masculino que ele sentira nas duas vezes em que chegara até o topo dos Sangarios e descera novamente.

Na câmara de audiências, Dianora fez a pergunta que já era esperada:

— O que você viu por lá?

Ela não sabia — pois os mortais raramente sabem quando se aproximam da soleira da deusa — que a questão seria um marco de mudança em seus dias.

— Algo incomum — repetiu Brandin. — Obviamente, eu ultrapassei os guardas que corriam comigo.

— Obviamente — murmurou ela, olhando-o de esguelha.

Ele sorriu.

— Eu estive sozinho durante boa parte da subida. As árvores do outro lado ainda eram muito grossas. A maioria era de sorveiras e havia algumas sejoias.

— Que interessante — disse ela.

Dessa vez, Brandin lançou-lhe um olhar. Dianora mordeu seu lábio e controlou suas feições, obedientemente.

— Eu olhei para a minha direita — disse Brandin — e vi uma rocha grande e cinza, quase como uma plataforma ao lado das árvores. E, sentada na pedra, havia uma criatura. Eu poderia jurar que era uma mulher, e quase humana.

— Quase?

Ela não estava mais zombando. Quando estamos dentro do arco de um verdadeiro portal de Morian, às vezes sabemos que algo importante está acontecendo.

— Essa era a parte incomum. Ela com certeza não era inteiramente humana. Não com o cabelo verde e uma pele tão pálida. Uma pele tão clara que eu juro ter visto veias azuis por baixo dela, Dianora. E seus olhos eram diferentes de quaisquer olhos que já vi. Pensei que se tratasse de uma ilusão causada pela luz, pelo sol filtrado através das árvores. Mas ela não se movia nem mudava qualquer detalhe, mesmo quando parei para olhá-la.

E, agora, Dianora sabia exatamente onde estava.

As antigas criaturas da água, da floresta e da caverna eram quase tão antigas quanto a própria Tríade e, pela descrição, sabia o que ele vira. Também sabia de outras coisas, e estava subitamente com medo.

— O que você fez? — perguntou ela, o mais casualmente que conseguiu.

— Eu não tinha certeza do que fazer. Eu falei, mas ela não respondeu. Então dei um passo em sua direção e ela instantaneamente saltou da rocha e recuou. Ela parou em meio às árvores. Eu estendi minhas palmas abertas, mas isso pareceu assustá-la ou ofendê-la, e logo depois ela fugiu.

— Você a seguiu?

— Eu ia segui-la, mas então um dos guardas já havia me alcançado.

— Ele a viu? — perguntou ela, rápido demais.

Brandin lançou-lhe um olhar curioso.

— Eu perguntei. Ele disse que não, embora eu ache que ele teria respondido isso de qualquer maneira. Por que você pergunta?

Dianora deu de ombros.

— Teria confirmado que ela era real — mentiu.

Brandin balançou a cabeça.

— Ela era real. Não era uma visão. Na verdade — completou ele, como se o pensamento tivesse lhe ocorrido naquele momento —, ela me lembrou você.

— Com... O que era? Pele verde e cabelo azul? — perguntou Dianora, deixando seus instintos da corte guiarem-na. Mas algo muito grandioso estava ocorrendo ali. Lutou para esconder o turbilhão que sentia. — Eu lhe agradeço muito, meu gracioso senhor. Suponho que, se eu pedir para Scelto e Vencel, poderíamos conseguir essa cor, e o cabelo azul também não deve ser difícil. Se isso o excita tanto...

Brandin abriu um sorriso, mas não riu.

— Cabelo verde, não azul — disse ele, quase ausente. E repetiu, olhando estranhamente para ela: — E é verdade, Dianora. Ela me lembrou você. Eu me pergunto por quê. Você sabe algo sobre essas criaturas?

— Não — disse ela. — Em Certando, não temos lendas sobre mulheres de cabelo verde que habitam as montanhas.

Dianora mentia. Mentia da melhor maneira que conseguia, com o olhar bem aberto e encarando-o diretamente. Mal podia acreditar no que ouvira; no que ele vira.

Brandin ainda continuava de bom humor.

— E que lendas sobre montanhas vocês *têm* em Certando? — perguntou ele, sorrindo conforme o esperado.

— Histórias de criaturas peludas cujas pernas parecem árvores e comem bodes e virgens à noite.

— E essas coisas existem? — perguntou ele, com o sorriso aumentando.

— Bodes, sim — disse ela, séria. — Virgens, existem menos. Coisas cabeludas com um apetite tão específico não são exatamente um incentivo à castidade. O senhor irá enviar uma equipe para procurar essa criatura?

Aquela era uma pergunta tão importante que ela prendeu o fôlego enquanto aguardava a resposta.

— Acho que não — disse Brandin. — Suspeito que apenas sejam vistas quando querem.

O que, ela bem sabia, era absolutamente verdade.

— Não contei a ninguém, além de você — completou o Rei, inesperadamente.

Não havia fingimento na expressão que ela sentiu tomar sua face. Mas, acima de tudo, essas notícias geraram algo novo dentro dela. Precisava desesperadamente estar sozinha para poder pensar. Uma esperança vã. Não teria essa chance tão cedo naquele dia. O melhor era deixar essa história de lado, junto a todas as outras coisas que frequentemente deixava nos cantos de sua mente.

— Obrigado, meu senhor — murmurou Dianora, ciente de que já estavam conversando sozinhos havia algum tempo. Ciente, como sempre, de como aquilo seria interpretado.

— Enquanto isso — disse Brandin, subitamente, num tom bastante diferente — você ainda não me perguntou como me saí na corrida. Devo dizer que foi a primeira pergunta de Solores.

Aquilo os trazia de volta a um assunto familiar.

— Muito bem — disse ela, fingindo indiferença. — Conte-me. Metade? Três quartos?

Um lampejo de indignação real perpassou os olhos acinzentados.

— Às vezes, você *é realmente* pretensiosa — disse ele. — Eu sou tolerante demais. E eu fui, se quer saber, até o topo e desci novamente pela manhã, com um punhado de sonrais. E estou extremamente interessado em saber se algum dos corredores, amanhã, conseguirá subir e descer tão rapidamente.

— Bem — disse ela, rápida e estupidamente — eles não terão a feitiçaria para ajudá-los.

— *Dianora, basta!*

Ela reconhecia aquele tom, e sabia que tinha ido longe demais. Como sempre acontecia nesses momentos, teve a vertiginosa sensação de um abismo abrindo-se sob seus pés.

Sabia o que Brandin precisava dela; sabia a razão pela qual ele lhe permitia ser ultrajante e impertinente. Entendera, há muito, por que a sagacidade e o exagero que trouxera às conversas eram importantes para ele. Ela era o contraponto aos braços acolhedores e subservientes de Solores. As duas, por sua vez, balanceavam o exercício rígido que d'Eymon fazia da política e do governo.

E os três orbitavam ao redor da estrela que era Brandin. O sol voluntariamente exilado, removido dos céus que conhecia, das terras, dos mares e do povo, ligado àquela península estranha por decreto da perda, da mágoa e da vingança.

Dianora sabia de tudo isso. Conhecia o Rei muito bem. Sua vida dependia disso. E não ultrapassava com frequência a linha que estava ali, invisível, embora inviolável. Quando o fazia, era geralmente com algo trivial como aquilo. Era um paradoxo a maneira como ele conseguia incitar, ou mesmo convidar seu comentário sarcástico sobre a corte e a colônia, e ainda assim se zangar como um garoto que teve o orgulho afrontado, quando ela zombava de sua capacidade de subir e descer a montanha em uma manhã.

Quando isso ocorria, Brandin apenas precisava dizer seu nome de certo modo, e um abismo sem fim abria-se sob ela, no delicado piso da câmara de audiências.

Era uma prisioneira ali, mais escrava do que cortesã, na corte de um tirano. Era também uma impostora, vivendo uma mentira enquanto sua terra morria lentamente na memória dos homens. E jurara matar aquele homem, cujo olhar através da sala era como fogo para a sua pele e vinho âmbar para seu sangue mortal.

Abismos, para onde quer que se virasse.

E agora, naquela manhã, ele havia visto uma riselka. Ele, e possivelmente também um segundo homem. Combatendo seu medo, ela se forçou a meramente dar de ombros, arqueando as sobrancelhas sobre o rosto treinado para parecer indiferente.

— Isso me diverte — disse Dianora, buscando autocontrole, sabendo exatamente o que ele precisava que ela fizesse naquele momento. Especialmente *naquele* momento. — O senhor alegou estar feliz, e mesmo tocado, pelo interrogatório exagerado de Solores acerca da corrida na montanha. Diz que foi a primeira coisa que ela perguntou. E *como* ela deve ter se perguntado se iria ou não obter sucesso! E ainda assim, quando eu, tão certa de que você conseguiria quanto estou de meu próprio nome, trato o assunto de forma leve e pequena, por nunca duvidar... então o Rei se enfurece. E me trata severamente por fazer isso! Mas conte-me, meu senhor, em sua justiça: qual de nós, em verdade, honrou-o mais?

Por um longo tempo, Brandin permaneceu em silêncio. E ela sabia que a corte iria registrar, avidamente, a expressão em seu rosto. Naquele instante, não se importava com eles. Ou mesmo com seu passado ou com o encontro na montanha. Havia ali um abismo bem específico, que começava e terminava nas profundezas dos olhos acinzentados que buscavam, agora, os dela. Quando ele falou, sua voz estava mudada, num tom que ela conhecia muito bem e, apesar de tudo o que fora dito, e apesar do lugar em que estavam e de quem os observava, ela sentiu-se enfraquecer de repente. Suas pernas tremiam, mas não mais de medo.

— Eu poderia tomá-la — disse Brandin, Rei de Ygrath, com voz grossa e rosto corado — aqui mesmo, no chão desta sala, diante de toda a minha corte reunida.

A garganta de Dianora estava seca. Ela sentiu uma palpitação por baixo da pele, em seu pulso. Sabia que também estava corada. E engoliu com alguma dificuldade.

— Talvez seja mais sábio hoje à noite — murmurou ela, tentando em vão manter o tom tranquilo, sem conseguir esconder a resposta rápida que escapava pelo seu olhar, de fagulha para fagulha, como o início de um incêndio. O cálice encrustado de pedras tremia em sua mão. Ele notou aquilo; e ela viu que ele notara e que sua resposta, como sempre, havia servido como lenha para o desejo do Rei. Ela tomou um gole de seu khav, segurando-o com ambas as mãos, lutando para se controlar. — Com certeza, é melhor à noite — disse, de novo, tomada como sempre pelo que acontecia com ela. Mas Dianora sabia o que Brandin precisava que ela dissesse, ali, naquele momento, naquela sala cheia com sua corte e com emissários de Ygrath.

Ela disse, olhando-o nos olhos e articulando as palavras cuidadosamente:

— Afinal, meu senhor, na sua idade, seria melhor guardar suas forças. O senhor *de fato* subiu uma colina inteira hoje pela manhã.

Um instante depois, pela segunda vez, a corte de Brandin de Ygrath em Chiara viu seu Rei lançar para trás sua bela fronte barbada, e ouviu-o rir, alto. Não longe dali, Rhun, o Bobo, gritava numa alegria semelhante.

— *ISOLLA DE YGRATH!*

Dessa vez, houve trompetes e um tambor, assim como arautos batendo no chão, junto às portas duplas na saída sul da câmara de audiências.

Estando próxima ao trono, Dianora teve tempo de observar a progressão da mulher que Brandin chamara de a melhor musicista de Ygrath. A corte reunida de Chiara se alinhava mais abaixo, flanqueando a aproximação do Rei.

— Ainda uma bela mulher — murmurou Neso de Ygrath, que de alguma forma conseguira colocar-se junto a ela na primeira fileira. — E isso porque tem 50 anos.

Seu tom adulator a irritou, como sempre, mas tentou esconder o fato. Isolla trajava um vestido azul escuro muito simples, amarrada à cintura com uma corrente de ouro. Seu cabelo, castanho com marcas grisalhas, era mais curto do que a moda, embora, pensou Dianora, a moda da primavera e do verão talvez mudasse a partir daquele dia. A colônia sempre aceitava as dicas de Ygrath naquele tipo de assunto.

Isolla andou confiante, sem se apressar, descendo pelo corredor formado pelos cortesãos. Brandin já sorria, acolhendo-a. Sempre o agradava muito quando algum artista de Ygrath percorria a longa e perigosa jornada até sua segunda corte.

Vários passos atrás de Isolla, e carregando seu alaúde no estojo como se fosse um artefato de valor imensurável, Dianora viu, com genuína surpresa, o poeta Camena di Chiara, trajando sua habitual túnica de três camadas. A assembleia se encheu de murmúrios: ela não era a única pega de surpresa pelo fato.

Instintivamente, lançou um olhar para o outro lado do corredor, onde Doarde permanecia com sua esposa e sua filha, bem a tempo de ver o espasmo de ódio e medo que transparecia em seu rosto, conforme seu rival mais jovem surgia. Um instante depois, a expressão delatora

havia desaparecido, sendo substituída por uma educada máscara de desdém diante da vulgaridade de Camena, rebaixando-se para servir de carregador para uma ygratheana.

Ainda assim, pensou Dianora, aquela *era* uma corte ygratheana. Camena, ela adivinhou num lampejo de intuição, provavelmente tivera um de seus versos transformado em canção. Se Isolla estivesse prestes a cantar um de seus versos, seria um golpe de mestre para o poeta de Chiara. Mais do que o suficiente para explicar por que ele iria se oferecer para exaltar Isolla — e os artistas de Ygrath — servindo-lhe de carregador.

Dianora concluiu que as políticas por trás da arte eram tão complexas quanto aquelas que lidavam com províncias e nações.

Isolla parara, como era apropriado, cerca de quinze passos antes do estrado do trono insular, muito próxima ao local em que Dianora e Neso se encontravam.

Adequadamente, procedeu realizando a tripla reverência. Muito graciosamente — um sinal de alta honraria —, Brandin colocou-se de pé para recebê-la. Ele sorria. E também Rhun, atrás dele e à sua esquerda.

Por uma razão que não conseguiria explicar nem mesmo posteriormente, Dianora se voltou, do monarca e de Isolla, novamente para o poeta que carregava o alaúde. Camena parara alguns passos atrás de Isolla, ajoelhando-se no piso de mármore.

O que prejudicou a graciosidade da cena foi a dilatação de seus olhos. *Folhas de nilth*, concluiu Dianora, no mesmo instante. *Ele se drogou*. Viu gotas de suor nas sobrancelhas do poeta. Não estava quente na câmara de audiências.

— Seja muito bem-vinda, Isolla — disse Brandin, com alegria genuína. — Faz muito tempo desde a última vez em que a vimos ou que a ouvimos tocar.

Dianora viu Camena ajustar levemente a forma como carregava o alaúde. Ela pensou que o jovem poeta se preparasse para abrir o estojo e retirar o alaúde. Mas não parecia um alaúde comum. Na verdade...

Mais tarde, ela poderia ter apenas uma certeza: havia sido a história da riselka que a fizera ver tão claramente. A história, e o fato de que Brandin não tinha certeza se o segundo homem, seu guarda, a havia visto ou não.

Um homem significava mudança de vida; dois homens significavam morte certa.

De qualquer modo, algo aconteceria. E agora acontecera.

Todos os olhos, com exceção dos dela, estavam em Brandin e Isolla. Apenas Dianora viu Camena retirar a capa de veludo do alaúde. Apenas Dianora viu que não era, de fato, um alaúde. E apenas ela ouvira Brandin contar a história da riselka.

— *Morra, Isolla de Ygrath!* — gritou Camena, rouco; seus olhos saltaram enquanto jogava o veludo para o lado e sacava a besta que carregava.

Com o reflexo de um homem com metade de sua idade, Brandin ergueu a mão para lançar um escudo mágico ao redor da cantora.

E Dianora percebeu que isso era exatamente o que esperavam.

— *Brandin, não!* — gritou ela. — *É você!*

E agarrando o boquiaberto Neso de Ygrath pelo ombro, atirou-se junto com ele pelo corredor.

O dardo disparado, meticulosamente apontado à esquerda de Isolla numa linha reta em direção ao coração de Brandin, cravou-se no ombro do assustado Neso. Ele se contorceu, tomado pelo choque e pela dor.

A inércia fez Dianora cair de joelhos ao lado de Isolla. Ela olhou para cima. E, até o final de seus dias, jamais conseguiu esquecer o olhar que recebeu da cantora.

Ela virou o rosto. O ódio era bruto, cru demais. Sentiu-se fisicamente doente, e tremia com o choque. Forçou-se a ficar de pé e olhou para Brandin. Ele não havia sequer abaixado sua mão. A barreira protetora ainda brilhava ao redor de Isolla, que, na verdade, nunca estivera em perigo.

Os guardas já haviam capturado Camena. Ele fora colocado em pé. Dianora nunca vira alguém tão branco. Até mesmo seus olhos estavam brancos por causa da droga. Por um instante, pensou que ele fosse desmaiar, mas então Camena lançou a cabeça para trás, com o máximo de movimento que os grilhões dos soldados lhe permitiam. Abriu sua boca, como se estivesse em agonia.

— *Chiara!* — gritou ele, antes de ser brutalmente silenciado. — *Liberdade para Chiara!*

O eco permaneceu por algum tempo. O salão era grande e o silêncio da multidão era quase absoluto. Ninguém ousava se mexer. Dianora tinha a impressão de que a corte nem sequer respirava. Ninguém queria chamar a mínima atenção para si.

No chão de mosaicos, Neso gemeu de dor e medo, rompendo o hiato. Dois soldados se ajoelharam para ajudá-lo. Dianora ainda estava com medo de vomitar; ela não conseguia fazer com que suas mãos parassem de tremer. Isolla de Ygrath não se movia.

Dianora percebeu que ela *não conseguia* se mover: Brandin a segurava, controlando-a mentalmente como uma flor presa entre duas folhas de papel. Os soldados ergueram Neso e o retiraram da sala. Dianora recuou, deixando Isolla sozinha diante do Rei, a quinze passos extremamente apropriados de distância.

— Camena foi um instrumento — disse Brandin, suavemente. — Chiara não tem relação alguma com isso. Não pense que não sei disso. Não posso oferecer nada agora, a não ser uma morte rápida. Você deve me contar por que fez isso.

Ele controlava rigidamente o tom de sua voz, que permanecia cuidadosa e inflexiva. Dianora jamais o ouvira usar tal tom. Olhou para Rhun: o bobo chorava, encharcando com lágrimas suas feições distorcidas.

Brandin baixou sua mão, libertando Isolla para que ela pudesse se mexer e falar.

O vívido olhar de ódio sumira de seu rosto. Em seu lugar, havia um orgulho desafiador. Dianora imaginava se ela chegara a acreditar que o esquema funcionaria. Se, após o Rei ser morto, ela realmente esperava sair andando daquela sala. E se não, se ela não tinha tais esperanças, o que isso significava?

Mantendo-se firme, Isolla respondeu parcialmente:

— Estou morrendo. Os médicos me deram menos do que uma estação antes que o que cresce dentro de mim se alastre para o meu cérebro. Já não consigo me lembrar de algumas canções. Canções que carreguei comigo por quarenta anos.

— Sinto muito em ouvir isso — disse Brandin, formalmente, com uma cortesia tão impecável que parecia violar a natureza humana. — Todos nós morremos, Isolla. Alguns, jovens demais. Nem todos nós planejamos a morte de nosso Rei. Você tem mais para me contar antes que eu possa libertá-la de sua dor.

Pela primeira vez, Isolla pareceu vacilar. Ela baixou a cabeça, desviando daqueles olhos cinzentos, assustadoramente serenos. Apenas após um longo momento, ela respondeu:

— Você deveria saber que haveria um preço para o que fez.

— E o que, exatamente, eu fiz?

Sua cabeça se ergueu.

— Você preferiu uma criança morta à viva, e a vingança à sua esposa. E tudo isso, acima de sua própria terra. Você chegou a pensar, por uma fração de segundo, em qualquer um deles enquanto perseguia sua bizarra vingança por Stevan?

O coração de Dianora bateu dolorosamente. Aquele era um nome que não se pronunciava em Chiara. Ela viu os lábios de Brandin se apertarem de uma forma que contemplara apenas poucas vezes. Mas, quando ele falou, sua voz continuava tão rigidamente controlada quanto antes:

— Imagino que pensei neles de maneira adequada. Giralda governa Ygrath, da mesma maneira que algum dia iria acontecer. Ele até possui minha saishan, como símbolo disso. Quanto a Dorotea, eu a convidei para vir até aqui diversas vezes por ano, durante vários anos.

— Convidou-a para que pudesse envelhecer, enquanto você permanecia jovem. Algo que nenhum rei feiticeiro de Ygrath jamais fez, temerosos de que os deuses punissem a terra. Mas você jamais se preocupou em pensar em Ygrath, não é mesmo? E Giralda? Ele não é Rei; o pai dele é. Esse título é *seu*, e não dele. O que a chave da saishan representa contra uma realidade que diz o contrário? Ele irá até mesmo morrer antes de você, Brandin, a não ser que você seja assassinado. E o que acontecerá então? Isso não é natural, e há um preço a ser pago.

— Sempre há um preço — disse ele, suavemente. — Um preço por tudo. Mesmo por viver. Eu não esperava pagá-lo dentro de minha própria família.

Houve silêncio. E Brandin concluiu:

— Isolla, eu devo estender meus anos até que consiga concluir o que deve ser feito.

— Então você pagará por isso — repetiu Isolla. — E Giralda pagará, e Dorotea. E Ygrath.

E Tigana, pensou Dianora, que não mais tremia e cuja própria dor voltava como uma ferida viva. *Tigana também pagará. Com estátuas quebradas e torres demolidas, com crianças assassinadas e um nome desaparecido.*

Ela contemplava o rosto de Brandin e o de Rhun.

— Eu ouvi o que você disse — disse o Rei, depois de um tempo, à cantora. — Ouvi mais do que você escolheu dizer. Eu preciso de apenas mais uma coisa. Você deve me dizer qual deles fez isso.

Ele falava com arrependimento visível. O rosto disforme de Rhun se contorcia com força, enquanto suas mãos gesticulavam, inutilmente.

— E por que — questionou Isolla, recompondo-se e falando com a arrogância de alguém que não tinha mais nada a perder — você deveria imaginar que os interesses de outras pessoas têm alguma responsabilidade nisso? Por que um ou outro, Rei de Ygrath?

Sua voz erguia-se, áspera como a mensagem que trazia.

Lentamente, ele assentiu. A dor que ele trazia se tornou evidente. Dianora podia vê-la no modo como ele se colocava e falava, por mais que se controlasse. Não precisava sequer olhar para Rhun.

— Muito bem — disse Brandin. — E você, Isolla? O que lhe ofereceram para que fizesse isso? Será que seu ódio por mim é assim tão grande?

A mulher hesitou por apenas um momento. Então, da mesma maneira orgulhosa e desafiadora de antes, disse:

— Meu amor pela Rainha é assim tão grande.

Brandin fechou os olhos e perguntou:

— Como assim?

— De todas as formas que você a desamparou quando escolheu o exílio e o amor aos mortos, em vez do coração e da cama de sua esposa.

Em qualquer situação normal, ou quase normal, a corte reagiria àquela frase. Deveria ser assim. Mas Dianora não ouviu nada, a não ser o ruído de várias pessoas respirando cuidadosamente, enquanto Brandin abria seus olhos novamente, para encarar Isolla. Havia um nítido triunfo no rosto da cantora de Ygrath.

— Eu a convidei a vir — repetiu ele, quase melancolicamente. — Eu poderia tê-la obrigado, mas preferi não fazê-lo. Ela deixou claros seus sentimentos, e deixei que ela escolhesse. Pensei que seria o mais justo e terno a se fazer. Parece que meu pecado consiste em não tê-la obrigado a pegar o navio até esta península.

Várias mágoas e formas de dor diferentes pareciam guerrear dentro de Dianora. Atrás do Rei, podia-se ver d'Eymon; seu rosto debilmente acinzentado. Seus olhos se encontraram com os de Dianora rapidamente, e então se desviaram. Mais tarde, ela poderia pensar em modos de utilizar essa repentina situação contra ele, mas, naquele instante, conseguia apenas sentir pena. Sabia que ele ofereceria sua demissão naquela noite. Provavelmente, iria se oferecer para tirar a própria vida, como os antigos faziam. Brandin recusaria, mas, depois daquela noite, nada mais seria igual.

Por diversas razões.

— Acho que você já me contou o que eu precisava saber — Brandin disse.

— O músico de Chiara agiu sozinho — soltou Isolla, inesperadamente. Ela gesticulava,

apontando para Camena, prensado pelos soldados atrás dela. — Ele se juntou a nós quando visitou Ygrath, dois anos atrás. Nossos propósitos pareciam caminhar juntos até aqui.

Brandin acenou com a cabeça, enquanto repetia, baixinho:

— Até aqui. Pensei que esse seria mesmo o caso. Obrigado por confirmar — completou ele, sério.

Houve silêncio.

— Você me prometeu uma morte rápida — disse Isolla, mantendo-se firme.

— Prometi — disse Brandin. — De fato, eu prometi.

Dianora parou de respirar. O Rei olhou para Isolla sem expressão alguma, pelo que pareceu um período insuportavelmente longo demais.

— Você não tem ideia — disse ele, enfim, numa voz pouco acima de um sussurro — do quão feliz eu estava por você vir cantar novamente para mim.

E então moveu sua mão direita, no mesmo gesto casual com que dispensaria um serviçal ou peticionário.

A cabeça de Isolla explodiu como uma fruta velha esmagada por um martelo. Sangue negro espirrou de seu pescoço, enquanto seu corpo caía no chão como um saco. Dianora estava perto demais; o sangue da mulher assassinada jorrou, grosso, em seu rosto e em seu vestido. Ela cambaleou para trás. Uma asquerosa ilusão de criaturas reptilianas se enrolava e se contorcia no local em que a cabeça de Isolla fora esmagada, tornando-se uma gosma amorfa.

Houve gritos em todos os lugares, e um pandemônio enquanto a corte recuava. Repentinamente, uma figura correu para a frente. Tropeçando, quase caindo em sua pressa, a figura sacou uma espada. E de modo estranho e atrapalhado, tomando a espada nas duas mãos, Rhun, o Bobo, começou a golpear o corpo morto da cantora.

Seu rosto estava bizarramente distorcido com raiva e asco. Espuma e catarro escorriam de sua boca e de seu nariz. Com um corte bruto, ele arrancou um braço do tronco da mulher. Algo negro, verde e cego parecia ondular, saindo do buraco formado no ombro de Isolla, deixando um rastro de gosma negra e brilhante. Atrás de Dianora, alguém soluçou, aterrorizado.

— *Stevan!* — gritou Rhun, em voz quebrada. E entre náusea, caos e terror, uma arrebatadora compaixão tomou de súbito o coração de Dianora. Ela olhava para o frenético bobo, vestido exatamente como o Rei, portando uma espada do Rei. Saliva escorria de sua boca.

— Música! Stevan! Música! Stevan! — gritava Rhun obsessivamente, e a cada palavra feroz, articulada arrastadamente, a espada fina e encrustada de joias que carregava subia e descia, reluzindo à luz, talhando o corpo como se fosse um pedaço de carne. Ele escorregou no chão ensanguentado e caiu de joelhos com a força de sua própria fúria. Algo cinza e com olhos salientes apareceu, grudando em seus joelhos como uma sanguessuga.

— Música — disse Rhun uma última vez, suavemente, com inesperada clareza. Então a espada escorregou de suas mãos e ele se sentou em uma poça de sangue, ao lado do corpo

mutilado da cantora, sua cabeça calva caída estranhamente para o lado, seus trajes brancos e dourados irremediavelmente sujos, chorando como se seu coração estivesse partido.

Dianora se voltou para Brandin. O Rei estava imóvel e permanecia exatamente no mesmo ponto de antes, as mãos relaxadas ao lado do corpo. Ele encarava a terrível cena à sua frente com uma indiferença apavorante.

— Sempre há um preço — disse Brandin baixo, quase para si, em meio aos gritos e ao tumulto que enchiam a câmara de audiências. Dianora deu um passo incerto em direção a ele, mas o Rei já se voltara e, junto com d'Eymon, que o seguia rapidamente, saiu do cômodo pela porta atrás do estrado.

Com a sua saída, as criaturas repugnantes imediatamente desapareceram, mas não o corpo sem cabeça da cantora ou a miserável figura torta do bobo. Dianora parecia estar sozinha, junto a eles; todos os demais haviam fugido por alguma das portas. O sangue de Isolla estava quente onde tocava sua pele.

As pessoas se atropelavam e empurravam umas às outras, em sua pressa frenética para sair da sala, agora que o Rei partira. Ela viu os soldados arrastarem Camena di Chiara por uma porta lateral. Outros soldados traziam um lençol para cobrir o corpo de Isolla. Eles tiveram que retirar Rhun para isso; ele não parecia entender o que estava acontecendo. E ainda chorava, seu rosto grotesco distorcido em lágrimas como uma criança machucada. Dianora ergueu a mão para secar uma lágrima, e as pontas de seus dedos ficaram sujas de sangue. Os soldados colocaram o lençol sobre o corpo da cantora. Um deles pegou cautelosamente o braço que Rhun havia decepado e o empurrou para baixo do lençol. Dianora viu-o fazendo aquilo. Parecia ter sangue em todo o seu rosto. Prestes a perder completamente o controle, ela olhou ao redor, buscando ajuda, qualquer tipo de ajuda.

— Venha, minha senhora — disse a voz que necessitava tão desesperadamente, logo ao seu lado. — Venha. Deixe-me levá-la de volta à saishan.

— Oh, Scelto... — murmurou ela — por favor. Por favor, leve-me, Scelto.

As notícias se espalharam pela saishan como fogo em grama seca, enchendo-a de rumores e medo. Uma tentativa de assassinato vinda de Ygrath. Com participação de Chiara.

E que quase obtivera sucesso.

Scelto arrastou Dianora pelo corredor até seu quarto e, num impulso de proteção, bateu a porta diante da multidão nervosa e agitada que corria e enchia os corredores como um bando de mariposas vestidas de seda. Sempre murmurando, despiu-a e lavou-a, e então a colocou cuidadosamente em seu vestido mais quente. Ela tremia incontrolavelmente, sem conseguir falar. O eunuco acendeu a lareira e a fez sentar diante do fogo. Em doce submissão, ela tomou o chá mahgoti que ele lhe preparara como um sedativo. Dois copos, um seguido do outro. Por fim, a tremedeira cessou. Ela ainda achava difícil conseguir falar. Scelto a fez permanecer na cadeira diante do fogo — não que ela quisesse sair dali.

Seu cérebro parecia esmurrado, anestesiado. Ela se sentia totalmente incapaz de compreender, de formular uma reação adequada a tudo o que acontecera.

Apenas um pensamento continuava afastando os outros, retumbando em sua cabeça como os arautos que golpeavam o chão. Um pensamento tão impossível, tão incapacitante, que tentava com todas as suas forças bloqueá-lo, em meio à terrível dor de cabeça. Não conseguia. O golpe a acertava, de novo e de novo: *salvara a vida dele*.

Tigana estivera a uma simples pulsação de voltar ao mundo. A pulsação de Brandin, quase encerrada pela besta.

Sua terra era um sonho que passara por sua mente, ainda ontem. Um lugar em que as crianças costumavam brincar. Entre torres próximas às montanhas, à beira do rio, na areia branca ou dourada à beira de um palácio próximo do mar. Sua terra era um desejo, um sonho desesperado, um nome em seus sonhos. E naquela tarde fizera a única coisa que precisava fazer para esconder esse nome do mundo, para trancá-lo em um sonho. Até que todos os sonhos, enfim, morressem.

Como poderia lidar com isso? Como conseguiria enfrentar o que aquilo significava? Viera até ali para matar Brandin de Ygrath, para encerrar-lhe a vida de modo que Tigana pudesse recuperar a sua. E, ao invés disso...

A tremedeira começava mais uma vez. Agitado e murmurante, Scelto atçou o fogo e trouxe mais um cobertor para seus joelhos e pés. Quando viu as lágrimas no rosto de Dianora, emitiu um ruído de aflição. Mais tarde, alguém batia com força na porta, e ela ouviu enquanto Scelto os expulsava com uma linguagem que nunca antes ouvira em sua boca.

Gradualmente, Dianora começou a se recompor. Por meio da cor da luz que gentilmente tocava as altas janelas, ela soube que a tarde esvaía-se rumo ao anoitecer. Esfregou as bochechas e os olhos com as costas da mão. Manteve-se sentada. Deveria estar pronta para a chegada do crepúsculo; era no crepúsculo que Brandin mandava chamar alguém na saishan.

Ergueu-se de sua cadeira, feliz em perceber que suas pernas estavam mais firmes. Scelto avançou, protestando, mas se calou ao ver sua expressão. Sem falar mais nada, conduziu-a pelas portas internas, descendo o corredor até os salões de banhos. Seu olhar feroz calou os atendentes dali. Ela teve a impressão de que o eunuco os socaria caso falassem algo; nunca soubera que Scelto tivesse cometido um único ato de violência. Não desde a vez em que matara um homem e perdera sua virilidade.

Dianora deixou que eles a banhassem, deixou os óleos perfumados acariciarem sua pele. Havia sido coberta de sangue naquela mesma tarde.

A água correu por seu corpo. Os atendentes lavaram seu cabelo. Em seguida, Scelto pintou suas unhas, das mãos e dos pés. Um tom suave, róseo. Longe da cor do sangue, longe da raiva ou da mágoa. Depois, ela pintaria seus lábios da mesma cor. Embora duvidasse que fossem fazer amor. Ela o abraçaria e seria abraçada também. Retornou para seu quarto, aguardando ser chamada.

Pela luz, soube quando a noite chegara. Todos na saishan sempre sabiam quando a noite chegava. O dia caminhou para o horário em que escurecia. Dianora enviou Scelto para avisá-la quando o chamado chegasse.

Pouco depois, ele retornou, dizendo que Brandin havia chamado Solores.

A raiva flamejou dentro dela. Explodiu como... como a cabeça de Isolla de Ygrath, na câmara de audiências. Dianora mal conseguia respirar, tamanha era sua repentina fúria. Nunca em sua vida sentira algo assim, como aquele caldeirão fervilhante dentro do peito. Depois da queda de Tigana, depois que seu irmão lhe fora tirado, sua raiva se tornou algo lapidado, controlado, canalizado, voltado a um propósito, como uma chama guardada que, ela sabia bem, queimaria por muito tempo.

Aquilo era um inferno. Um caldeirão fervia dentro dela, devastador, varrendo tudo diante de si como um mar de lava. Estivesse Brandin naquele quarto, naquele momento, ela arrancaria seu coração com as próprias unhas e dentes, como as mulheres fizeram a Adaon na montanha. Viu Scelto dar um passo para trás, involuntariamente; nunca antes soubera que ele tivesse medo dela ou de qualquer outra pessoa. Mas tal observação não importava agora.

O que importava, *tudo* o que importava, a *única* coisa que importava é que ela salvara a vida de Brandin de Ygrath, jogando no muco e no sangue derramado a memória clara de seu lar, assim como o juramento que fizera, tanto tempo antes. Ela violara a essência de tudo aquilo que um dia fora; violara a si mesma de forma mais cruel do que qualquer homem que havia se deitado com ela em troca de uma moeda, naquele quarto em Certando.

E em troca... Em troca, Brandin procurara Solores di Corte, deixando-a passar a noite sozinha.

Não, ele não devia ter feito isso.

Não importava o fato de que, no íntimo de seu coração incandescente, pudesse entender por que ele fizera aquilo. Entender que naquela noite ele não precisava de sagacidade ou inteligência, de questionamentos ou de sugestões. Ou de desejo. Sua necessidade consistia na gentileza suave, inconsciente e reflexiva que Solores lhe proporcionava. E que Dianora, aparentemente, não possuía. A voz calma, o carinho, o acalanto. Brandin precisaria de abrigo naquela noite. E ela compreendia: pois era o que ela também precisava, desesperadamente, depois do que acontecera.

Mas ela precisava de que *ele* lhe desse isso.

E então ocorreu que, sozinha em sua cama naquela noite, sem abrigo de pessoa ou coisa alguma, Dianora encontrou-se nua e incapaz de se esconder do que a acometera, quando as chamas da ira finalmente se extinguíram.

Estava acordada durante o segundo e depois durante o terceiro badalar dos sinos que delimitavam as tríades das horas escuras. Mas, antes do terceiro soar dos sinos, que marcava o nascimento do alvorecer cinzento, duas coisas aconteceram dentro dela.

A primeira foi o inexorável retorno daquele único fio de memória que ela sempre bloqueara cuidadosamente e que trazia a miríade de mágoas daquele ano em que Tigana fora ocupada. Na escuridão daquela Noite das Brásas, ela estava sem abrigo e exposta, à deriva e distante de quaisquer amarras que sua alma já tivesse encontrado.

Enquanto Brandin, na ala oposta do palácio, buscava o conforto que conseguia em Solores di Corte, Dianora permanecia num espaço aberto e vazio, sem conseguir evitar qualquer uma das imagens que lhe voltavam de anos distantes. Imagens de amor, de dor e da perda do amor em meio à dor, que eram afiadas demais — afiadas e frias demais, apunhalando seu coração — para serem permitidas em situações normais.

Mas o dedo da morte repousara em Brandin de Ygrath naquele dia, e fora ela quem o retirara, puxando o Rei do mais negro portal de Morian. E aquela era uma Noite de Brasas, uma noite de fantasmas e sombras. Não poderia ser uma noite normal e, de fato, não era. O que acometeu Dianora de forma tão terrível foi a progressão constante, uma após a outra, como ondas do mar, das memórias finais de seu irmão, antes que partisse.

Ele era jovem demais para lutar à beira do Deisa. Ninguém com menos de 15, proclamara o Príncipe Valentin antes de cavalgar para a guerra ao norte. Alessan, o filho mais novo do Príncipe, fora levado para o sul e escondido por Danoleon, o Alto Sacerdote de Eanna, assim que se soube do ataque de Brandin.

Aquilo fora depois da morte de Stevan. Depois daquela única vitória. Todos eles souberam — os homens cansados que haviam lutado e sobrevivido, e as mulheres, os velhos e as crianças deixados para trás — que a vinda de Brandin marcaria o final do mundo em que viviam e que amavam.

Eles não sabiam, então, o quão literal seria aquilo: o que o Rei Feiticeiro de Ygrath poderia fazer, e o que ele fizera. Isso, eles descobririam nos próximos dias e meses, algo brutal e cruel que cresceria como um tumor e inflamaria as almas daqueles que sobreviveram.

Os que morreram no Deisa tiveram sorte. Assim era dito por aqueles que sobreviviam, de forma cada vez mais frequente e sempre em sussurros, naquele ano em que Tigana morria.

Dianora e seu irmão foram deixados com uma mãe cuja mente havia se rompido como a corda de um arco, ao receber as notícias do Segundo Deisa. Enquanto a vanguarda dos ygratheanos entrava na cidade, ocupando as ruas e praças de Tigana, tomando as casas nobres e o Palácio ao Mar delicadamente colorido, ela parecia perder sua última consciência do mundo para vagar, muda e gentil, por um espaço para o qual nenhum de seus filhos podia viajar com ela.

Às vezes, ela acenava e sorria para coisas invisíveis, enquanto se sentava em meio à terra de seu quintal, no verão, com mármore esmagado ao seu redor. E o coração de sua filha doía, como uma antiga ferida sob as chuvas do inverno.

Dianora se incumbiu de cuidar das tarefas domésticas da melhor maneira que conseguia, embora três dos serviçais e dos aprendizes tivessem morrido com seu pai. Dois outros fugiram pouco depois que os ygratheanos chegaram e a destruição começou. Ela não conseguia culpá-los. Apenas uma das mulheres e o mais novo dos aprendizes permaneceram com eles.

Seu irmão e o aprendiz aguardaram até que a longa onda de incêndios e demolições passasse, e então buscaram emprego limpando entulhos ou consertando paredes, enquanto a

limitada reconstrução começava, sob ordens de Ygrath. A vida começava a retomar sua normalidade. Ou o que aparentava ser uma normalidade, em uma cidade agora chamada de Baixa Corte, em uma província de mesmo nome.

Em um mundo em que a própria palavra *Tigana* não podia mais ser ouvida por ninguém além deles. Logo pararam de usá-la em locais públicos. A dor era grande demais: o sentimento distorcido dentro deles vinha a cada olhar inexpressivo e de incompreensão no rosto dos ygratheanos ou dos mercadores e banqueiros de Corte, que rapidamente empestearam o lugar para tentar arrancar algum lucro em meio aos escombros e à lenta reconstrução da cidade. Era uma dor para a qual, verdadeiramente, não havia nome.

Dianora conseguia lembrar, de modo aguçado e irregular, a primeira vez que chamara seu lar de Baixa Corte. Todos os sobreviventes se lembravam: era, para cada um deles, um momento em que sentiam uma fígada na alma. Os que morreram no Deisa, na Primeira ou na Segunda batalha, tiveram sorte — e a frase se espalhou naquele ano.

Ela assistira enquanto seu irmão alcançava uma maturidade amarga naquele verão, o sorriso desaparecido, a gargalhada perdida, a infância levada cedo demais, sem saber o quanto as árduas lições e as ausências também se gravaram no seu próprio rosto magro e triste. Ela completara 16 no verão anterior; ele chegara aos 15 na primavera. Ela fez um bolo de aniversário para o aprendiz, a velha serviçal, sua mãe, seu irmão e para ela mesma. Não tiveram convidados; qualquer tipo de reunião era proibida naquele ano. Sua mãe sorria quando Dianora lhe entregou uma fatia do bolo negro — mas Dianora sabia que o sorriso não tinha nada a ver com nenhum deles.

Seu irmão também sabia. Sobrenaturalmente sério, ele beijou a testa de sua mãe e então a de sua irmã, e saiu em meio à noite. Obviamente, era ilegal estar nas ruas após o pôr do sol, mas algo continuava a movê-lo para fora de casa, além das fogueiras que ainda crepitavam em quase todas as esquinas. Era como se estivesse desafiando as patrulhas de ygratheanos a pegá-lo. Para puni-lo por ter apenas 14 anos quando chegara a época de guerra.

Naquele outono, dois soldados haviam sido esfaqueados durante a noite. Em uma rápida resposta, vinte rodas de tortura foram montadas. Seis mulheres e cinco crianças estavam entre os deixados ali para morrerem. Dianora conhecia a maioria delas: não havia mais tantas pessoas restantes na cidade, e todas elas se conheciam. Os gritos das crianças, e então seu choro, cada vez mais baixos, eram coisas que ela lutaria para esquecer, para sempre, durante suas noites.

Nenhum outro soldado foi morto.

Seu irmão continuava a sair durante a noite. Ela ficava acordada até ouvi-lo voltar. Ele sempre fazia barulho, propositalmente, e então a irmã o ouviria e poderia dormir. De algum modo, ele sabia que Dianora estaria acordada, embora nunca houvesse falado sobre isso.

Ele teria sido muito bonito, com seu cabelo negro e seus olhos castanhos, profundos, caso não estivesse tão magro e seus olhos não se encontrassem tão marcados pela falta de sono e pela mágoa. Não havia muita comida naquele primeiro inverno: a maior parte da colheita

fora queimada; o restante, confiscado. Mas Dianora fazia o melhor que conseguia para alimentar os cinco. Não havia, entretanto, nada que pudesse fazer quanto ao olhar no rosto de seu irmão. Todos tinham aquele olhar naquele ano. Ela o via até no espelho.

Na primavera seguinte, os soldados ygratheanos descobriram uma nova distração. Era praticamente inevitável que eles descobrissem: tratava-se da planta maligna que crescia das sementes da vingança de Brandin.

Dianora se lembrava de estar à beira de uma janela, no segundo andar, quando começou. Ela assistia ao seu irmão e ao aprendiz — que, obviamente, não era mais um aprendiz — caminhando numa manhã ensolarada pela praça, rumo ao local onde trabalhavam. Nuvens brancas tomavam o céu, empurradas pelo vento. Um pequeno grupo de soldados veio pelo outro lado e abordou os dois rapazes. A janela estava aberta para arejar a sala e deixar entrar a brisa fresca; ela ouviu tudo.

— Ajude-nos! — um dos soldados pediu, com um olhar malicioso que ela pôde notar da janela. — Estamos perdidos.

Ele grunhia, enquanto os outros soldados rapidamente cercavam os garotos. Ele arrancou risos secos de seus companheiros. Um deles deu uma cotovelada nas costelas do outro.

— Onde estamos? — perguntou o soldado.

Com os olhos cuidadosamente baixos, seu irmão dissera o nome da praça em que estavam e das ruas que saíam dela.

— Isso não adianta! — reclamara o soldado. — De que me adiantam os nomes de ruas? Eu não sei nem em que *cidade* eu estou!

Houve risos. Dianora apurou os olhos ao ouvir aquilo.

— Baixa Corte — murmurou o aprendiz, rapidamente, enquanto o irmão continuava quieto. Mas os soldados notaram o silêncio.

— Que cidade? *Você*, me responda — disse o soldado, mais agressivamente, dando um soco no ombro do irmão.

— Eu acabei de dizer. Baixa Corte — interrompeu o aprendiz, alto.

Um dos soldados golpeou a lateral de sua cabeça. O garoto cambaleou e quase caiu; ele se recusou a erguer a mão para tocar sua cabeça.

Dianora, apavorada e com o coração acelerado, viu enquanto seu irmão os encarava. O cabelo negro reluzia o brilho do sol matinal. Ela pensou que ele fosse golpear o soldado que batera no aprendiz. Pensou que ele fosse morrer. Estava imóvel à janela, com as mãos apoiadas no parapeito. Um silêncio terrível tomou a praça. O sol brilhava.

— Baixa Corte — disse o irmão, como se aquelas palavras o engasgassem.

Rindo estridentemente, os soldados os deixaram ir.

Naquela manhã.

Os dois garotos se tornaram as vítimas favoritas daquele grupo, que patrulhava seu distrito entre o Palácio ao Mar e o centro da cidade, local dos três templos. Nenhum dos templos da Tríade fora destruído, apenas as estátuas que ficavam dentro e fora deles. Duas delas eram

obras de seu pai. Uma Morian jovem e sedutora, e uma figura grande e primitiva de Eanna, erguendo as mãos para fazer as estrelas.

Os garotos começaram a sair de casa cada vez mais cedo ao longo da primavera, tomando rotas alternativas, numa tentativa de despistar os soldados. Na maioria das manhãs, no entanto, eram encontrados. A essa altura, os ygratheanos já estavam entediados, e as tentativas dos garotos de enganá-los lhes oferecia uma distração.

Dianora costumava se postar àquela mesma janela quando eles saíam atravessando a praça, como se o ato de assistir ao que quer que acontecesse pudesse, de alguma forma, compartilhar a dor entre os três, amenizando-a. Quase todas as vezes, os soldados os abordavam assim que entravam na praça. Ela observava na vez em que o jogo se tornou algo pior.

Naquela vez, era de tarde. Apenas meio período de trabalho, pois era um feriado da Tríade: parte da preparação para os Dias das Bragas primaveris. Os ygratheanos, assim como os barbadianos ao leste, tiveram o escrúpulo de não mexer com a Tríade ou seu clero. Após o almoço, os dois garotos saíram para uma tarde de trabalho.

Os soldados os cercaram no meio da praça. Eles nunca pareciam cansar de seu jogo. Mas naquela tarde, mal começara o líder seu fingimento de estar perdido, um grupo de quatro mercadores passava, atravessando a colina, vindo do porto. E um dos soldados teve uma ideia, nascida da mais maligna inspiração.

— Parem! — gritou ele. Os comerciantes obedeceram, abruptamente. Todos obedeciam ao comando de um ygratheano em Baixa Corte, não importava de onde fossem.

— Venham cá — disse o soldado. Seus colegas abriram caminho para que os mercadores pudessem postar-se em frente aos meninos. Dianora sentiu-se tocar pela premonição de algo maligno como se um dedo gélido deslizesse por sua espinha.

Os quatro mercadores disseram ser de Asoli. O que era óbvio, dadas as suas roupas.

— Bom — disse o soldado. — Eu sei como vocês são gananciosos. Agora ouçam bem. Esses pirralhos vão dizer a vocês o nome de sua cidade e de sua província. Juro, em nome da minha honra e em nome de Brandin, Rei de Ygrath, que darei vinte ygras de ouro para o primeiro homem que puder me repetir o que eles disseram.

Era uma fortuna. Mesmo de onde estava, naquela altura e do outro lado de uma janela, Dianora pôde ver a reação dos mercadores de Asoli. Isso foi antes de fechar seus olhos. Ela sabia o que aconteceria, e como isso seria doloroso. Ela queria tanto que seu pai estivesse vivo que quase chorou. Mas seu irmão estava lá embaixo, em meio a soldados que o odiavam. Ela engoliu suas lágrimas, abriu os olhos, observou.

— Você — disse o soldado para o aprendiz. Eles sempre começavam com ele. — Sua província já teve outro nome. Diga qual era.

Ela viu o garoto, que se chamava Naddo, empalidecer de medo, raiva ou ambos. Os quatro mercadores, alheios ao que se passava, se reclinaram, tensos de ansiedade. Dianora viu Naddo olhar para seu irmão, buscando uma orientação ou talvez uma dispensa.

O soldado viu o olhar:

— Nada disso! — soltou ele. E então sacou sua espada. — Por sua vida, diga o nome!

Naddo, muito claramente, disse:

— Tigana.

E, obviamente, nenhum dos mercadores conseguiu repetir a palavra que ele dissera. Nem por vinte ygras de ouro, nem por vinte vezes esse valor. Dianora conseguia ver a surpresa e a ambição em seus olhos, e o medo que sempre nasce quando se confronta a feitiçaria.

Os soldados riram e trocaram cotoveladas. Um deles possuía uma gargalhada estridente como o cacarejo de um galo. Eles viraram para seu irmão.

— Não — disse ele, seco, antes que pudessem lhe dar a ordem. — Vocês já se divertiram. Eles não conseguem ouvir o nome. Todos sabemos disso. O que mais querem provar?

Ele tinha 15 anos, era muito magro e seu cabelo escuro estava longo demais, quase cobrindo os olhos. Fazia quase um mês desde que ela o cortara, e ela passara a semana toda querendo fazê-lo novamente. Uma de suas mãos apertava o parapeito da janela com tanta força que todo o sangue lhe escapara; estava branca como gelo. Ela cortaria as próprias mãos se isso pudesse mudar o que estava acontecendo. Notava outros rostos, em outras janelas, ao longo da rua e do outro lado da praça. Algumas pessoas que passavam na rua também pararam, vendo aquele grande grupo de homens, sentindo a repentina tensão que se formava.

Algo que não era bom. Afinal, agora que tinham uma plateia, os soldados teriam que estabelecer claramente sua autoridade. O que havia sido um jogo, quando feito em particular, tornara-se então algo completamente distinto. Dianora queria olhar para o outro lado. Queria seu pai de volta do Deisa, queria o Príncipe Valentin de volta e vivo, queria sua mãe de volta de onde quer que sua mente estivesse vagando.

Ela assistia. Para compartilhar. Para testemunhar e se lembrar, sabendo, mesmo naquela época, que tais coisas seriam importantes, se é que algo ainda importaria nos próximos dias e anos. O soldado com a espada em punho encostou, cuidadosamente, a sua ponta contra o peito de seu irmão. O sol da tarde se refletia na lâmina. Era uma lâmina de trabalho, uma espada de soldado. Um pequeno som escapou das pessoas reunidas ao redor da praça.

Seu irmão disse, um pouco desesperado:

— Eles não conseguem entender o nome. Você sabe que eles não conseguem. Vocês nos destruíram. É necessário causar ainda mais dor? É necessário?

Ele tem apenas 15, rogou Dianora, agarrando-se ao parapeito como se fosse a morte; sua mão, como se fosse uma garra. Ele era jovem demais para lutar. Ele não tinha permissão. Perdoe-lhe por isso. Por favor.

Os quatro mercadores de Asoli, como se fossem um homem só, recuaram rapidamente. Um dos soldados, aquele com o riso alto, remexeu-se desconfortavelmente, como se lamentando o que aquilo se tornara. Mas havia uma multidão observando. O garoto tivera sua chance. Não havia escolha agora.

A espada se moveu para a frente delicadamente, e então recuou. Através da gasta túnica azul, um punhado de sangue surgiu e se estancou por um momento, brilhando à luz da primavera, antes de escorrer, manchando o azul.

— O nome — disse o soldado, secamente. Sua voz era firme, séria. Dianora percebeu que era um profissional e que se preparava para matar.

Uma testemunha, uma memória, ela viu seu irmão mais novo separar os pés, como se quisesse se ancorar ao chão da praça. Ela viu suas mãos apertarem-se e sua cabeça lançar-se para trás, encarando o céu.

E então ela ouviu seu brado.

Ele deu a eles aquilo que exigiram. Obedeceu ao comando, mas não triste ou desafiador, e não com o peso da vergonha. Com os pés sobre a terra de seus ancestrais, firme diante da casa de sua família, ele olhou diretamente para o sol e deixou o nome explodir de dentro de sua alma.

— Tigana! — gritou ele, para que todos pudessem ouvir. Todos eles, todos naquela praça. E então, mais alto ainda:

— *Tigana!*

E então uma terceira e última vez, do ápice de sua voz, com orgulho, com amor, com a rebeldia que perdurara em seu coração:

— TIGANA!

Aquele brado ecoou pela praça, pelas ruas, até as janelas de onde as pessoas observavam, sobre os telhados das casas que iam a oeste, para o mar, e a leste, para os templos, e muito além deles: um som, um nome, uma mágoa lançada em meio à luminosidade do ar. E embora os quatro mercadores não pudessem compreender o nome, embora os soldados não pudessem entendê-los, as mulheres nas janelas, seus filhos e os homens nas ruas puderam ouvi-lo claramente, e puderam se agarrar a ele, e puderam se lembrar do orgulho que era a base daquele clamor crescente.

E aquilo os soldados puderam entender completamente, enquanto olhavam ao seu redor. Estava escrito nos rostos à sua volta. Ele fizera apenas o que mandaram que fizesse; mas o jogo havia mudado, tinha dado errado de um modo que compreendiam apenas vagamente.

Obviamente, eles o espancaram.

Com seus punhos, seus pés e com a parte seca de suas bem-cuidadas lâminas. E também Naddo, por estar lá e por fazer parte daquilo. Mas a multidão não se dispersou, como era comum durante um espancamento. Eles assistiam, repletos de um silêncio que era incomum para uma multidão daquelas. O único som era o dos golpes, pois o garoto não chorou e os soldados não falaram.

Quando terminou, eles dispersaram a multidão com maldições e ameaças. Aglomerações eram consideradas ilegais, ainda que houvessem sido eles os responsáveis pela formação daquela. Em poucos instantes, todos haviam partido. Havia apenas alguns rostos, atrás de cortinas semicerradas, olhando para uma praça vazia, a não ser pelos dois garotos, caídos em

meio à poeira, sangue reluzindo em suas vestes. Houve pássaros cantando ao redor e durante todo o acontecimento. Dianora lembrava.

Ela se forçou a permanecer onde estava. A não correr até eles. A deixá-los fazer aquilo sozinhos, como lhes era de direito. E, à distância, viu o irmão se erguer, com os movimentos pesados e lentos de um homem muito velho. Ela o viu falar com Naddo e então, cuidadosamente, ajudá-lo a ficar de pé. E então, como sabia que aconteceria, viu seu irmão, sujo e ensanguentado, mancando, levando Naddo para o leste, para o local onde iriam trabalhar naquele dia. Sem olhar para trás.

Observou-os partir. Seus olhos estavam secos. Ela só deixou a janela quando os dois viraram a esquina, bem mais adiante, e sumiram de seu campo de visão. Apenas então, afrouxou suas mãos pálidas que apertavam o parapeito da janela. E apenas então, invisível a todos por trás das cortinas fechadas, permitiu que suas lágrimas escorressem: de amor, de dor e de um orgulho gigantesco.

Quando eles voltaram para casa naquela noite, ela e a serviçal esquentaram água e lhes deram banho, cuidando, a seguir, das feridas e dos hematomas negros da melhor forma que conseguiam.

Mais tarde, durante o jantar, Naddo informou que estava partindo. Naquela mesma noite, ele disse. Disse ainda, remexendo-se inquieto em sua cadeira, que aquilo era demais. Falava para Dianora, pois seu irmão virara o rosto assim que Naddo começou a falar.

Não havia vida a ser construída ali, disse Naddo com uma urgência exaltada, por meio de uma boca torta e rasgada. Não em meio aos soldados perversos e aos impostos mais perversos ainda. Se um homem jovem, jovem como ele, tivesse alguma esperança de fazer algo de sua vida, disse Naddo, deveria partir. Seus olhos buscavam, desesperadamente, alguma compreensão. Ele continuava olhando, nervoso, para onde seu irmão estava, agora com as costas completamente voltadas para eles.

— Para onde você irá? — perguntara-lhe Dianora.

— Asoli — respondeu ele. Era uma terra difícil e chuvosa, insuportavelmente quente e úmida no verão, todos sabiam daquilo. Mas havia lugar lá para pessoas novas. Ele ouvira que o povo de Asoli recebia bem as pessoas, mais do que nas terras barbadianas ao leste. Ele jamais, em hipótese alguma, iria para Corte ou Chiara. As pessoas de Tigana não iam para lá. Quando ele disse isso, seu irmão fez um pequeno ruído, mas não se virou. Naddo lhe lançou outro olhar e engoliu em seco, seu pomo de Adão tremendo na garganta.

Naddo disse a Dianora que outros três rapazes haviam feito planos. Planos para escapar da cidade naquela noite e partir para o norte. Ele já sabia disso havia algum tempo. Mas não tinha certeza. Não sabia ao certo o que fazer. O que acontecera naquela manhã, no entanto, havia decidido por ele.

Que Eanna ilumine seu caminho, disse Dianora, com sinceridade. Ele havia sido um bom aprendiz, e depois um amigo corajoso e leal. Pessoas partiam o tempo todo. A província de Baixa Corte era um local ruim em uma época ruim. O olho esquerdo de Naddo estava

completamente inchado e fechado. Por pouco, não fora morto naquela tarde.

Mais tarde, enquanto juntava seus poucos pertences e se preparava para partir, ela lhe deu um pouco de prata do depósito escondido de seu pai. E se despediu dele com um beijo. Foi então que ele começou a chorar. Despediu-se da mãe de Dianora e abriu a porta da frente. Na soleira, parou novamente e se voltou, ainda chorando.

— Adeus — disse ele, angustiado, para a figura inerte diante do fogo, na sala de visitas. Vendo o olhar na face de Naddo, Dianora desejou em silêncio que seu irmão se virasse, mas ele não o fez. Deliberadamente, se ajoelhou e lançou mais um pedaço de madeira ao fogo.

Naddo ainda olhou-o por mais um momento, voltou-se para encarar Dianora, tentou sem sucesso esboçar um sorriso trêmulo e choroso, e partiu em meio à escuridão.

Muito mais tarde, quando o fogo já se apagara, seu irmão também saiu. Dianora se sentou e observou as cinzas sumirem lentamente, passou os olhos por sua mãe e foi para a cama. Quando se deitou, pareceu-lhe que um peso caía sobre seu corpo, muito maior do que aquele do manto acolchoado.

Estava acordada quando ele chegou. Sempre estava. Ouviu-o entrar com passos ruidosos, como era seu costume, para que ela pudesse saber que ele chegara. Mas não ouviu o som seguinte, que deveria ser o abrir e o fechar da porta de seu quarto.

Estava muito tarde. Dianora continuou deitada por mais um instante, cercada e dominada por todas as mágoas daquele dia. Então, movendo-se pesadamente, como se estivesse drogada ou em um sonho, levantou-se e acendeu uma vela. Foi até a porta e abriu-a.

Ele estava parado no corredor. E, pela luz tremulante que levava, pôde ver o rio de lágrimas incessante que escorria por seu rosto ferido e distorcido. Suas mãos começaram a tremer. Dianora não conseguia falar.

— Por que eu não me despedi dele? — ouviu-o dizer, numa voz engasgada. — Por que você não me fez dizer adeus a ele?

Ela nunca antes ouvira tanta dor em sua voz. Nem mesmo no dia em que souberam que seu pai havia morrido, à beira do rio.

Com dor no coração, Dianora colocou a vela sobre uma prateleira que certo dia abrigara um busto de sua mãe, feito por seu pai. Avançou a pequena distância e tomou o irmão em seus braços, absorvendo suas lágrimas e seus soluços. Ele nunca havia chorado. Ou nunca na sua frente. Ela o levou até seu quarto e se deitou ao seu lado na cama, abraçando-o. Choraram juntos por um longo tempo. Ela não conseguiria dizer quanto.

Sua janela estava aberta. Era possível ouvir a brisa passando pelas folhas jovens, na rua. Um pássaro cantou, e outro respondeu, à distância. O mundo era um lugar de sonhos ou de mágoas, de um deles ou de ambos. De um, ou de ambos. No santuário da noite, ela lentamente puxou a túnica dele até a altura da cabeça, tomando cuidado com suas feridas, e então tirou seu próprio vestido. O coração dela batia como o de uma criatura da floresta que fora capturada. E sentia a pulsação acelerada dele, quando seus dedos lhe tocaram a garganta. Ambas as luas já haviam sumido. O vento soprava sobre todas as folhas, na rua. E

então...

E então, em toda aquela escuridão, acima deles, ao lado deles, ao seu redor, na escuridão completa de um céu sem luas e na escuridão de seus dias, ambos buscaram um triste e ilícito abrigo, um no outro, em meio ao seu mundo em ruínas.

— *O que estamos fazendo?* — sussurrou seu irmão.

Algun tempo depois, quando as pulsações novamente diminuíram deixando os dois agarrados um ao outro, na sequência daquela necessidade precipitada e assustadora, ele disse, enquanto acariciava gentilmente o cabelo dela:

— O que nós fizemos?

E depois de todos aqueles longos anos, sozinha na saishan enquanto a memória oculta retornava, Dianora ainda conseguia se lembrar de sua resposta:

— Ó, Baerd... — disse ela. — O que fizeram conosco?

Aquilo durou desde aquela primeira noite por toda a primavera, e durante o começo do verão. O pecado dos deuses, como era chamado o que fizeram. Pois se dizia que Adaon e Eanna eram irmãos no começo dos tempos, e Morian era filha deles.

Dianora não se sentia como uma deusa, e seu espelho não lhe oferecia ilusões: apenas um rosto longo demais, com olhos arregalados. Sabia que sua felicidade a assustava, consumia-a com culpa, e que Baerd era tudo em seu mundo. E o que a assustava em igual proporção era ver nele a mesma profundidade de amor, a mesma surpreendente paixão. Seu coração a enganava constantemente, mesmo quando encontravam aquela alegria fugidia: uma chama reluzente demais em uma terra em que qualquer tipo de brilho estava perdido ou proibido.

Ele a buscava todas as noites. A mulher dormia no primeiro andar; sua mãe dormia — e acordava — em seu próprio mundo. Na escuridão do quarto de Dianora, eles escapavam um para o outro, buscando a inocência através da perda e da consciência do erro.

Em algumas noites, ele ainda se via compelido a sair para as ruas vazias. Não tão frequentemente quanto antes, o que a fazia sentir-se grata e lhe servia como uma espécie de justificativa. Um bom número de rapazes fora pego após o toque de recolher e condenado às rodas naquela primavera. Se o que ela estava fazendo o mantinha vivo, aceitaria encarar qualquer julgamento que esperasse por ela nos Salões de Morian.

Mas não conseguia mantê-lo em casa todas as noites. Às vezes, uma necessidade que ela não podia compartilhar ou entender o compelia a sair. Ele tentara explicar o quanto a cidade era diferente sob a luz das duas luas, sob uma ou sob as estrelas. O quanto a luz mais leve e as sombras permitiam que ele visse Tigana novamente como antes. Como conseguia andar silenciosamente em direção ao mar, chegando ao palácio escurecido, e como seus escombros e sua ruína conseguiam, de algum modo, remontar-se em sua mente, na escuridão, até a forma que um dia tivera.

Ele dissera que necessitava daquilo. Nunca provocara os soldados, e prometera que nunca o faria. Dissera que nem sequer queria vê-los. Eles quebravam as ilusões que buscava. Ele apenas precisava estar fora de casa, dentro da memória de uma cidade que se fora. Baerd lhe

contou que, às vezes, se enfiava por brechas nas paredes do porto e caminhava pela praia ouvindo o mar.

De dia, trabalhava; um garoto franzino em um trabalho de homem, ajudando a reconstruir o que lhes era permitido reconstruir. Ricos mercadores de Corte, seus antigos inimigos, tinham permissão para se estabelecer na cidade, para pagar muito caro por aqueles prédios esmagados e nos palácios residenciais, e para reconstruí-los de acordo com suas próprias pretensões.

De vez em quando, Baerd chegava em casa no fim do dia com novos cortes e hematomas, e uma vez, com a marca de um chicote no ombro. Ela sabia que, se um grupo de soldados havia terminado de se divertir com ele, havia outros grupos para começar um novo jogo. Ela ouvira que aquilo só acontecia ali. Em todos os outros lugares, os soldados procuravam se conter, e o Rei de Ygrath governava com cuidado, buscando consolidar suas províncias contra Barbadior.

Mas em Baixa Corte era diferente. Eles haviam matado seu filho.

Dianora via aquelas marcas em Baerd, mas não tinha coragem de pedir para que ele se negasse o prazer de andar por sua cidade perdida, à noite. Mesmo que ela vivesse mil pensamentos horrorosos e morresse quinhentas mortes a cada vez que a porta da frente se abria e fechava após o escurecer, até que ela a ouvisse abrir novamente, e ouvisse os passos familiares e amados nas escadas, e então ele chegasse e viesse até seu quarto para tomá-la e mantê-la em seus braços.

Durou até o verão, e então terminou. Tudo acaba, como seu coração avisou daquela primeira vez, enquanto ouvia o cantar dos pássaros e o vento nas árvores. Ele chegou a casa depois de andar pela noite, e não mais tarde do que o habitual. Era uma noite em que a azul Ilarion cruzara sozinha o alto rendilhado das nuvens. A noite estava linda. Ela ficara até tarde sentada sozinha à janela, assistindo o luar batendo nos telhados. Mas já estava deitada quando ele chegou, e seu coração acelerara com a familiar confusão de alívio, culpa e necessidade. Ele veio até seu quarto.

Mas não até a cama. Em vez disso, se afundou na cadeira que ela costumava ocupar à beira da janela. Com uma terrível sensação de pavor, ela se ergueu e acendeu uma vela. Sentou-se e olhou-o. Notou, mesmo na fraca luz da vela, que seu rosto estava muito pálido. Ela não disse nada. Esperou.

— Eu estava na praia — disse Baerd, baixo. — E vi uma riselka lá.

Dianora sempre soubera que, em algum momento, terminaria, que deveria terminar. Ela lançou a pergunta instintiva:

— Mais alguém a viu?

Ele balançou a cabeça, negativamente.

Olharam um para o outro, em silêncio. Ela mesma se impressionou por estar tão calma, por conseguir manter as mãos firmes sobre o acolchoado. E, naquele silêncio, a verdade que ela provavelmente já sabia há muito tempo atingiu-a:

— De qualquer modo, você só continuou aqui por minha causa — disse ela. Uma afirmação. Não uma reprovação. Ele vira uma riselka.

Ele fechou os olhos.

— Você sabia?

— Sim — mentiu ela.

— Desculpe — disse ele, olhando-a.

Sabia que seria mais fácil para Baerd se escondesse o quanto isso era novo e mortalmente frio para ela. Um presente; talvez, o último presente que ela poderia lhe dar.

— Não peça desculpas — murmurou a menina, ainda com as mãos firmes, onde ele podia vê-las. — De verdade, eu compreendo.

Era verdade, ela compreendia. No entanto, seu coração era como algo ferido, um pássaro com apenas uma asa, caindo em pequenos círculos até o chão.

— A riselka... — começou Baerd. E parou. Ela sabia que era algo grandioso e assustador. Depois continuou, sério. — Ela deixa claro a mudança de vida da qual a profecia fala. Eu *tenho* que ir.

Viu, em seus olhos, o amor que ele sentia por ela. Queria ser forte o suficiente. Forte o suficiente para ajudá-lo a se afastar dela. *Oh, meu irmão*, pensava ela. *E você irá me deixar agora?*

— Eu sei que ela deixa claro, Baerd — disse Dianora. — Sei que você tem que partir. Estará marcado nas linhas de sua palma.

Engoliu em seco. Aquilo era mais difícil do que jamais imaginara. E prosseguiu:

— Aonde você irá?

E acrescentou um *meu amor*, mas não alto, apenas dentro de si, dentro de seu coração.

— Eu andei pensando nisso — disse ele.

Baerd se endireitou em seu assento. Dianora notou que ele juntava forças em sua calma. E se agarrou àquilo, com tudo o que tinha.

— Irei procurar o Príncipe — completou ele.

— O quê? Alessan? Nós nem sequer sabemos se ele está vivo.

— Dizem que está — afirmou Baerd. — E que sua mãe está escondida com os sacerdotes de Eanna, e que foi mandado para longe. Se ainda existe alguma esperança para nós, para Tigana, ela está em Alessan.

— Ele tem 15 anos — disse ela, sem conseguir parar. *E você também*, pensou. *Baerd, para onde foi nossa infância?*

À luz da vela, seus olhos não eram mais os de um garoto.

— Não acho que a idade importe — disse ele. — Isso não será algo rápido ou fácil, se é que pode ser feito. Ele terá mais do que 15 anos quando chegar a hora.

— E você também — disse ela.

— E você também — repetiu Baerd. — Oh, Dia, o que você fará?

Ninguém mais, além de seu pai, chamava-a daquela forma. Estupidamente, foi aquele o

nome que quase a fez perder o controle.

Ela balançou a cabeça:

— Eu não sei — falou, com sinceridade. — Cuidar de nossa mãe. Casar. O dinheiro deve ser suficiente para mais um tempo, se eu for cuidadosa o bastante. — Ela viu seu olhar ferido, e se apressou em reprimi-lo. — Você não deve se preocupar com isso, Baerd. Escute: *você acabou de ver uma riselka!* Você irá enfrentar o seu destino apenas para continuar limpando escombros nessa cidade até o fim de seus dias? Ninguém mais possui escolhas fáceis, e a minha certamente não será a mais difícil entre todas. — E, inclinando a cabeça de modo desafiador, Dianora concluiu: — Mas eu posso pensar em alguma forma de perseguir o mesmo sonho que você.

Ainda a assustava, ao se lembrar daquela noite, que tivesse realmente dito aquilo. Como se fosse ela quem tivesse visto a riselka, e seu caminho estivesse claro, ainda que Baerd e ela se afastassem.

Sozinha e fria na saishan, não estava nem sequer perto da solidão e do frio que sentira naquela noite fatídica. Assim que ela se despediu, ele não hesitou. Dianora se levantou, vestiu-o e ajudou-o a empacotar algumas coisas. Ele se recusou a levar qualquer prata, mas ela lhe preparou um pequeno saco com comida, que deveria durar até o primeiro pôr do sol da longa estrada adiante. Diante da porta, na escuridão da noite de verão, abraçaram-se apertado, sem trocar palavra alguma. Nenhum dos dois chorou, como se soubessem que a hora para lágrimas havia passado.

— Se as deusas e o deus nos amam — disse Baerd —, com certeza ainda nos encontraremos. Pensarei em você todos os dias enquanto eu viver. Eu a amo, Dianora.

— E eu amo você — respondeu ela. — Acho que você sabe o quanto. Que Eanna ilumine seu caminho e o traga de volta para casa.

Foi tudo o que ela disse. Tudo o que ela conseguira pensar em dizer.

Após Baerd partir, sentou-se na sala da frente, envolta em um velho xale de sua mãe, contemplando as cinzas da última chama daquela lareira, até o nascer do sol.

Quando o cerne de seu plano já estava formado.

O plano que a trouxera até ali, depois de todos os anos, até aquela outra cama solitária, numa Noite das Brases repleta de fantasmas, justamente quando não deveria ser deixada sozinha. Sozinha com todas as suas memórias, com tudo o que elas despertavam, com a percepção do que permitira que lhe acontecesse, ali, na ilha. Na corte de Brandin. Ali, com Brandin.

E duas coisas ocorreram a Dianora, naquela Noite das Brases, na saishan.

A primeira foi a lembrança de seu irmão, sob a forma de ondas, imagem após imagem até culminar com as cinzas daquela lareira apagada.

A segunda, seguindo-se inexoravelmente, nascida da mesma memória antiga, da culpa, das dores que brotavam de estar ali, sozinha e tão terrivelmente exposta naquela noite de todas as noites... A segunda coisa, rodopiando diante de todas essas outras, era, enfim, uma

resolução. Uma decisão, depois de tantos anos. Um plano que ela seguiria. Teria que seguir, não importava o que acontecesse.

Permaneceu ali, gelada, irremediavelmente acordada, e estava ciente de que o frio que sentia vinha muito mais de dentro do que de fora. Sabia que, em algum lugar daquele palácio, os torturadores se dedicavam a Camena di Chiara, que tentara matar um tirano e libertar seu lar — que fizera isso sabendo que morreria, e como morreria.

Naquele instante, provavelmente estavam com ele, administrando quantidades precisas de dor. E quebrariam seus dedos, um por um, e depois seus pulsos, e depois seus braços, com um orgulho profissional de suas habilidades. Depois os dedos dos pés, e os tornozelos e as pernas. Fariam isso cuidadosamente, até mesmo com certo afeto, observando sempre os batimentos de seu coração. Assim, depois que tivessem quebrado suas costas — que eram sempre deixadas por último —, eles poderiam amarrá-lo vivo numa roda e levá-lo até a praça do porto, para morrer na frente de seu povo.

Dianora nunca imaginara que Camena tivesse tanta coragem ou tanto ardor em seu coração. Ela o julgara um charlatão, carregando mantos de três camadas, um artista menor, um qualquer que ansiava por ascensão na corte.

Não mais. O dia anterior havia gerado uma nova imagem em sua mente. Agora que ele fizera, o que fizera; agora, que seu corpo havia sido entregue aos torturadores e então à roda, surgia uma pergunta que não poderia mais ser enterrada. Assim como suas memórias de Baerd. Não naquela noite. Não estando tão desprotegida e tão desperta.

E o pensamento cortou sua alma como um vento de inverno: *O que a tentativa de Camena fazia dela?*

O que fazia da missão que a garota de 16 anos tão orgulhosamente se incumbira, tanto tempo atrás, na noite em que seu irmão partira? Na noite em que ele vira uma riselka, sob a luz da lua à beira do mar, e partira em busca de seu Príncipe.

Ela sabia as respostas. É claro que sabia. Sabia os nomes que pertenciam a ela. Os nomes que havia ganhado ali, na ilha. Eles queimavam como vinho azedo numa ferida. E queimando dentro de si, enquanto estremecia, Dianora lutava, em vão, para novamente controlar seu coração a fim de começar uma jornada, mortalmente difícil e ainda nunca bem-sucedida, para restaurar o domínio daquela sala, na ala distante onde estava o Rei de Ygrath.

Mas era uma noite diferente. Algo mudara naquela noite, por causa do que acontecera, pela irreversibilidade e grandiosidade do que ela mesma fizera na câmara de audiências. Reconhecendo aquilo, tentando lidar com esse fato, Dianora começou a sentir, como se estivesse muito distante, o vagaroso afastamento de seu coração, lenta e dolorosamente, das chamas do amor. Um retorno, e então um olhar para trás: encarando a memória das outras chamas de sua terra. Dos campos queimando, das cidades queimando, do palácio incendiado.

Lá, é claro, não havia conforto. Não havia conforto em lugar algum. Apenas um lembrete

constante de quem ela era e da razão por que estava ali.

E permanecendo imóvel na escuridão, numa Noite das Brases em que todas as portas e janelas permaneciam fechadas para se protegerem da morte e da magia, Dianora recitou, suavemente e para si, os antigos versos da profecia:

*Um homem vê uma riselka,
sua vida mudará.*

*Dois homens veem uma riselka,
um deles morrerá.*

*Três homens veem uma riselka,
um será abençoado, um mudará, um morrerá.*

*Uma mulher vê uma riselka,
seu caminho se tornará claro para ela.*

*Duas mulheres veem uma riselka,
uma delas terá uma criança.*

*Três mulheres veem uma riselka,
uma será abençoada, uma verá seu caminho, uma terá uma criança.*

Pela manhã, disse a si mesma, em meio ao frio, ao fogo e a todas as confusões que se misturavam em seu coração. *Pela manhã*, começará o que já deveria ter começado e terminado há muito tempo.

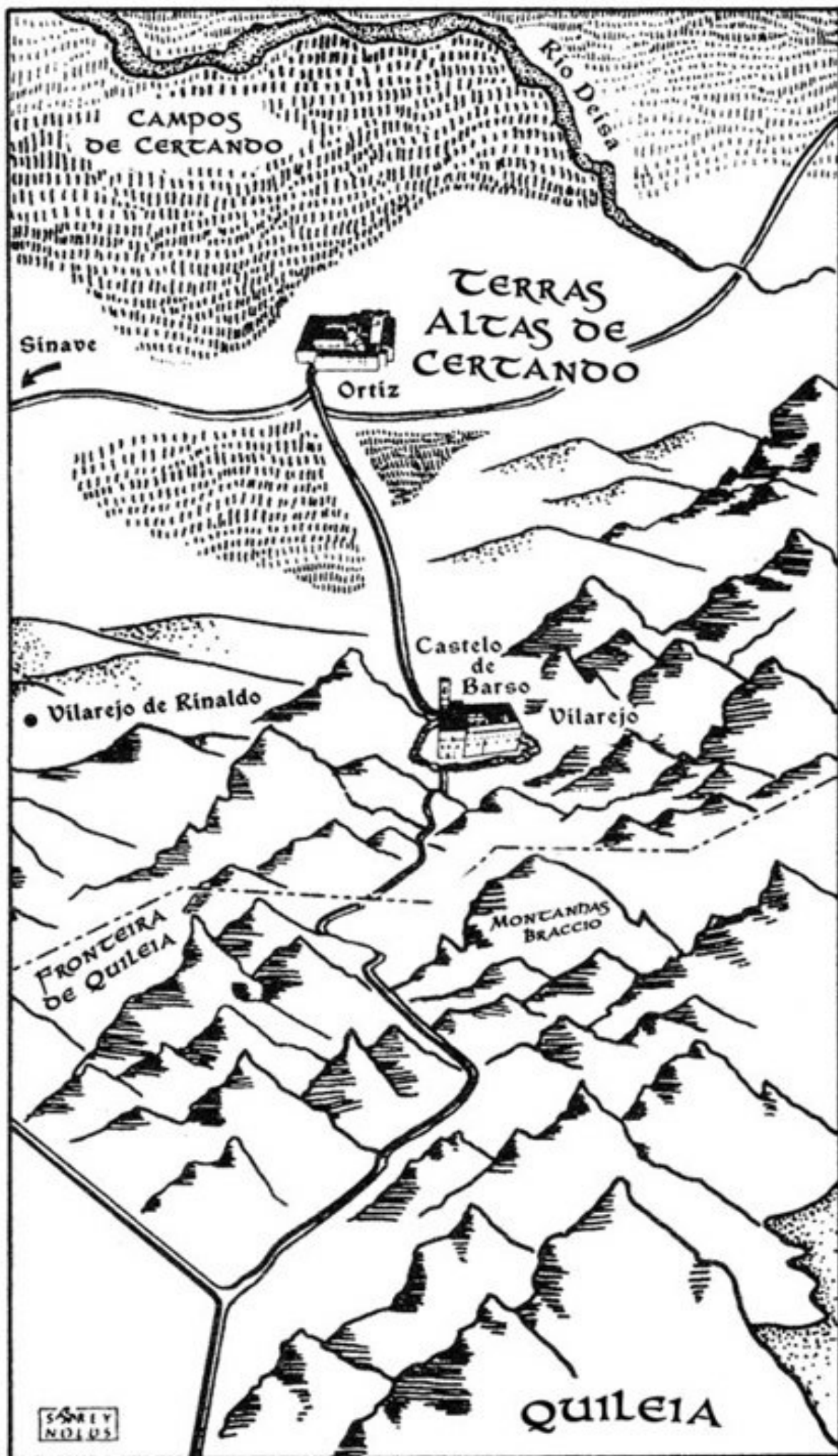
A Tríade sabia o quão amargas e impossíveis todas as suas decisões lhe pareciam ter sido, o quão débil e evasivo fora seu sonho de fazer tudo dar certo para todos eles. Mas Dianora tinha, enfim, a certeza de uma verdade: ela precisara de *algo* para clarear o caminho retorcido de traição que sua vida parecia haver se tornado. E dos próprios lábios de Brandin, ela aprendera como esse caminho seria oferecido a ela.

Pela manhã, começaria.

Até lá, poderia repousar ali, dolorosamente acordada e sozinha. Como naquela noite em sua casa, tantos anos antes, de que ainda conseguia se lembrar.

PARTE TRÊS

De brasa a brasa



CAPÍTULO IX

Estava frio no barranco ao lado da estrada. Havia uma linha fina e protetora de bétulas entre eles e os portões da propriedade Nievolene, mas, mesmo assim, o vento parecia uma faca toda vez que lhes tocava a pele.

Nevara na noite anterior, algo raro tão ao norte, mesmo em pleno inverno. A paisagem estava branca e congelante na segunda noite de viagem após deixarem Ferraut, mas Alessan se recusara a reduzir o passo. Ele falava cada vez menos conforme a noite avançava, e Baerd já falava pouco, mesmo nas melhores circunstâncias. Devin engolira suas perguntas e estava focado em acompanhar os outros.

Atravessaram a fronteira de Astibar na escuridão e chegaram às terras Nievolene pouco após o alvorecer. Os cavalos estavam amarrados em um bosque a cerca de um quilometro a sudoeste, e os três cruzaram aquele pequeno pedaço do caminho a pé. Devin cochilara em pequenos intervalos ao longo da manhã. A neve tornava a paisagem estranha, vívida e agradável quando o sol aparecia, mas, pelo meio da tarde, nuvens cinzentas haviam se reunido pesadamente e tudo agora estava apenas frio, nada bonito. Nevara outra vez, rapidamente, por volta de uma hora antes.

Quando Devin ouviu o ruído de cavalos se aproximando na luminosidade cinza, percebeu que a Tríade, daquela vez, tinha as palmas abertas para eles. Ou então que as deusas e o deus haviam decidido lhes dar a chance de fazer algo tremendamente precipitado. Ele se pressionou o máximo que pôde contra o chão molhado do barranco. Pensou em Catriana e no Duque, aquecidos e abrigados com Taccio, em Ferraut.

Um grupo de aproximadamente doze mercenários barbadianos surgia na paisagem cinza. Eles riam e cantavam em algazarra. A respiração de seus cavalos se unia às suas e formava nuvens brancas em meio ao frio. Deitado, Devin os assistiu passar. Ouvia a respiração leve de Baerd ao seu lado. Os barbadianos pararam diante dos portões do que, certa vez, haviam sido as terras Nievolene. Não eram mais, é claro, não desde os confiscos no outono. O líder do grupo desceu de seu cavalo e caminhou até os portões trancados. Com um floreio que arrancou gritos e risadas de seus homens, destrancou os portões de ferro com duas chaves de um chaveiro ornamentado.

— Primeira Companhia — murmurou Alessan. Eram suas primeiras palavras em horas. — Ele escolheu Vardero. Sandre disse que ele faria isso.

Assistiram os portões se abrirem e viram os cavalos passando a trote. O último homem a entrar trancou os portões atrás de si.

Baerd e Alessan esperaram por mais alguns minutos, então ficaram de pé. Devin fez o mesmo, com uma careta ao sentir o corpo endurecido.

— Precisamos achar a taverna na vila — disse Baerd, com a voz tão inesperadamente sombria que Devin o encarou em meio à penumbra crescente. As feições do outro homem

eram indecifráveis.

— Mas não entraremos — disse Alessan. — O que temos a fazer aqui, faremos incógnitos.

Baerd aquiesceu. Puxou um pedaço muito dobrado de papel de um dos bolsos internos de seu colete de lã:

— Devemos começar com o homem de Rovigo?

O homem de Rovigo revelou-se um marinheiro aposentado que vivia na vila, dois quilômetros para o leste, e contou a eles onde ficava a taverna. E também, por uma quantia nada irrisória de dinheiro, lhes deu um nome: o de um conhecido informante de Grancial e sua Segunda Companhia de Barbadianos. O velho marinheiro contou o dinheiro, deu uma cusparada cheia de significado, e então lhes contou onde o sujeito vivia, além de falar um pouco sobre seus hábitos.

Baerd matou o informante, estrangulando-o duas horas depois, enquanto ele andava por uma estrada rural entre sua pequena fazenda e a taverna da vila. Já estava completamente escuro. Devin o ajudou a carregar o corpo de volta aos portões da propriedade Nievolene e escondê-lo no barranco.

Baerd não disse nada e Devin não conseguiu pensar em nada para falar. O informante era um homem barrigudo e careca de meia-idade. Não parecia especialmente mau, mas sim um homem surpreendido no meio do caminho até sua taverna favorita. Devin se perguntou se ele teria esposa e filhos. Não haviam perguntado ao homem de Rovigo sobre isso; estava feliz por não o terem feito.

Reencontraram Alessan nos limites da vila. Ele estivera vigiando a taverna dali. Sem falar, apontou para um cavalo pardo grande entre aqueles amarrados diante da estalagem. O cavalo de um soldado. Os três recuaram por um quilômetro na direção oeste e voltaram a esperar, deitados e vigilantes à beira da estrada. Devin percebeu que não sentia mais frio nem cansaço. Não tivera tempo para pensar em tais coisas.

Mais tarde naquela mesma noite, sob o frio olhar branco de Vidomni no céu claro do inverno, Alessan matou o homem que eles esperavam. No momento em que Devin ouviu o leve som do cavalo do soldado, o Príncipe não estava mais ao seu lado e tudo estava quase terminado.

Devin ouviu um ruído baixo, mais parecido com uma tosse do que com um grito. O cavalo se agitou e Devin se levantou atrasado para tentar lidar com o animal. Àquela altura, no entanto, ele percebeu que Baerd também já não estava ao seu lado. Quando finalmente saiu de seu esconderijo e chegou à estrada, o soldado — que portava a insígnia da Segunda Companhia — estava morto, e Baerd controlava o cavalo. O homem, que obviamente estava de folga, dada a aparência casual de seu uniforme, devia estar regressando ao forte. O barbadiano era um homem grande, eles todos eram, mas o rosto daquele parecia muito jovem sob a luz da lua.

Jogaram o corpo sobre o cavalo e retornaram aos portões da propriedade Nievolene. Era possível ouvir os homens da Primeira Companhia cantando alto, de dentro da casa senhorial,

na via sinuosa. O som se espalhava por uma grande distância, em meio à quietude do ar frio do inverno. As estrelas estavam agora ao lado da lua; as nuvens estavam desaparecendo. Baerd arrancou o barbadiano do cavalo e recostou-o contra um dos pilares do portão. Alessan e Devin buscaram o outro cadáver no local em que o haviam deixado; Baerd amarrrou o cavalo a alguma distância na estrada.

Alguma distância, mas não muito longe. Ele deveria ser encontrado mais tarde.

Alessan tocou rapidamente o ombro de Devin. Usando as habilidades que Marra o ensinara — no que parecia ser vidas antes —, Devin destrancou as duas fechaduras decoradas. Ficou feliz em poder ajudar. As fechaduras eram extravagantes, mas não complicadas. O arrogante Nievole não tinha muito medo de invasores.

Alessan e Baerd carregaram um corpo cada um, levando-os nos ombros. Devin fechou os portões silenciosamente e eles adentraram a propriedade. Não na direção da casa senhorial, entretanto. Deixaram que a luz pálida da lua os guiasse pela neve até o estábulo.

Ali tiveram problemas. O maior estábulo estava trancado por dentro e Baerd apontou silenciosamente, franzindo o cenho, para os feixes de luz de uma tocha, que surgiam por debaixo das portas duplas. Fez um sinal, indicando a presença de um guarda.

Os três olharam para cima. Havia, claramente iluminada pela luz de Vidomni, uma única e pequena janela aberta no alto da parede leste.

Devin olhou de Alessan para Baerd e então de volta para o Príncipe. E olhou para os corpos dos dois homens já mortos.

Apontou para a janela e então para si.

Após um longo momento, Alessan acenou positivamente com a cabeça.

Em silêncio, enquanto ouvia a cantoria desafinada vinda da casa, Devin escalou a parede do estábulo da propriedade Nievolene. Sob a luz da lua e por meio do tato, ele decifrou os pontos de apoio para suas mãos e seus pés. Quando alcançou a janela, olhou sobre o ombro e viu Ilarion nascendo no leste.

Escorregou para dentro, chegando ao andar superior. Abaixo dele, um cavalo relinchou suavemente, e Devin prendeu a respiração. Com o coração acelerando, estancou onde estava, ouvindo. Não houve resposta. No repentino e aconchegante calor do celeiro, se esgueirou para a frente e olhou para baixo.

O guarda dormia, compreensivelmente. Seu uniforme estava desabotoado, e a lanterna sobre o chão ao seu lado iluminava um frasco vazio de vinho. Ele devia ter perdido uma rodada nos dados, pensou Devin, para ter sido colocado de guarda num local tão chato, sem nada além de cavalos e palha.

Desceu a escada sem fazer barulho. E sob a luz trêmula daquele celeiro, em meio ao cheiro de feno, animais e vinho tinto esparramado, Devin matou um homem pela primeira vez, enfiando sua adaga na garganta do barbadiano enquanto ele dormia. Não foi da maneira valorosa que vislumbrara em seus sonhos.

Levou um momento para enfrentar a náusea que sentiu a seguir. Tentou dizer a si mesmo

que era apenas o cheiro do vinho. Também havia mais sangue do que pensara que haveria. Limpou sua lâmina antes de abrir a porta para os outros dois.

— Muito bem — disse Baerd, entrando e olhando ao redor. Ele pousou a mão levemente sobre o ombro de Devin.

Alessan não disse nada, mas Devin pôde ver em seu olhar, sob a luz trêmula, uma inquietante paixão.

Baerd já estabelecera o que deveriam fazer.

Deixaram o guarda onde estava, para ser enterrado. O informante e o soldado da Segunda Companhia foram arrastados até uma construção anexa. Baerd estudou a situação com cuidado por alguns momentos, recusando-se a ter pressa, então ajeitou os dois corpos de determinado modo e travou a porta à frente deles com firmeza, usando o que Devin percebeu que seria visto, mais tarde, como uma viga que desabara.

A cantoria da casa senhorial esvaía-se aos poucos. Agora, se limitava a uma única voz bêbada e melancólica, entoando algo sobre um amor perdido há muito tempo. Finalmente, aquela voz também se calou.

Era a deixa de Alessan. Ao seu sinal, eles botaram fogo na palha seca e na madeira que estavam no celeiro e nos dois anexos, incluindo aquele em que os homens mortos haviam sido colocados. E então fugiram. Quando saíram da propriedade, os estábulos da propriedade Nievolene já eram um inferno de chamas. Cavalos relinchavam alto, em desespero.

Não houve perseguição. Não esperavam que fosse haver. Alessan e Sandre haviam planejado aquilo cuidadosamente, ainda em Ferraut. Os corpos carbonizados do informante e do soldado da Segunda Companhia seriam encontrados pelos homens de Vardero. Os mercenários da Primeira Companhia chegariam à conclusão óbvia.

Eles recuperaram seus cavalos e rumaram para oeste. Passaram a noite novamente ao relento, no frio, revezando-se em vigia. Tudo correria muito bem. Parecia ter corrido exatamente conforme o plano. Contudo, Devin preferia que eles tivessem libertado os cavalos. Seus relinchos apavorados percorriam seus sonhos em meio à neve.

Pela manhã, Alessan comprou a carroça de um fazendeiro, próximo à fronteira de Ferraut. Baerd barganhou com um lenhador para conseguir um carregamento de lenha fresca. Pagaram a nova taxa de trânsito e venderam a madeira no primeiro forte depois da fronteira. Ainda compraram um pouco de lã de inverno, para levar até Ferraut, onde encontrariam os outros.

Não havia motivo, disse Alessan, para perder uma oportunidade de lucro. Afinal, tinham responsabilidades com seus sócios.

De fato, um grande número de acontecimentos desagradáveis assolou a Palma Oriental no outono e no inverno que se seguiram à descoberta da conspiração de Sandre. Isoladamente, nenhum deles parecia significativo; em conjunto, eles irritaram Alberico de Barbador a ponto de seus auxiliares e mensageiros começarem a achar seu trabalho fisicamente perigoso

quando suas obrigações os aproximavam do Tirano.

Para um homem conhecido por sua compostura e serenidade — mesmo em Barbador, onde fora o mero líder de uma família da média nobreza —, o temperamento de Alberico esteve surpreendentemente no limite durante todo o inverno.

Seus serviçais concordavam, entre si, que tudo começara após a noite em que o Sandreni traidor, Tomasso, foi encontrado morto na masmorra, quando foram buscá-lo para levá-lo até os torturadores profissionais. Alberico, esperando na sala de instrumentos, se enfureceu de modo aterrorizante. Cada um dos guardas — da Terceira Companhia de Siferval — foi sumariamente executado. Isso incluía o novo Capitão da Guarda; o último havia cometido suicídio na noite anterior. O próprio Siferval fora convocado de Certando até Astibar para uma reunião particular com seu empregador que o deixara manco e trêmulo por várias horas.

A fúria de Alberico parecia beirar o irracional. Seus serviçais concluíram que ele ficara seriamente abalado com o que quer que tivesse ocorrido na floresta. Ele certamente não parecia estar bem; havia algo estranho em um de seus olhos e seu andar estava diferente. Então, nos dias e semanas que se seguiram, tornou-se nítido, conforme os informes de cada uma das três companhias chegavam, que a cidade de Astibar simplesmente não acreditava — ou escolhera não acreditar — que *algo* ocorrera na floresta ou mesmo que sequer existira uma conspiração dos Sandreni.

E certamente não com os lordes Scalvaia e Nievole, e certamente não com a liderança de Tomasso bar Sandre. Dizia-se que as pessoas comentavam o caso cinicamente, por toda a cidade. Muitos sabiam do ódio ancestral que afastava as três famílias. Muitos conheciam as histórias sobre o filho do meio de Sandre, que diziam liderar o suposto plano. Ele poderia até sequestrar um garoto do templo de Morian, dizia Astibar, mas planejar contra o Tirano? Com Nievole e Scalvaia?

Não, a cidade era simplesmente sofisticada demais para cair naquilo. Qualquer um com o mínimo senso de geografia ou economia poderia ver o que realmente estava acontecendo. Como, ao triunfar sobre aquela “ameaça” vinda de três dos cinco maiores proprietários de terras da distrada, Alberico criava um disfarce para um simples confisco de terras.

Era apenas uma grande coincidência, obviamente, que as propriedades Sandreni ficassem bem no centro, que as fazendas Nievolene ficassem a sudoeste, ao longo da fronteira de Ferraut, e que as vinhas Scalvaiane estivessem situadas no rico cinturão ao norte, onde cresciam as melhores uvas para o vinho azul. Uma conspiração muito conveniente, concordavam todas as tavernas e salões de khav.

E cada um dos conspiradores morrera no meio da noite. Que rápida essa justiça! Que enorme quantidade de evidências contra eles! Proclamou-se haver um informante entre os Sandreni. Ele estava morto. Claro. Tomasso bar Sandre conduziu a conspiração, disseram. Ele também estava morto, infelizmente.

Guiadas por Astibar, todas as quatro províncias da Palma Oriental reagiram com amarga e

sarcástica descrença. Podiam ter sido conquistados, tomados pela pesada força barbadiana, mas não haviam perdido a inteligência ou a visão. Eles conheciam o plano de um tirano quando viam um.

Tomasso bar Sandre, o astuto arquiteto de um plano letal? Astibar, sofrendo com o impacto econômico dos confiscos e o terror das execuções, ainda conseguia forças para ironizar. E então chegou o primeiro dos versos jocosos do oeste, da própria Chiara; alguns diziam que fora escrito pelo próprio Brandin, embora fosse mais provável vir de algum dos poetas que frequentava aquela corte. Versos representando Alberico como alguém que via planos surgindo em cada fazenda, usando-os como desculpa para tomar galinhas e plantações em toda a Palma Oriental. Havia ainda algumas insinuações sexuais não muito sutis, para completar.

Os poemas, colocados em muros por toda a cidade — e depois em Tregia, Certando e Ferraut — eram arrancados pelos barbadianos quase tão rapidamente quanto surgiam. Infelizmente, eram rimas memoráveis, e o povo não precisava lê-las ou ouvi-las mais de uma vez.

Alberico reconheceria mais tarde, para si mesmo, que perdera um pouco o controle. E admitiria ainda, interiormente, que grande parte de sua fúria surgira de uma indignação feroz e como consequência do medo.

Houvera uma conspiração liderada por aquele maldito Sandreni. Eles quase o *mataram* naquela cabana na floresta.

Daquela vez, ele falava a mais pura verdade. Não havia pretensões ou enganações. Ele tinha a justiça ao seu lado. O que não conseguira fora uma confissão, uma testemunha ou qualquer evidência. Ele precisaria ter seu informante vivo. Ou Tomasso. Ele *queria* Tomasso vivo. Seus sonhos naquela noite remetiam às vívidas imagens do filho de Sandre, amarrado nu e recurvado, convidativamente de bruços, em uma das máquinas.

Logo após a inexplicável morte do pervertido e os boatos de que ninguém acreditava em uma palavra do que acontecera espalhando-se pelas quatro províncias, Alberico abandonou sua abordagem inicial, que fora cuidadosamente pensada.

Obviamente, as propriedades foram tomadas; mas, além disso, todos os membros vivos das três famílias foram capturados e condenados às rodas em Astibar. Na verdade, ele não esperara que fosse haver tantas rodas de tortura quando deu tal ordem. O cheiro era insuportável, e algumas das crianças permaneceram vivas por tempo demais nas rodas. Assim, tornou-se difícil se concentrar nos negócios, nos escritórios acima da Grande Praça.

Ele aumentou os impostos em Astibar e introduziu, pela primeira vez, taxas de trânsito para os mercadores que passavam de uma província à outra, parecida com a tarifa já existente por passar da Palma Oriental para a Ocidental. Se eles preferiam não acreditar no que ocorrera naquela cabana, que pagassem — literalmente — por isso.

Fez ainda mais. Metade da enorme produção de grãos dos Nievolene foi imediatamente enviada num navio para Barbador. Para uma ação concebida pela raiva, considerou-a

inspirada. Isso baixou o valor do grão no Império, o que feria os dois mais antigos rivais de sua família e, simultaneamente, elevava sua popularidade com o povo. Pelo menos, com o povo de Barbadior.

Ao mesmo tempo, ali na Palma, Astibar era forçada a trazer mais grãos do que nunca de Certando e Ferraut, e, com as novas taxas, Alberico também ficaria com uma boa parcela daquele preço exorbitante.

Ele poderia até mesmo já ter saciado sua raiva, ficando quase feliz ao ver os efeitos de suas ações, não fossem pequenas coisas que continuavam acontecendo.

Para começar, seus soldados começaram a ficar inquietos. Com um aumento da rigidez, veio um aumento de tensão; mais confrontos aconteciam. Especialmente em Tregea, onde sempre aconteciam mais desses incidentes. Sob maior tensão, os mercenários exigiram — conforme já era esperado — um pagamento mais alto. Caso cedesse, iria virtualmente sugar tudo o que ganharia com os confiscos e as novas taxas.

Ele enviou uma carta para o Imperador. Seu primeiro pedido em mais de dois anos. Juntamente com uma caixa de vinho azul de Astibar — vinda das terras ao norte que agora eram suas —, ele reforçou com urgência o pedido de ser mantido sob a égide imperial, o que poderia significar um subsídio para seus mercenários, vindo do Tesouro de Barbadior, ou mesmo tropas do Império sob seu comando. Como sempre, enfatizou o papel que ele, sozinho, desempenhava em bloquear a expansão ygratheana naquela metade perigosa da península. Concordava que poderia ter começado sua carreira ali como um aventureiro independente — uma expressão que achou bonita —, mas agora que estava mais velho e mais sábio, gostaria de se colocar mais próximo e ser mais útil ao Imperador do que nunca.

Quanto ao seu próprio desejo de ser Imperador e de colocar o manto da sanção do Império sobre suas costas — ainda que tardiamente —, bem... certas coisas não precisavam ser colocadas em uma carta.

Ele recebeu, como resposta, uma elegante tapeçaria do Palácio do Imperador, elogios aos seus sentimentos de lealdade para com a realeza e polidas desculpas, pois as circunstâncias em sua terra-natal impediam que ele recebesse o que fora solicitado. Como de costume. Ele também foi cordialmente convidado a voltar para sua terra, receber todas as honras devidas e deixar os cansativos problemas dessa terra distante para um especialista colonial apontado pelo Imperador.

Novamente, como de costume. Entregar seu novo território nas mãos do Império. Entregar seu exército. Voltar para casa, recebido por uma parada ou duas, e então terminar seus dias caçando e gastando seu dinheiro em propinas e equipamentos de caça. Esperar até que o Imperador morresse sem nomear um sucessor. Então esfaquear e ser esfaqueado, na briga pela sucessão do trono.

Alberico enviou seus mais sinceros agradecimentos, profundos lamentos e outra caixa de vinho.

Pouco depois, no fim do outono, vários soldados da desfavorecida e descontente Terceira

Companhia deixaram seus postos e pegaram navios de volta para sua terra. Os comandantes da Primeira e da Segunda usaram aquela semana para apresentar formalmente — claro, mera coincidência — suas novas reivindicações, lembrando casualmente das terras que haviam sido prometidas aos mercenários. Começando, conforme delicadamente sugerido, por seus comandantes.

Sua vontade era de mandar estrangular os dois. Ele queria fritar seus cérebros, gananciosos e gastos pelo vinho, com uma explosão de sua magia. Mas não poderia fazer isso; além do que, exercer seus poderes ainda era algo que o consumiria muito, tão cedo após o episódio na floresta que quase o matara.

O episódio em que ninguém da península sequer acreditava.

O que ele fez foi apenas sorrir aos dois comandantes e afirmar que já planejava designar uma significativa parcela das terras Nievolene para um deles. Siferval, disse ele, com mais remorso do que raiva, se colocara fora daquela divisão pela conduta de seus homens, mas aqueles dois... Bem, seria uma escolha difícil. Ele os observaria de perto por algum tempo e anunciaria sua decisão em seguida.

Vardero, da Primeira Companhia, perguntou por quanto tempo, exatamente.

Realmente, poderia ter matado aquele homem enquanto ele estava ali, com o elmo sob o braço e os olhos hipocritamente baixos, numa posição de deferência.

— Oh, talvez durante a primavera — disse ele, distraidamente, como se tais assuntos fossem supérfluos para homens de boa vontade.

— Antes seria melhor — respondera Grancial, da Segunda, suavemente.

Alberico decidiu permitir que seus olhos mostrassem um pouco do que ele sentia. Havia limites. Grancial apressou-se em explicar:

— Quanto antes soubermos, mais cedo quem for escolhido poderá ver como lidar com a terra apropriadamente, antes do plantio da primavera. — A voz parecia perturbada, como deveria.

— Talvez — disse Alberico, evasivamente. — Irei pensar nisso. A propósito — completou, enquanto eles faziam sua reverência —, Vardero, você poderia me fazer a gentileza de enviar aquele jovem e competente capitão que você possui? Aquele com a barba negra de duas pontas. Tenho uma tarefa especial e confidencial que necessita de um homem com as qualidades evidentes dele.

Vardero piscou e assentiu.

Era importante, muito importante, não deixar que eles se tornassem confiantes demais, pensou, após os dois homens terem partido e ele poder, enfim, se acalmar. Por outro lado, apenas um grande tolo hostilizaria suas próprias tropas. Ainda mais se possuía planos de levá-los de volta para casa. A convite do Imperador, de preferência, mas não necessariamente. Com certeza, não necessariamente.

Pensando melhor no assunto e movido por aquela linha de pensamento, aumentara os impostos em Tregea, Certando e Ferraut para alcançarem os novos níveis de Astibar. E

também enviara um mensageiro para Siferval, da Terceira, nas terras altas de Certando, elogiando seus recentes esforços em manter aquela província quieta.

Primeiro você os amarra; depois você os atia. Você os faz temerem-no e saber que poderiam enriquecer caso você goste deles o suficiente. Era tudo uma questão de equilíbrio.

Infelizmente, pequenas coisas continuavam a dar errado no equilíbrio da Palma Oriental durante o final do outono e o início do inverno, nas semanas anormalmente frias que se seguiram.

Algun maldito poeta escolheu aquela estação fria e chuvosa para publicar uma série de lamentações ao finado Duque de Astibar. O Duque morrera em exílio, chefe de uma família envolta em diversas intrigas, cuja maior parte já estava morta. Versos em louvor a ele eram classificados como crime de alta traição.

No entanto, era difícil condenar alguém. Todos os escritores questionados durante a primeira batida nos salões de khav negavam a autoria, e então — com tempo para se preparar —, na segunda batida, todos eles *afirmavam* ter sido o autor dos versos.

Alguns conselheiros sugeriram rodas de tortura para todos, mas Alberico pensava num problema maior: na grande diferença entre sua corte e a dos ygratheanos. Em Chiara, os poetas almejavam acesso a Brandin e tremiam de felicidade ao menor elogio vindo dele. Escreviam cantigas de exaltação ao Tirano e ataques mordazes e obscenos a Alberico, preparados por encomenda. Ali na Palma Oriental, cada escritor parecia ser um grande agitador em potencial. Um inimigo do Estado.

Alberico engoliu sua raiva, elogiou as habilidades técnicas dos versos e deixou os dois grupos de poetas partirem, livres. Mas não antes de sugerir, com a maior bondade que conseguiu, que adoraria ler versos igualmente bem-elaborados cujo tema fosse uma sátira a Brandin de Ygrath. Até conseguiu sorrir. E disse que ficaria *muito* feliz com tais versos, imaginando se algum dos malditos escritores, com seu ar soberbo, conseguiria perceber a dica.

Nenhum deles percebeu. Em vez disso, um novo poema surgiu em todos os muros da cidade, duas manhãs depois. Era sobre Tomasso bar Sandre. Um lamento sobre sua morte, declarando — inacreditavelmente — que sua perversão sexual fora um caminho propositalmente escolhido, metáfora viva de sua terra subjugada e conquistada, diante da perversa situação de Astibar sob tirania.

Ele não tivera opção depois de entender o que o poeta estava dizendo. Sem se importar com interrogatórios, dessa vez apenas escolheu aleatoriamente uma dúzia de poetas dos salões de khav naquela mesma tarde, quebrou seus pulsos e pendurou-os em rodas ao lado dos corpos que ainda restavam das famílias de conspiradores — tudo antes do pôr do sol. E fechou todos os salões de khav por um mês. Nenhum outro verso surgiu.

Em Astibar. Mas, na mesma tarde em que os novos impostos foram anunciados na Praça dos Bazares, em Tregia, uma mulher de cabelos negros escolheu sacrificar sua vida, pulando de uma das sete pontes, em protesto. Ela discursou antes de pular, deixando para trás —

sabem-se lá os deuses como ela os conseguiu — uma versão completa das “Lamentações a Sandre”, de Astibar. Ninguém sabia quem ela era. Eles buscaram seu corpo no rio gelado, mas nunca o encontraram. Os rios correm velozmente em Tregea, cruzando as montanhas até o mar ao leste.

Os versos se espalharam por toda a província durante as duas semanas que se seguiram, atravessando Certando e o sul de Ferraut antes que as primeiras nevascas começassem a cair.

Brandin de Ygrath enviou um mensageiro até Astibar, envolto elegantemente em peles, com uma nota bem escrita elogiando as Lamentações, dizendo que eram o primeiro trabalho de criação decente que vira emanar do território barbadiano. Ele oferecia a Alberico seus mais sinceros parabéns.

Alberico agradeceu educadamente aquelas palavras e se ofereceu para comissionar um de seus competentes poetas para criar algo sobre a gloriosa vida e os feitos do Príncipe Valentin di Tigana.

Dado o feitiço ygratheano, ele sabia que somente Brandin conseguiria ler aquela última palavra, mas era ele quem importava.

Pensou que havia ganhado aquela disputa, mas por alguma razão, o suicídio da mulher em Tregea o deixou irritado demais para se alegrar. Era *intenso* demais, remontando ao primeiro ano em que ele chegara ali. As coisas ficaram quietas por tanto tempo, e esse nível de intensidade — e de intensidade muito pública — nunca era bom presságio. Por algum tempo, ele até mesmo considerou a hipótese de retirar as novas taxas, mas aquilo pareceria mais uma desistência do que um gesto de bondade. Além disso, ainda precisava de dinheiro para o exército. Em sua terra, dizia-se que o Imperador afundava cada vez mais rápido, que era visto em locais públicos com frequência cada vez menor. Alberico sabia que precisava manter seus mercenários felizes.

No final do inverno, decidiu recompensar Vardero com metade da antiga propriedade Nievolene.

Na noite após o anúncio público de sua decisão — inicialmente entre as tropas, e depois proclamado na Grande Praça de Astibar —, o celeiro e várias dependências da propriedade da família Nievolene pegaram fogo.

Ele exigiu de Vardero uma investigação completa; e, no dia seguinte, desejou que não tivesse feito isso. Parecia que haviam encontrado o corpo de dois rapazes nas ruínas, presos por uma viga caída que bloqueou a porta. Um deles era um informante ligado a Grancial e à Segunda Companhia. O outro era um soldado barbadiano — da Segunda Companhia.

Vardero imediatamente desafiou Grancial para um duelo, em qualquer dia e local que o rival quisesse. Grancial imediatamente apontou dia e local. Alberico deixou imediatamente claro que o sobrevivente daquele duelo seria morto em uma de suas rodas. Com isso, conseguiu que cancelassem a luta, mas os dois comandantes pararam de se falar daquele dia em diante. Seguiu-se uma série de pequenas brigas entre homens dos dois grupos, e uma em Tregea que não foi tão pequena assim, deixando quinze soldados mortos e vinte vezes mais

feridos.

Três informantes locais foram encontrados mortos na distrada de Ferraut, amarrados em rodas de carroça de madeira, numa paródia selvagem à justiça do Tirano. Não puderam sequer retaliar — isso envolveria admitir que os homens haviam sido informantes.

Em Certando, dois homens da Terceira Companhia de Siferval faltaram ao trabalho, desaparecendo em meio à neve do interior do país. Era a primeira vez que aquilo acontecia. Siferval informou que nenhuma mulher local parecia estar envolvida. Os homens eram amigos muito próximos. O comandante da Terceira Companhia sugeriu a hipótese mais óbvia e menos agradável.

Mais para o fim do inverno, Brandin de Ygrath enviou outro mensageiro, com uma nova carta. Nela, agradecia imensamente Alberico por sua oferta de poemas e disse que adoraria lê-los. Solicitou também, formalmente, seis mulheres de Certando, tão jovens e atraentes quanto a que ele tão gentilmente lhe permitira tomar da Palma Oriental, alguns anos antes, para serem adicionadas à sua saishan. Imperdoavelmente, a carta tornou-se pública.

As gargalhadas foram impiedosas.

Em retaliação, Alberico mandou que Siferval capturasse seis mulheres idosas no sudoeste de Certando. Ordenou que fossem cegadas e tivessem os tendões das pernas cortados, para então partirem sob a bandeira de um mensageiro até a fronteira entre os fortes Sinave e Forese. E fez com que Siferval desse uma carta a uma delas, na qual solicitava de Brandin que informasse o recebimento de suas novas cortesãs.

Deixe que o odeiem. Desde que o temam.

Enquanto retornava para leste, vindo da fronteira, Siferval disse em seu relatório que seguira a dica de um informante e encontrara os dois soldados foragidos, vivendo juntos numa fazenda abandonada. Foram executados no local, com um deles — o que merecia, segundo Siferval — tendo sido castrado antes, para que pudesse morrer da forma que vivera. Alberico enviou elogios.

Ainda assim, foi um inverno bastante agitado. As coisas pareciam estar acontecendo *com ele*, em vez de seguirem o rumo de suas ordens. Tarde da noite, e então em vários horários, cada vez mais enquanto a Palma se aproximava da primavera, Alberico se pegou pensando na nona província que ninguém controlava ainda, aquela logo do outro lado da baía. Senzio.

O que o mercador de olhos cinzentos estava dizendo fazia bastante sentido. Mesmo relutantemente concordando com ele, Ettocio desejava que o colega tivesse escolhido a taverna de outra pessoa para sua refeição do meio-dia. A conversa no salão tomava rumos perigosos e, a Tríade sabia, barbadianos suficientes utilizavam a estrada principal entre as cidades de Astibar e Ferraut. Se um deles parasse ali naquele momento, dificilmente toleraria o tom daquela conversa como um mero excesso das energias da primavera. A licença de Ettocio provavelmente seria retirada por um mês. Ele continuava olhando para a porta, temeroso.

— E agora, o dobro de impostos! — O rapaz esguio falava amargurado, enquanto passava a

mão no cabelo. — Depois do tipo de inverno que tivemos? Depois do que ele fez com o preço do grão? Então nós pagamos na fronteira e daí pagamos outra vez nos portões de uma cidade, e onde, pelo amor de Morian, está o lucro?

Truculentos murmúrios encheram a sala, concordando. Numa taverna cheia de mercadores em viagem, aquela concordância era previsível. E perigosa. Ettocio, bebericando de um copo, não era o único homem de olho na porta. O jovem rapaz recostado no balcão tirou o rosto de seu pão e sua fatia de queijo para lhe dirigir um olhar inesperadamente compreensivo.

— Lucro? — disse sarcasticamente um vendedor de lã do norte de Ferraut. — Por que Barbadior se importaria que conseguíssemos algum lucro?

— Exatamente! — Os olhos cinza brilharam, concordando vigorosamente. — A meu ver, tudo o que ele quer é sugar da Palma o máximo que pode e se preparar para tomar a Coroa do Imperador em Barbadior!

— Psiu! — murmurou Ettocio, baixo, sem conseguir refrear-se. Deu um gole rápido na caneca de sua própria cerveja e atravessou o bar para fechar a janela. Uma pena, já que estava um belo dia de primavera lá fora, mas aquilo estava ficando fora de controle.

— Quando você for ver — dizia agora o esguio mercador —, ele simplesmente vai seguir adiante e tomar o resto de nossas terras, como já começou a fazer em Astibar. Alguma aposta de que seremos servos ou escravos em cinco anos?

A gargalhada vigorosa de um homem foi ouvida sobre os grunhidos de resposta que a fala provocara. O salão ficou repentinamente quieto, enquanto todos se viraram para encarar a única pessoa que parecia achar essa observação divertida. Os olhares eram impiedosos. Ettocio limpava nervosamente o balcão à sua frente, que já estava limpo.

O guerreiro de Khardhun continuou rindo por um bom tempo, parecendo ignorar os olhares que recebia. As feições esculpidas no rosto negro mostravam um riso sincero.

— O que é tão divertido, velhote? — perguntou com frieza o mercador de olhos cinza.

— Vocês — respondeu o velho khardhuneano, animado. Ele sorriu como a própria morte. — Todos vocês. Nunca vi tantos homens cegos em uma mesma sala.

— Você se importa de explicar exatamente o que quer dizer com isso? — rosnou o mercador de lã de Ferraut.

— Você precisa de explicações? — murmurou o senhor, arregalando os olhos com uma surpresa fingida. — Está bem, então. Por que, pelo amor dos seus deuses ou dos meus ou dos dele, Alberico iria se preocupar em escravizar vocês? — Ele apontou um dedo ossudo para o mercador que começara tudo aquilo. — Se ele tentasse isso, meu palpite é que ainda haveria machos suficientes, por pouco, mas haveria, na Palma Oriental para, talvez, sentirem-se ofendidos. Poderiam até... *se revoltar!*

Ele disse aquela última palavra numa paródia exagerada de sussurro confidencial. Então se recostou, rindo novamente de sua própria inteligência. Ninguém mais ria. Ettocio olhava nervosamente para a porta.

— Por outro lado — continuou o khardhuneano, ainda rindo —, se ele limitar-se a

espremê-los com impostos, taxas e confiscos, conseguirá exatamente a mesma coisa sem que ninguém fique *bravo* o suficiente para *fazer* algo a respeito. Eu lhes digo, cavalheiros — completou, após um longo gole de sua cerveja: — Alberico de Barbador é um homem esperto.

— E você é um estrangeiro arrogante e insolente! — disse o homem de olhos cinza recostado na própria mesa, eriçado de raiva.

O sorriso do khardhuneano desapareceu. Seus olhos se fixaram nos do outro homem, e Ettocio ficou repentinamente feliz de que a espada curva daquele guerreiro estivesse guardada, junto com todas as outras armas, atrás do balcão.

— Já estou aqui há trinta anos. — A voz do homem negro era suave. — Aposto que é quase tanto quanto você tem de vida. Eu servia de guarda para as caravanas de mercadores nessa estrada quando você ainda estava molhando sua cama à noite. E se *sou* um estrangeiro, bem... da última vez que perguntei, Khardhun era um país livre. Nós expulsamos nossos invasores, o que é mais do que qualquer um da Palma pode dizer!

— Vocês tinham magia! — exclamou de repente o jovem no bar, acima do barulho revoltado que se seguiu. — Nós não! Essa é a única razão! A única!

O khardhuneano voltou seu rosto para o garoto, o lábio entortando de contentamento.

— Se você quiser dormir tranquilo à noite, acreditando que essa é a única razão, vá em frente, rapazinho. Talvez o faça sentir-se melhor ao pagar os impostos durante a primavera ou enquanto passa fome porque não há mais nenhum grão por aqui. Mas se você quer saber a verdade, eu posso lhe contar agora mesmo, de graça.

O barulho diminuía enquanto ele falava, mas vários homens já estavam de pé, encarando o khardhuneano.

Olhando ao redor da sala, como se o garoto no bar não fosse digno de sua atenção, ele disse, muito claramente:

— Nós expulsamos Brandin de Ygrath quando ele nos invadiu, porque Khardhun lutou como uma nação. Como um todo. Vocês foram domesticados por Alberico e por Brandin porque estavam preocupados demais com suas birrinhas sobre fronteiras, ou com que duque ou príncipe iria guiar seu exército, ou que sacerdote ou sacerdotisa iria abençoá-lo, ou quem lutaria no centro e quem lutaria à direita, e onde seria o local da batalha, e quem os deuses amavam mais. Suas nove províncias acabaram indo para os feiticeiros, uma por uma, dedo por dedo. E elas foram quebradas como ossos de galinha. Eu sempre pensei — contava ele, para o que se tornara um local silencioso — que uma mão lutava melhor quando formava o punho.

E, preguiçosamente, fez sinal a Ettocio, pedindo outra bebida.

— Maldito seja você, khardhuneano insolente — disparou o homem de olhos cinza, com a voz estrangulada. Ettocio se virou para olhá-lo. — Maldito seja você para sempre na escuridão de Morian por estar certo!

Ettocio não esperava aquilo, nem os outros no salão. O ar tomou uma forma de amarga

introspecção. E o estalajadeiro percebeu que aquilo era ainda mais perigoso, em inteiro desacordo com o brilho da primavera e o calor do sol que retornava.

— Mas o que podemos fazer? — disse o jovem no bar, melancolicamente, sem se dirigir a ninguém em particular.

— Xingar, beber e pagar nossos impostos — disse o mercador de lã, amargamente.

— Devo dizer, eu lamento pelo resto de vocês — disse o solitário mercador de Senzio, presunçosamente.

Não fora um bom comentário. Mesmo Ettocio, notoriamente difícil de aborrecer, se irritou.

O jovem no balcão ficou visivelmente furioso.

— Por que você, você... Eu não acredito! Que direito *você* tem de... — E esmurrou o balcão, em sua fúria.

O senziano sorriu da maneira altiva que todos os nascidos lá pareciam ter.

— Sim, que direito? — Os olhos cinza encaravam-no, gélidos. — Da última vez que olhei, os mercadores de Senzio estavam com suas mãos tão ocupadas enfiadas nos bolsos, para pagarem o dinheiro do tributo a oeste *e* a leste, que não conseguiam sequer colocar seu equipamento para fora e satisfazer suas esposas!

Uma maliciosa onda de gargalhadas respondeu àquele comentário. Mesmo o velho khardhuneano sorriu um pouco.

— E da última vez que *eu* olhei — disse o homem de Senzio, vermelho de raiva —, o Governador de Senzio era um de nossos homens, e não alguém trazido de Ygrath ou Barbador!

— O que aconteceu com o duque? — soltou o comerciante de Ferraut. — Senzio foi tão covarde que seu duque se rebaixou para governador, para não irritar os tiranos. Você tem *orgulho* disso?

— Orgulho? — zombou o mercador no bar. — Ele não tem tempo para estar orgulhoso de coisa alguma. Ele está ocupado demais, olhando para os dois lados e escolhendo a que emissário de um dos tiranos ele vai dar sua mulher.

Novamente, risadas grosseiras e amargas.

— Você tem a língua bem afiada para um homem conquistado — disse o senziano, com frieza. O riso cessou. — De onde você é para ser tão rápido em debochar da coragem de outro homem?

— Tregea — disse o outro, baixo.

— A Tregea *ocupada* — corrigiu o senziano, maldosamente. — A Tregea conquistada. Com seu governador barbadiano.

— Fomos os últimos a cair! — O tregeano soava desafiador. — Borifort aguentou mais do que qualquer outro lugar!

— Mas ainda assim caiu — afirmou o senziano secamente, certo de sua vantagem. — Eu não seria tão audacioso a ponto de falar das mulheres de outros homens. Não depois das histórias que todos nós ouvimos sobre o que os barbadianos fizeram por lá. E também ouvi

que a maioria das mulheres não estava assim tão relutante em...

— *Cale sua boca imunda!* — grunhiu o tregeano, pondo-se de pé. — Cale a boca, ou vou fechá-la para você permanentemente, seu senzião mentiroso e repugnante!

O barulho tomou conta do lugar, ainda mais alto do que os anteriores. Soando furiosamente o sino acima do balcão, Ettocio lutou para restaurar a ordem.

— Chega! — gritou ele. — Chega disso ou vocês vão sair daqui agora!

Era uma ameaça horrível, e isso reprimiu a desordem. Ao menos o suficiente para que se ouvisse, novamente, a risada irônica do guerreiro khardhuneano. O homem estava em pé. Ele lançou algumas moedas sobre o balcão para pagar sua conta e examinou o salão, ainda rindo, de sua grande altura.

— Veem o que eu digo? — murmurou. — Todos esses dedinhos apontando e cutucando uns aos outros. Vocês sempre fizeram isso, não foi? Acho que sempre farão. Até que não reste mais nada aqui, além de Barbadior e Ygrath.

Ele se virou para o bar, solicitando sua espada.

— Você. — A voz era do tregeano de olhos cinza, ríspida, enquanto Ettocio entregava a espada curva e embainhada. O mercenário se virou, lentamente. — Você sabe usar essa coisa tão bem quanto usa sua boca?

Os lábios do velho se separaram, num sorriso triste:

— Ela já se avermelhou uma ou duas vezes.

— Você está trabalhando para alguém no momento?

De modo insolente e avaliador, o khardhuneano fitou com desdém o outro homem e perguntou:

— Aonde você está indo?

— Acabei de mudar meus planos — respondeu o outro. — Não é possível conseguir dinheiro na cidade de Ferraut. Não sem pagar o dobro em impostos. Penso que terei de ir mais longe. Eu lhe darei uma boa quantia para me proteger até o sul, até as terras altas de Certando.

— Lugar difícil, aquele — murmurou o khardhuneano, pensativo. O rosto do tregeano se contorceu, entretido.

— Por que você acha que quero você comigo?

Após um instante, o sorriso foi devolvido.

— Quando partimos? — perguntou o guerreiro.

— Já partimos — respondeu o tregeano, erguendo-se e pagando sua conta. Ele recebeu sua própria espada curta e os dois saíram juntos. Quando a porta se abriu, um raio cegante de sol entrou na taverna.

Ettocio esperava que a conversa cessasse após aquilo. Mas não cessou. O jovem no balcão murmurou algo sobre unir-se em uma frente comum — uma observação que seria simplesmente insana, não fosse tão perigosa. Infelizmente — do ponto de vista de Ettocio, de qualquer modo —, o comentário foi entre ouvido pelo mercador de lã, e o ar do salão já

estava tão alterado àquela altura que o assunto certamente não iria morrer.

E continuou por toda a tarde, mesmo após a saída do garoto que estivera no balcão. Naquela noite, com um grupo completamente distinto, Ettocio surpreendeu-se falando a todos durante uma discussão acerca da superioridade entre um vendedor de vinhos de Astibar e outro, senziano. Ele teceu o mesmo comentário que aquele alto senhor de Khardhun fizera: sobre os nove dedos esguios que foram quebrados, um por um, porque nunca formaram um punho. O argumento fazia sentido; soava inteligente saído de sua boca. Até notou alguns homens acenando, concordando, enquanto falava. Era uma reação incomum e de dar orgulho — os homens raramente prestavam alguma atenção em Ettocio, a não ser quanto ele avisava que a taverna estava para fechar.

Ele gostara bastante da nova sensação. Nos dias seguintes, percebeu-se levantando aquele ponto todas as vezes que o assunto aparecia. Pela primeira vez em sua vida, Ettocio começou a ter a reputação de um homem sábio.

Infelizmente, durante uma manhã de verão, foi entreouvido por um mercenário barbadiano que estava diante da janela aberta. Não tiraram sua licença. Havia muita tensão nos ares da Palma, naquele momento. Prenderam Ettocio e o executaram em uma roda, em frente à sua própria taverna, com suas mãos decepadas enfiadas na boca.

Mas àquela altura muitos homens já haviam ouvido aquele argumento. E muitos, ao ouvi-lo, concordaram.

Devin se juntou aos outros dois quilômetros ao sul da estalagem na estrada que conduzia a Certando. Eles o aguardavam. Catriana estava sozinha na primeira carroça, mas Devin subiu na segunda, ao lado de Baerd.

— Fervendo como uma panela de khav — disse ele alegremente, respondendo a uma sobancelha arqueada em uma pergunta. Alessan cavalgava ao lado. Havia afivelado sua espada, Devin viu. O arco de Baerd estava na carruagem, logo atrás do assento e ao alcance. Devin já pudera presenciar, várias vezes naqueles seis meses, o quão rápido Baerd era em pegá-lo. Alessan sorriu para ele, com a cabeça descoberta sob a luz da lua.

— Imagino que vocês mexeram um pouco na panela depois que saímos.

Devin sorriu.

— Não precisava mexer muito mais. Vocês dois já conhecem os passos como atores profissionais.

— E você também — disse o Duque, recostado no outro lado da carruagem. — Eu gostei particularmente da sua explosão de raiva dessa vez. Achei mesmo que fosse jogar algo em mim.

Devin sorriu para ele. Os dentes brancos de Sandre reluziram contra sua pele incrivelmente negra.

Não espere nos reconhecer, dissera Baerd quando eles se separaram na floresta Sandreni, seis meses antes. Então, Devin se preparou. Um pouco, não o suficiente.

A própria transformação de Baerd fora desconcertante, mas relativamente simples: deixara crescer uma barba curta e removera o acolchoado nos ombros de seu gibão. Ele não era tão grande quanto Devin imaginara a princípio. Ele também conseguira, de alguma forma, mudar a cor de seu cabelo, daquele amarelo brilhante para um tom de castanho escuro que dizia ser sua cor original. Seus olhos estavam castanhos agora, e não azuis como antes.

Já o que ele fizera com Sandre d'Astibar era completamente diferente. Mesmo Alessan, que evidentemente tivera anos para se acostumar com aquele tipo de coisa, soltou um assobio baixo ao ver em que o Duque havia se transformado. Sandre tornara-se — incrivelmente — um velho guerreiro negro de Khardhun, além do mar do norte. Um do tipo que, Devin sabia, era comum nas estradas da Palma nos últimos vinte ou trinta anos, na época em que os mercadores não iam a lugar algum sozinhos, e as cruéis espadas curvas dos guerreiros de Khardhun eram muito requisitadas como forma de se proteger contra os fora da lei.

Mas, de algum modo, e isso sim era surreal, Sandre trazia os traços exatos de um mercenário khardhuneano, com sua própria barba raspada e os cabelos brancos tingidos de um tom cinzento, o rosto negro e profundo e os olhos ferozes. Baerd explicara que fora uma das primeiras coisas que reparara no Duque, ao vê-lo pela primeira vez à luz do dia. Fora esse fato que lhe sugerira tão apropriado disfarce.

— Mas *como*? — engasgara-se Devin.

— Loções e poções — riu Alessan.

Baerd explicou mais tarde que ele e o Príncipe haviam passado alguns anos em Quileia após a queda de Tigana. Disfarces daquele tipo, como colorações para a pele e o cabelo, ou mesmo tingimentos para os olhos, eram uma importante arte aperfeiçoada ao sul das montanhas. Ela possuía um papel central nos Mistérios da Deusa Mãe, assim como nos rituais menos secretos do teatro formal, e assumira importância ímpar na tumultuada história de Quileia, com suas divisões religiosas.

Baerd não disse o que ele e Alessan fizeram por lá, nem mesmo como aprenderam essas habilidades secretas ou como conseguiram os materiais necessários.

Catriana também não sabia, o que ao menos fez Devin se sentir melhor. Eles perguntaram a Alessan certa tarde e receberam, pela primeira vez, uma resposta que se tornaria comum durante todo o outono e o inverno.

Na primavera, dissera-lhes Alessan. Quando chegasse a primavera, muitas coisas ficariam mais claras, de um modo ou de outro. Eles seguiam em direção a algo importante, mas deveriam esperar até lá. Ele não iria discutir aqueles assuntos agora. Antes dos Dias das Bragas primaveris, deixariam sua atual rota circular Astibar-Tregea-Ferraut e partiriam para o sul, através das grandes plantações de grãos de Certando. E àquela altura, dissera Alessan, muitas coisas iriam mudar. De um modo ou de outro, repetira ele.

Alessan não sorria enquanto dizia essas coisas, mesmo sendo um homem de sorriso fácil.

Devin se lembrava de como Catriana jogara seu cabelo para o lado, com um olhar que beirava a raiva:

— É Alienor, não é? — exigiu ela, praticamente acusando-o. — É aquela mulher no Castelo de Barso.

A boca de Alessan se contorceu, primeiro de surpresa, e depois de satisfação.

— Não, minha querida — disse ele. — Nós iremos parar em Barso, mas isso não tem relação alguma com ela. Se eu não a conhecesse, se eu não soubesse que seu coração pertence completamente a Devin, diria que está sendo ciumenta, minha querida.

O gracejo teve o efeito desejado. Catriana saiu furiosa, e Devin, quase tão sem graça quanto ela, mudou rapidamente de assunto. Por trás da cortesia natural e da camaradagem honesta, havia uma linha que haviam aprendido a não cruzar. Embora raramente fosse duro com as palavras, Alessan possuía gracejos capazes de ferir genuinamente seu ouvinte. Até mesmo o Duque já descobrira que era melhor não pressionar Alessan sobre alguns assuntos. Inclusive aquele: quando questionado, Sandre disse que sabia tanto quanto eles a respeito do que aconteceria na primavera.

Pensando sobre isso, quando o outono deu lugar ao inverno e vieram as chuvas e a neve, Devin estava ciente de que Alessan era o Príncipe de uma terra que morria um pouco mais a cada dia. Ele concluía que, dadas as circunstâncias, o surpreendente não era encontrar locais em que não podiam entrar, mas, sim, o quão longe se poderia ir antes de atingir as regiões proibidas.

Uma das coisas que Devin começou a aprender durante aquele longo inverno foi a ter paciência. Ele ensinou a si mesmo que deveria guardar certas perguntas para o momento apropriado, ou mesmo calá-las completamente e buscar as respostas por si. Se a verdade completa viria apenas na primavera, então esperaria. Naquele meio-tempo, ele se entregaria com uma paixão desapegada, e mesmo inesperada, ao que estavam fazendo.

Uma lâmina fora plantada em sua alma naquela noite, na floresta Sandreni.

Ele não tinha ideia do que esperar quando, cinco dias depois, partiram para a cidade de Ferraut com a carruagem de Rovigo, três outros cavalos, uma cama e uma série de esculturas da Tríade feitas de madeira. Taccio escrevera a Rovigo, dizendo que eles poderiam ter grande lucro se vendessem as esculturas religiosas de Astibar para mercadores da Palma Ocidental. Especialmente porque, conforme Devin aprendeu, os impostos não recaíam sobre artefatos relacionados à Tríade: parte de uma tentativa bem-sucedida dos dois tiranos em manter o clero calmo e neutralizado.

Devin aprendera muito sobre comércio naquele outono e naquele inverno — e sobre certas outras coisas também. Com sua nova paciência, ganha a muito custo, ele ouvia em silêncio enquanto Alessan e o Duque esboçavam ideias na estrada, transformando o carvão bruto de um conceito no diamante de um plano lapidado. E mesmo que seus próprios sonhos, à noite, mostrassem o surgir de um exército para libertar Tigana e invadir as muralhas do lendário porto de Chiara, ele rapidamente entendera — durante os frios caminhos do dia — que a abordagem deles teria de ser completamente diferente.

Entendera o motivo pelo qual, na verdade, ainda estavam no leste, e não no oeste, e

fazendo tudo o que podiam — com os reluzentes diamantes que eram os planos de Alessan e Sandre —, para agitar os ares no reino de Alberico. Certa vez, Catriana lhe confessou — num daqueles dias em que, por algum motivo desconhecido, ela o julgava digno de conversa — que Alessan estava, na verdade, movendo-se de forma muito mais agressiva do que no ano anterior, quando ela se unira ao grupo. Devin sugeriu que devia ser a influência de Sandre. Catriana discordou. Ela pensava que ele poderia ter sua parte nisso, mas que deveria haver algo mais, uma nova urgência vinda de uma fonte que não compreendia.

— Descobriremos na primavera — disse Devin, dando de ombros. E ela o fulminou com o olhar, como se tivesse sido afrontada pessoalmente pela tranquilidade dele.

No entanto, fora Catriana quem sugerira a mais agressiva das ações daquele inverno: o falso suicídio em Tregea. Juntamente com a ideia de deixar para trás um calhamaço com os versos que aquele jovem poeta compusera sobre os Sandreni. Adreano era seu nome, conforme dissera Alessan, com abatimento incomum: o nome estava na lista dos doze poetas que Rovigo reportara como sendo aleatoriamente condenados à morte nas rodas, durante a retaliação de Alberico. O Príncipe ficara inesperadamente perturbado com a notícia.

Havia ainda outra informação na carta de Rovigo, além dos detalhes comerciais de costume. A carta ficara guardada para eles numa taverna ao norte de Tregea, a qual servia de depósito de correspondência para vários mercadores do nordeste. Eles estavam seguindo para o sul, espalhando o maior número de rumores que conseguiam acerca do descontentamento entre os soldados. O relatório mais recente de Rovigo sugeria, pela segunda vez, que um aumento nos impostos era iminente para cobrir as novas demandas de pagamentos dos mercenários. Sandre, que parecia conhecer os pensamentos do Tirano surpreendentemente bem, concordava.

Após o jantar, quando estavam sozinhos ao redor do fogo, Catriana expôs sua ideia. Devin não conseguia acreditar: ele vira a altura das pontes de Tregea e a velocidade com que o rio corria, logo abaixo. E ainda era inverno, esfriando mais a cada dia.

Alessan, ainda aborrecido com as notícias de Astibar e com uma opinião evidentemente próxima à de Devin, vetou a ideia com veemência. Catriana apontou duas coisas. Em primeiro lugar, que ela crescera à beira do mar, sendo assim uma nadadora melhor do que eles — ou melhor do que poderiam imaginar.

A segunda coisa era que — e Alessan sabia bem — um salto suicida como esse, *especialmente* em Tregea, iria se encaixar em tudo o que estavam tentando conquistar na Palma Oriental.

— Isso — Devin se lembrava de Sandre ter dito, após um silêncio — é verdade, sinto dizer. Alessan concordou, com relutância, em ir até Tregea para olhar melhor o rio e as pontes.

Quatro noites depois, Devin e Baerd se encontravam agachados entre as sombras do crepúsculo, ao longo do rio na cidade de Tregea, num ponto que parecera a Devin longe demais da ponte que Catriana escolhera. Especialmente em meio ao frio cheio de ventos do inverno, na escuridão que descia rápida, além das correntes ainda mais rápidas que corriam

por eles, profundas, negras e congelantes.

Enquanto esperavam, ele tentara, inutilmente, entender a complexa mistura de sentimentos que tinha com relação a Catriana. Mas estava ansioso demais e com frio demais.

Ele apenas sabia que seu coração saltava, movido por uma curiosa junção de alívio, admiração e inveja, quando ela nadou até o exato local em que estavam. Ela até trazia a peruca em uma das mãos, para que ninguém a achasse presa em algum lugar. Devin enfiou-a no saco que carregava, enquanto Baerd esfregava vigorosamente o corpo de Catriana para aquecê-la, cobrindo-a com as diversas camadas de roupa que traziam. Enquanto Devin olhava para ela — tremendo incontrolavelmente, quase azul com o frio, os dentes batendo —, ele sentiu a inveja se esvaír. E dar lugar ao orgulho.

Ela era de Tigana e ele também. O mundo ainda não sabia, mas trabalhavam juntos — embora elípticamente — para trazer sua terra de volta.

Na manhã seguinte, as duas carroças sacolejaram para fora da cidade, indo para o norte e o oeste, novamente para Ferraut, com um carregamento de khav das montanhas. Uma neve fraca caía. Atrás deles, a cidade entrava num estado de fervor e tumulto por causa da desconhecida mulher de cabelos negros da distrada que se suicidara. Após aquele incidente, Devin achava cada vez mais difícil ser áspero ou mesquinho com Catriana. Na maior parte do tempo. Ela continuava a manter seu hábito de decidir, de tempos em tempos, que ele era invisível.

Tornara-se difícil para ele se convencer de que haviam feito amor; que realmente já sentira aquela boca macia na sua ou aquelas mãos em seu cabelo, enquanto ela o tomara dentro de si.

Eles nunca falavam disso, claro. Ele não a evitava, mas também não a buscava: o humor dela variava de modo imprevisível; nunca sabia que resposta teria. Como homem novo na arte da paciência, esperava até que ela viesse para a mesma carruagem que ele ou que se sentasse diante de uma lareira de taverna com ele, quando quisesse. Às vezes, acontecia.

Na cidade de Ferraut, naquele inverno e pela terceira vez, após o salto em Tregea, eles foram maravilhosamente bem alimentados por Ingonida — ainda extasiada pela cama que lhe haviam trazido. A esposa de Taccio continuava curiosamente solícita e carinhosa com o Duque, em seu disfarce negro: um detalhe sobre o qual Alessan se divertira ao zombar de Sandre quando estavam sozinhos. Nesse ínterim, o gordo e corado Taccio os encheu de vinho.

Outro envelope enviado por Rovigo, em Astibar, os aguardava. Quando aberto, revelou duas cartas, uma das quais tinha — mesmo após todo o tempo de viagem — uma extraordinária mistura de aromas.

Alessan, com suas sobrancelhas arqueadas, entregou aquela correspondência azul-clara para Devin, bem sugestivamente. Ingonida ficou de pé e uniu suas mãos, num gesto que indubitavelmente remetia a um êxtase romântico. Taccio, radiante, serviu a Devin um novo copo.

O perfume, sem dúvida, era de Selvena. A expressão de Devin enquanto pegava o envelope deve ter sido bem reveladora — apesar do cuidado que teve —, pois ele pôde ouvir uma risadinha de Catriana. Teve a cautela de não olhar naquela direção.

A carta de Selvena continha uma sentença única e atrevida — ou seja, muito parecida com a garota. Mas trazia uma sugestão vívida que o fez negar o desejo de todos que pediram inocentemente para ler o texto.

No entanto, Devin era obrigado a admitir que ficou muito mais interessado nas cinco linhas que Alais anexara à carta de seu pai. Com letra pequena e comercial, ela informava ter achado e copiado uma variação do “Lamento de Adaon” de um dos templos ao deus em Astibar, dizendo ainda estar ansiosa para compartilhá-la com eles da próxima vez que fossem para o leste. E assinava apenas com sua inicial.

No corpo da carta, Rovigo informava que Astibar estava muito quieta desde que os doze poetas haviam sido executados entre as famílias dos conspiradores, na Grande Praça, que o preço do grão ainda subia, que poderia receber tanto vinho verde de Senzio quanto conseguissem no preço atual, que era esperado que Alberico anunciasse, muito em breve, um beneficiário para a maior parte das terras confiscadas dos Nievolene, e a melhor informação que obtivera era de que o linho de Senzio continuava abaixo do valor normal em Astibar, mas poderia subir em breve.

Foi a informação sobre as terras Nievolene que causou a parte seguinte da acalorada discussão entre Alessan e o Duque.

E aquele calor culminaria nas chamas.

Os cinco percorreram rapidamente a bem conservada estrada ao norte de Senzio, com mais artefatos religiosos. Compraram vinho verde com o lucro das estátuas, barganharam algumas peças de linho — Baerd era, surpreendentemente, o melhor negociante em tais assuntos — e voltaram rapidamente para Taccio, pagando os novos e exorbitantes impostos, nos fortes e nas muralhas das fronteiras provinciais.

Uma nova carta os esperava. Entre as várias notícias mercantis que estavam ali apenas para disfarçar, Rovigo informava que um anúncio sobre as terras Nievolene era esperado até o final da semana. E reforçava que sua fonte era confiável. A carta fora escrita cinco dias antes.

Naquela noite, Alessan, Baerd e Devin pegaram um terceiro cavalo, emprestado de Taccio — que estava bastante satisfeito por não conhecer absolutamente nada de suas intenções —, e pegaram a longa estrada para a fronteira de Astibar, cruzando então até um barranco junto à estrada que conduzia aos portões da propriedade Nievolene.

Eles retornaram sete dias depois, com uma nova carruagem e um carregamento de lã para que Taccio vendesse. Boatos sobre o incêndio os precederam. Os rumores sobre o fogo estavam em todos os lugares, dizia Sandre. Vários confrontos entre homens da Primeira e da Segunda Companhia surgiam em tavernas de Ferraut.

Deixaram a nova carruagem com Taccio e partiram, voltando lentamente para Tregia. Não precisavam das três carruagens. Eram sócios de um modesto grupo comercial. Obtiveram os

pequenos lucros que conseguiram, dados os impostos que os cercavam. E falaram bastante sobre essas taxas e tarifas, geralmente em público. Por vezes, de modo mais aberto do que seus ouvintes estavam acostumados.

Alessan debateu com o sarcástico guerreiro de Khardhun em mais uma dúzia de estalagens e tavernas ao longo da estrada, contratando-o mais uma dúzia de vezes. Às vezes, Devin fazia um papel; às vezes, era Baerd. Tomavam o devido cuidado de não repetir a apresentação num mesmo local. Catriana mantinha um registro preciso de onde haviam estado, o que haviam dito e feito. Devin afirmava que eles poderiam confiar em sua memória, mas ela mantinha suas anotações mesmo assim.

Em locais públicos, o Duque agora se apresentava como “Tomaz”. Isso porque “Sandre” era um nome bastante incomum na Palma, e seria ainda mais estranho para um mercenário khardhuneano. Devin lembrava de que permanecera pensativo, da primeira vez em que o Duque lhes dissera seu novo nome, no outono anterior. Pensava em como teria sido matar o próprio filho. Ou continuar vivendo, após a morte de seus filhos. Saber que os corpos de todos aqueles que possuíam alguma relação com ele, ainda que remota, estavam arreganhados, ainda vivos, nas rodas de tortura de Barbadior. Devin tentou imaginar como tudo aquilo devia fazê-lo se sentir.

A vida — o processo de viver e o que ele fazia com você — parecia a Devin cada vez mais dolorosamente complexa, com o passar do outono e do inverno. Com frequência, pensava em Marra, arbitrariamente tirada do mundo durante seu processo de amadurecimento para o que quer que estivesse destinada a ser. Ele sentia sua falta com uma dor aguda que crescia, por vezes, de modo muito pesado. Ela seria alguém com quem poderia falar sobre tais coisas. Os outros tinham suas próprias preocupações e não queria incomodá-los. Pensava em Alais bren Rovigo, se ela entenderia esses assuntos que lutavam dentro dele. Imaginava que não; ela vivera muito protegida, muito reclusa, para que tais problemas a incomodassem. Devin sonhou com ela, certa noite, numa inesperada sequência de imagens intensas. Na manhã seguinte, pôs-se ao lado de Catriana na primeira carruagem da fila, muito calado, agitado e incomodado por sua presença, por seu cabelo vermelho destacando-se na paisagem pálida do inverno.

Às vezes, pensava no soldado daquele celeiro da fazenda Nievolene — que perdera uma rodada de dados e carregara uma garrafa de vinho para um lugar solitário, distante da cantoria, e teve sua garganta cortada em meio ao sono. Será que aquele soldado viera ao mundo unicamente para se tornar um ritual de passagem para Devin di Tigana?

Aquele era um pensamento horrível. Por fim, enquanto percorriam as longas e frias estradas no inverno, Devin se esforçava para acreditar que aquilo não era verdade. Enquanto vivia, o homem interagira com outras pessoas. Causara prazer e tristeza, sem dúvida, e também conhecera ambas as coisas. O momento de sua morte não era o que definia sua jornada sob as luzes de Eanna, ou como quer que aquela jornada fosse chamada no Império de Barbadior.

Mas era complicado pensar naquilo. Será que Stevan de Ygrath vivera e morrerá apenas para que a mágoa de seu pai gerasse a destruição de uma pequena província, de seu povo e de suas memórias? Será que o Príncipe Valentin di Tigana nascera apenas para empunhar a espada que causara tudo aquilo? E quanto ao seu filho mais novo?

E quanto ao filho mais novo do lavrador de Asoli que fugira de Avelle quando esta se tornara Stevanien? De verdade, era difícil compreender.

Certa manhã em Senzio, quando a primavera dava seus primeiros sinais fugidios suavizando o ar do norte, Baerd retornou do famoso mercado de armas com uma espada reluzente para Devin, finamente balanceada. Havia uma joia negra no punho. Não dera explicação alguma, mas Devin sabia que aquilo tinha relação com o que acontecera no celeiro da propriedade Nievolene. O presente não respondia a nenhum de seus novos questionamentos, mas ainda assim o ajudaria. Baerd começou a lhe ensinar durante as pausas do meio-dia, na estrada.

Devin se preocupava com Baerd, em parte porque sabia que Alessan sentia o mesmo.

A primeira impressão que tivera na cabana estava errada: um homem imenso, louro, intimidador, frio e competente. Mas Baerd tinha o cabelo escuro, não era tão grande e, embora sua competência abarcasse um número de áreas suficiente para torná-lo intimidador mesmo após seis meses, ele não era frio na realidade. Apenas cauteloso. Fechado em torno da ferida que suportava há tanto tempo.

Com algumas coisas, Devin percebera, Alessan lidava com mais facilidade do que Baerd. O Príncipe conseguia achar uma fuga temporária em conversar, em rir e, acima de tudo e quase sempre, na música. Já Baerd parecia não relaxar nunca. Ele viajava através de um mundo moldado e remoldado, a cada instante, com base no desaparecimento de Tigana.

Isso fazia com que sumisse certas noites, afastando-se do sono ou de uma fogueira que eles tivessem construído próximo à estrada. Levantava-se sem aviso, calado, sério, e partia sozinho para a escuridão.

Devin via Alessan observar enquanto Baerd se afastava.

— Conheci um homem como ele certa vez — disse Sandre, sério, numa noite em que Baerd trocara o quarto quente de uma taverna por uma noite de inverno e neblina, nas colinas de Tregea próximas a Berifort. — Ele precisava se afastar, sozinho, para enfrentar sua necessidade de matar.

— Esse é um dos motivos — afirmou Alessan.

Pensamentos de inverno, a tristeza de uma noite de inverno.

Mas agora era primavera, e enquanto a seiva da terra se erguia verde e dourada em direção à luz quente, Devin sentia que seu estado de espírito também se erguia para a agitação e a crescente velocidade do mundo em que viajavam.

Espere pela primavera, dissera Alessan em meio às árvores marrons e vermelhas do outono e às vinhas nuas, recém-colhidas. E agora a primavera chegara, com os Dias das Brásas aproximando-se rápido e, enfim — após longa espera — percorriam a estrada até Certando.

E as respostas que conseguiriam por lá. Devin não conseguia e não queria reprimir a sensação crescente dentro de si, como a seiva subindo dentro das árvores, de que o que viesse a acontecer começaria em breve.

Na segunda carroça, ao lado de Baerd, ele se sentia gloriosa e significativamente vivo. À frente deles, o brilho da luz do sol no cabelo de Catriana causava um efeito estranho e maravilhoso em seu sangue. Percebeu que Baerd o analisava com curiosidade, e notou um meio sorriso em seu rosto. Mas não se importava. Estava até feliz. Baerd era seu amigo.

Devin começou uma canção. Uma balada muito antiga, “A Canção do Viajante”:

*Distante muitas milhas da casa em que nasci
Numa estrada sinuosa e sem glória
Mas quando o sol descer as duas luas hão de se erguer
E as estrelas de Eanna ouvirão minha história...*

Alessan, não importava qual fosse seu humor, estava quase sempre disposto a acompanhar uma canção e, como era de se esperar, Devin já estava sendo acompanhado pela flauta de Tregea antes do segundo verso. Olhou ao redor e recebeu uma piscadela do Príncipe, que viajava ao seu lado.

Catriana lançou aos dois um olhar reprovador. Devin sorriu para ela e deu de ombros, e a flauta de Alessan repentinamente assumiu um ritmo mais feroz que era como um convite. Catriana tentou conter um sorriso, mas não conseguiu. Uniu-se a eles no terceiro verso e depois os guiou na canção seguinte.

Mais tarde, no verão, Devin reviveria aquela cena, dos cinco durante a primeira hora de viagem na longa estrada para o sul, e aquela lembrança faria com que se sentisse muito velho.

Naquele dia, ele era jovem. De certo modo, todos eles foram, brevemente. Até mesmo Sandre, que os acompanhava nos refrões que conhecia, com uma voz de barítono aceitável, renascido em sua nova identidade e com uma nova esperança permeando seu eterno sonho.

Devin lançou a terceira canção, e sua voz se ergueu clara pela estrada diante deles, ao longo do iluminado e sinuoso caminho até Certando, alcançando a Dama do Castelo de Barso, quem quer que fosse, e rumo ao que quer que Alessan tivesse de encontrar naqueles planaltos.

Mas antes, quase ao pôr do sol, alcançaram um viajante na estrada.

Aquilo, em si, não era incomum. Ainda estavam em Ferraut, na populosa região ao norte do Forte Ciorone, onde as estradas movimentadas de Tregea e Corte encontravam a rota norte-sul que percorriam. Por outro lado, viajantes solitários eram suficientemente raros para que Devin, juntamente com Baerd, passasse os olhos nas laterais da estrada, buscando quem pudesse estar escondido para alguma emboscada.

Era uma precaução habitual, embora estivessem num lugar em que os ladrões não sobreviviam por muito tempo. E, além do mais, ainda era dia. Então, conforme se

aproximavam, Devin viu a pequena harpa pendurada nas costas do rapaz. Um trovador. Devin sorriu; eles eram quase sempre uma boa companhia.

O homem voltara-se e estava esperando que chegassem até ele. A profunda reverência que ofereceu a Catriana, quando ela parou a carruagem principal ao seu lado, tinha tanta graciosidade que quase parecia uma paródia, naquela estrada vazia.

— Estou apreciando o som de vocês durante o último quilômetro de estrada — disse ele, erguendo-se. — E devo dizer que gosto ainda mais de vê-los. — Ele era alto, não mais jovem, com cabelo longo e grisalho e olhos perspicazes. Deu a Catriana o tipo de sorriso pelo qual os trovadores da Palma eram famosos. Seus dentes eram brancos e uniformes num rosto que parecia couro.

— Viajando para o sul junto com a primavera? — perguntou ela, sorrindo educadamente. — A rota antiga?

— Estou, de fato — respondeu ele. — A antiga rota na época habitual. E eu odiaria ter de contar a alguém tão jovem e bela como você por quantos anos tenho feito isso.

Devin desceu do lado de Baerd e se aproximou do homem para confirmar uma coisa.

— Eu poderia adivinhar — disse ele, sorrindo — pois acho que o conheço. Participamos juntos de uma temporada de casamentos em Certando. Você tocou harpa para Burnet di Corte, dois anos atrás?

Os olhos aguçados encararam-no, subindo e descendo:

— Certamente — admitiu o trovador, após um instante. — Sou Erlein di Senzio, e estive com aquele maldito Burnet por uma temporada. Então ele foi desonesto quanto aos meus honorários e decidi que era mais feliz sozinho. Eu realmente *pensei* que as vozes atrás de mim fossem profissionais. E você é?

— Devin d'Asoli. — A mentira saiu de seus lábios com facilidade. — Estive com Menico di Ferraut por alguns anos.

— E obviamente se mudou para outras áreas melhores — disse Erlein, passando os olhos pelas carruagens comerciais. — Menico ainda está trabalhando? Está mais gordo do que antes?

— Sim e sim — disse Devin, escondendo a culpa que ainda sentia quando pensava em seu antigo sócio. — E ouvi que o mesmo se aplica a Burnet.

— Ele que morra — falou Erlein, amargurado. — Ainda me deve dinheiro.

— Bem — intrometeu-se Alessan, olhando-o de seu cavalo —, não podemos fazer nada quanto a isso mas, se você quiser, nós *podemos* lhe dar uma carona até Ciorone e uma cama antes do toque de recolher. Você pode cavalgar com Baerd — completou ele rapidamente, ao notar que Erlein lançava um olhar para o assento vazio ao lado de Catriana.

— Eu ficaria profundamente agradecido — concordou Erlein.

— Não gosto do Forte Ciorone — interrompeu Sandre, abruptamente. — Eles nos enganam por lá, e muitas pessoas acabam sabendo o que você está levando e para onde está indo. Muitas delas são do tipo errado de pessoas. A noite que se aproxima é suave; acho que

devemos ir embora daqui.

Devin olhou para o Duque, surpreso. Era a primeira vez que ele lançava uma opinião como aquela.

— Bom, Tomaz, eu não vejo por que... — começou Alessan.

— Você me contratou, mercador — grunhiu Sandre. — Você queria que eu realizasse um trabalho, e é o que estou fazendo. Se não estiver disposto a me ouvir, pague-me agora e eu vou encontrar alguém que esteja.

Seus olhos eram ferozes em meio ao rosto enegrecido.

E seu tom era inconfundível. Qualquer que fosse a razão, Sandre tinha seus motivos para o que estava fazendo.

— Um pouco de cortesia, se não se importa — disparou Alessan, voltando seu cavalo para poder encarar o Duque. — Ou irei realmente dispensá-lo e deixar que carregue seus ossos velhos até achar alguém idiota o suficiente para aguentá-lo. Eu consegui — concluiu ele, voltando-se para Erlein — encontrar o khardhuneano mais arrogante das estradas da Palma.

— Eles são todos arrogantes — respondeu o trovador, balançando a cabeça. — É algo que vem junto com a espada curva.

Alessan riu. E Devin, seguindo sua liderança, fez o mesmo.

— Ainda resta uma hora de luz do sol — disse Baerd, em tom de reclamação. — Podemos chegar facilmente ao Forte. Por que dormir no chão?

Alessan suspirou.

— Eu sei — disse ele. — Mas sinto muito. Somos novos nisso, e Tomaz, não. Imagino que devamos ouvi-lo, ou estaríamos desperdiçando o que pagamos, não é mesmo? — Ele olhou de volta para Erlein e deu de ombros. — Lá se vai sua carona para Ciorone.

— Não se pode perder o que nunca foi nosso. — O trovador sorriu. — Eu darei um jeito.

— Você é bem-vindo a dividir nosso fogo — lançou Devin, acreditando ter lido o olhar do Duque corretamente. Ainda não tinha certeza do que Sandre estava fazendo.

Surpreendentemente, Erlein corou. Parecia um tanto envergonhado.

— Quanto a isso, eu agradeço, mas não tenho nada comigo para completar sua mesa ou sua fogueira.

— Você *realmente* esteve na estrada durante um bom tempo — soltou Sandre, falando baixo. — Não ouço alguém nascido na Palma usar essa frase em anos. É uma tradição que se perdeu, essa.

— Você tem uma harpa, não tem? — perguntou Catriana, no momento correto e com sua voz mais doce. Ela olhou diretamente para Erlein por um instante e então voltou a baixar os olhos recatadamente.

— Tenho, sim — disse o trovador, afirmando o óbvio. Ele devorava Catriana com o olhar.

— Então você está longe de trazer as mãos vazias — disse Alessan, resolutivo. — Devin e minha irmã cantam, como você ouviu, e eu consigo me virar com essa flauta. Uma harpa seria muito agradável após um jantar sob as estrelas.

— Não diga mais nada — respondeu Erlein. — Vocês serão uma companhia muito melhor do que o som da minha boca contando histórias para as minhas orelhas ouvirem.

Alessan riu novamente.

— Há algumas árvores a oeste e um riacho atrás delas, se estou lembrando corretamente — dizia o Duque. — Um bom lugar para acampar.

Antes que alguém pudesse falar algo, Erlein di Senzio pulara e instalara-se ao lado de Catriana. Devin, com a boca escancarada, fechara-a rapidamente a um sinal discreto e urgente de Sandre.

Catriana guiou para oeste, deixando a estrada e conduzindo-os em direção às árvores que o Duque mencionara. Devin ouviu-a rir de algo que o trovador dissera.

Mas ele olhava para Sandre. E Baerd e Alessan também.

O Duque olhava para Erlein, cujas costas se voltavam para os quatro. Muito discretamente, ele ergueu a mão esquerda, com o terceiro e quarto dedos cuidadosamente curvados. Olhou sugestivamente para Alessan, e então de volta para o homem ao lado de Catriana.

Devin não compreendeu. *Um juramento?*, pensou ele, confuso. Sandre baixou sua mão, mas seu olhar permanecia fixo no Príncipe. Sua expressão era estranha, desafiadora. Subitamente, Alessan empalideceu.

E, naquele instante, Devin compreendeu.

— Ó, Adaon — suspirou Baerd, em tom crescente, enquanto Devin pulava para a carroça e sentava ao seu lado. — Eu não acredito nisso!

Devin tampouco conseguia acreditar.

O que Sandre lhes dizia, de forma clara, era que Erlein di Senzio era um mago. Um dos que cortaram dois dedos em seu pacto com a magia da Palma.

E Alessan bar Valentin era um príncipe com o sangue de Tigana, o que significava, se a velha lenda de Adaon e Micaela fosse verdade, que ele poderia prender um mago sob seu comando. Sandre não acreditara naquilo quando estavam na cabana, naquele outono. Devin se lembrava.

Mas agora ele dava a Alessan a sua chance — o que explicava o olhar desafiador.

Uma chance, ou ao menos o início de uma chance. Pensando mais rápido do que nunca em sua vida, Devin se virou para Baerd.

— Siga meu sinal quando chegarmos lá — disse ele, suavemente. — Eu tenho uma ideia.

Apenas muito depois ele pôde refletir sobre a mudança que sofrera naqueles seis meses. Apenas seis meses, de uma estação das Brasas até a outra, para ele falar daquele modo com Baerd; falar, e ser ouvido...

Havia, realmente, um riacho, conforme Sandre havia indicado ou adivinhado. Pararam as carroças próximo da margem. Iniciou-se a rotina habitual do pôr do sol. Catriana cuidava dos cavalos, Devin procurava madeira para o fogo. Alessan e o Duque separaram os sacos de dormir e organizaram os apetrechos de cozinhar e a comida que traziam.

Baerd pegou seu arco e desapareceu em meio às árvores. Voltou vinte minutos depois, nem

um instante a mais, com três coelhos e uma ave gorda.

— Estou impressionado — disse Erlein, ao lado de Catriana e junto aos cavalos. Seus olhos estavam arregalados. — Estou muito impressionado.

— Pagarei pela sua música mais tarde — disse Baerd, com um de seus raros sorrisos. Aquele que geralmente guardava para barganhar nas cidades.

Devin observava Erlein o mais discretamente que conseguia. Quando conseguiu focar-se na mão esquerda do trovador, que aparentemente nunca permanecia imóvel por mais do que um instante, parecia *realmente* haver uma mancha esquisita, um embaçamento no ar ao seu redor.

Estivera esperando pelo retorno de Baerd, então não esperou mais.

— Você está com aparência de algo que deveria ser caçado — disse ele, sorrindo para o caçador que chegava. — Vai aterrorizar cada mercador que encontrarmos. Precisa de um corte de cabelo antes de poder se encaixar novamente na sociedade, meu amigo.

Baerd foi muito rápido.

— Eu não falaria isso, pirralho — devolveu ele, lançando suas presas para Sandre, próximo à lenha recolhida para o fogo. — Não com essa aparência que você tem. Ou você quer ir mal vestido de propósito para assustar Alienor, em Barso?

Alessan riu. E Erlein também.

— Nada assusta Alienor — brincou o trovador. — E ele tem a idade exata para ela.

— Que “idade exata”? — Alessan sorria levemente. — Se tiver mais de doze e ainda não tiver sido enterrado, estará perfeito para ela!

— Eu não gostei disso — opinou Catriana, cerimoniosamente, enquanto os cinco homens riam.

— Sinto muito — disse Alessan, tentando manter a expressão séria, enquanto ela se postava à sua frente, as mãos firmemente postas sobre os quadris.

— Você não sente nada, mas deveria! — disparou Catriana. — Você sabe muito bem que eu não gosto desse tipo de conversa. Como você acha que isso me faz parecer? E você só faz isso quando está sem fazer nada. Vá fazer algo útil. Corte o cabelo de Devin. Ele realmente está horrível, pior do que o habitual!

— Eu? — guinchou Devin, em protesto. — *Meu* cabelo? O que você quer dizer? Olhe para Baerd, e não para mim! E ele? Ele é quem...

— *Todos* vocês precisam de um corte de cabelo. — O tom de voz de Catriana trazia uma convicção definitiva que não admitia contestação. Por um segundo, seu olhar crítico repousou até mesmo na juba desleixada de Erlein. Ela abriu a boca, hesitou, então a fechou, numa imitação perfeita de uma dama educada que se controla. Erlein corou. Sua mão direita se ergueu imediatamente para ajeitar o cabelo na altura do ombro.

Sua mão esquerda não parava de brincar com alguns pedregulhos que recolhera às margens do rio.

— Eu acho que você acabou de insultar o nosso convidado — afirmou Devin, com rancor.

— Isso com certeza fará com que ele se sinta bem-vindo aqui.

— Eu não disse nada, Devin — enfureceu-se ela.

— Você nem precisou — disse Erlein, com pesar. — Esses magníficos olhos não pareciam felizes com o que viam.

— Os olhos de minha irmã quase nunca estão satisfeitos com o que veem — resmungou Alessan. Ele estava agachado ao lado de um dos embrulhos que traziam e, após um momento, pôs-se de pé com uma tesoura e um pente. — É nítido que estão me mandando trabalhar por aqui. Ainda temos meia hora de luz antes do pôr do sol. Quem é a primeira vítima?

— Eu — disse Baerd, rapidamente. — Você não vai encostar em mim depois que o sol se puser, isso eu garanto.

Erlein observava com interesse quando Alessan conduziu Baerd até uma rocha ao pé do riacho e começou — de maneira bem competente, na verdade — a cortar o cabelo do outro homem. Catriana voltou aos cavalos, embora não sem antes lançar a Erlein outro olhar rápido e enigmático. Sandre arrumou a madeira para o fogo e começou a tirar a pele dos coelhos e da ave, cantarolando para si.

— Mais madeira, rapazinho — disse ele, abruptamente, para Devin, sem olhar para cima, o que era perfeito, obviamente.

Oh, Morian, pensou Devin, enquanto uma mistura densa de orgulho e empolgação percorria seu corpo. *Eles são tão bons.*

— Mais tarde — foi tudo o que ele disse, enquanto recostava-se casualmente no chão. — Temos o suficiente por enquanto, e eu serei o próximo com Alessan.

— Não será, não — gritou Alessan, de junto ao rio, compreendendo a jogada de Sandre. — Vá pegar lenha, Devin. Não há luz o suficiente para cortar o cabelo de três pessoas. Cortarei o seu amanhã e o de Erlein agora, se ele quiser. Catriana terá que aguentar sua aparência hedionda por mais uma noite.

— Como se um corte de cabelo pudesse mudar isso! — gritou ela, do outro lado da clareira. Erlein e Baerd riram. Reclamando, Devin pôs-se de pé e partiu para perto das árvores.

Atrás de si, ouviu a voz de Erlein:

— Eu lhe seria muito grato — disse o trovador a Alessan. — Odiaria que outra mulher olhasse para mim da forma que sua irmã fez.

— Ignore-a — Devin ouviu Baerd rir, enquanto retornava para junto do fogo.

— É impossível ignorá-la — disse Erlein, numa voz lançada forçosamente na direção em que os cavalos estavam amarrados. Ele se ergueu e caminhou até a beira do rio. Sentou-se sobre a rocha, em frente a Alessan. O sol era um disco vermelho, deslizando a oeste atrás do riacho.

Carregando uma braçada de madeira, Devin deslocou-se nas sombras crescentes até onde Catriana se encontrava, ao lado dos cavalos. Ela o ouviu, mas continuou escovando a égua marrom. Os olhos dela não deixavam os dois homens à beira do rio.

Nem os de Devin. Colocados diante do pôr do sol, parecia-lhe que Alessan e o trovador haviam se tornado ilustrações em alguma paisagem atemporal. Suas vozes carregavam uma claridade anormal na quietude do crepúsculo.

— Quando foi a última vez que lhe fizeram isso? — ele ouviu a pergunta casual de Alessan, enquanto a tesoura se ocupava do emaranhado grisalho que era o cabelo de Erlein.

— Eu não consigo nem lembrar — confessou o trovador.

— Bem — riu Alessan, debruçando-se para molhar o pente no rio — na estrada não precisamos necessariamente seguir a moda das cortes. Vire-se um pouco para cá. Isso, ótimo. Você costuma penteá-lo para o lado ou para trás?

— De preferência, para trás.

— Ótimo. — As mãos de Alessan se moveram até o topo da cabeça de Erlein, enquanto a tesoura reluzia os últimos raios do sol. — É um visual antiquado, mas os trovadores devem parecer antiquados, não é? Faz parte do encanto. *Você está sujeito pelo nome de Adaon e pelo meu. Eu sou Alessan, Príncipe de Tigana, e, mago, você é meu!*

Devin deu um passo involuntário para a frente e viu Erlein tentar, num reflexo, se afastar. Mas a mão de controle segurava sua cabeça, e a tesoura, tão ocupada um instante antes, postava-se firme contra sua garganta. Ela o segurara por um instante, e isso fora o suficiente.

— Que sua carne apodreça! — gritou Erlein, enquanto Alessan o soltava e dava um passo para trás. O mago se erguera da rocha como se tivesse sido escaldado e se virou para encarar o Príncipe. Seu rosto estava contorcido de fúria.

Temendo por Alessan, Devin começou a se dirigir ao rio, buscando sua espada. Então viu que Baerd já tinha uma flecha empunhada em seu arco, mirando no coração de Erlein. Devin diminuiu sua correria até parar. Sandre estava logo ao seu lado, com a espada curva empunhada. Ele viu de relance o rosto negro do Duque e ali percebeu — embora não pudesse ter absoluta certeza, dada a luz fraca — que havia medo.

Voltou-se para os dois homens à beira do rio. Alessan repousara sua tesoura e seu pente sobre a rocha. Permanecia imóvel, as mãos ao lado do corpo, respirando rapidamente.

Erlein tremia de fúria. Devin olhava-o como se tivessem aberto uma cortina. Nos olhos do mago, ódio e terror lutavam por dominação. Sua boca funcionava em espasmos. Ergueu sua mão esquerda e apontou-a para Alessan, num gesto de negação violenta.

E Devin via, bem claramente agora, que o terceiro e quarto dedos haviam sido, realmente, removidos. A antiga marca de ligação entre um mago com a sua magia e a Palma.

— Alessan? — disse Baerd.

— Está tudo bem. Agora ele não pode fazer nada com seus poderes que seja contra a minha vontade. — A voz de Alessan era calma, quase desprendida, como se tudo aquilo estivesse acontecendo com outra pessoa. Apenas então Devin percebeu que o gesto do mago fora uma tentativa de desferir um feitiço. Magia. Ele nunca antes pensara que a veria tão de perto. A pele atrás de seu pescoço estava eriçada, e não por causa da brisa do final de tarde.

Lentamente, Erlein abaixou a mão. Aos poucos, sua tremedeira cessou.

— Que a Tríade o amaldiçoe — disse ele, baixo e frio. — E que amaldiçoe os ossos de seus ancestrais e encurte a vida de seus filhos, e dos filhos de seus filhos, pelo que você me fez! — A voz era de alguém enganado brutal e dolorosamente.

Alessan não recuou nem se virou.

— Fui amaldiçoado quase dezenove anos atrás, com os meus ancestrais, e qualquer filho que eu ou qualquer um de meu povo possa vir a conceber. É uma maldição que jurei usar minha vida para desfazer, enquanto o tempo me permitir. Por nenhuma outra razão eu o colocaria sob meu comando.

Algo horrível surgia no rosto de Erlein.

— Todo verdadeiro Príncipe de Tigana — disse o mago, com amarga intensidade — sabe, desde o início, quanto é terrível o dom que o deus lhe deu. O quão brutal é controlar uma alma livre. Você tem sequer ideia... — Ele foi forçado a parar, pálido, mãos unidas, recuperando controle de si mesmo. — Você faz sequer alguma ideia de quão pouco esse dom foi utilizado?

— Duas vezes — respondeu Alessan, calmamente. — Duas, até onde sei. É o que diziam os livros antigos, embora eu tema que eles já tenham sido queimados agora.

— Duas vezes! — repetiu Erlein, sua voz erguendo-se. — Duas vezes, em quantas gerações desde a origem desta península? E você, um príncipe choramingão que nem sequer tem terra para governar, acabou de colocar suas mãos casualmente, e cruelmente, sobre a minha vida!

— Não casualmente. E apenas *porque* eu não tenho uma terra. Porque Tigana está morrendo e se perderá para sempre se eu não fizer alguma coisa.

— E que parte desse pequeno discurso lhe dá direito sobre minha vida e minha morte?

— Eu tenho um dever — respondeu Alessan, sério. — Devo usar todas as ferramentas que tiver ao meu alcance.

— *Eu não sou uma ferramenta!* — gritou Erlein. — Sou uma alma viva e livre, com meu próprio destino!

Observando o rosto de Alessan, Devin soube o quanto aquele lamento o tocou. Por um longo instante, houve silêncio junto ao rio. Devin viu o Príncipe inspirar lentamente, como se sentisse o peso de mais um fardo, mais um para se somar aos que já carregava. Mais um acréscimo ao preço de ter seu sangue.

— Não irei mentir e dizer que estou arrependido — disse Alessan, enfim, escolhendo suas palavras com cautela. — Tenho sonhado em encontrar um mago por muitos anos. Mas direi, e isso é verdade, que compreendo o que você disse e por que você me odiará, e posso afirmar que lamento pelo que a necessidade me exige.

— Não exige nada! — respondeu Erlein, esganiçado e resoluto. — Somos homens livres. Sempre há uma escolha.

— Algumas escolhas são vetadas a alguns de nós. — Surpreendentemente, era Sandre. Ele se deslocou para ficar um pouco à frente de Devin.

— E alguns homens devem fazer escolhas por aqueles que não podem fazê-las, seja por

falta de vontade ou de poder. — Ele se aproximava dos dois, ao lado do fluxo negro e silencioso da água. — Assim como *podemos* escolher não matar o homem que está tentando assassinar nosso filho, também Alessan poderia ter escolhido não controlar um mago que poderá ser necessário ao seu povo. Aos seus filhos. Nenhuma dessas duas opções, Erlein di Senzio, é uma alternativa para qualquer um que possua honra.

— Honra! — Erlein cuspiu a palavra. — E como a honra pode obrigar um homem de Senzio para com o destino de Tigana? Que príncipe *compele* um homem livre para a morte certa ao seu lado, e então fala sobre honra? — Ele balançou a cabeça, em negação. — Vocês apenas abusaram de um poder e pronto.

— Discordo — respondeu o Duque, com sua voz profunda. Já estava bastante escuro; Devin não conseguia mais enxergar seus olhos de dentro do capuz. Por trás de todos, ele conseguia ouvir o som de Baerd começando a acender o fogo. Acima deles, as primeiras estrelas começavam a emergir no manto azul escuro do céu. E a oeste, do outro lado do rio, um último tom carmesim pintava a linha do horizonte.

— Discordo — repetiu Sandre. — A honra de um governante, assim como seu dever, repousa no cuidado que dedica à sua terra e ao seu povo. Essa é a única forma de medida verdadeira. E o preço, ou parte do preço desses atos, vem quando precisamos nos voltar contra as necessidades da própria alma e fazer coisas que nos causarão mágoa até o cerne de nosso ser. Coisas — completou, suavemente — como as que o Príncipe de Tigana acabou de fazer.

Mas a voz de Erlein disparou, sem deixar-se convencer:

— E como um mercenário khardhuneano contratado presume tanto sobre a palavra *honra* ou sobre as obrigações de um príncipe?

Devin percebeu que ele queria que as palavras causassem dor, mas o que soou, pelas inflexões de sua voz, foi o tom de alguém perdido e com medo.

Houve silêncio. Atrás dele, o fogo ganhava força e o brilho alaranjado se espalhava, iluminando a fúria de Erlein e o rosto magro e enegrecido de Sandre, com os ossos saltados. Atrás de ambos, notou Devin, Alessan não se movera. Sandre disse:

— Os guerreiros de Khardhun que conheci eram altamente versados no conceito de honra. Mas não irei ganhar crédito em cima deles. Não se deixe enganar: não sou khardhuneano. Meu nome é Sandre d’Astibar, outrora Duque daquela província. Sei um pouco sobre poder.

A boca de Erlein estava aberta.

— E também sou um mago — completou Sandre, indiferente. — E assim você foi reconhecido: pela magia simples que usa para disfarçar sua mão.

Erlein fechou a boca. Encarava o Duque fixamente, como se esperasse penetrar em seu disfarce ou encontrar a confirmação naqueles olhos profundos. Então olhou para baixo, quase contra a sua vontade.

Sandre já esticava sua mão esquerda, mostrando seus dedos. Todos os cinco.

— Nunca realizei o sacrifício final — disse. — Tinha doze anos quando minha magia me

encontrou. E também era o filho e herdeiro de Tellani, Duque de Astibar. Fiz minha escolha: dei as costas à magia e abracei a lei dos homens. Usei meu pequeníssimo poder, talvez, cinco vezes em toda a minha vida. Ou seis — completou. — Uma, muito recentemente.

— Então *havia* uma conspiração contra o barbadiano — murmurou Erlein, deixando sua raiva temporariamente de lado. — E então... Sim, é claro. O que você fez? Matou seu filho na masmorra?

— Sim. — A voz era firme, sem revelar nada.

— Você poderia ter cortado dois dedos para trazê-lo de volta.

— Talvez.

Devin o olhou ao ouvir aquilo, assustado.

— Não sei. Fiz minha escolha há muito tempo, Erlein di Senzio. — E com aquelas palavras, tão calmas, outro vestígio de dor pareceu entrar na clareira, quase visível sob a luz das chamas.

Erlein forçou uma gargalhada ácida.

— E que bela escolha, essa! — zombou ele. — Agora o seu Ducado se foi e a sua família também, e você foi obrigado a servir como mago escravo de um tiganês arrogante.

— Pelo contrário — disse Alessan, rapidamente, junto ao rio.

— Estou aqui por minha livre escolha — disse Sandre, com tranquilidade. — Porque a causa de Tigana é a mesma de Astibar, de Senzio e de Chiara. É a mesma escolha para todos nós. Iremos morrer enquanto aceitamos ser vítimas ou enquanto tentamos ser livres? Devemos fugir, como você fez todos esses anos, escondendo-se dos feiticeiros? Ou poderíamos unir palma com palma, ao menos *uma vez* nessa península cheia de províncias presas ao próprio orgulho, e expulsar aqueles dois?

Devin estava profundamente comovido. As palavras do Duque ecoavam à luz das chamas como um desafio à noite. Mas quando terminou, o som que ouviu foi o das palmas irônicas de Erlein di Senzio.

— Fantástico — disse, desdenhoso. — Você realmente deveria se lembrar dessas palavras para o momento em que encontrar um exército de tolos para conduzir. Perdoe-me se ainda não fui tocado pelo seu discurso sobre liberdade. Antes do sol se pôr, eu era um homem livre numa estrada aberta. Agora, sou um escravo.

— Você não era livre — explodiu Devin.

— Eu digo que era! — devolveu Erlein, encarando-o com firmeza. — Talvez houvesse leis que me restringiam e um lugar governado por alguém que eu preferiria ser outro. Mas as estradas estão mais seguras agora do que jamais foram quando *este* homem governava Astibar ou quando o pai *daquele* homem conduzia Tigana. E eu levava minha vida onde eu quisesse. Vocês todos deverão perdoar minha insensibilidade, se eu digo que a magia de Brandin de Ygrath sobre o nome de Tigana não é a primeira nem a última coisa em que penso durante meus dias!

— Perdoaremos — disse Alessan, então, num tom incomumente frio. — Nós iremos perdoá-lo por isso. E não tentaremos persuadi-lo a mudar suas opiniões. Mas lhe digo o seguinte: a liberdade da qual você fala será novamente sua quando o nome de Tigana puder ser ouvido no mundo mais uma vez. É minha esperança, talvez vã, que você venha a trabalhar conosco por vontade própria, mas até então posso dizer que a coação do dom de Adaon será suficiente para mim. Meu pai e meus irmãos morreram no Deisa, e a flor de toda uma geração se foi com eles, lutando por liberdade. Eu não vivi tanto tempo com tamanha amargura nem lutei tanto para ouvir um covarde menosprezar o que restou de um povo e de sua herança.

— Covarde! — Erlein exclamou. — Maldito seja, seu arrogante metido a príncipe! O que você saberia sobre covardia?

— Apenas o que você nos contou — respondeu Alessan, agora furioso. — Estradas mais seguras, você disse. Um governo em que *talvez* você preferisse outro líder. — Ele deu um passo para a frente, em direção a Erlein, como se fosse acertá-lo, enquanto sua compostura finalmente cedia. — Você é a pior coisa que conheço: um súdito passivo de dois tiranos. Sua ideia de liberdade é exatamente o que lhes permitiu nos conquistar e se manterem aqui. Você acha que está *livre*? Você tem apenas a liberdade de se esconder... e de sujar as calças quando um feiticeiro ou um de seus rastreadores chega a dez quilômetros de distância dessa sua magiazinha na mão. Você é livre para caminhar ao lado de rodas de tortura com seus colegas magos apodrecendo nelas, e é livre para dar as costas e seguir pelo seu caminho. Não mais do que isso, Erlein di Senzio. Pela Tríade, é isso que você tem agora! Você está enfiado nisso tanto quanto qualquer outro homem da Palma! Ouça minha primeira ordem: você irá usar sua magia para esconder seus dedos, exatamente como antes.

— Não — disse Erlein, decidido.

Alessan não falou mais nada. Apenas esperou. Devin viu o Duque dar um passo em direção aos dois e então parar. Lembrou-se que Sandre não acreditara que aquilo fosse possível.

Agora, ele acreditava. Todos eles viram, sob a luz das estrelas e da fogueira preparada por Baerd.

Erlein lutou. Sem compreender quase nada, tenso por praticamente tudo o que acontecia, Devin notou gradualmente que um terrível embate ocorria dentro do mago. Podia ser lido em sua fronte tensa e nos dentes apertados, ouvido em sua respiração ofegante e rápida, visto nos olhos cerrados e em seus dedos, que repentinamente se apertavam ao lado de seu corpo.

— Não — Erlein ofegou uma vez, e então de novo e de novo, cada vez com mais força. — Não, não, não!

Caiu de joelhos, como uma árvore derrubada. Abaixou a cabeça devagar. Seus ombros se enrijeciam, como se resistisse a alguma força avassaladora, e começaram a tremer, com espasmos irregulares. O corpo inteiro tremia.

— Não — disse novamente, num sussurro agudo. Suas mãos estavam abertas, pressionadas contra o chão. Sob a luz da fogueira, seu rosto era o retrato de uma agonia gritante. Suor pingava em meio ao frescor da noite. Sua boca se escancarou de repente.

Com dó e medo, Devin afastou seu olhar logo antes de o mago soltar um grito que partiu a noite ao meio. No mesmo instante, Catriana correu dois passos e enfiou o rosto no ombro de Devin.

Aquele grito de dor, o urro de um animal atormentado, permaneceu no ar entre o fogo e as estrelas pelo que pareceu tempo demais. Depois, Devin notou um silêncio muito intenso, quebrado apenas pelo crepitar ocasional das chamas, o murmúrio do rio e a respiração ofegante de Erlein di Senzio.

Sem falar nada, Catriana apertou o braço de Devin e então soltou-o. Ele a olhou, mas ela não retribuiu o olhar. Devin se voltou para o mago.

Erlein ainda estava de joelhos diante de Alessan, sobre a grama nova daquele início de primavera, à beira do rio. Seu corpo ainda tremia, mas agora pelo pranto. Quando ergueu a cabeça, Devin pôde ver o rastro das lágrimas e do suor e a lama em suas mãos. Lentamente, Erlein ergueu sua mão esquerda e a encarou como se fosse algo estranho, que nem sequer pertencia a ele. Todos eles viram o que acontecia — ou a ilusão do que acontecia.

Cinco dedos. Ele invocara um feitiço.

Ouviram-se uma coruja, um piar curto e claro vindo do norte, ao longo do rio, próximo das árvores. Devin notou uma mudança no céu. Olhou para cima. A azul Ilarion, voltando ao seu ciclo crescente, erguia-se no leste.

A luz fantasma, pensou Devin, embora quisesse não tê-lo feito.

— Honra! — soltou Erlein di Senzio, quase inaudível.

Alessan não se movera desde seu último comando. Olhou para o mago que prendera e disse, baixo:

— Eu não gostei disso, mas suponho que devemos passar por essa parte. Uma vez será o suficiente, eu espero. Vamos comer?

Ele passou por Devin, Catriana e o Duque, dirigindo-se para onde Baerd esperava, junto ao fogo. A carne já estava cozinhando. Pego por um furacão de emoções, Devin notou o olhar de dúvida que Baerd lançava a Alessan. E se voltou a tempo de ver Sandre estender a mão para ajudar Erlein a se levantar.

Por um longo tempo, Erlein o ignorou. Então, com um suspiro, ele agarrou o braço do Duque e se colocou em pé.

Devin seguiu Catriana de volta para junto do fogo. E ouviu os dois magos vindo atrás deles.

O jantar transcorreu em silêncio quase absoluto. Erlein pegou seu prato e seu copo e foi se sentar, sozinho, na pedra junto ao rio, no limite do brilho das chamas. Vendo o contorno escuro de seu corpo, Sandre murmurou que um rapaz mais jovem iria provavelmente se recusar a comer.

— Aquele é um sobrevivente — completou o Duque. — Qualquer mago que tenha

sobrevivido por tanto tempo deve ser.

— Então ele ficará bem conosco? — perguntou Catriana suavemente.

— Penso que sim — respondeu o Duque, bebericando seu vinho. E, voltando-se para Alessan: — Mas ele vai tentar fugir esta noite.

— Eu sei — disse o Príncipe.

— Nós devemos pará-lo? — inquiriu Baerd.

— Não você. Eu irei. Ele não pode me deixar, a não ser que eu o autorize. Se eu chamar, ele deve retornar. Eu o tenho... acorrentado à minha mente. É uma sensação estranha.

Bem estranha, pensou Devin. Ele olhava do Príncipe para a figura escura à beira do rio. Não conseguia sequer imaginar como devia ser. Ou melhor, conseguia até imaginar, e a sensação o incomodava.

Notou que Catriana o olhava e se virou para ela. Dessa vez, ela não desviou o olhar. Sua expressão também estava estranha; Devin percebeu que ela provavelmente sentia a mesma inquietação e sensação de irrerealidade. E de repente se lembrou, nitidamente, de como fora sentir a cabeça ruiva em seu ombro, uma hora antes. Naquele instante, mal notara o fato, tão preso estava à imagem de Erlein. Devin tentou sorrir em resposta, mas achou que não conseguiu.

— Trovador, você nos prometeu um pouco de música! — Era Sandre quem o chamava, abruptamente. O mago nas sombras não respondeu. Devin se esquecera daquilo. Não sentia vontade de cantar, e tampouco achava que Catriana sentia.

O que aconteceu a seguir foi que Alessan tomou sua flauta de Tregea, sem expressão alguma no rosto, e começou a tocar sozinho, ao lado da fogueira.

Tocava belamente, embora com poucas notas. A melodia era tão doce que Devin até conseguia imaginar, no humor em que estava, as estrelas de Eanna e a lua crescente e azul parando seus movimentos, apenas para não se afastarem da graciosidade daquela canção.

Então, pouco depois, Devin percebeu o que Alessan fazia e sentiu, subitamente, como se estivesse prestes a chorar. Manteve-se firme, tentando se controlar, e olhou para o Príncipe através do vermelho e laranja das chamas.

Os olhos de Alessan estavam fechados enquanto tocava, seu rosto imóvel e vazio, os ossos nas bochechas marcados nitidamente. E nos sons que produzia, parecia colocar, como uma oferenda em um templo, tanto o anseio que o conduzia quanto a decência e o cuidado que, Devin sabia, residiam no fundo de sua alma. Mas não era esse o ponto, não era isso que fazia Devin chorar.

Cada canção que Alessan tocava, cada nota, dolorosamente alta e doce, clara a ponto de partir o coração, uma após a outra, era uma canção de Senzio.

Uma canção para Erlein di Senzio, encapuzado ali, na amargura e nas sombras, sozinho à beira do rio.

Não irei dizer que estou arrependido, dissera Alessan ao mago, enquanto o sol ainda se punha. *Mas posso dizer que lamento.*

E naquela noite, ouvindo a música que o Príncipe de Tigana produzia em sua flauta, Devin aprendia a diferença entre os dois. Ele observava Alessan, e então observava a forma como os outros olhavam para o Príncipe, e foi enquanto encarava Baerd que a necessidade de chorar tornou-se mais forte. Suas próprias mágoas se ergueram diante do apelo da flauta. Pena por Alessan e pelo dominado Erlein. Por Baerd e suas assombradas caminhadas noturnas. Por Sandre, seus dez dedos e seu filho morto. Por Catriana e por si mesmo, por toda a sua geração, totalmente privados do que eram em um mundo onde não tinham um lar. Por todas as várias perdas e por tudo aquilo que homens e mulheres tinham que fazer em busca de uma compensação.

Catriana foi até a bagagem do grupo, abriu outra garrafa de vinho e encheu mais um copo. O terceiro copo. E, como sempre, era azul. Encheu o copo de Devin, em silêncio. Mal falara a noite toda, mas ele se sentia mais próximo dela do que em muito tempo. Bebeu devagar, observando a fumaça fria erguer-se da taça e se dispersar na noite gelada. As estrelas eram como pontos gélidos de fogo e a lua era tão azul quanto o vinho — e tão distante quanto a liberdade, ou um lar.

Devin terminou de beber e baixou a taça. Esticou-se para alcançar um cobertor e se deitou, enrolando-o ao seu redor. Viu-se pensando em seu pai e nos gêmeos pela primeira vez em muito tempo.

Um instante depois, Catriana foi se deitar, não muito distante. Normalmente, ela estendia seu saco de dormir e cobertor no lado oposto ao que ele estava, próxima do Duque. Devin era sábio o suficiente para saber que havia certa dose de aproximação no que ela fazia, e que aquela noite poderia até mesmo marcar uma chance de começar a curar o que ainda havia de problemático entre eles. Mas estava muito emocionado para saber o que fazer ou dizer em meio a todas aquelas mágoas complicadas.

Ele disse um “boa-noite” delicado a ela, mas não obteve resposta. Não tinha certeza se ela o ouvira, mas não repetiu. Fechou os olhos. Um momento depois, abriu-os novamente, para olhar para Sandre, do outro lado da fogueira. O Duque olhava fixamente para as chamas. Devin imaginava o que ele estaria vendo ali. Imaginava, mas não queria realmente saber. Erlein era uma sombra, um local mais escuro do mundo em meio às trevas, na beira do rio. Devin se ergueu sobre um cotovelo para encarar Baerd, mas Baerd partira para caminhar sozinho na noite.

Alessan não se movia nem abria os olhos. Ainda tocava, solitário, isolado e lamentoso, quando Devin adormeceu.

Ele acordou com a mão firme de Baerd em seu ombro. Ainda estava escuro e muito frio. O fogo havia se apagado, tornando-se apenas brasas e cinzas. Catriana e o Duque ainda dormiam, mas Alessan estava atrás de Baerd. Ele estava pálido, mas firme. Devin imaginou se ele havia chegado a ir dormir.

— Preciso de sua ajuda — murmurou Baerd. — Venha.

Tremendo de frio, Devin saiu de seus cobertores e começou a calçar suas botas. A lua

descera. Olhou para o leste, mas não havia sinal de amanhecer em lugar algum do horizonte. Estava muito quieto. Ainda com sono, se enfiou no casaco de lã que Alais lhe enviara por meio de Taccio, em Ferraut. Não tinha ideia de quanto tempo dormira ou de que horas eram.

Terminou de se vestir e foi se aliviar nas árvores próximas ao rio. Sua respiração criava nuvens no ar congelante. A primavera estava a caminho, mas com certeza não se encontrava perto o suficiente, certamente não no meio da noite. O céu estava claro, brilhante e cheio de estrelas. O dia seguinte seria lindo, quando chegasse o sol. Mas naquele momento tremia, enquanto amarrava os cordões de suas calças.

Então, percebeu que não vira Erlein em lugar algum.

— O que aconteceu? — sussurrou ele para Alessan, enquanto voltavam ao acampamento.
— Você disse que podia chamá-lo de volta.

— E foi o que eu fiz — disse o Príncipe. Aproximando-se dele, Devin pôde ver o quão cansado ele parecia. — Ele lutou contra isso tão intensamente que desmaiou, agora mesmo. Em algum lugar.

Ele fez um gesto, em direção ao sul e ao oeste.

— Venha — disse Baerd. — Traga sua espada.

Tiveram que cruzar o rio. A água gelada afastou qualquer vestígio de sono de Devin, que se engasgou ao sentir o choque em seu corpo.

— Sinto muito — falou Baerd. — Eu faria isso sozinho, mas não sei o quão longe ele foi ou o que mais há nessa área. Alessan o quer de volta no acampamento antes de ele acordar. Fazia sentido enviar dois homens.

— Não, não, tudo bem — afirmou Devin. Seus dentes batiam.

— Imagino que eu poderia ter acordado o velho Duque. Ou Catriana poderia ter me ajudado.

— O que? Não, Baerd, de verdade. Estou bem. Estou...

Ele parou, pois Baerd ria dele.

Um pouco tarde, Devin notou a piada. Sentiu-se aquecido, de uma maneira curiosa. Aquela era, na verdade, a primeira noite em que estava a sós com Baerd. Ele escolheu ver isso como um novo nível de confiança, uma espécie de saudação. Pouco a pouco, sentia-se mais como uma parte do que Alessan e Baerd tentavam conquistar por tantos anos. Endireitou seus ombros e, andando o mais reto que conseguia, seguiu Baerd para o oeste, em meio à escuridão.

Encontraram Erlein di Senzio à beira de uma aglomeração de oliveiras, sobre um declive, a cerca de uma hora do acampamento. Devin engoliu em seco ao ver o que acontecera. Baerd assoviou suavemente entre os dentes; não era uma cena bonita.

Erlein estava inconsciente. Ele se amarrara a um dos troncos de árvore e parecia ter dado nós na corda pelo menos uma dúzia de vezes. Abaixando-se, Baerd pegou o cantil do mago. Estava vazio: Erlein molhara os nós para deixá-los mais firmes. Sua bagagem e sua faca

repousavam ao seu lado, propositalmente distantes.

A corda estava gasta e contorcida. Parecia que vários nós haviam sido desfeitos, mas cinco ou seis ainda permaneciam.

— Olhe para os dedos dele — disse Baerd, com tristeza em sua voz. Ele sacou sua adaga e começou a cortar as amarras.

As mãos de Erlein estavam rasgadas, até ficarem sem pele. Sangue seco as cobria. Era brutalmente claro o que acontecera. Ele tentara tornar impossível, para si mesmo, obedecer ao chamado de Alessan. O que ele esperava conseguir, Devin pensou: que o Príncipe imaginaria que ele, de algum modo, fugira, e se esquecesse dele?

Na verdade, Devin duvidava que as ações de Erlein carregassem tamanha racionalização. Era simplesmente uma provocação, e deveria reconhecer, sem má vontade, a ferocidade daquelas ações. Ele ajudou Baerd a cortar o último nó. Erlein respirava, mas não demonstrava sinais de consciência. Devin percebeu que sua dor devia ter sido devastadora, relembrando o mago, gritando de agonia, ajoelhado à beira do rio. Imaginava que gritos a noite não ouvira, ali, naquele lugar solitário e selvagem.

Sentiu uma estranha mistura de respeito, pena e raiva, enquanto encarava o trovador grisalho. Por que ele estava tornando tudo tão difícil para eles? Por que obrigar Alessan a carregar ainda mais dor sobre os ombros?

Infelizmente, sabia algumas das respostas, e elas não eram reconfortantes.

— Ele irá tentar se matar? — perguntou ele para Baerd, de repente.

— Acho que não. Como Sandre disse, ele é um sobrevivente. Não acho que ele vá fazer isso aqui de novo. Ele tinha que correr uma vez, para testar os limites do que lhe aconteceria. Eu teria feito o mesmo. — Baerd hesitou. — Mas eu não esperava pela corda.

Devin pegou as coisas de Erlein, além do arco de Baerd, sua aljava e a espada. Baerd lançou o mago inconsciente sobre os ombros com um grunhido e começaram a caminhar para o leste. A volta foi mais lenta. No horizonte à frente deles, quando chegaram ao rio, o primeiro traço de amanhecer despontava, encobrendo o brilho das últimas estrelas.

Os outros estavam acordados e esperando por eles. Baerd deitou Erlein próximo à fogueira que Sandre novamente acendera. Devin deixou caírem os equipamentos e as armas e voltou ao rio levando uma vasilha, para pegar água. Quando retornou, Catriana e o Duque começaram a limpar e enfaixar as mãos feridas de Erlein. Abriam sua camisa e dobraram as mangas, revelando fortes vergões nos locais em que lutara contra as cordas por liberdade.

Ou será o contrário?, pensou Devin, com amargura. Não eram as *amarras* da corda sua verdadeira tentativa de ser livre? Ele olhou além e viu Alessan encarando Erlein. Não conseguia ler absolutamente nada da expressão do Príncipe. O sol se ergueu e, pouco depois, Erlein acordou.

Todos conseguiram ver que ele tentava entender onde estava.

— Khav? — perguntou-lhe Sandre, casualmente. Os cinco se sentaram ao redor do fogo, comendo seu desjejum, bebendo de canecas fumegantes. A luz do leste estava pálida e

delicada como uma promessa. Brilhava e reluzia na água do rio, deixando as folhas das árvores verdes e douradas. O ar estava cheio das canções dos pássaros e os ruídos de trutas saltando no rio.

Erlein se sentou devagar e olhou-os. Devin viu que ele notava as bandagens em suas mãos. O mago lançou olhares para os cavalos amarrados e as duas carruagens, já prontas para pegar a estrada.

Seu olhar voltou, repousando sobre o rosto de Alessan. Os dois homens, tão inesperadamente unidos, olhavam-se sem falar nada. Então Alessan sorriu. Um sorriso que Devin conhecia. Ele abria seu rosto de forma calorosa, acendendo um brilho em seus olhos.

— Se eu soubesse que você odiava tanto as flautas de Tregea — disse Alessan — eu não as teria tocado.

Um momento depois, Erlein di Senzio começou a rir horivelmente. Não havia alegria naquele som, nada contagiante, nada a ser compartilhado. Seus olhos estavam fechados com força e lágrimas escorriam deles, molhando o rosto.

Ninguém mais falou ou se mexeu durante um bom tempo. Quando Erlein enfim se recompôs, limpou seu rosto com as mangas, tomando cuidado com as bandagens em suas mãos, e olhou para Alessan. Ele abriu a boca, como se fosse começar a falar, então a fechou novamente.

— Eu sei — disse-lhe Alessan, baixo. — Eu sei.

— Khav? — repetiu Sandre, após um instante.

Dessa vez, Erlein aceitou a caneca, segurando-a de modo desajeitado com as duas mãos enfaixadas. Pouco depois, levantaram acampamento e voltaram a seguir rumo ao sul.

CAPÍTULO X

Cinco dias depois, na véspera dos Dias das Bragas primaveris, eles chegaram ao Castelo de Barso.

Durante toda aquela última tarde em que se deslocavam para o sul, Devin observara as montanhas. Nenhuma criança criada nas planícies úmidas de Asoli conseguiria evitar embasbacar-se diante das alturas ao sul: as Montanhas Braccio, ali em Certando, as Parravi a leste, na direção de Tregea, e, embora nunca as tivesse visto, havia as Sfaroni, cobertas de neve, as mais altas de todas, a oeste, depois do local em que Tigana outrora estivera.

A hora já ia adiantada. Bem ao norte, a uma grande distância dali, naquela mesma tarde, Isolla de Ygrath jazia morta e desmembrada sob um lençol ensanguentado na câmara de audiências do palácio em Chiara.

O pôr do sol atrás das montanhas tingia os picos de vermelho, vinho e um tom de púrpura escuro. Nos picos mais altos, a neve brilhava e reluzia à última luz do dia. Devin conseguia discernir a linha da Passagem de Braccio: uma das três lendárias passagens que ligara — apenas durante algumas estações e nunca facilmente — a Península da Palma com Quileia, ao sul.

Nos tempos antigos, antes do matriarcado criar fortes raízes em Quileia, havia comércio entre as montanhas, e o fervor religioso dos Dias das Bragas primaveris também sinalizava a agitação na vida comercial, com a promessa das passagens abrirem-se outra vez. As cidades e os castelos-fortalezas, ali nos planaltos do sul, eram vibrantes na época, e essenciais. E também bem defendidos, já que se uma caravana de comércio conseguia passar, o mesmo valia para um exército. Nenhum rei de Quileia, entretanto, jamais teve segurança o suficiente em seu trono para conduzir um exército para o norte, não com as Altas Sacerdotisas permanecendo em casa para vê-lo fracassar ou morrer. Ali em Certando, os exércitos particulares faziam sangrar uns aos outros com suas espadas e flechas, em brigas selvagens que perduravam por gerações, tornando-se assunto de lendas.

E então, o matriarcado de Quileia chegara enfim ao poder, no tempo de Achis e Pasitheia, muitos séculos antes. Essa terra, sob o comando das sacerdotisas, fechara-se sobre si como uma flor no crepúsculo e as caravanas cessaram.

As cidades do sul se reduziram a vilas ou, as que foram flexíveis e promissoras o suficiente, mudaram sua personalidade e viraram seus rostos para o norte e para outras coisas, como Avalor das Torres fizera em Tigana. Ali, nos planaltos de Certando, os poderosos lordes, que outrora acomodavam uma corte resplandecente dentro de seus imensos castelos de guerra, se transformaram em anacronismos vivos. Suas pelejas e combates entre si — outrora inerentes à corrente de acontecimentos que se desenrolavam na Palma — tornaram-se cada vez mais banais, embora não menos amargos ou perversos.

Para Devin, enquanto viajava com Menico di Ferraut, por vezes parecera que metade das

baladas que entoava era sobre o filho de algum lorde, perseguido por inimigos entre aqueles penhascos; ou sobre malfadados amantes sulistas, separados pelo ódio entre suas famílias ou pelos feitos sangrentos de seus pais, selvagens como falcões em seus austeros castelos altos no sopé das Montanhas Braccio.

E todas aquelas canções, fossem agressivas, falando de batalhas, sangue e vilas em chamas, fossem lamentos pelos amantes separados afogando-se em lagos silenciosos, ocultos nas montanhas enevoadas — parecia a Devin que metade delas falava sobre o clã dos Barso, tendo como cenário o esplendor gigantesco e amargo do Castelo de Barso, sólido sob a Passagem de Braccio.

Não existiam muitas canções novas durante um bom tempo, não desde que as caravanas de Quileia haviam cessado. Mas as duas décadas anteriores foram recheadas de novas histórias e rumores. Vários. Ao seu próprio modo e ao longo de sua vida, Alienor do Castelo de Barso já havia se tornado uma lenda entre os homens e as mulheres da estrada.

E se aquelas novas histórias eram sobre amor, assim como muitas das antigas canções, tinham pouco a ver com jovens angustiados lamentando sua sina nos penhascos varridos pelo vento, e muito mais a dizer a respeito de certas mudanças ocorridas dentro do Castelo Barso. A respeito de grandes tapetes de lã e tapeçarias, sobre seda importada, rendas e veludos, e obras artísticas profundamente desconcertantes em salas que já haviam visto homens duros planejar invasões à meia-noite sobre mesas, enquanto cães de caça indisciplinados lutavam por ossos jogados entre os restos no chão.

Viajando ao lado de Erlein na segunda carruagem, Devin afastou seu olhar do último raio de sol sobre os picos e olhou para o castelo do qual se aproximavam. Enfiado entre duas colinas, com um fosso ao seu redor e uma pequena vila logo atrás, Barso já estava recoberto pelas sombras. Mesmo enquanto observava, Devin via luzes sendo acesas nas janelas. As últimas luzes até o final dos Dias das Bragas.

— Alienor é uma amiga. — Foi tudo o que Alessan disse. — Uma velha amiga.

Isso era bastante evidente pela forma como ela o cumprimentou quando seu mordomo — um homem alto e curvado, com uma magnífica barba branca — anunciou-os solenemente diante do iluminado e aconchegante grande salão.

A cor no rosto de Alessan estava particularmente chamativa quando a senhora do castelo soltou os longos dedos de seu cabelo e afastou os lábios dos dele. Ela não apressara o cumprimento. E, o que era mais interessante, nem ele. Alienor deu um passo para trás, sorrindo levemente, para inspecionar seus companheiros.

Ela lançou a Erlein um aceno de reconhecimento.

— Bem-vindo de volta, trovador. Dois anos, não é?

— Quase isso, minha senhora. Estou honrado por se lembrar.

A reverência de Erlein remeteu a outro homem, ao homem que ele era antes de Alessan prendê-lo.

— Lembro que você estava sozinho naquela época. Fico feliz em vê-lo agora em tão

esplêndida companhia.

Erlein abriu a boca e então a fechou, sem responder. Alienor olhou para Alessan, um questionamento fugaz em seus olhos tão negros.

Sem receber resposta, voltou-se para o Duque, e a curiosidade em seu rosto aguçou-se. Pensativa, repousou um dedo sobre a própria bochecha, inclinando a cabeça um pouco. Sandre, disfarçado, permaneceu impassível durante a análise.

— Muito bem feito — disse Alienor de Barso, em voz baixa, para que os serviçais e o mordomo à porta não ouvissem. — Imagino que Baerd tenha feito toda a Península da Palma acreditar que você é um khardhuneano. Eu me pergunto quem você é na verdade, debaixo disso tudo.

Seu sorriso era arrebatador.

Devin não sabia se devia ficar impressionado ou irrequieto. Um instante depois, aquele dilema em particular já não tinha mais importância.

— Você não sabe? — disse Erlein di Senzio, alto. — Mas que terrível descuido. Deixe-me apresentá-lo. Minha senhora, este é...

Ele não foi além disso.

Devin foi o primeiro a reagir, o que o surpreendeu, mais tarde, quando pensava no ocorrido. Mas sempre fora rápido e, além disso, era o mais próximo ao mago. O que ele fez — a única coisa em que conseguiu pensar — foi esticar seu corpo e enfiar o punho no estômago de Erlein, o mais forte que conseguiu.

Naquele momento, estava apenas uma fração de segundo à frente de Catriana, do outro lado de Erlein. Ela espalmara a mão para tampar a boca do mago. A força do golpe de Devin dobrou Erlein, que emitiu um grunhido de dor, o que, por sua vez, teve o indesejado efeito de empurrar Catriana, fazendo-a perder o equilíbrio e tropeçar. Diretamente nos braços delicados de Alienor.

Tudo isso levou cerca de três segundos.

Erlein caiu de joelhos sobre o tapete grosso. Devin se ajoelhou ao seu lado e ouviu quando Alienor dispensou os serviçais da sala.

— Você é um tolo! — disparou Baerd contra o mago.

— Ele certamente é — concordou Alienor, num tom completamente distinto, repleto de uma petulância exagerada e de floreios. — Por que *alguém* imaginaria que eu gostaria de saber a identidade verdadeira de um guerreiro khardhuneano disfarçado?

Ela ainda segurava Catriana pela cintura, desnecessariamente. Em seguida, deixou-a ir, sorrindo satisfeita ao ver que a garota apressara-se em recuar.

— Você é uma criatura impetuosa, não é? — murmurou ela, com tom aveludado.

— Nem sempre — disse Catriana, com dureza, enquanto parava a alguns passos de distância.

A boca de Alienor se arqueou. Ela olhou Catriana de alto a baixo, com olhos experientes.

— Invejo-a terrivelmente — disse ela, pausadamente. — E ainda sentiria inveja se seu

cabelo fosse raspado e seus olhos, arrancados. Que homens magníficos viajam com você!

— Verdade? — A voz de Catriana soou indiferente, mas ela corou de súbito.

— *Verdade?* — repetiu Alienor, agudamente. — Quer dizer que você não havia percebido isso sozinha? Minha criança, *como* você tem gasto suas noites? Claro que são magníficos! Não desperdice sua juventude, minha querida.

Catriana olhou-a com desdém.

— Não acho que a esteja desperdiçando — disse ela. — Mas duvido que tenhamos a mesma opinião sobre tais assuntos.

Devin estremeceu, mas a resposta de Alienor foi suave.

— Talvez não — concordou calmamente. — Mas acho que temos mais semelhanças do que você pode imaginar. — Ela fez uma pausa. — E talvez você descubra, enquanto envelhece, que um temperamento frio é mais apropriado para despedidas e enterros, e não para apresentações. De qualquer tipo. Por outro lado, posso lhe assegurar — completou ela, com um sorriso de pura gentileza — que você terá mantas suficientes para aquecê-la nesta noite.

Erlein gemeu, afastando a atenção de Devin para longe das duas mulheres. Ele ainda ouviu Catriana dizer “agradeço a preocupação”, mas não viu sua expressão ao dizer aquilo. Pelo tom, conseguia arriscar um palpite sobre qual seria.

Ele apoiava a cabeça de Erlein enquanto o mago lutava para recuperar o fôlego. Alienor simplesmente os ignorava e cumprimentava Baerd com uma cortesia amigável — um tom devidamente correspondido pelas próprias maneiras de Baerd diante dela.

— Desculpe — sussurrou Devin para Erlein. — Não consegui pensar em mais nada.

Erlein estendeu uma mão trêmula e ainda ferida. Ele insistira em remover as bandagens antes de entrarem no castelo.

— Sou *eu* quem pede desculpas — soltou ele, surpreendendo Devin consideravelmente. — Eu me esqueci dos serviços. — Erlein limpava os lábios com as costas de uma das mãos. — Não conseguirei nada se fizer com que todos nós sejamos mortos. Não é esta a minha ideia de liberdade. E essa postura não é exatamente a minha noção de dignidade para alguém que já chegou à meia-idade. Como foi você quem me derrubou, poderia gentilmente me ajudar a levantar.

Pela primeira vez, Devin ouviu uma nota de gracejo na voz do trovador. *Um sobrevivente*, dissera Sandre.

Com o máximo de cuidado que conseguiu, ajudou o outro a ficar em pé.

— E o rapaz extremamente violento é Devin d’Asoli — disse Alessan, secamente. — Ele também canta. Se você se comportar, ele talvez cante para você.

Devin parou de prestar atenção em Erlein, mas, talvez por estar distraído pelo que ocorrera, estava despreparado para o olhar que recebeu.

É impossível, pensou, *que essa mulher tenha 40 anos*. Ele instintivamente fizera a reverência cortês que Menico lhe ensinara, de modo a esconder sua confusão. Ela *tinha* quase 40 anos, e ele sabia disso: Alienor enviuvara dois anos após se casar, quando Cornaro de Barso

morreu durante a invasão barbadiana em Certando. As histórias e descrições acerca da linda viúva no castelo do sul começaram logo em seguida.

Elas não chegavam sequer perto de captar o que ela era — o que viu diante de si, num vestido longo de coloração azul tão profunda que quase se tornava negro. Seu cabelo era preto, preso sobre a cabeça por um diadema de ouro branco incrustado com pedras preciosas. Algumas mechas de cabelo estavam artisticamente soltas, enquadrando seu rosto perfeitamente oval. Seus olhos eram quase violetas sob os longos cílios, e seus lábios carnudos e vermelhos sorriam de modo velado enquanto olhava para Devin.

Ele se forçou a encarar aquele olhar. Ao fazê-lo, sentiu que todas as comportas de suas veias se abriam e seu sangue corria como um rio, acelerando cada vez mais de maneira selvagem enquanto descia um percurso muito íngreme. O sorriso da viúva aumentou, aprofundando-se, como se ela conseguisse ver o que acontecia dentro do rapaz, cujos olhos negros cresceram por um instante.

— Eu imagino, então — disse Alienor di Certando, antes de se voltar para Alessan — que eu deva tentar me comportar, se isso inclui fazê-lo cantar para mim.

Devin notou, e não pôde evitar, que seus seios eram fartos e firmes. O vestido possuía um decote generoso e um pingente de diamante pendia sobre sua pele, atraindo o olhar como uma chama branco-azulada.

Ele balançou a cabeça, lutando para se concentrar em outra coisa, chocado pela própria reação. Disse a si mesmo, severamente, que aquilo era ridículo. Estava impressionado pelas histórias, perdera o controle sobre sua imaginação diante das mobílias opulentas e atrativas daquele cômodo. Olhou para cima, buscando uma distração, e então desejou não tê-lo feito.

No teto, alguém familiar com o ato do amor pintara a cópula primordial entre Adaon e Eanna. O rosto da deusa era claramente o de Alienor e a pintura mostrava — bem claramente — que estava em pleno momento de arrebatamento, quando as estrelas nasceram de seu êxtase.

De fato, estrelas brilhavam ao longo de todo o fundo daquela pintura no teto. Era, no entanto, difícil olhar para o fundo da pintura. Devin forçou-se a olhar para baixo. O que o ajudou a se recompor foi encontrar o olhar de Catriana: um misto de ironia ácida e algo mais que não conseguiu reconhecer. Com todo seu esplendor e a beleza selvagem de seu cabelo ruivo, Catriana parecia extremamente jovem. Quase uma criança, pensou Devin sabiamente, que ainda não alcançou plenamente sua feminilidade ou não se deu conta dela.

A Senhora do Castelo de Barso era completa em tudo, da sandália em seus pés ao diadema em seu cabelo exuberante. Suas unhas, Devin percebeu um pouco tarde, estavam pintadas com a mesma tonalidade de azul de seu vestido.

Engoliu em seco e afastou o olhar novamente.

— Eu esperava que você chegasse ontem — dizia Alienor para Alessan. — Esperei por você e me arrumei até ficar linda para você, mas você não veio.

— Tanto melhor, então — murmurou Alessan, sorrindo. — Estivesse você ainda mais linda

do que agora, eu talvez nunca encontrasse a força para partir.

A boca dela se recurvou maliciosamente. Ela se virou para os outros.

— Vocês veem como esse homem me atormenta? Não faz nem quinze minutos que está em minha casa e já fala em partir. Será que faço bem em ter um amigo assim?

A pergunta era endereçada, no caso, diretamente a Devin. Sua garganta estava seca; o olhar dela distorcia as mensagens em seu percurso do cérebro até a língua. Ele esboçou um sorriso, embora suspeitasse que a expressão deva ter ficado em algum lugar entre a confusão e a estupidez.

Vinho, pensou Devin, desesperado. Ele precisava desesperadamente de uma boa taça.

Como se invocados por uma arte mais sutil e mais sincrônica do que a feitiçaria, três servos trajando azul reapareceram, cada um trazendo sete taças em uma bandeja. Duas das bandejas, conforme Devin notou, traziam um vinho tinto que provavelmente era de Certando.

O vinho no terceiro conjunto de taças era azul.

Devin se voltou para Alessan. O Príncipe olhava para Alienor com uma expressão que remetia a algo particular e compartilhado num passado distante. Por um momento, a expressão e o comportamento dela mudaram: como se ela tivesse deixado de lado, por um segundo, o movimento automático de construir suas teias de sedução. E Devin, um homem muito mais perceptivo do que fora seis meses antes, pensou ter visto um traço de tristeza em seus olhos.

Então a viúva falou e ele teve a certeza de tê-lo visto. De algum modo, aquilo o acalmou, lançando uma luz diferente, mais suave, no ambiente.

— Não é algo de que me esqueceria — disse ela suavemente para Alessan, com um gesto em direção ao vinho azul.

— Nem eu — respondeu ele. — Afinal, tudo começou aqui.

Ela permaneceu ainda um instante em silêncio, com os olhos baixos. Então o instante passou. Os olhos de Alienor brilhavam novamente, enquanto se erguiam.

— Tenho mais cartas para você, como de costume. Mas uma delas é bem recente — disse ela. — Foi trazida dois dias atrás por um sacerdote de Eanna muito jovem, que parecia apavorado por estar em minha presença enquanto esteve aqui. Não aceitou nem mesmo passar a noite, mesmo tendo chegado durante o pôr do sol. Juro que partiu tão depressa que pareceu temer que eu arrancasse sua túnica se ficasse para o jantar.

— E você arrancaria? — perguntou Alessan.

Ela fechou a cara.

— Pouco provável. Os de Eanna dificilmente valem o risco. Embora ele *fosse* bonito. Quase tão bonito quanto Baerd, parando para pensar.

Baerd, sem se perturbar, se limitou a sorrir. Os olhos de Alienor repousaram, sedutores, sobre ele. *Com ele também*, Devin percebeu. Era uma mudança que remetia a lembranças e coisas compartilhadas muito tempo antes. De repente, sentia-se jovem e fora de seu lugar.

— De onde vem a nova mensagem? — questionou Alessan.

Alienor hesitou.

— Do oeste. — Foi tudo o que ela disse. Olhou para todos os outros com uma interrogação velada em seus olhos.

Alessan notou.

— Você pode falar livremente. Confio em cada homem e mulher aqui. — Ele tomara o cuidado de nem sequer olhar para Erlein. Devin olhara, mas, se esperava alguma reação do mago, desapontara-se.

Com um gesto, Alienor dispensou seus serviçais. O velho mordomo já se retirara para vistoriar a preparação dos quartos. Quando estavam a sós, Alienor avançou até uma escrivaninha, situada junto a uma das quatro lareiras, e retirou um envelope selado de uma gaveta. Voltou e entregou-o a Alessan.

— É do próprio Danoleon — disse ela. — De sua província, cujo nome ainda não consigo ouvir ou dizer.

E aquilo era algo que Devin não esperava.

— Com licença — murmurou Alessan. E correu em direção à lareira mais próxima, abrindo a carta no percurso. Alienor ocupou-se em encher as taças de vinho tinto. Devin tomou um longo gole. Então notou que Baerd não tocara em seu vinho e que seu olhar estava fixo sobre Alessan, do outro lado da sala. Devin seguiu o olhar. O Príncipe terminou sua leitura. Permanecia imóvel, diante do fogo.

— Alessan? — soltou Baerd.

Alienor se virou, rapidamente. Alessan não se movia; nem sequer parecia ter ouvido.

— Alessan? — chamou Baerd, novamente, com mais urgência. — O que é?

Lentamente, o Príncipe de Tigana deu as costas às labaredas e os encarou. Não olhou para *eles*, Devin corrigiu-se. Olhava para Baerd. Algo ermo e frio tomava seu rosto. *Frio é mais apropriado para despedidas*, pensou Devin, involuntariamente.

— Infelizmente, é de Danoleon. Do Santuário. — A voz de Alessan estava fraca. — Minha mãe está morrendo. Devo partir para casa amanhã.

O rosto de Baerd estava tão branco quanto o de Alessan.

— E a reunião? — perguntou ele. — A reunião de amanhã?

— Isso primeiro — respondeu Alessan. — Depois da reunião, não importa o que aconteça, devo partir.

Dado o choque daquela notícia, assim como o impacto causado pelas palavras de Alessan sobre todos eles, as batidas na porta dos aposentos de Devin, tarde da noite, foram realmente uma surpresa.

Ele não dormira.

— Um minuto — disse baixinho, enquanto colocava a calça. Enfiou uma camisa e calçou as meias enquanto cruzava o quarto, arrepiando-se ao pisar no chão de pedras quando terminava o tapete. Com o cabelo bagunçado e sentindo-se confuso, abriu a porta.

No corredor, segurando uma única vela, que lançava curiosas sombras trêmulas nas paredes, estava Alienor em pessoa.

— Venha. — Foi tudo o que disse. Ela não sorria e Devin não pôde ver seus olhos por trás da chama. Seu vestido era de cor creme, revestido com peles. Era fechado até o pescoço, mas Devin conseguia divisar o volume de seus seios por baixo dele. Seu cabelo estava solto, cobrindo-lhe os ombros e as costas como uma cascata negra.

Devin hesitou, com a boca seca, a mente dispersa e lenta. Ergueu a mão, tentando arrumar o cabelo despenteado.

Ela balançou a cabeça.

— Deixe assim — disse. Com a mão livre, passou as unhas longas e negras por seus cachos castanhos. — Deixe assim — disse novamente e se virou.

Ele a seguiu. Ela, a única vela e o caos desenfreado de seu sangue, corredor abaixo, depois outro, mais curto, atravessando um conjunto de cômodos vazios, chegando a uma sequência de escadas em espiral. No topo delas, uma fraca luz alaranjada saía por entre duas portas abertas. Devin atravessou aquelas portas, seguindo a Senhora do Castelo de Barso. Ele ainda teve tempo de notar a luz das chamas, a complexidade e a riqueza das tapeçarias penduradas às paredes, os diversos e extravagantes tapetes sobre o chão, e a enorme cama com dossel, repleta de almofadas de todas as cores e tamanhos. Um esguio cão de caça, cinzento e gracioso ao lado da lareira, olhou-o, mas não se ergueu.

Alienor baixou sua vela. Fechou as duas portas e se virou para ele, recostando-se sobre a madeira polida. Seus olhos estavam enormes, assustadoramente negros. Devin sentiu o coração bater como um martelo. Seu sangue parecia gritar dentro das veias.

— Estou queimando — disse Alienor.

Havia uma parte de Devin, onde vivia o equilíbrio e se formava a ironia, que sentiu vontade de protestar, mesmo que por gracejo. Mas enquanto olhava, viu a rapidez da respiração dela e quão superficial era, viu o quanto estava corada... Uma de suas mãos, como se tivesse vida própria, ergueu-se e tocou o rosto dela.

Ela estava queimando.

Com um som vindo do fundo de sua garganta, Alienor fechou a mão de Devin na sua e afundou os dentes na carne de sua palma.

E, com aquela dor, o desejo se acendeu em Devin como nunca antes em sua vida. Ouviu um som distorcido e esquisito, e notou que vinha dele mesmo. Deu um passo para a frente e a tomou em seus braços. Os dedos dela agarraram firme seus cabelos, e as duas bocas se encontraram com avidez, uma fome que alimentou as chamas de seu próprio desejo, até o ponto em que a consciência foge, rumando para longe.

Tudo sumira, ou sumia. Tigana. Alessan, Alais, Catriana. Suas lembranças. A própria memória, que era seu porto seguro e seu orgulho. Mesmo a lembrança dos corredores que haviam levado até aquele quarto, as estradas e anos e quartos, todos os outros quartos que conduziram até aquele. E ela.

Devin rasgou as presilhas do vestido e enfiou o rosto entre seus seios, que agora estavam soltos. Ela arquejou, e suas mãos, como garras, arrancaram-lhe a camisa. Ele sentiu as unhas dela cortarem a pele de suas costas. Virou a cabeça, mordeu-a e sentiu o gosto de sangue. Ele a ouviu rir.

Nunca, em toda sua vida, fizera algo assim.

De algum modo, pareciam ter chegado à cama, em meio às almofadas coloridas. E Alienor estava nua sobre ele, empalada por seu sexo, sua boca descendo até a dele, enquanto ambos encenavam um ato que lutava para rejeitar todo o resto do mundo. Tanto quanto ele poderia ser esquecido.

Por um instante, Devin pensou compreender. Por um instante irracional de iluminação, achou que entendia por que Alienor fazia aquilo. A natureza de sua necessidade, que não era o que parecia ser. Se ele tivesse mais um instante, um lugar calmo no firmamento, ele poderia até mesmo elaborar um nome, apontar algo em meio à confusa compreensão. Ele alcançou...

Alienor gritou ao alcançar o clímax. Suas mãos deslizaram, descendo pela pele de Devin. O desejo obliterou o pensamento, qualquer tentativa de pensamento. Com um giro do corpo, literalmente a jogou para o lado e rolou sobre ela, sem nunca desgrudar-se do abrigo aconchegante de suas coxas. As almofadas voaram, indo ao chão. Os olhos dela estavam fechados, enquanto sua boca formava palavras sem som.

Devin lançava-se contra ela como se expulsasse todos os demônios e todas as dores, todas as verdades brutais e moribundas que eram o mundo da Palma em seus dias. Quando chegou ao clímax, sentiu-se trêmulo e vacilante, sem saber onde estava, prendendo-se sem forças apenas ao que sabia ser seu nome.

Ele a ouvia sussurrá-lo, suavemente, de novo e de novo. Delicadamente, ela saiu de baixo dele. Ele rolou para o lado e descansou as costas na cama, com os olhos fechados. Sentia os dedos de Alienor deslizarem por sua pele. Não conseguia se mexer. Ela brincava com as mãos dele, acariciando-as e conduzindo-as para longe de seu corpo. Os lábios e dedos dela dançavam, descendo sobre seu peito e sua barriga, sobre seu sexo relaxado e além, explorando suas coxas e pernas, e descendo.

Quando percebeu o que ela fazia, já estava com os pés e mãos amarrados nas quatro pilastras da cama, esticado sobre ela. Seus olhos se abriram, assustados e alarmados. Ele resistiu. Inutilmente — estava amarrado com tiras de seda, firmes e com nós.

— Esse — disse Alienor, com uma voz rouca — foi um excelente começo para uma noite. Será que devo ensinar-lhe algo agora?

Seu corpo, nu, magnífico, corado e marcado por Devin, agachava-se e buscava algo no chão, ao lado da cama. Os olhos dele se arregalaram ao ver o que era.

— Você me amarrou contra a minha vontade — disse Devin, um tanto desesperado. — Essa não é exatamente a minha ideia de um casal fazendo amor.

Ele se contorcia novamente, nos ombros e no quadril; a seda aguentava, firme.

O sorriso que Alienor lançou, em resposta, era resplandecente. A beleza dela, naquele instante, era superior à de qualquer mulher que ele poderia imaginar. Na profundidade daqueles olhos escuros, algo dançava, primitivo, perigoso e assustadoramente excitante. Ele sentiu, inesperadamente cedo, que seu sexo enrijecia. Ela viu. E sorriu ainda mais. Uma unha longa deslizou, lentamente, ao longo daquela nascente proeminência.

— Pois será — murmurou a dama negra, a Senhora do Castelo de Barso. Seus lábios se abriram, revelando os afiados dentes brancos.

Ele sentiu a firmeza de seus mamilos, enquanto ela abria as pernas para envolvê-lo novamente. E viu que ela acariciava o que pegara do carpete, ao lado da cama. Do outro lado do quarto, junto à lareira, o cachorro erguia sua majestosa cabeça, observando-os.

— Pois será — repetiu Alienor. — Confie em mim. Deixe-me lhe ensinar agora, e mostrar isso e isso, e logo essa *será* sua ideia de como fazer amor. Ah, Devin, assim será, logo, logo.

Ela subiu nele, e a luz da vela se refletiu e então sumiu, enquanto ela se deitava sobre seu corpo. Ele resistiu, mas apenas por um instante, pois seu coração acelerava novamente e o desejo o sobrepujava, assim como acontecia a Alienor, assim como as complexas necessidades daquela mulher pareciam tomá-la, na escuridão de seus olhos antes de se fecharem, nos movimentos que ela realizava sobre ele, em sua respiração irregular, profunda, crescente, longa.

E antes que a noite houvesse terminado, antes que metade dela houvesse passado, enquanto as últimas velas do inverno queimavam, ela provou estar terrivelmente certa, várias e várias vezes. E, ao final, era ela quem estaria amarrada e esticada entre as quatro pilastras do mundo que era sua cama, e Devin não tinha mais certeza de quem era, para fazer com ela as coisas que fazia. As coisas que a fizeram sussurrar e então gritar seu nome, como fez, várias e várias vezes. Mas sabia que ela o mudara, encontrando um lugar dentro dele em que a necessidade de obliteração era igual à dela.

A vela no seu lado da cama se apagou algum tempo depois. Havia um leve aroma de fumaça. O padrão de luz e sombra no cômodo mudou; nenhum deles estava dormindo, e ambos notaram isso. O fogo estava fraco, quase desaparecendo; o cão ainda repousava ao seu lado, sua magnífica cabeça descansando sobre as patas.

— É melhor você ir — disse Alienor, cutucando-lhe o ombro distraidamente. — Enquanto ainda há uma vela para você carregar. É fácil se perder na escuridão.

— Você guarda os Dias das Bragas? — perguntou ele, um pouco surpreso diante de tal religiosidade. — Nada de fogo?

— Nada de fogo — disse ela, pesarosamente. — Metade de meus empregados me largaria, e não quero sequer imaginar o que os agricultores e aldeões fariam. Invadiriam o castelo. Invocariam alguma maldição antiga, com espigas de milho embebidas em sangue. Estas são as terras do sul, Devin: eles levam os ritos a sério por aqui.

— Tanto quanto você leva os seus?

Ela sorriu ao ouvir isso e se espreguiçou como uma gata.

— Creio que sim. Os agricultores farão, nesta noite e amanhã, coisas que eu prefiro nem saber.

Com um movimento sinuoso, ela se dobrou e alcançou o pé da cama, buscando algo sobre o tapete. Seu corpo era uma delicada curva de pele branca, ainda marcada de vermelho pelo que ele fizera.

Alienor se endireitou e lhe entregou suas calças. Pareceu uma despedida abrupta, uma dispensa, e Devin a olhou longamente, sem se mover. Ela notou a reação, mas seus olhos não eram nem agressivos nem expulsivos.

— Não fique bravo — disse Alienor, suavemente. — Você foi esplêndido demais para partir com raiva. Estou apenas dizendo verdades: eu realmente guardo os rituais das Brásas e é difícil encontrar o caminho de volta sem levar uma vela.

Ela hesitou por um momento e então completou:

— E eu sempre durmo sozinha, desde que meu marido morreu.

Devin não disse nada. Ele se ergueu e se vestiu. Encontrou sua camisa no meio do caminho entre a cama e as portas. Estava tão rasgada que chegava a ser engraçado. Mas não achou graça. Na verdade, estava com raiva. Ou com algum sentimento além da raiva, próximo a isso, mas mais complexo. Repousando nua e descoberta entre as almofadas dispersas em sua cama, Alienor observou enquanto ele se vestia. Devin olhou para ela, ainda deslumbrado diante da magnificência felina e — apesar da mudança de humor — até mesmo ciente do quão fácil seria para ela atizar novamente seu desejo.

Mas enquanto a olhava, um pensamento dormiente despertou, vindo de onde quer que os pensamentos tenham ido, no frenesi primitivo das últimas horas. Arrumou a camisa da melhor maneira que pôde e buscou uma das velas sobre um suporte de bronze.

Alienor virara o corpo para observá-lo sair, com a cabeça repousando sobre uma das mãos e o cabelo negro deslizando sobre ela, oferecendo seu corpo à visão de Devin como um presente, glorioso diante da luz das velas. Seus olhos estavam abertos e focados, seu sorriso era generoso, até mesmo gentil.

— Boa noite — disse ela. — Não sei se você sabe, mas é bem-vindo aqui se desejar retornar algum dia.

Ele não esperava por aquilo. Sabia, sem que o dissessem, que ela o honrava com aquilo. Mas seu pensamento, o desconforto de há pouco, estava forte e misturado com outras imagens, de modo que, embora sorrisse e acenasse em resposta, não sentia orgulho nem honra.

— Boa noite — disse, e virou as costas.

Parou diante das portas, tanto porque se lembrava de ter ouvido Alessan dizer que a tradição do vinho azul começara com ela quanto por qualquer outro motivo que pudesse ter — naquele momento ou mais tarde. Ele se voltou. Alienor não se movera. Ele a encarou, bebendo da opulência daquela câmara e da beleza da mulher sobre a cama. Enquanto

permanecia ali, outra vela se apagava do outro lado do quarto.

— É isso o que acontece conosco? — disse Devin, baixo, buscando as palavras que demonstrariam esse pensamento novo e cruel. — Quando não estamos mais livres? É isso o que acontece com o nosso amor?

Mesmo à distância e na ondulação entre luz e sombra, ele pôde ver que o olhar dela mudava. Por um longo momento, a viúva o encarou de volta.

— Você é esperto — disse ela, enfim. — Alessan escolheu bem.

Ele esperou.

— Ah! — soltou Alienor com voz rouca, fingindo surpresa. — Ele realmente espera uma resposta. Uma resposta verdadeira, vinda de uma dama em seu castelo no fim do mundo!

Talvez houvesse sido apenas uma impressão da luz incerta, mas ela parecia olhar para longe, além do local em que Devin estava, mesmo além das tapeçarias que cobriam as paredes daquele cômodo.

— É uma das coisas que acontecem conosco — disse ela, enfim. — Uma espécie de revolta nas sombras, que de alguma forma se opõe às leis do dia que nos prendem e não podem ser rompidas.

Devin pensou a respeito.

— Provavelmente, sim — concordou ele, suavemente, maturando a ideia. — Ou talvez seja uma confissão, em algum lugar da alma, de que não merecemos nada além disso, nada mais profundo do que isso. Já que não somos livres e aceitamos essa condição.

Ele a viu vacilar e fechar os olhos.

— Eu mereci isso? — perguntou ela.

Uma terrível tristeza tomou conta de Devin. Ele engoliu em seco e com dificuldade.

— Não — respondeu. — Não, você não mereceu.

Os olhos dela ainda estavam fechados quando ele deixou o quarto.

Sentia-se pesado e triste, mais do que simplesmente cansado, enfraquecido pelo peso de seus pensamentos, que o deixavam mais devagar. Tropeçou enquanto descia as escadas e teve que se apoiar com sua mão livre na parede de pedra. O movimento deixou a vela desprotegida, e ela se apagou.

Estava muito escuro. O castelo se encontrava absolutamente quieto. Movendo-se com cuidado, Devin alcançou o pé da escada e colocou a vela apagada sobre um parapeito. Em intervalos, no alto das paredes, janelas altas e estreitas deixavam a luz do luar cruzar o corredor, embora os ângulos e o horário não permitissem uma iluminação verdadeira.

Por um instante, considerou a ideia de voltar para buscar outra vela, mas então, após esperar que seus olhos se ajustassem, Devin conseguiu vislumbrar o que achou ser o caminho por onde viera.

Em pouco tempo, estava perdido, embora não estivesse muito preocupado. Com seu humor atual, parecia apropriado caminhar silenciosamente pelos corredores escurecidos daquele castelo antigo nos planaltos, na calada da noite, sentindo as pedras frias sob seus pés.

Não existem caminhos errados. Apenas caminhos que você não sabia que teria de percorrer.

Quem lhe dissera aquilo? As palavras vieram soltas à sua mente, como um fragmento de memória. Ele virou em um corredor desconhecido, atravessando em seguida um outro repleto de pinturas. Enquanto caminhava, encontrou uma voz para as palavras: fora o velho sacerdote de Morian, no templo da deusa em Asoli, próximo à fazenda de sua família. Ele ensinara aos gêmeos e a Devin a ler e somar, e quando pareceu que o filho mais novo, o pequenino, poderia cantar, ele lhe ensinou suas primeiras lições rudimentares de harmonia.

Não existem caminhos errados, pensou Devin novamente. E então, com um calafrio que não pôde controlar, lembrou que aquela não era apenas uma noite comum, mas sim o final do inverno, o primeiro dos Dias das Brásas — quando se dizia que os mortos caminhavam para além de seu domínio.

Os mortos. Quem eram seus mortos? Marra. Sua mãe, que nunca conhecera. Tigana? Poderia dizer que um país, uma província, estava morto? Poderia Tigana estar perdida e ser velada como uma alma viva? Pensou no barbadiano que matara, no celeiro da propriedade Nievolene.

E apressou o passo, em meio à escuridão, em meio às pedras que vez ou outra recebiam a luz do luar, naquele vasto e silencioso castelo.

Pareceu a Devin que caminhava por um tempo interminável — ou por um tempo fora do tempo — sem passar por ninguém, sem ouvir nada a não ser sua própria respiração ou o som suave de seus passos, antes de enfim reconhecer uma estátua em uma das alcovas. Ele a admirara mais cedo, naquela noite, sob a luz de uma tocha. Sabia que seu quarto ficava logo em frente, virando à esquerda no corredor. De algum modo, ele caminhara pelo lado completamente oposto, cruzando a ala contrária do Castelo de Barso.

Também sabia, desde mais cedo naquela noite, que o quarto diretamente oposto à pequena estátua do homem barbado segurando um arco era o de Catriana.

Olhou para os dois lados do corredor, mas viu apenas sombras, maiores e menores, entre as linhas que a luz do luar traçava. Prestou atenção, e não ouviu som algum. Se os mortos circulavam, estavam silenciosos.

Não existem caminhos errados, dissera-lhe Plotão, o sacerdote, muito tempo antes.

Pensou em Alienor, deitada de olhos fechados em meio às almofadas e todas as suas velas, e se arrependeu do que dissera a ela, no final. Arrependia-se de muitas coisas. A mãe de Alessan estava morrendo. Sua própria mãe estava morta.

Frio é mais apropriado para despedidas e enterros, dissera Alienor para Catriana, naquele castelo.

Ele sentia frio e estava muito triste. Deu alguns passos para a frente e rompeu com o silêncio ao bater na porta do quarto de Catriana.

Ela tivera uma noite agitada, por várias razões. Alienor a tinha incomodado: tanto pela sensualidade que emanava daquela mulher quanto pelo óbvio passado desconhecido que

compartilhava com Alessan e Baerd.

Catriana odiava não saber de algo, odiava ter informações escondidas dela. *Ainda* não sabia o que Alessan faria no dia seguinte, sobre o que era aquela misteriosa reunião nas terras altas. E a ignorância a deixava agitada e até mesmo, num nível menos consciente, com medo.

Às vezes desejava ser mais como Devin, com sua tranquila aceitação do que poderia ou não saber. Ela o vira juntando peças da história, unindo o que aprendera e pacientemente aguardando pela próxima peça, como uma criança que monta um quebra-cabeça.

Algumas vezes, ela admirava aquilo, embora em outros momentos ficasse brava e briguenta, vendo como ele aceitava as reticências ocasionais de Alessan ou o silêncio crônico de Baerd. Catriana precisava *saber*. Ela fora ignorante por tanto tempo em sua vida, protegida de sua própria história naquela pequena vila de pescadores em Astibar. Sentia que havia tanto tempo perdido a ser recuperado. Por vezes, sentia vontade de chorar.

E era assim que se sentia naquela noite, antes de entrar num sono superficial e turbulento, enquanto sonhava com sua casa. Desde que deixara seu lar, frequentemente sonhava com ele, e especialmente com sua mãe.

Daquela vez, vira a si mesma caminhando pela vila logo após o nascer do sol, passando em frente à última casa — a de Tendo, era possível até ver seu cachorro — e então dobrando a curva tão familiar na costa, até onde seu pai comprara uma casinha abandonada, reformara-a e criara sua família.

No sonho, via o barco já distante, sobre o mar fresco daquele começo de manhã. Parecia ser primavera. A mãe estava à porta da casa, remendando redes sob a luz do dia. Seus olhos estavam enfraquecendo há anos, e era difícil para ela trabalhar com agulhas à noite. Aos poucos, Catriana assumira a tarefa de costurar à noite, no último ano antes de sair de casa.

No sonho, era uma linda manhã. As pedras da praia reluziam e a brisa estava fresca, acariciando a água. Todos os outros barcos também estavam no mar, aproveitando a manhã, mas era fácil dizer qual era o deles. Catriana percorreu o caminho e permaneceu junto à varanda recentemente reformada, esperando que sua mãe olhasse para cima, a visse e ficasse de pé, gritando e tomando a filha em seus braços.

De fato, sua mãe olhou para cima. Mas apenas para vislumbrar o mar, apertando os olhos para a luz, tentando ver o barco. Um hábito antigo, nascido do nervosismo, que provavelmente fizera muito mal à sua visão. Mas tinha um marido e três filhos naquele barco.

Não conseguia ver sua filha. Catriana sentiu uma dor aguda ao notar que era invisível ali. Porque partira, porque os deixara para trás e não estava mais lá. Notou que havia mais fios grisalhos no cabelo de sua mãe e, parada ali na suave luz solar, seu coração doía ao perceber o quão grossas e gastas estavam as mãos de sua mãe e o quão cansado parecia seu delicado rosto. Sempre pensara em sua mãe como uma mulher jovem, até que Tiena, o bebê, morrera na praga, seis anos antes. As coisas haviam mudado desde então.

Não é justo, pensou ela, e, no sonho, gritou a plenos pulmões, e não foi ouvida.

Sua mãe sentava numa cadeira de madeira na varanda, recebendo a luz da manhã, trabalhando nas redes, erguendo a cabeça de vez em quando para conferir a posição do pequeno barco, balançando em meio a tantos outros no estranho mar do leste, tão distante daquele que amara.

Catriana acordou, contorcendo o corpo violentamente para tentar se livrar das dores contidas naquela imagem. Abriu os olhos, esperando até que o coração desacelerasse, deitada sob vários cobertores, em um quarto do Castelo de Barso. O castelo de Alienor.

Alienor, que possuía a mesma idade que sua cansada e abatida mãe. Realmente, não era justo. Por que ela deveria carregar tamanha culpa, ver imagens tão tristes e doloridas em seus sonhos, por ter partido? Por que, se fora sua mãe quem lhe dera o anel aos 14 anos, no mesmo ano em que o bebê morrera? Era o anel que a marcava como vinda de Tigana, da beira do mar, para ser reconhecida por qualquer um que conhecesse esses símbolos antigos, e por mais ninguém.

O anel que a fizera ser notada por Alessan bar Valentin, dois anos antes, quando ele e Baerd a viram vendendo enguias e peixes frescos na cidade de Ardin, próxima à vila.

Aos 18 anos, ela não costumava confiar nas pessoas. Não conseguiria dizer, na época ou agora, por que confiara naqueles dois a ponto de se unir a eles naquela caminhada à beira do rio e fora da cidade, quando o mercado fechou. Se forçada a responder, ela talvez dissesse que havia algo em Baerd que transmitia confiança.

Foi durante aquela caminhada que eles lhe contaram sobre seu anel e sobre Tigana, e o eixo de sua vida se retorcera. Algo novo começara para ela, e, com isso, a necessidade de saber.

Em sua casa naquela noite, depois do jantar e dos garotos já estarem na cama, contou aos pais que agora sabia de onde vinha e o que significava seu anel. E perguntou ao seu pai o que ele iria fazer para ajudá-la a trazer Tigana de volta e o que ele fizera durante todos aqueles anos. Fora a primeira vez em que vira o seu tranquilo e inofensivo pai furioso, e a única vez em que ele batera nela.

Sua mãe chorava. O pai andava pela casa do jeito estranho de um homem que não está acostumado a se enfurecer, e jurou pela Tríade que não trouxera sua esposa e sua filha, antes da invasão de Ygrath e da queda de Tigana, para ser enviado de volta àquela antiga mágoa.

E, assim, Catriana aprendeu a segunda coisa que mudou sua vida.

O mais novo dos garotos começou a chorar. O pai então saiu, batendo a porta, chacoalhando as janelas da casa. Catriana e sua mãe se entreolharam por um longo momento, enquanto uma criança assustada gradualmente se calava, no andar acima. Catriana ergueu uma das mãos e mostrou o anel que usara durante os quatro anos anteriores. Seus olhos lançavam uma pergunta. E sua mãe, que já não mais chorava, balançou a cabeça, assentindo. Ambas acreditavam que o abraço dado em seguida seria o último que trocariam.

Catriana encontrou Alessan e Baerd na mais conhecida estalagem de Arlin. Lembrava que

a noite estava clara, com as duas luas no céu, e ambas quase cheias. O vigia noturno olhara-a de soslaio, passando a mão por Catriana quando ela passou ao seu lado, seguindo até o quarto que ele indicara, no topo das escadas.

Bateu na porta, e Alessan abriu quando ouviu seu nome. Os olhos cinzentos dele estavam curiosamente escuros, mesmo antes de ela começar a falar, como se antecipasse um problema ou uma mágoa.

— Eu vou com vocês — disse ela. — Meu pai foi um covarde. Nós fugimos antes da invasão. Eu quero compensar isso. Mas não vou dormir com vocês. Nunca dormi com homem algum. Posso confiar em vocês dois?

Acordada no Castelo de Barso, ela corou na escuridão, lembrando-se daquilo. Ela devia ter parecido muito nova falando daquele jeito. Mas nenhum dos dois riu ou mesmo sorriu. Nunca se esqueceria daquilo.

— Você sabe cantar? — foi tudo o que Alessan perguntou.

Ela dormiu novamente, pensando em música, pensando em todas as canções que entoara com eles, atravessando a Palma por dois anos. Dessa vez, seu sonho era sobre água — sobre nadar no mar em frente à sua casa, sua maior e mais doce alegria. Mergulhar em busca de conchas, no crepúsculo do verão, em meio aos peixes assustados, sentindo que a água a envolvia como uma segunda pele.

Então, sem aviso ou transição, seu sonho mudou e estava sentada sobre a ponte em Tregea novamente, sentindo o vento e a escuridão do inverno, mais assustada do que imaginava que uma alma poderia se sentir. Apenas podia culpar a si própria, seu orgulho, sua necessidade atroz e insaciável de compensar o fato de sua família ter fugido. Viu-se novamente balançando no parapeito, viu a água negra correndo abaixo de si; ouviu, sobrepondo-se ao som assustador do rio, os batimentos de seu coração...

E acordou pela segunda vez, logo antes do pesadelo de seu salto. Acordou porque as batidas que pensava serem de seu coração eram na verdade de alguém à sua porta.

— Quem é? — perguntou ela.

— Devin. Você me deixa entrar?

Abruptamente, sentou-se na cama e puxou o cobertor até seu queixo.

— O que foi? — perguntou.

— Na verdade, não tenho certeza. Posso entrar?

— A porta não está trancada — disse ela, enfim. Conferiu se os cobertores a cobriam, embora o quarto estivesse tão escuro que isso realmente não importava.

Ela o ouviu entrar, mas apenas conseguia vislumbrar seu contorno.

— Obrigado — disse ele. — Você deveria trancar sua porta, sabe como é.

Catriana imaginou se ele sabia o quanto ela odiava receber conselhos como aquele.

— A única pessoa que poderia estar vagando à noite é nossa anfitriã, e ela dificilmente viria atrás de mim. Há uma cadeira à sua esquerda.

Ela ouviu Devin procurá-la e então se afundar na cadeira de braços altos.

— Imagino que isso seja verdade — disse ele, numa voz exausta. — E me desculpe, você realmente não precisa de mim para dizer como tomar conta de si mesma.

Ela procurou a ironia no comentário, mas não encontrou nada.

— Creio ter me virado muito bem até agora, sem seus conselhos — disparou ela, levemente.

Ele permaneceu em silêncio. E então:

— Catriana, eu realmente não sei por que estou aqui. Estou tão estranho, esta noite. Sinto-me ridiculamente triste.

Havia algo estranho em sua voz. Ela hesitou por um momento e, então, arrumando os cobertores com cuidado, se esticou para apanhar uma pederneira.

— Você acende velas nos Dias das Brasas? — perguntou ele.

— Claro.

Ela acendeu a vela que estava ao lado de sua cama. Então, arrependendo-se da impertinência de sua resposta, completou:

— Minha mãe costumava acender uma — apenas uma, como um lembrete à Tríade, ela costumava dizer. Mas eu só entendi o que ela queria dizer depois que encontrei Alessan.

— É estranho. Meu pai fazia o mesmo — disse Devin, pensativo. — Eu nunca tinha pensado nisso. Nunca soube por que ele fazia aquilo. Meu pai não era do tipo que dava explicações.

Ela se voltou para olhá-lo, mas Devin se aprofundava em sua cadeira, e seu rosto não estava visível.

— Um lembrete de Tigana? — disse ela.

— Deve ser isso. Como se... como se a Tríade não merecesse devoção total depois do que permitiram que acontecesse. — Ele fez uma pausa. Então, em um tom pensativo, voltou a falar: — É outro exemplo de como somos orgulhosos, não é? Daquela arrogância tiganesa que Sandre sempre menciona. Nós barganhamos com a Tríade, numa espécie de escambo: eles tiram nosso nome, nós tiramos parte de seu ritual.

— Imagino que sim — respondeu Catriana, embora não visse as coisas por aquele ponto de vista. Devin falava coisas assim de vez em quando. Ela não via aquela ação como um ato de orgulho ou uma barganha, mas sim como um lembrete de quão grande um erro poderia ser. Um lembrete, como o vinho azul de Alessan.

— Minha mãe não é uma mulher orgulhosa — disse ela, surpreendendo-se.

— Eu não sei como era a minha — disse Devin, com a voz apertada. — Nem mesmo sei se poderia dizer que meu pai é orgulhoso. Acho que também não sei muito sobre ele.

Ele realmente estava estranho.

— Devin — pediu ela, astutamente —, recline-se para a frente. Deixe-me olhar para você.

Ela conferiu seus cobertores; estava coberta até o queixo.

Lentamente, ele inclinou o corpo adiante: a luz da vela iluminou o cabelo desganhado, a camisa rasgada e as marcas nítidas de unhas e dentes. Sentiu uma rápida explosão de raiva e

então uma lenta e profunda ansiedade que não tinha relação alguma com ele. Ao menos não diretamente.

Mascarou ambas as reações com uma risada maldosa.

— Pelo que vejo, ela *estava* vagando por aí. Parece que você foi para a guerra.

Com esforço, Devin conseguiu esboçar um sorriso, mas algo sombrio tomava seus olhos: ela conseguia ver isso, mesmo sob a fraca luz da vela, o que a inquietou.

— O que foi, então? — continuou ela, ainda sarcástica. — Você a cansou e veio aqui, procurando mais? Pois me deixe dizer...

— Não — disse ele, rápido. — Não, não é isso. É... longe disso, Catriana. Está sendo... uma noite difícil.

— É visível só de olhar para você — respondeu Catriana, enquanto suas mãos apertavam o cobertor.

Ele continuou esquivando-se:

— Não dessa maneira. É tão estranho. Tão complicado. Acho que aprendi alguma coisa ali. Acho...

— Devin, eu *realmente* não quero saber dos detalhes! — Ela estava brava consigo mesma pela raiva que esse tipo de assunto lhe despertava.

— Não, não. Não desse modo, embora, sim, houve algo no começo. Mas... — Ele respirou fundo. — Acho que aprendi algo sobre o que os tiranos fizeram conosco. Não apenas Brandin, e não apenas em Tigana. Alberico também. Os dois, e com todos nós.

— Mas quanta sabedoria — zombou Catriana. — Ela deve ser ainda mais habilidosa do que você imaginava.

Aquilo fez com que ele se calasse. Recostou-se em sua cadeira novamente, e Catriana não conseguiu ver seu rosto. No silêncio que se seguiu, a respiração dela se acalmou.

— Desculpe-me — disse, devagar. — Não quis dizer isso. Estou cansada. Tive alguns pesadelos esta noite. O que você quer de mim, Devin?

— Não tenho certeza — respondeu o rapaz. — Que você seja minha amiga, eu acho.

Novamente sentiu-se incomodada. Resistiu ao impulso nervoso de sugerir que ele fosse escrever uma carta para uma das filhas de Rovigo. E falou:

— Nunca fui boa nisso, nem quando era criança.

— Nem eu — disse ele, reclinando-se para frente mais uma vez. Ele tentara ajeitar o cabelo.

— Mas é mais do que isso que existe entre nós dois. Eu sei que às vezes você me odeia.

Catriana sentiu o coração disparar.

— Não precisamos discutir isso, Devin. Eu não odeio você.

— Às vezes odeia — prosseguiu ele, naquele estranho tom evasivo. — Por causa dos acontecimentos no Palácio Sandreni. — Ele fez uma pausa e respirou fundo. — Porque eu fui o primeiro homem com quem você já fez amor.

Ela fechou os olhos. Tentou, inutilmente, apagar pela força de sua vontade a existência daquela última frase:

— Você sabia?

— Não na época. Eu descobri depois.

Peças de outro quebra-cabeça. Pacientemente remontado. Descobrimo seus segredos. Ela abriu os olhos, encarando-o sem expressão:

— E você acha que discutir esse agradável assunto irá nos tornar amigos?

Ele estremeceu.

— Provavelmente não. Não sei. Pensei que devesse contar que eu gostaria que fôssemos. — Houve um silêncio. — Eu sinceramente não sei, Catriana. Desculpe.

Surpreendentemente, tanto o choque quanto a raiva haviam desaparecido. Ela o viu recostar-se novamente, exausto, e ela fez o mesmo, reclinando-se contra a cabeceira de madeira da cama. Refletiu por um instante, admirada com a calma que sentia.

— Eu não odeio você, Devin — disse ela, enfim. — De verdade, não odeio. Não sinto nada próximo disso. É uma memória estranha, não nego, mas não acho que tenha prejudicado o que temos que fazer. E é isso o que realmente importa, não é?

— Acho que sim — disse ele. Ela não conseguia ver seu rosto. — Se isso é tudo o que importa.

— Quero dizer, é verdade o que eu disse antes: nunca fui boa em fazer amigos.

— Por quê?

Novamente, peças do quebra-cabeça. Mas ela disse:

— Quando garota, não tenho certeza. Talvez eu fosse muito tímida ou muito orgulhosa. Nunca me senti à vontade em nossa vila, mesmo que tenha sido o único lar que eu já tenha conhecido. Mas desde que Baerd me disse o nome de Tigana, desde que o ouvi, isso tem sido tudo o que existe no mundo para mim. Tudo o que importa em relação a qualquer coisa.

Catriana quase conseguia ouvi-lo pensando a respeito. Ele disse:

— Frio é para despedidas.

Exatamente o que Alienor dissera a ela. Ele continuou:

— Você ainda está viva, Catriana. Com um coração, uma vida a viver, possibilidade de ter amigos, e mesmo de amar. Por que está se restringindo a apenas uma coisa?

E ela se ouviu responder:

— Porque meu pai nunca lutou. Ele fugiu de Tigana como um covarde, antes das batalhas no rio.

Poderia ter arrancado a própria língua, inteira e ensanguentada, no momento em que terminou de falar.

— Oh... — disse ele.

— Nenhuma palavra, Devin! Não diga nada!

Ele obedeceu, sentando-se muito quieto, quase invisível nas profundezas da cadeira. Repentinamente, Catriana apagou a vela; e então, porque estava escuro e porque ele estava tão obedientemente silencioso, gradualmente recuperou o controle sobre si. Para prosseguir

após o significado daquele momento, sem chorar. Levou muito tempo em meio à escuridão, mas enfim conseguiu respirar fundo e longamente, sabendo que estava bem.

— Obrigada — disse ela, sem ter certeza por que exatamente agradecia. Principalmente pelo silêncio.

Não houve resposta. Ela aguardou um momento, então o chamou baixinho pelo nome. Novamente não recebeu resposta. Ouviu com atenção, e conseguiu ouvir a respiração de Devin, subindo e descendo, enquanto dormia.

Catriana possuía senso de ironia o bastante para achar aquilo engraçado. Mas ele evidentemente tivera uma noite difícil, e não apenas da maneira mais óbvia.

Ela pensou em acordá-lo e enviá-lo de volta para o seu quarto. Certamente algumas sobancelhas iriam se erguer se as pessoas vissem os dois saindo do quarto juntos, pela manhã. No entanto, descobriu que realmente não se importava. E percebeu ainda que se importava menos do que esperava por ele ter deduzido uma verdade a seu respeito e acabado de descobrir outra. Sobre seu pai, mas mais sobre ela. Refletiu a respeito da razão de não mais se importar.

Considerou a ideia de cobri-lo, mas resistiu ao impulso. Por alguma razão, realmente não queria que ele acordasse pela manhã e descobrisse que ela fizera aquilo. As filhas de Rovigo faziam aquele tipo de coisa, não ela. Ou não: a filha mais nova já o teria nessa cama e dentro dela, sem se importar com o humor estranho ou a exaustão. A mais velha? Costuraria uma manta numa velocidade milagrosa e o enrolaria nela, com uma nota que explicava a linhagem da ovelha que cederá a lã e a história do tipo de tricô que fizera.

Catriana sorriu para si mesma na escuridão e se deitou para dormir. O sono parecia haver retornado e, dessa vez, não teve sonho algum. Quando acordou, logo após o amanhecer, Devin havia partido. E ela não soube, até mais tarde, para quão longe ele fora.

POSFÁCIO DO AUTOR

EXCLUSIVO PARA A EDIÇÃO BRASILEIRA

Estou profundamente realizado pelo fato de meus editores estarem apresentando *Tigana* a novos leitores no Brasil. De todos os meus trabalhos, este romance pode ser o que “fala” mais intensamente e de modo mais pessoal aos leitores de outras línguas e países pelo mundo, e isso é algo que sempre esperei que acontecesse. Era o primeiro dos meus livros que tentava usar a fantasia para dizer algo de forma muito direta e imediata a respeito de tirania, liberdade e identidade.

Tigana é, em boa parte, um romance sobre memória: sua necessidade, em termos culturais, e os perigos de quando é muito intensa. Uma importante decisão tomada no final da série é um reflexo desse sentimento, assim como a passagem de Giórgos Seféris (o grande poeta grego premiado) que serviu como uma de minhas epígrafes, juntamente a uma passagem de Dante sobre exílio. O mundo atual oferece exemplos mais que suficientes de ambos: ignorância a respeito da História e a recusa em deixar o passado ser passado.

Duvido que, em qualquer outro romance que escrevi, eu tenha tentado uma reconstrução das primeiras sementes do livro. Mas acontece que *Tigana* tem elementos específicos e poderosos em sua origem e alguns deles eu consigo reconstruir.

Em dado momento, comecei a ver em minha mente uma cabana de caça na floresta, em algum cenário europeu medieval ou renascentista. Havia alguém inesperado (do ponto de vista daqueles que estavam lá dentro) sentado na janela da cabana. Naqueles dias, eu não fazia ideia de quem era ou do que acontecia, mas sabia que um livro se desdobraria a partir do que quer que ocorresse dentro e ao redor daquela cabana.

Existia uma fotografia da Tchecoslováquia em 1968, a época da “Primavera de Praga”, quando uma fagulha de liberdade incitou aquele país de Cortina de Ferro antes dos tanques soviéticos chegarem aos montes e esmagarem-na.

Na verdade, há duas fotografias. A primeira mostra vários funcionários do Partido Comunista em uma sala, com aparência adequadamente implacável. A segunda é a mesma foto. Quase. Nesta, damos pela falta de um deles e há algo que me recordo tratar-se de uma planta grande, colocada no lugar onde ele havia estado. A pessoa faltando — parte da insurreição esmagada — não está apenas morta; ela foi apagada dos registros. Um feito trivial nos dias de hoje, quando a capacidade de alterarmos imagens é tão extrema. Mas naquela época as duas fotografias ficaram poderosamente gravadas em mim e permaneceram por vinte anos: não apenas morto, mas tornado como se *nunca houvesse existido*.

Outro ponto de partida: existe uma peça maravilhosa chamada *Traduções*, do irlandês Brian Friel. É um debate prolongado e passionai entre o professor de uma vila na Irlanda e o líder de uma equipe de estudo inglesa, que estava cruzando o campo, mapeando-o atentamente e *mudando o nome dos lugares*, do celta para o inglês. Os dois homens sabem o que está em jogo: quando você quer subjugar um povo — apagar seu senso de identidade

como individual e distintivo —, um modo de começar é com sua língua e seus nomes. Nomes são o elo da História, e precisamos de um senso da nossa História para definirmos a nós mesmos.

Difícilmente trata-se de um acidente que movimentos separatistas de muitos países com frequência incluíam tentativas de recuperar uma língua perdida. Na Provença, no sul da França, os sinais das rodovias costumam trazer os nomes dos lugares tanto em francês quanto na quase perdida língua provençal. O movimento de independência do País de Gales incorporou tentativas de recuperar sua língua como um dos discursos públicos. No Quebec, a frequente batalha amarga entre separatistas e aqueles que desejam continuar sendo um estado canadense encontram um campo de guerra na língua. Quando o Japão ocupou a Coreia na primeira metade do século XX, permitiram que os jornais continuassem publicando, mas apenas em japonês, não em coreano. *Tigana* foi uma tentativa de usar a magia para explorar esses temas: apagar um povo dos registros da História ao despi-lo de seu nome.

Uma história como esta precisa de um cenário. Um dos pedaços do meu veio de leituras da História renascentista. O registro daquela época brilhante e brutal me trouxe a ideia do quanto a identidade italiana foi atrasada por causa da rixa feroz entre as cidades-estados. Guerras internas as tornaram não apenas incapazes de repelir as ambições da França e da Espanha, como fizeram as diferentes cidades *se alternarem para convidá-las a entrar* — contanto que o exército do lado de fora fizesse o trabalho de estuprar e pilhar as odiadas Milão, Veneza, Florença ou Pisa em nome da cidade que fizera o convite. A “bota” da Itália se transformou na Península da Palma, com a ambientação dos bosques de oliveiras e vinhedos que eu queria, e meu modelo para Brandin de Ygrath era um príncipe Borgia ou Medici: arrogante, culto, orgulhoso demais. Alberico, seu oponente, era um politburo¹ sobrevivente soviético, bronco e eficiente.

O romancista tcheco Milan Kundera alimentou meu emergente tema da opressão e sobrevivência com suas reflexões acerca da relação entre povos conquistados e uma sexualidade instável: o que eu chamei de “insurreições da noite”. A ideia fundamental, para mim, tinha a ver com o modo como as pessoas se rebelam quando *não podem* fazê-lo, como nos comportamos quando o mundo perdeu seu eixo, como a autoestima despedaçada pode alcançar os níveis mais íntimos de nossas vidas.

Eu queria começar um livro sobre segredos e dissimulação com uma mentira absoluta — e a primeira frase do capítulo um faz isso. Eu queria o trabalho com música, a mobilidade dos músicos em uma sociedade relativamente imóvel. Eu esperava explorar, como parte da revolta, as crônicas do livro, a ideia de coisas ruins feitas por bons homens, para testar o leitor com ambiguidades de lealdades divididas.

O debate entre Alessan e Erlein foi feito para ser real, não uma artimanha do enredo. A asserção do mago de que as estradas da Palma Oriental eram mais seguras sob o governo de Alberico do que sob o de Sandre d’Astibar *tem a intenção* de levantar uma questão a respeito

da legitimidade de perseguir um objetivo — mesmo uma missão pela identidade de um povo e seu passado — usando outros como instrumentos relutantes. Isso também é verdade quanto à fúria que a mãe de Alessan sente, vendo seu filho friamente tentando constituir uma solução equilibrada para a península inteira, quando ela consegue enxergar apenas ódio, sangue e o nome perdido de Tigana.

Estes são elementos ambiciosos para algo que também pretendia ser uma aventura romântica que iria arrebatrar o leitor. Abaixo deles jaz a ideia de usar o gênero da fantasia desse modo: deixar a *universalidade* da fantasia permitir à ficção ser mais do que apenas uma “fuga”, para também nos trazer de volta para casa. Tentei me imaginar colocando os temas na história sorrateiramente e, ao mesmo tempo, manter o leitor virando as páginas bem além do seu horário de ir dormir.

É uma questão de verdadeiro prazer para mim ter uma noção, anos depois do primeiro lançamento de um livro generosamente homenageado, que parece ter acontecido assim: aquelas primeiras ideias e imagens virando as peças de base do romance, os temas aparecendo discretamente, pessoas lendo noite adentro.

É como eu gosto de lembrar, pelo menos.

Guy Gavriel Kay

¹ Uma associação política comunista ou o líder dessa associação. (N.T.)

SOBRE O AUTOR



GUY GAVRIEL KAY é um autor canadense que se iniciou no mundo literário ao ser convidado por Christopher Tolkien para editar *O Silmarillion*, de J. R. R. Tolkien. É o autor da trilogia de fantasia *A Tapeçaria de Fionavar* e das obras de fantasia histórica *Lions of Al-Rassan*, *A Song for Arbonne*, *The Sarantine Mosaic* (dois volumes). Os livros *Under Heaven* e *River of Stars*, de sua mais recente série, passam-se no Império da China. *Tigana* é uma de suas obras mais aclamadas. Seu trabalho foi traduzido para 21 línguas e recebeu numerosas indicações e vários prêmios ao longo de sua carreira.

Para mais informações:



www.sdebrasil.com.br



[/editora.sde.brasil](https://www.facebook.com/editora.sde.brasil)



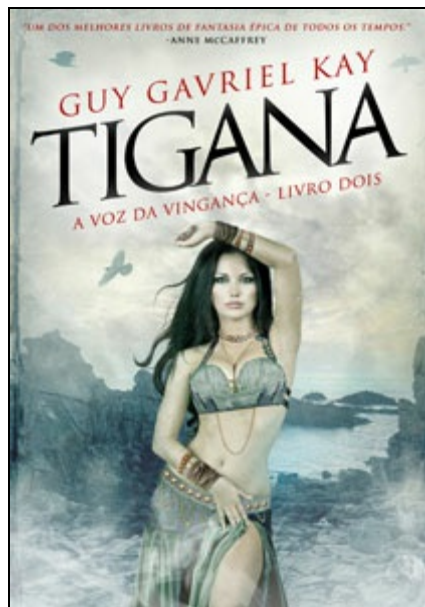
[@SdE_Brasil](https://twitter.com/SdE_Brasil)

TRECHO DE

TIGANA

A VOZ DA VINGANÇA

LIVRO DOIS



Quando voltou para o espaço aberto diante das portas do palácio, d'Eymon esperava por ela, vestido formalmente de cinza, com o Brasão do Estado em seu pescoço. O Chanceler estava sentado em um dos bancos de pedra e seu cajado repousava ao seu lado. Scelto passou pelas portas e Dianora pôde ver uma sombra de alívio que ele não conseguia esconder quando ela saiu do meio das árvores.

Ela parou e olhou para o Chanceler, permitindo que um pequeno sorriso aparecesse em seu rosto. É claro que era falso, mas essa já tinha se tornado uma ação inconsciente para ela. Na normalmente incompreensível expressão de d'Eymon, Dianora percebeu impaciência e irritação, além de outros sinais do que havia acontecido no dia anterior. Imaginou que ele provavelmente estivesse procurando uma briga. Era difícil, incrivelmente difícil, reacostumar-se aos modos e afazeres do Estado. Mas era algo que tinha que ser feito.

— Você está atrasado — disse Dianora, suavemente, passando por ele. D'Eymon levantara, com perfeita cortesia, quando ela se aproximara. — Eu fui passear pelo jardim. Algumas flores do campo já começaram a desabrochar.

— Estou pontualmente na hora — disse d'Eymon.

Dianora poderia ter se intimidado antigamente, mas não agora. Ele poderia estar usando o Brasão numa tentativa de reforçar sua autoridade, mas ela sabia o quanto o dia anterior o havia perturbado. A moça tinha certeza de que ele se oferecera para suicídio na noite anterior, sendo um homem para quem as antigas tradições eram importantes. De qualquer modo, estava protegida contra ele: tinha visto uma riselka naquela manhã.

— Então devo ter chegado cedo — disse Dianora, com pouco caso. — Desculpe-me. É bom ver que parece estar tão bem depois da confusão de ontem. Esperou muito?

— O bastante. Você queria falar sobre ontem, imagino. O que é?

Dianora não se lembrava de jamais ter ouvido um comentário de d'Eymon que fosse desinteressado, muito menos algo simplesmente agradável. Recusando-se a ser apressada, sentou-se no banco que ele acabara de desocupar e limpou o vestido marrom sobre os joelhos. Apertou os dedos no colo e levantou os olhos, deixando sua expressão repentinamente tão fria quanto a dele.

— Ele quase morreu ontem — disse, de forma áspera, decidindo só naquele momento qual seria sua conduta. — Ele poderia ter morrido. Você sabe por quê, Chanceler? — Ela não esperou resposta. — O Rei quase morreu porque seus homens foram muito complacentes ou desleixados para se preocuparem em revistar um grupo de ygratheanos. O que você pensava? Que o perigo só viria da Palma? Eu espero que você lide com os guardas de ontem, d'Eymon. E logo.

O uso de seu nome, não de seu título, era intencional. Ele abriu e fechou a boca, visivelmente engolindo uma resposta rápida. Dianora estava forçando as coisas, a Tríade sabia o quanto estava, mas se fosse para ela agir assim, que fosse agora. D'Eymon estava pálido de raiva e espanto. Inspirou fundo, tentando se controlar.

— Já tratei dos guardas — ele disse. — Estão mortos.

Dianora não esperava por isso. Conseguiu, com algum esforço, manter a frustração fora de seu olhar.

— Tem mais — continuou ela, aproveitando sua vantagem. — Eu quero saber por que Camena di Chiara não estava sendo vigiado quando foi para Ygrath ano passado.

— Ele *foi* vigiado. O que queria que fizéssemos? Você sabe quem estava por trás do ataque de ontem. Você ouviu.

— Todos nós ouvimos. Por que você não sabia sobre Isolla e a Rainha? — Dessa vez, o ataque em suas palavras era real, e não somente uma tática.

Pela primeira vez, viu uma sombra de hesitação nos olhos dele. Ele tocou seu Brasão, então pareceu se dar conta do que fazia e abaixou a mão. Houve um breve silêncio.

— Eu sabia — disse, finalmente. Seus olhos encontraram os dela, uma pergunta neles como um desafio raivoso.

— Entendo — disse Dianora depois de um momento, desviando o olhar.

O sol estava mais alto agora, tendo percorrido mais da metade de seu caminho. Se ela fosse um pouco para o lado no banco, ficaria sob seus raios quentes. A dura e não dita questão pairava nos olhos de d'Eymon. *Você* teria dito ao Rei, sabendo dessas coisas sobre a Rainha?

Dianora estava quieta, pensando nas consequências daquelas implicações. Com essa confissão, percebeu que d'Eymon estava em suas mãos, se já não o estivesse depois da sua falha do dia anterior e do que ela tinha feito para salvar o Rei. Pensou ainda que, como resultado, estava em perigo iminente. O Chanceler não era um homem a ser tratado

levianamente, nunca. A maioria dos habitantes da saishan tinha suas suspeitas de como Chloese di Chiara morrera dez anos antes e do motivo.

Ela olhou para cima e deixou sua crescente raiva impedir que a ansiedade aparecesse.

— Maravilhoso — disse, ácida. — Que segurança eficiente. E agora, claro, graças ao que fui forçada a fazer, o seu bichinho de estimação bajulador, Neso, simplesmente *tem* de receber o cargo em Asoli, não é? Com um ferimento de honra ganho enquanto salvava a vida do Rei. Incrivelmente esperto de sua parte, d'Eymon!

Havia calculado mal. Pela primeira vez ele sorriu, uma expressão restrita e sem alegria:

— Isso tudo é por causa *disso*? — ele perguntou, baixo.

Ela segurou sua negativa imediata. Percebeu que não era inconveniente ele pensar assim.

— Entre outras coisas — admitiu, como que de má vontade. — Quero saber por que o tem favorecido para o cargo em Asoli. Tenho tentado falar com você sobre isso.

— Foi o que pensei — disse o Chanceler, enquanto um pouco de sua complacência costumeira voltava. — Também tenho ficado de olho em alguns, não todos, tenho certeza, dos presentes que Scelto tem recebido em seu nome nas últimas semanas. O colar de ontem era esplêndido, diga-se de passagem. Foi o dinheiro de Neso que pagou por isso? Numa tentativa de me ganhar para lado dele?

Ele estava muito bem informado e era astuto. Ela sempre soubera dessas coisas. Nunca fora sensato subestimar o Chanceler.

— Ajudou a pagar — respondeu, brevemente. — Você não respondeu minha pergunta. Por que o favorecia? Deve saber o tipo de homem que ele é.

— É claro que sei — replicou d'Eymon, impaciente. — Por que você acha que eu o quero fora daqui? Eu o quero em Asoli, pois não confio nele na corte. Eu o quero longe do Rei e em um lugar onde possa ser morto sem inconveniências. Acredito que isso responde suas dúvidas, não?

Dianora engoliu em seco. *Nunca, nunca o subestime*, disse ela novamente para si.

— Responde — disse. — Morto por quem?

— Isso deveria ser óbvio. Os próprios homens de Asoli vão se encarregar disso. Espero que não demore muito para que Neso lhes dê um motivo.

— Claro. E depois?

— Depois o Rei investigará e descobrirá que Neso era culpado de grave corrupção, do que não devemos duvidar que ele será. Mataremos um ou outro homem pelo assassinato, mas o Rei declarará sua firme rejeição aos métodos e à ganância de Neso. Nomeia-se um novo Mestre das Tributações e prometem-se medidas mais justas para o futuro. Eu acho que isso deve acalmar os ânimos no Norte de Asoli por algum tempo.

— Bom — disse Dianora, tentando ignorar a casual indiferença em *um ou outro homem*. — E muito bem arranjado. Só tenho uma coisa a acrescentar: o novo oficial será Rhamanus.

Estava correndo mais um risco, sabia disso. Afinal de contas, era uma prisioneira e concubina, enquanto ele era o Chanceler de Ygrath e da Palma Ocidental. Por outro lado,

havia outras maneiras de equilibrar a balança, e lutou para focar-se nelas.

D'Eymon olhou-a friamente. Ela continuou a encará-lo, seus olhos arregalados e dissimulados.

— Sempre achei curioso que você favoreça tanto o homem que a capturou — disse, pausadamente. — Alguns pensariam que não se importou, que *queria* vir.

Ele estava estranha e perigosamente perto da verdade, mas Dianora podia ver que era apenas uma provocação. Forçou-se a relaxar e sorriu.

— Como poderia me importar de estar aqui? Eu nunca tive encontros tão agradáveis como este. E, de qualquer maneira, sim, eu o favoreço — acrescentou, deixando que seu tom mudasse. — Faço isso em favor do povo dessa península. Você sabe que esse sempre será o meu interesse, Chanceler. Ele é um homem decente. Temo que não haja muitos desses em Ygrath.

Ele ficou quieto por um momento. Então disse:

— Há mais do que você pensa. — Mas antes que ela pudesse entender aquelas palavras ou a voz surpreendente com que foram ditas, ele acrescentou: — Eu pensei seriamente em envenená-la durante a noite passada. Isso ou sugerir que fosse liberta e transformada numa cidadã de Ygrath.

— Que extremos, meu caro! — Podia sentir-se ficando fria. — Não foi você quem nos ensinou que equilíbrio é tudo?

— Ensinei — disse calmamente, sem morder sua isca. Ele nunca mordia. — Você tem *alguma* ideia do que fez ao equilíbrio desta corte?

Ela respondeu, de forma realmente rude:

— O que preferia que eu tivesse feito ontem?

— A questão não é essa. É óbvio. — Havia uma cor incomum em suas bochechas. Quando prosseguiu, porém, foi em seu tom de costume. — Eu mesmo estava pensando em Rhamanus para Asoli. Deve ser como você sugere. Entretanto, quase me esqueci de mencionar que o Rei solicitou sua presença. Interceptei a mensagem antes que chegasse à saishan. Ele vai esperá-la na biblioteca.

Ela encarou os próprios pés, tão agitada quanto ele deveria saber que estaria.

— Há quanto tempo? — perguntou, rapidamente.

— Não muito. Por quê? Você não parece se importar com atrasos. Há anêmonas no jardim, você pode lhe falar isso.

— Poderia lhe dizer algumas outras coisas também, d'Eymon. — Quase sucumbia à raiva. Lutou por controle.

— Assim como eu. E assim, suponho, como Solores. Nós raramente podemos, não é? O equilíbrio, como você acabou de mencionar, é tudo. É por isso que ainda devo ser muito cuidadoso, Dianora, apesar do que aconteceu ontem. O equilíbrio é tudo. Não se esqueça disso.

Ela tentou pensar em uma resposta, uma última palavra, mas não conseguia. Sua mente

estava girando. Ele falou em matá-la, em libertá-la, concordou com sua escolha para Asoli e então a ameaçou novamente. Tudo em questão de minutos! E tudo enquanto o Rei esperava por ela e d'Eymon sabia do fato.

Dianora se virou, abrupta e tristemente consciente de seu vestido simples e do fato de que não tinha tempo para voltar à saishan e se trocar. Ela sentiu-se corar de raiva e ansiedade.

Scelto tinha obviamente escutado os últimos comentários do Chanceler. Seus olhos acima do nariz quebrado estavam vividamente preocupados e culpados, mesmo que, com d'Eymon interceptando a mensagem, não houvesse nada que ele pudesse ter feito.

Ela parou junto às portas do palácio e olhou para trás. O Chanceler estava parado, sozinho no jardim, apoiado em seu bastão. Era uma figura alta, cinza e magra em meio às árvores. O céu acima dele se tornara sombrio novamente. *É claro que se tornara*, Dianora pensou, rancorosa.

Então se lembrou do lago e seu humor mudou. No final, de que importam esses artifícios da corte? D'Eymon estava simplesmente fazendo o que tinha que fazer, e agora ela também o faria. Tinha visto seu caminho. Conseguiu sorrir novamente, permitindo que essa quietude interna caísse sobre si outra vez, ainda que com uma rocha de tristeza em seu centro. Curvou-se em um cumprimento bastante formal. D'Eymon, pego de surpresa, esboçou uma reverência desajeitada.

Dianora se virou e passou pela porta que Scelto segurava para ela. Voltou pelo corredor e subiu as escadas, cruzando a passagem norte-sul e passando por duas portas bastante pesadas. Parou em frente ao terceiro par de portas. Mais por reflexo e hábito do que qualquer outra coisa, examinou sua imagem no escudo de bronze pendurado na parede. Ajustou seu vestido e passou as mãos pelo cabelo irremediavelmente bagunçado pelo vento.

Bateu na porta da biblioteca e entrou, agarrando-se fortemente à sua calma e à visão do lago, uma pedra inteira de conhecimento e tristeza em seu coração, que esperava poder ancorar em seu peito e impedi-lo de voar para longe.

Brandin estava parado com as costas voltadas para a porta, olhando para um velho mapa do então conhecido mundo que estava pendurado acima do maior dos fogos. Não se virou. Ela olhou para o mapa. Nele, via-se a Península da Palma e até a imensa terra de Quileia, atravessando as montanhas e percorrendo todo o caminho ao sul até as Geleiras. Tornou-se anã se comparada a Barbadior e seu império no leste, assim como a Ygrath, que se estendia para o oeste ultramarino.

As cortinas de veludo da biblioteca estavam puxadas contra a luz da manhã e o fogo ardia, o que a incomodou. Achava difícil aguentar as labaredas em um Dia das Brasas. Brandin segurava um atizador de lareira em suas mãos. Estava vestido tão descuidadamente quanto ela, com uma roupa preta de montaria e botas. Suas botas estavam sujas de lama; devia ter cavalgado bem cedo.

Ela deixou o conflito com d'Eymon para trás, mas não a história da riselka. Brandin era o centro de sua vida; o que quer que houvesse mudado, aquilo não mudara, mas a visão da

riselka ofereceu-lhe um destino, enquanto Brandin a abandonara sozinha e acordada por toda a noite anterior. Ela disse:

— Perdoe-me, meu senhor. Estava com o Chanceler pela manhã e ele decidiu só me falar agora que esperava por mim.

— Por que estava com ele? — A voz sutil e familiar estava só levemente interessada. Ele parecia absorto no mapa.

Não mentiu para o Rei.

— A questão do Mestre das Tributações de Asoli. Queria saber a razão de ele ter favorecido Neso.

Havia um leve toque de diversão na voz dele.

— Estou certo de que d'Eymon lhe disse algo plausível. — Finalmente, virou-se e encarou-a pela primeira vez. Ele parecia exatamente o mesmo de sempre, e ela sabia o que sempre acontecia quando seus olhares se encontravam.

Mas tinha visto uma riselka uma hora antes, e algo parecia ter mudado. Sua calma não a deixou; seu coração continuava no lugar. Fechou os olhos, mais para entender o significado de tal mudança e a passagem de uma grande verdade do que qualquer outra coisa. Sentiu que lamentaria depois, por diversas razões, se não fosse extremamente cuidadosa agora.

Brandin se afundou numa cadeira ao pé do fogo. Parecia cansado, mais do que tudo. Isso só se mostrava de pequenas maneiras, mas ela o conhecia há muito tempo.

— Eu *tenho* que dar o cargo a Neso agora — disse. — Acho que sabe disso. Desculpe-me.

Algumas coisas pareciam não haver mudado: sempre essa cortesia tão séria e inesperada quando falava com ela sobre tais coisas. Que necessidade tem o Rei de Ygrath de se desculpar com ela por escolher um de seus cortesãos em vez de outro? Ela caminhou pela sala, agarrada às suas resoluções. Ao seu aceno, sentou-se na cadeira oposta à dele. Os olhos dele recaíram sobre ela em uma análise estranha, quase imparcial. Ela se perguntava o que viam.

Escutou algo no outro extremo da sala e, olhando de relance, viu Rhun sentado junto à segunda lareira, desinteressadamente folheando um livro de figuras. Sua presença a lembrou de algo, e de repente sentiu sua raiva voltando.

— É *claro* que teve que oferecê-lo a Neso — disse. — Asoli é seu prêmio pela bravura a serviço do Rei.

Ele mal respondeu. Sua boca se curvou brevemente, com uma expressão um tanto irônica; entretanto, ele ainda parecia preocupado, prestando apenas alguma atenção ao que ela falava.

— Bravura, coragem... chamam de algo do gênero — falou, distraidamente. — O que aconteceu foi que ele não saiu do lugar a tempo. D'Eymon já estava se organizando ontem à noite para espalhar a notícia de que foi Neso quem salvou minha vida.

Dianora não iria contra isso. Recusava-se. Nem sequer entendia por que Brandin estava falando essas coisas. Em vez disso, ela disse, olhando através do cômodo para Rhun, e não

para o Rei:

— Isso parece fazer sentido, e você deve certamente saber que não me importo. O que eu *não* entendo é por que está espalhando mentiras sobre o destino de Camena. — Respirou fundo e continuou: — Eu sei a verdade. É uma coisa tão feia e perversa de se fazer. Se deve preparar um bobo para substituir Rhun, por que estragar um homem inteiro e saudável? Por que fazer tal coisa?

Ele não respondeu por um bom tempo, e Dianora teve medo de olhá-lo. Rhun, embora estivesse longe demais para escutar, parou de folhear o livro e mirou-os.

— Nestas circunstâncias, há precedentes. — Foi o que Brandin disse por fim, seu tom ainda suave. Mas então, um momento depois, acrescentou: — Eu deveria ter afastado Scelto de você há muito tempo. Vocês dois aprendem muito e rápido demais.

Dianora abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. O que poderia falar? Ela pedira por isso. Exatamente por isso. Mas então, olhando de esguelha, viu que Brandin sorria. Era um sorriso estranho, e havia algo esquisito no modo como o Rei a olhava. Ele prosseguiu:

— Também nestas circunstâncias, Scelto estava certo pela manhã, mas as informações dele estão erradas agora.

— O que você quer dizer? — Sentiu um genuíno mal-estar começar. Havia algo estranho, que não conseguia compreender, nas maneiras dele naquela manhã. Sabia, entretanto, que era mais do que cansaço.

— Cancelei as ordens de ontem depois da cavalgada — falou, tranquilamente. — Camena provavelmente está morto a essa hora. Uma morte rápida. Exatamente como foi noticiado.

Ela notou que suas mãos se apertavam em seu colo. Replicou estupidamente, sem pensar:

— Isso é verdade?

Brandin somente ergueu a sobrancelha, mas ela sentiu-se corar profundamente.

— Eu não preciso enganá-la, Dianora. Ordenei que arrajassem testemunhas entre os de Chiara, assim não haveria dúvida. O que lhe faria acreditar? Devo mandar a cabeça dele para seu quarto?

Ela abaixou os olhos novamente, pensando na cabeça de Isolla estourando como uma fruta esmagada. Engoliu em seco. Ele havia feito isso com um simples gesto de sua mão. Olhou mais uma vez para o Rei. Silenciosamente, balançou a cabeça. O que havia acontecido naquela cavalgada? O que estava acontecendo ali?

Então, abruptamente, ela lembrou o que mais tinha acontecido a ele no dia anterior. Nas montanhas, no lugar onde uma rocha cinzenta se erguia ao lado da trilha. *Um homem vê uma riselka, sua vida mudará.*

Brandin se voltou para o fogo, uma perna cruzada sobre a outra. Baixou o atizador, apoiando-se na cadeira.

— Você ainda não me perguntou sobre os motivos de ter mudado as ordens. Isso não é do seu feitio, Dianora.

— Estou com medo de fazê-lo — respondeu, honestamente.

O Rei encarou-a diante desse comentário, as escuras sobrancelhas niveladas agora, os olhos cinzentos intimidadores em sua inteligência.

— Isso também não é do seu feitio.

— Você também não está muito... você mesmo esta manhã.

— Justo — declarou, calmamente. Olhou-a em silêncio por um instante, mas então pareceu ponderar mais alguma coisa. — Conte-me uma coisa. D'Eymon dificultou as coisas para você agora há pouco? Advertiu-a ou fez ameaças?

Não era bruxaria, afirmou para si mesma, ferozmente. Ele não lia sua mente. Era só Brandin sendo o que era, atento a todas as mudanças que afetam aqueles ao seu redor.

— Não diretamente — disse, sem graça. Outrora, poderia ter visto aquilo como uma oportunidade, mas a atmosfera da manhã estava muito estranha. — Ele estava... irritado com o ocorrido de ontem. Temia, eu acho, mudanças na harmonia aqui da corte. Uma vez que a notícia de que foi Neso quem salvou sua vida se espalhe, acho que o Chanceler ficará mais calmo. Não será difícil para ele espalhar essa história; as coisas aconteceram muito rápido. Duvido que alguém tenha visto claramente.

Dessa vez, o sorriso de Brandin enquanto a escutava era um que conhecia e estimava: de igual para igual, suas mentes dividindo o trajeto de um pensamento complexo. Mas, quando terminou, a expressão dele mudou.

— Eu vi — disse ele. — Eu vi claramente.

Dianora olhou para longe e para baixo novamente, para as mãos em seu colo.

Seu caminho está claro agora, recitou para si mesma o mais severamente que conseguia. *Lembre-se disso*. Tinha-lhe sido oferecida uma visão dela mesma, em verde, junto ao mar. E seu coração agora pertencia somente a si mesma depois da noite anterior. Havia uma rocha que o prendia ali, seguro dentro de seu peito. Brandin argumentou:

— Seria fácil contar a história de Neso, concordo. Mas fiz um grande esforço pensando ontem à noite, e então novamente no passeio a cavalo. Vou falar com d'Eymon hoje, mais tarde, depois que assistirmos aos corredores voltarem para casa. A história a ser propagada será a verdadeira, Dianora.

Ela não tinha certeza se escutara corretamente. Quando percebeu que *sim*, algo pareceu chegar à borda e derramar um pouco, como uma taça transbordando de vinho dentro dela.

— Você deveria andar a cavalo mais vezes — murmurou. Ele ouviu. Riu suavemente, mas ela não o olhou. Tinha a forte sensação de que não aguentaria erguer os olhos.

— Por quê? — ela questionou, absorta em seus dedos entrelaçados. — Por que as duas coisas então: o destino de Camena e agora isso?

Brandin permaneceu quieto por tanto tempo que por fim ela o encarou, cautelosa. Ele se virara para o fogo novamente, e o atiçava com o ferro. Do outro lado do cômodo, Rhun havia fechado o livro e estava em pé ao lado de sua mesa, observando os dois. Vestido de preto, é claro. Exatamente como o Rei.

— Corra! — gritou Alessan, apontando para um espaço nas colinas. — Tem uma vila lá na frente!

Devin xingou, abaixou a cabeça sobre o pescoço do cavalo e cravou os calcanhares nos flancos do animal, seguindo Erlein di Senzio para o oeste, rumo à passagem e ao disco baixo e vermelho que era o sol.

Atrás dele, disparando das colinas marrons, estavam pelos menos oito, possivelmente doze, bandidos dos planaltos. Ele não olhara para trás depois do primeiro vislumbre assustado que tivera dos fora da lei e do grito mandando que parassem.

Não achou que tivessem alguma chance, não importava o quão próximo a tal vila estivesse. Haviam cavalgado num ritmo difícil por horas e os cavalos que Alienor lhes dera estavam cansados. Se aquela fosse uma corrida contra criminosos em montarias descansadas, provavelmente já estariam mortos. Cerrou os dentes e cavalgou, ignorando a dor na perna e a agulhada dos cortes reabertos por seu salto nas montanhas, mais cedo naquele dia.

O vento assobiava por ele enquanto cavalgava. Viu Alessan se virar na sela, uma flecha no arco já completamente puxado. O Príncipe atirou para trás uma vez e então outra, em direção ao crepúsculo, os músculos estirados pelo esforço. Uma tentativa desesperada e improvável, dada a velocidade do vento.

Dois homens gritaram. Devin olhou rapidamente para trás e viu um deles cair. Um punhado de flechas chegou bem perto dos três.

— Eles estão mais devagar! — murmurou Erlein, que também lançava um olhar para trás. — Quanto mais até a vila?

— Pela passagem, mais vinte minutos! Rápido!

Alessan não atirou de novo, curvando-se para conseguir mais velocidade em seu cavalo cinza. Correram na direção do vento pelo caminho do sol, entre a parte sombria das duas colinas cobertas de grama, e pelo espaço entre elas.

Eles não saíram.

Onde tinham acabado de fazer a curva invadindo os cumes, havia oito cavaleiros esperando em linha na fenda, os arcos calmamente apontando para os três.

Pararam os cavalos. Devin olhou por cima do ombro e viu os criminosos que os perseguiam entrando na passagem atrás deles. Havia um cavalo sem ninguém e um homem segurando o próprio ombro, onde ainda havia uma flecha cravada.

Ele encarou Alessan e viu o ar desesperado e desafiador no rosto do Príncipe.

— Não seja tolo! — Erlein disparou. — Você não pode fugir e não pode matar tantos homens.

— Posso tentar — disse, seus olhos passando pelo desfiladeiro e pelas montanhas íngremes que os cercavam, ansioso para achar um jeito de sair dali. Entretanto, tinha parado seu cavalo e não levantara o arco.

— Direto para a armadilha. Que final esplêndido para duas décadas de sonho! — sua voz era corrosivamente amarga, rouca com autorrepreensão.

Mas era verdade, Devin percebeu, tarde demais. Aquela passagem pelas colinas era um lugar óbvio para uma emboscada e os três sabiam que havia vários fora da lei nas florestas do sul de Certando, aonde até os mercenários barbadianos raramente iam e das quais homens de bem nunca chegavam perto ao cair da noite. Por outro lado, não tiveram muita escolha, considerando o quão longe tiveram de ir e o quão rápido.

Não parecia que chegariam ali. Ou a qualquer lugar. Ainda havia luz o bastante para discernir os bandidos e a aparência deles não os tranquilizava. Suas roupas podiam ser escolhidas de maneira aleatória e estar gastas, mas seus cavalos estavam longe das criaturas abatidas que a maioria dos criminosos tinha. O homem em frente a eles parecia disciplinado e as armas apontadas para os três eram formidáveis. Essa havia sido, muito claramente, uma armadilha cuidadosamente montada.

Um homem deu alguns passos à frente da fileira silenciosa.

— Soltem os arcos — disse com uma autoridade tranquila. — Não gosto de falar com homens armados.

— Nem eu — respondeu Alessan sombriamente, encarando-o. Mas um momento depois, deixou seu arco cair no chão. Ao lado de Devin, Erlein fez o mesmo.

— E o garoto — falou o malfeitor, ainda cortês. Era um homem grande e de meia-idade, rosto largo e cheio de barba que se mostrava vermelha na luz minguante. Usava um chapéu escuro e de aba larga que escondia seus olhos.

— Não carrego um arco — respondeu com simplicidade, largando a espada.

O homem em frente a eles soltou um riso zombeteiro.

— Magian, por que seus homens estavam ao alcance das flechas? — o homem barbado perguntou, mais alto desta vez. Ele não riu. — Você sabia de minhas instruções. Sabe como fazemos isso.

— Não achei que estivéssemos. — Uma voz irritada soou atrás deles, junto do barulho de cascos. Seus perseguidores estavam ali. A armadilha estava fechada, pela frente e por trás. — Ele deu um tiro de longa distância à meia luz e com vento. Ele teve sorte, Ducas.

— Ele não teria tido a chance de ter sorte se você tivesse feito seu trabalho direito. Onde está Abhar?

— Levou uma flechada na coxa e caiu. Torre foi buscá-lo.

— Desperdício. — O de barba ruiva franziu as sobrancelhas. — Não gosto de desperdícios. — Era uma presença volumosa e escura em silhueta contra o sol baixo. Logo junto dele, os outros sete cavaleiros continuavam empunhando os arcos.

— Se desperdícios o ofendem, não vai gostar do trabalho desta noite — Alessan falou. — Não temos o que lhe dar a não ser nossas armas. Ou nossas vidas, se você é do tipo que mata por prazer.

— Às vezes — respondeu o de nome Ducas, sem erguer a voz. Ele parecia

perturbadoramente calmo, pensou Devin, e em total controle de seu bando. — Meus dois homens morrerão? Usou flechas envenenadas?

— Nem mesmo contra barbadianos. Por quê? Você usa? — Sua expressão era de desdém.

— Às vezes — o líder falou novamente. — Especialmente contra barbadianos. Estas *são* as terras altas, afinal. — Sorriu pela primeira vez, um sorriso frio e feroz. Devin teve a repentina sensação de que não gostaria de ter as memórias ou os sonhos daquele homem.

Alessan não disse nada. Estava escurecendo na passagem. Devin pousou seu olhar em Erlein, analisando seu rosto. O mago balançou a cabeça; um minuto, um gesto quase invisível.

— São muitos — sussurrou. — E além do mais...

— O grisalho é um mago! — veio a voz enfática da linha do outro lado de Ducas.

Um homem de rosto redondo e robusto moveu seu cavalo para ao lado do líder.

— Nem pense nisso — continuou, olhando diretamente para Erlein. — Posso bloquear qualquer coisa que tente.

Assustado, Devin olhou a mão do homem, mas àquela distância estava escuro demais para ver se faltavam dois dedos. Mas deviam faltar.

Eles tinham encontrado outro mago, por todo o bem que lhes faria.

— E precisamente quanto tempo acha que um rastreador levaria para achá-los? — perguntou Erlein, a voz macia. — Com o rastro da magia de nós dois guiando para este lugar?

— Há uma quantidade suficiente de atiradores apontando para o seu coração e a sua garganta para garantir que isso não aconteça — o líder interrompeu. — Mas confesso que fica mais interessante a cada momento. Um arqueiro e um mago cavalcando por aqui num Dia das Brasas. Não temem os mortos? O que o garoto faz?

— Sou cantor — respondeu, austero. — Devin d'Asoli. Até recentemente, era da companhia de Menico di Ferraut, se isso significa algo para você.

A questão, obviamente, era manter a conversa de algum jeito. E ele ouvira histórias — mais para o que os viajantes queriam ouvir — de bandos de bandidos poupando músicos em troca de uma noite de canções. Então, algo lhe ocorreu:

— Pensou que fôssemos barbadianos, não é? À distância. Por isso preparou a armadilha.

— Um cantor. Um cantor esperto — murmurou Ducas. — Não esperto o suficiente para ficar em casa num Dia das Brasas. Claro que achamos que eram barbadianos. Quem na Palma Oriental, além de barbadianos e criminosos, estaria por aqui hoje? E todos os bandidos num raio de quarenta quilômetros fazem parte do meu bando.

— Há bandidos e bandidos — Alessan afirmou suavemente. — Mas se está caçando barbadianos mercenários, você e seus homens têm o mesmo coração que nós. Posso lhe afirmar, e não minto, Ducas, que se nos parar aqui ou nos matar, vai dar uma ajuda aos barbadianos e a Ygrath, que eles nunca nem sonhariam em lhe pedir. — Houve, não com surpresa, silêncio. O vento passava cortante, mexendo as gramíneas jovens que cresciam no

escuro.

— Você se tem em alta conta — disse Ducas demoradamente, pensativo. — Talvez eu deva saber por quê. Eu acho que é hora de me falar exatamente quem vocês são e de onde estão vindo num entardecer do Dia de Brasas, e então tirarei minhas próprias conclusões.

— Meu nome é Alessan. Estou indo para oeste. Minha mãe está doente e pediu que eu fique ao seu lado.

— Que dedicado de sua parte — disse Ducas. — Mas um nome não me diz nada e o oeste é bem grande, meu amigo arqueiro. *Quem é você e de onde vem?* — A voz era o desenrolar de um chicote dessa vez. Devin pulou. Atrás de Ducas, sete cordas de arco foram puxadas.

Devin, com o coração acelerado, viu Alessan hesitar. O sol já tinha quase sumido agora — era só um disco vermelho cortado ao meio pelo horizonte além da passagem. O vento parecia soprar mais forte, prometendo uma noite fria depois daquele primeiro dia de primavera.

Havia frio em Devin também. Olhou para o mago e descobriu que ele também o encarava, como que esperando. Alessan ainda não falara nada. Ducas se mexeu significativamente em sua sela.

Devin engoliu em seco e, sabendo que não importava o quão difícil fosse para ele, seria mais fácil do que para Alessan, respondeu:

— Tigana. Ele é de Tigana e eu também.

Ele teve o cuidado de olhar para o bandido bruxo enquanto falava, e não para Ducas ou para qualquer um dos outros. Viu pelo canto de olho que Alessan fazia o mesmo, para não ter que ver o olhar vazio de incompreensão que sabiam que se seguiria. O mago seria diferente. Bruxos poderiam ouvir o nome.

Um murmúrio começou entre aqueles homens, à frente e atrás deles. E então um deles falou alto em meio às sombras crepusculares daquele lugar solitário. A voz vinha da linha de trás.

— Pelo sangue do deus! — o grito veio da alma. Devin se virou. O homem desmontou e caminhou rapidamente para ficar frente a frente com eles. Viu que ele era pequeno, não muito maior que ele mesmo, em torno de 30 anos ou um pouco mais, e que se movia de forma estranha, claramente com dor, com a flecha de Alessan presa em seu braço.

Ducas olhava para seu mago.

— Sertino, o que é isso? — perguntou, sua voz num tom afiado. — Eu não...

— Feitiçaria — respondeu abruptamente.

— O quê? Dele? — acenou com a cabeça para Erlein.

— Não, não dele. — Foi o homem machucado quem falou, seus olhos não deixando o rosto de Alessan. — Não desse pobre mago. Isso é feitiçaria de verdade. É o poder de Brandin de Ygrath que o impede de ouvir o nome.

Ducas tirou o chapéu num movimento raivoso, revelando uma cúpula careca com uma orla de cabelos vermelhos.

— E você, Naddo? Como escuta isso, então?

O ladrão no chão trocou vacilante de um pé para o outro antes de responder:

— Porque também nasci lá e sou imune ao feitiço; ou outra vítima dele, como preferir. — Devin podia escutar a tensão na voz dele, como se fosse alguém se agarrando fortemente ao autocontrole. Ele ouviu o homem chamado Naddo falar, olhando para Alessan:

— Perguntaram-lhe seu nome e você deu somente parte dele. Vai nos falar o resto? Vai me falar? — Era difícil ver seus olhos agora, mas sua voz contava uma velha história.

Alessan estava sentado no cavalo com uma comodidade que, mesmo depois de um dia na sela, parecia negar até mesmo a simples sugestão de cansaço ou a tensão de onde estavam. Mas então sua mão direita levantou e passou, inconscientemente, por seu já embaraçado cabelo e Devin, notando o gesto familiar, entendeu que o que quer que ele mesmo estivesse sentindo, estava dobrado e redobrado no homem que seguia.

E assim, na quietude naquele lugar, sendo os únicos outros barulhos o assobio do vento entre as colinas e a agitação dos cavalos sobre a grama, ele ouviu:

— Meu nome é Alessan di Tigana bar Valentin. Se é tão velho quanto aparenta, Naddo di Tigana, sabe quem eu sou.

Com os cabelos do pescoço arrepiados e um calafrio que não podia controlar, viu Naddo cair de joelhos no chão gelado antes mesmo da última palavra ser dita.

— Oh, meu Príncipe! — o ferido exclamou, com uma voz rouca. E cobrindo seu rosto com a mão boa, ele chorou.

— Príncipe? — questionou Ducas muito suavemente. Houve um movimento de inquietude entre os bandidos. — Sertino, explique-me isso!

Sertino, o mago, olhou de Alessan para Erlein e finalmente para o homem ferido. Uma expressão curiosa, quase aterrorizada, cruzou sua face redonda.

— Eles são de Baixa Corte. Tinha um nome diferente antes de Brandin de Ygrath chegar. Ele usou sua feitiçaria para afastar esse nome. Só pessoas nascidas lá e bruxos, graças à sua própria magia, podem ouvir o verdadeiro nome. É isso que está acontecendo aqui.

— E “Príncipe”? Naddo o chamou assim.

Ele ficou quieto. Olhou para Erlein, aquele olhar estranho e apreensivo ainda em seu rosto. Perguntou:

— Isso é verdade?

Erlein di Senzio, com um meio sorriso irônico, respondeu:

— Só não o deixe cortar seu cabelo, irmão. A menos que goste de ser um escravo careca.

A boca de Sertino se escancarou. Ducas bateu em seu joelho com o chapéu.

— Agora essa — estourou. — Não entendo. Tem muita coisa aqui que não entendo. Quero explicações, de todos vocês! — sua voz soou severa, muito mais alta do que antes. Mas não olhava para Alessan.

— *Eu* entendo bem o suficiente, Ducas — ouviu-se de trás deles. Era Magian, o capitão do grupo que os havia guiado para a armadilha. Moveu seu cavalo adiante enquanto se viravam para encará-lo. — Entendo que fizemos nossa fortuna hoje. Se ele é o príncipe de uma

província que Brandin odeia, tudo o que precisamos fazer é levá-lo para oeste, para Forte Forese, pela fronteira e entregá-lo para os ygratheanos lá. Com um mago para servir. E quem sabe um deles não gosta de garotos em sua cama. Garotos que cantam. — Seu sorriso era feroz, perdido nas sombras. Ele acrescentou: — Haverá recompensas. Terras. Talvez até...

E ele não disse mais nada. Nunca. Sem acreditar, Devin viu a boca de Magian se abrir e seus olhos se arregalarem brevemente. Ele caiu devagar de seu cavalo, com o estrondo da espada e do arco batendo no chão ao lado de Erlein.

Havia um punhal de cabo longo em suas costas. Um dos ladrões da fileira atrás dele, sem pressa alguma, saiu do cavalo e tirou a adaga. Limpou-a cuidadosamente na roupa do homem morto antes de colocá-la de volta em seu cinto.

— Não foi uma boa ideia, Magian — falou calmamente, endireitando-se e olhando para Ducas. — Realmente não foi uma boa ideia. Não somos informantes, não servimos aos tiranos.

Ducas enfiou seu chapéu de volta na cabeça, visivelmente lutando por controle. Respirou fundo.

— Acontece que concordo. Mas também acontece, Arkin, que temos uma regra aqui sobre usar armas uns contra os outros.

Arkin era muito alto, quase esquelético, e seu rosto longo estava pálido, Devin notou, mesmo contra as sombras do crepúsculo.

— Sei disso, Ducas. Isso foi um desperdício. Eu sei. Você terá que me perdoar.

Ele não respondeu nada por um longo tempo. Ninguém mais também o fez. Devin, passando o olhar pelo homem morto, viu os dois magos olhando um para o outro nas sombras. Arkin ainda olhava para Ducas, que finalmente quebrou o silêncio:

— Você tem sorte de eu concordar com você — disse.

Arkin balançou a cabeça.

— Não estaríamos juntos há tanto tempo se fosse diferente.

Alessan elegantemente desmontou de seu cavalo. Caminhou até Ducas, ignorando os arcos ainda apontados pra ele.

— Se estão caçando barbadianos — disse, tranquilamente —, creio que sei o motivo. Estou fazendo o mesmo, à minha maneira — hesitou. — Podem fazer como seu amigo morto sugeriu: entregar-me para Ygrath e, sim, acredito que receberiam uma recompensa. Ou podem nos matar aqui e terminar com isso. Podem também nos deixar tomar nosso próprio caminho daqui. Mas há outra coisa, um tanto diferente a se fazer.

— Que seria? — Ducas parecia ter recuperado seu autocontrole. Seu tom estava novamente calmo como no começo.

— Juntem-se a mim. No que procuro fazer.

— Que seria?

— Tirar ambos os tiranos da Palma antes que o verão chegue.

Naddo de repente ergueu o olhar, um brilho em sua face.

— É sério, meu senhor? Podemos fazer isso? Mesmo agora?

— Há uma chance — Alessan disse. — Especialmente agora. Pela primeira vez, há uma chance. — Olhou novamente para Ducas. — Onde você nasceu?

— Tregea — o homem respondeu, depois de uma pausa. — Nas montanhas.

Levou um momento para Devin pensar em como as coisas haviam se invertido completamente ali; que Alessan era quem fazia essa pergunta agora. Sentiu algo se mexer dentro de si, esperança renovada e orgulho.

O Príncipe balançava a cabeça.

— Como eu suspeitava. Ouvi histórias sobre o ruivo Capitão Ducas, um dos líderes de Borifort em Tregea durante o cerco de barbadianos lá. Nunca o acharam depois que o forte caiu — hesitou. — Não pude deixar de reparar na cor de seu cabelo.

Por um momento os dois permaneceram imóveis como uma pintura, um no chão e outro em seu cavalo. Então, um tanto quanto subitamente, Ducas di Tregea sorriu.

— O que resta do meu cabelo — murmurou ironicamente, tirando o chapéu novamente em um gesto amplo.

Soltando as rédeas, desceu do cavalo e, dando alguns passos à frente, estendeu uma das mãos para Alessan. Ele respondeu a ambos — o sorriso e a mão — igualmente. Devin viu-se ofegando com a onda de alívio que o invadiu e então comemorou animadamente, no máximo de sua voz, com vinte bandidos numa passagem escura de Certando.

Porém, o que percebeu, mesmo enquanto as comemorações aumentavam, foi que nenhum dos dois magos gritava. Erlein e Sertino permaneciam sentados em seus cavalos muito quietos, quase rígidos, como que se concentrando em alguma coisa. Eles se encararam, as expressões igualmente sombrias.

E por ter percebido, por parecer estar se tornando o tipo de homem que notava coisas como aquelas, foi o primeiro a ficar quieto e instintivamente ergueu a mão para silenciar os outros. Alessan e Ducas abaixaram as mãos gradualmente e, conforme o silêncio retomava ao local, todos olharam para os magos.

— O que aconteceu? — falou Ducas.

Sertino se virou para ele.

— Rastreador, a noroeste de nós, bem próximo. Eu acabei de senti-lo rastreando. Ele não vai me achar, não faço mágicas há um bom tempo.

— Eu fiz — disse Erlein di Senzio. — Hoje mais cedo, na Passagem de Braccio. Só um feitiço de luz, uma barreira para uma pessoa. Evidentemente foi o suficiente. Devia ter um rastreador em um dos fortes do sul.

— Quase sempre há — Sertino replicou friamente.

— O que faziam na Passagem de Braccio? — disse Ducas.

— Colhíamos flores — Alessan falou. — Explico depois. Agora temos barbadianos com que lidar. Quantos estarão com o rastreador?

— Não menos que vinte. Provavelmente mais. Temos um acampamento nas colinas ao sul

daqui. Devemos correr para lá?

— Vão nos seguir — afirmou Erlein. — Eles me tem marcado. O rastro da minha magia vai me marcar por pelo menos mais um dia.

— Eu não quero me esconder de novo, de qualquer jeito — Alessan disse calmamente. Devin rapidamente se virou para olhá-lo. Ducas fez o mesmo. Naddo se levantou, desajeitado.

— O quão bons, exatamente, são seus homens? — o Príncipe questionou, com desafio tanto em seu tom como em seus olhos acinzentados.

E nas sombras onde estava quase completamente escuro, Devin viu os dentes do líder dos ladrões tregeanos aparecerem subitamente.

— Bons o suficiente e de sobra para lidar com escória barbadiana. É mais do que jamais enfrentamos, mas nunca lutamos junto de um príncipe. Acho — acrescentou em tom reflexivo — que de repente também estou ficando cansado de me esconder.

Devin procurou os magos com o olhar. Estava difícil ver suas feições no escuro, mas Erlein disse, com um tom de voz duro:

— Alessan, o rastreador terá que ser morto imediatamente ou ele mandará uma imagem deste lugar para Alberico.

— Ele será — respondeu Alessan, com tranquilidade. E em sua voz também havia uma nova nota. A presença de algo que Devin nunca ouvira. Um segundo depois, ele percebeu que era a morte.

A capa de Alessan balançou numa rajada de vento. Muito deliberadamente, ele cobriu o rosto com seu capuz.

O problema para Devin é que o rastreador de Alberico tinha, na verdade, 12 anos de idade.

Enviaram Erlein, cavalgando a oeste para fora da passagem, como isca. Era ele quem estava sendo seguido. Ele trazia Sertino di Certando, o outro mago, e dois outros homens com eles, sendo um deles Naddo, ferido, que insistira em fazer algo de útil mesmo não podendo lutar.

Removeram a flecha de seu braço e o enfaixaram. Era óbvio que aquilo não era fácil para ele, mas era ainda mais claro que, na presença de Alessan, não estaria disposto a ceder.

Pouco depois, sob as estrelas e a crescente Vidomni, os barbadianos adentraram a passagem. Havia vinte e cinco deles além do rastreador. Seis carregavam tochas, o que facilitava as coisas. Mas não para eles.

As flechas de Alessan e Ducas encontraram-se no peito do rastreador, disparadas das encostas dos dois lados do desfiladeiro. Onze dos mercenários caíram sob aquela primeira chuva de flechas, antes que Devin percebesse que galopava furiosamente, com Alessan e meia dúzia de outros homens, saindo de seus esconderijos na passagem. Eles se moviam de modo a fechar a saída ocidental, enquanto Ducas e nove homens fechavam a oriental, por onde haviam entrado os barbadianos.

E então, naquela Noite das Brasas, na companhia de foras da lei nas altas terras de

Certando, longe de seu lar perdido, Alessan bar Valentin, Príncipe de Tigana, lutou a primeira batalha de verdade em sua longa guerra de retorno. Após os obscuros anos de manobras, de coleta sigilosa de informações e de eventos delicadamente causados, ele empunhou sua espada contra as forças do Tirano naquela passagem iluminada pela lua.

Sem subterfúgios, sem mais manipulações secretas do canto do palco. Aquela era uma batalha, pois chegara a hora.

Marius de Quileia lhe fizera uma promessa naquele dia, indo contra toda a sabedoria e experiência, e muito além da esperança. E com a promessa de Marius, tudo mudara. A espera acabara. Ele poderia afrouxar as rígidas amarras que mantiveram seu coração preso por todos aqueles anos. Naquela noite e naquela passagem, ele poderia matar: em memória de seu pai, de seus irmãos e de todos os mortos do Rio Deisa e depois, naquele ano em que não lhe fora permitido morrer.

Eles o retiraram e esconderam-no em Quileia, ao sul das montanhas, com Marius, na época um capitão da guarda da Alta Sacerdotisa. Um homem com suas próprias razões para cuidar de um jovem príncipe e escondê-lo nas terras ao norte. Aquilo ocorrera quase dezenove anos antes, quando começaram os segredos.

Estava farto de se esconder. A hora de fugir acabara; a temporada de guerra começara. Verdade, eram barbadianos, e não ygratheanos, os soldados que empunhavam espadas contra eles, mas no fim, dava tudo no mesmo. Ambos os tiranos eram a mesma coisa. Ele o dissera por todos aqueles anos, desde que viera ao norte da península com Baerd. Era uma verdade forjada como o metal, na dura fornalha de seu coração. Eles deveriam derrubar os dois, ou não estariam mais perto da liberdade do que antes.

E na Passagem de Braccio, naquela manhã, a tomada começara. A pedra angular fora colocada em seu lugar. Naquela noite, naquele desfiladeiro escuro, ele pôde libertar sua paixão reprimida, suas próprias e longas memórias de perda, e erguer o braço que empunhava a espada.

Devin, esforçando-se para acompanhar o Príncipe, cavalgou para seu primeiro combate com pânico puro e alegria lutando por controle dentro de seu peito. Ele não gritou, como fizera a maioria dos fora da lei; concentrava-se o máximo que conseguia em ignorar a dor em sua perna ferida. Agarrou a espada negra que Baerd lhe comprara, segurando-a com a lâmina curva para cima, como fora ensinado naquelas aulas de inverno que pareciam inimaginavelmente distantes dos acontecimentos daquela noite.

Viu Alessan cavalgar diretamente para as fileiras dos mercenários, inabalável como uma de suas flechas, como se deixasse para trás, com aquele único ato de resposta direta, todos os anos em que tal coisa não lhe fora permitida.

Freneticamente, cerrando os dentes, Devin seguia Alessan. Mas estava sozinho, a uma boa distância atrás, quando um barbadiano de barba aloirada surgiu ao seu lado, enorme em seu cavalo. Devin gritou, com o susto. Apenas algum instinto cego de sobrevivência e os reflexos com que nascera salvaram sua vida. Puxou o cavalo com afinco para a esquerda, virando-se

para um espaço que notara, e então se abaixou para a direita, o mais próximo do chão que conseguia, lançando-se para cima com toda a força. Sentiu uma dor lancinante na perna já ferida e quase caiu. O movimento da lâmina barbadiana cortou o ar vazio, onde a cabeça de Devin estivera. Um instante depois, Devin sentiu a própria lâmina recurvada perfurar a armadura de couro e a carne.

O barbadiano gritou, um som líquido e borbulhante. Ele balançava freneticamente sobre sua montaria, e sua espada se soltou de sua mão. Trouxe sua mão à boca, num gesto curiosamente infantil. Então, como uma árvore da montanha que cai lentamente, ele deslizou sobre a sela e caiu no chão.

Devin já puxara sua espada de volta. Dando meia-volta em seu cavalo, procurava por adversários. Mas ninguém vinha. Alessan e os demais estavam à sua frente, avançando sobre os mercenários, indo ao encontro do grupo de Ducas e Arkin, ao leste.

Devin percebeu que estava quase acabado. Não havia nada, de verdade, que pudesse fazer. Com uma complexa mistura de emoções que ele nem sequer tentara entender naquele momento, observava enquanto a espada do Príncipe se erguia e descia três vezes, e ele viu três barbadianos morrerem. Uma a uma, as seis tochas caíram no chão e foram apagadas. E então — apenas alguns momentos depois de cavalgarem pela passagem, conforme parecera a Devin — o último dos barbadianos fora abatido à espada.

Foi então que ele viu o que sobrara do rastreador e percebeu o quão jovem ele era. O corpo fora horrivelmente pisoteado no confronto. E repousava, retorcido e esticado de forma não natural. De algum modo, o rosto fora poupado, embora para Devin, que observava, aquela fosse a pior parte. As duas flechas ainda estavam cravadas no corpo da criança, embora a parte de trás de uma delas tivesse quebrado.

Devin desviou o olhar. Acariciou o cavalo que Alienor lhe dera e sussurrou para ele. Então se forçou a voltar para o homem que matara. Aquilo não era o mesmo que o soldado sonolento, na propriedade Nievolene. Não era, dizia para si mesmo. Aquele fora um combate aberto, o barbadiano possuía arma e armadura e brandira sua pesada espada buscando tirar a vida de Devin. Tivessem os barbadianos e o rastreador alcançado a ele, Alessan e Erlein, sozinhos no campo, Devin não tinha ilusões, nenhuma que fosse, sobre qual teria sido seu destino.

Não era o mesmo que no celeiro. Ele repetiu para si mais uma vez, conforme tomava consciência da sinistra e desconcertante calma que parecia haver descido sobre a passagem. O vento ainda soprava, tão frio quanto antes. Ele olhou para cima e percebeu, tardiamente, que Alessan cavalaria em silêncio até seu lado, e também encarava o homem que Devin havia matado. Ambos os cavalos bufaram, inquietos pelo frenesi passado e pelo cheiro de sangue.

— Devin, acredite, eu sinto muito — murmurou Alessan, suavemente, para que ninguém mais o ouvisse. — É mais difícil da primeira vez, e eu não lhe dei chance de se preparar.

Devin balançou a cabeça. Sentia-se exaurido, quase entorpecido.

— Você não teve muita escolha. Talvez tenha sido melhor assim. — Ele limpou a garganta, sem jeito. — Alessan, você tem coisas maiores com que se preocupar. Eu escolhi livremente na floresta Sandreni, no último outono. Você não é responsável por mim.

— De certo modo, sou.

— Não de um modo que importe. Tomei minha própria decisão.

— Amizade não importa?

Devin permaneceu em silêncio, repentinamente acanhado. Alessan fazia isso com ele. Após um instante, o Príncipe completou, quase como uma reflexão tardia:

— Eu tinha a sua idade quando voltei de Quileia.

Por um momento, pareceu que ele diria algo mais, mas não o fez. Devin imaginou o que o Príncipe queria dizer, e algo se acendeu calmamente dentro dele, como uma vela.

Por mais um instante, olhou para baixo, para o homem morto. Apenas a luz pálida de Vidomni crescente já era o suficiente para revelar a dor fixa em seu rosto. Devin disse:

— Eu escolhi livremente, e compreendo a necessidade, mas não acho que irei me acostumar com isso.

— Eu sei que nunca me acostumei — disse Alessan. Ele hesitou. — Qualquer um de meus irmãos seria melhor naquilo que me mantiveram vivo para fazer.

Devin se voltou, tentando ler a expressão no rosto do Príncipe nas sombras. Após um momento, disse:

— Eu nunca os conheci, mas você me permite dizer que eu duvido? De verdade, eu duvido, Alessan.

Após um instante, o Príncipe tocou seu ombro.

— Obrigado. Temo que haja aqueles que discordariam. Mas obrigado, ainda assim.

E com aquelas palavras, pareceu se lembrar de algo ou ser lembrado de algo. Sua voz mudou.

— É melhor irmos. Devo falar com Ducas, e então teremos que nos encontrar com Erlein e prosseguir. Temos um longo caminho a percorrer. — Ele olhou para Devin, analisando-o. — Você deve estar exausto. Eu deveria ter perguntado antes: como está sua perna? Você consegue cavalgar?

— Estou bem — protestou Devin, rapidamente. — Claro que consigo cavalgar.

Alguém atrás deles riu, ironicamente. Ambos se viraram. E viram que Erlein e os outros haviam, na verdade, retornado à passagem.

— Diga-me — disse o mago para Alessan, com o deboche agudo na voz —, o que você esperava que ele dissesse? *É claro* que ele irá dizer que consegue cavalgar. Ele cavalgaria a noite toda, moribundo, por você. E este aqui também — gesticulou em direção a Naddo, atrás dele —, conhecendo-o há menos de uma hora. Eu imagino, Príncipe Alessan, como você se sente sabendo que tem tamanho poder sobre os corações dos homens?

Ducas chegara até eles enquanto Erlein falava. Mas não dissera nada, e estava escuro demais, sem as luzes das tochas, para que vissem a feição de qualquer um deles claramente.

Era necessário julgar pelas palavras, e pelas entonações. Alessan disse, baixo:

— Acho que você sabe minha resposta para isso. De qualquer modo, não tendo a pensar bem demais a meu respeito enquanto tenho você por perto, para apontar tais coisas para mim. — Ele parou, e então acrescentou: — Que a Tríade evite que *você* algum dia se voluntarie para cavalgar a noite toda por qualquer motivo que não seja você mesmo.

— Eu — disse Erlein, seco — não tenho mais escolha em assuntos como esses. Ou você se esqueceu?

— Não me esqueci. Mas não pretendo repetir esse debate agora, Erlein. Ducas e seus homens acabaram de colocar suas vidas em risco para salvar a sua. Se você...

— Para salvar a minha! Eu nunca estaria em risco se você não tivesse me obrigado a...

— Erlein, chega! Temos muito que fazer, e não estou com vontade de discutir.

Na escuridão, Devin viu Erlein fazer uma debochada reverência sobre o cavalo.

— Eu humildemente imploro seu perdão — disse ele, em tom exagerado. — O senhor realmente deveria me informar quando *estiver* com vontade de discutir. O senhor entenderá que esse é um assunto de alguma importância para mim.

Alessan permaneceu em silêncio pelo que pareceu um longo tempo. Então, calmamente, disse:

— Acho que consigo adivinhar o que está por trás disso. Eu compreendo. É por encontrar outro mago, não é? Com Sertino aqui, você sente mais o que aconteceu com você.

— Não finja que me entende, Alessan! — disse Erlein, furiosamente.

Ainda com calma, Alessan respondeu:

— Muito bem, então, não o farei. De certa maneira, eu talvez nunca o compreenda, nem o modo como viveu sua vida. Eu lhe disse isso na noite em que nos conhecemos. Mas, por enquanto, esse assunto está encerrado. Estarei pronto para discuti-lo no dia em que os tiranos tiverem partido da Palma. Não antes.

— Você estará morto até lá. Nós dois estaremos.

— Não toque nele! — soltou Alessan, bruscamente. Tardamente, Devin viu que Naddo erguera sua mão boa para acertar o mago. Com mais calma, o Príncipe completou. — Se nós dois estivermos mortos, então nossos espíritos poderão brigar nos Salões de Morian, Erlein. Até lá, já chega. Teremos muito que fazer juntos, nas próximas semanas.

Ducas tossiu.

— Quanto a isso — disse ele —, nós dois também temos que conversar. Ainda há algumas coisas que eu quero saber, antes de ir além do trabalho desta noite, por mais que tenha me agradado.

— Eu sei — disse Alessan, voltando-se para ele na escuridão. Ele hesitou. — Você cavalgará conosco por algum tempo? Somente até a vila. Você e Naddo, por causa de seu braço.

— Por que até lá, e por que por causa do braço? Não entendo — questionou Ducas. — Você deveria saber que não somos bem-vindos na vila. Por razões óbvias.

— Imagino. Não importa. Não numa Noite das Brasas. Você entenderá quando chegarmos

lá. Venha. Quero que meu bom amigo Erlein di Senzio veja algo. E imagino que Sertino deva vir conosco.

— Eu não perderia isso por todo o vinho azul de Astibar — disse o rechonchudo mago de Certando. Era interessante, e em outro momento seria até mesmo divertido, notar que ele mantinha uma distância saudável do Príncipe. As palavras que falava eram caricatas, mas seu tom era mortalmente sério.

— Então, venha — disse Alessan, bruscamente. Ele voltou seu cavalo para Erlein, quase esbarrando no outro homem, e partiu para fora da passagem, a oeste. Aqueles que ele nomeara os seguiram. Ducas falou algumas ordens específicas para Arkin, baixo demais para que Devin ouvisse. Arkin hesitou por um instante, claramente consternando, esperando ir com seu líder. Mas então, sem dizer nada, voltou seu cavalo na outra direção.

Quando Devin olhou, um instante depois, viu que os fora da lei vasculhavam os corpos dos barbadianos à procura de armas. Voltou-se para olhar para trás mais uma vez, mas eles já estavam em terreno aberto, com as colinas sombrias ao sul e ao leste, e uma planície de gramíneas desenrolando-se ao norte deles. A entrada da passagem não podia sequer ser vista. Arkin e os outros também partiriam em breve, Devin sabia, deixando apenas os mortos. Apenas os mortos, para serem recolhidos: um deles, morto por sua própria espada, e o outro, uma criança.

[...]

Catriana não conseguia enxergar a estrada enquanto subia o declive do desfiladeiro, mas pelos sons distantes e pelo modo como Baerd e Sandre permaneciam de pé sobre a grama, junto às árvores, rígidos enquanto observavam, ela sabia que algo estava errado. Concluía, muito tempo antes, que os homens eram muito piores do que as mulheres em esconder seus sentimentos em situações como aquela.

Seu cabelo ainda estava molhado depois de ter nadado na lagoa — seu lugar favorito, pelo qual passavam sempre que iam ou voltavam no percurso entre Ferraut e Certando. Apressou o passo para ver o que estava acontecendo.

Os dois não falaram nada quando ela apareceu ao seu lado. A carroça fora puxada até uma sombra, na estrada norte-sul, e os dois cavalos foram deixados livres para pastar. O arco de Baerd e sua aljava repousavam sobre a grama ao lado das árvores, fáceis de serem apanhados, se a necessidade surgisse. Ela olhou para a estrada e viu as tropas de barbadianos passando, marchando e cavalgando, erguendo uma pesada nuvem de poeira ao seu redor.

— Mais homens da Terceira Companhia — disse Sandre, a raiva fria na voz.

— Parece que todos estão indo, não é? — murmurou Baerd, amargo.

Algo que era bom, mais do que bom: era exatamente o que eles queriam. A raiva e a mágoa eram quase desnecessárias; elas pareciam surgir como algum instinto masculino instigado pela proximidade do inimigo. Catriana sentia vontade de chacoalhar os dois.

Era tão óbvio, na verdade. O próprio Baerd explicara isso para ela, para Sandre e para

Alienor de Barso no dia em que Alessan se encontrou com Marius de Quileia, nas montanhas, e cavalgou para oeste com Devin e Erlein.

E enquanto ouvia, naquele dia, forçando-se a manter a compostura na presença de Alienor, Catriana enfim compreendera o que Alessan queria dizer, todo aquele tempo, quando falara que teriam de esperar até a primavera. Estiveram esperando Marius dizer sim ou não. Para dizer se arriscaria sua própria coroa instável e sua vida por eles. E naquele dia, na Passagem de Braccio, ele dissera que sim. Baerd lhes contou um pouco, bem pouco, sobre o motivo. Dez dias depois, ela, Baerd e Sandre permaneciam em vigia no exterior do Forte Ortiz, quando os emissários vieram cavalcando ao longo da estrada, carregando a bandeira de Quileia, e foram recebidos com honras em frente às muralhas, escoltados para dentro pelos barbadianos.

Na manhã seguinte, os homens de Quileia continuaram sua cavalgada, sem pressa, descendo a estrada que leva ao norte. Duas horas após sua partida, os portões se abriram novamente, e seis homens deixaram o forte, extremamente apressados. Um deles — fora Sandre quem notara — era o próprio Siferval, capitão da Terceira Companhia.

— Está feito — dissera Baerd, com uma espécie de temor na voz. — Eu não posso acreditar, mas acho que conseguimos!

Pouco mais de uma semana depois, as primeiras tropas começavam a se deslocar, e souberam que ele estava certo. E não foi até alguns dias mais tarde, na vila de artesãos no norte de Certando, enquanto compravam pinturas e roupas, que descobriram, tarde demais, o que Brandin de Ygrath fizera em Chiara. O Reino da Palma Oriental.

— Você gosta de apostas? — perguntara Sandre a Baerd. — Os dados já estão rolando agora e ninguém poderá segurá-los ou detê-los até pararem.

Baerd não respondeu. Mas sua expressão, surpresa, quase chocada, fez com que Catriana desse um passo à frente e colocasse sua própria mão sobre a de Baerd, o que realmente não era algo típico dela.

Mas tudo mudara, ou estava mudando. Baerd não era o mesmo desde os Dias das Bragas e sua estadia no Castelo de Barso. Algo acontecera com ele ali também, mas essa parte ele não lhe explicara. Alessan partira, junto com Devin — e embora odiasse admitir, ela sentia quase tanta falta dele quanto do Príncipe. Até seu papel ali, no leste, se alterara completamente.

Eles haviam esperado pelos emissários nas terras altas, caso algo desse errado. Mas agora Baerd continuava conduzindo-os rapidamente, de cidade em cidade, parando para falar com alguns homens e mulheres sobre os quais Catriana nunca havia ouvido falar, dizendo-lhes para ficarem preparados, que poderia haver uma rebelião no verão.

E para alguns deles, não muitos, mas apenas um pequeno grupo, sua mensagem era bastante específica: Senzio. Que seguissem para o norte, até Senzio, antes do verão. *Leve uma arma, se puder.*

E foram aquelas últimas palavras que fizeram Catriana perceber, de forma mais clara e aguda, que o momento de agir havia realmente chegado. Era hora. Nada de agitações

secretas ou de vigiar enquanto as coisas aconteciam. Os acontecimentos tinham um foco agora, que era ou viria a ser em Senzio, muito em breve, e estavam indo para lá. O que aconteceria, ela ainda não sabia. E se Baerd sabia, não contara.

O que ele lhe contara, e também a Sandre, eram os nomes de certas pessoas.

Vários nomes. Nomes que mantinha na memória, alguns por mais de uma década. Pessoas que estavam com eles nisso, em quem poderiam confiar. Quem precisava saber, ali nas províncias governadas por Barbadior, que o movimento das tropas de Alberico era o sinal que esperavam para estarem, enfim, prontos. Para que assistissem ao desenrolar dos fatos e estivessem preparados para agir.

Sentavam-se juntos à noite, os três, ao redor de uma fogueira sob as estrelas ou num canto isolado de uma estalagem, em algum lugarejo ou vila, e Baerd recitava os nomes que precisariam conhecer.

Foi apenas na terceira noite que Catriana percebeu, pouco antes de pegar no sono, que a razão pela qual precisavam conhecer aqueles nomes era para o caso de Baerd morrer, já que Alessan estava no distante oeste.

— Ricaso bar Dellano — dissera Baerd. — Um tanoeiro em Marsilian, a primeira vila ao sul do Forte Ciorone. Nasceu em Avalor. Não pôde ir para a guerra porque é coxo. Falem com ele. Ele não poderá ir até o norte, mas conhece outros por perto e irá espalhar a informação e guiar nosso povo naquele distrito, se surgir a necessidade de um levante.

— Ricaso bar Dellano — repetia ela. — Em Marsilian.

— Dorrena bren Cullion. Em Delonghi, dentro da fronteira de Tregea, na estrada principal que sai de Ferraut. Ela é um pouco mais velha do que você, Catriana. O pai morreu no Deisa. Ela sabe quem avisar.

— Dorrena — murmurou Sandre, concentrando-se, enquanto juntava as mãos ossudas. — Em Delonghi.

E Catriana se surpreendia com a quantidade de nomes que parecia haver, quantas vidas Baerd e Alessan haviam tocado em suas viagens, durante doze anos de movimentação desde o retorno de Quileia, preparando a si mesmos e àqueles outros para um período, uma estação, um momento no futuro — que era agora. O momento que haviam vivido para ver. E o coração de Catriana se enchia então de esperança, enquanto sussurrava os nomes de novo e de novo, para ela mesma, como se fossem talismãs de poder.

Eles haviam cavalgado durante as semanas seguintes, em meio às flores da primavera, num ritmo descuidado, mal disfarçando seus papéis como mercadores. Fazendo transações ruins e apressadas por onde paravam, indispostos a permanecerem para conseguir barganhas melhores. Parando apenas para encontrar o homem ou mulher que era importante naquela vila ou conjunto de fazendas, aquele que conhecia os demais e levaria o aviso adiante.

Eles estavam perdendo dinheiro, mas Alienor lhes dera astúcias suficientes. Catriana, sendo honesta consigo mesma, percebeu que ainda relutava em aceitar o papel que aquela mulher desempenhara nas ações de Alessan durante tantos anos. Anos nos quais ela própria crescia

em ignorância, uma criança numa vila de pescadores de Astibar.

Certa vez, Baerd deixou-a fazer o contato em uma das cidades. A mulher era uma tecelã, bastante conhecida por seus talentos. Catriana encontrara a casa na beira da vila. Dois cachorros latiram para ela, enquanto se aproximava, sendo acalmados pela suave voz que vinha de dentro. No interior, Catriana encontrou uma mulher apenas um pouco mais nova que sua mãe. Certificou-se de que estavam sozinhas e, conforme instruída por Baerd, mostrou-lhe o anel de golfinho e lhe deu o nome de Alessan e a mensagem. A mesma mensagem de prontidão dos outros locais. Então, cuidadosamente disse o nome de dois homens e deu a segunda mensagem de Baerd: *Senzio. Verão. Diga para estarem armados, se conseguirem.*

A mulher empalidecera, pondo-se repentinamente de pé quando Catriana começou a falar. Quando a segunda mensagem foi concluída, ela permaneceu ainda um momento sem reação, para então enfim dar um passo à frente e beijar a boca de Catriana.

— Que a Tríade abençoe você e cuide de vocês três — disse ela. — Eu não achei que viveria para ver esse dia.

Ela chorava; Catriana sentiu um gosto salgado em seus lábios. Ela caminhara de volta para Baerd e Sandre. Eles acabavam de concluir uma compra de doze barris de cerveja de Certando. Uma transação lamentável.

— Estamos indo para o *norte*, seus tolos — exclamou ela, exasperada, tomada por seus instintos comerciais. — Eles não *gostam* de cerveja em Ferraut! Vocês *sabem* disso.

— Então teremos de beber nós mesmos — disse Sandre, subindo em seu cavalo e rindo. Baerd, que tão raramente costumava rir, mas que mudara bastante desde os Dias das Brisas, começou a gargalhar. E então, sentando-se ao lado dele na carroça enquanto iam para fora da cidade, ela acompanhou o riso, sentindo a brisa fresca que passava por seu cabelo e, ao que parecia, por seu coração.

Naquele mesmo dia, no começo da tarde, chegaram ao pequeno vale que ela amava e Baerd, lembrando-se disso, encostou a carroça fora da estrada, deixando que ela fosse se banhar no lago. Quando ela retornou, nenhum dos dois estava mais rindo: apenas observavam os barbadianos passarem.

Com certeza, foi a forma como estavam parados que causou todo o problema. Mas, quando ela os alcançou, já era tarde. E foi principalmente o olhar de Baerd que lhes chamara a atenção. Sandre, sob seu disfarce de khardhuneano, era quase completamente indiferente para os barbadianos.

Mas um mercador, um comerciante menor com apenas uma carruagem e um cavalo magricela, que permanecia encarando um exército passando por aquela trilha, friamente, com a cabeça erguida com arrogância, sem sequer parecer submisso nem muito menos com o temor apropriado diante de tal situação...

A linguagem corporal, pensou Catriana, podia ser ouvida bem demais às vezes. Ela olhou para Baerd, ao seu lado, cujos olhos fixavam-se, avaliando com frieza a companhia que

passava. E concluiu que não era arrogância, e tampouco algum orgulho masculino. Era algo mais, algo mais antigo. Uma resposta primitiva à demonstração de poder do Tirano, que ele podia esconder com tanto sucesso quanto aquele carregamento de doze barris de cerveja sobre a carroça.

— Pare! — sussurrou ela, firme. Mas enquanto o fazia, ouviu um dos barbadianos latir uma ordem sucinta, e meia dúzia deles se separaram da coluna de soldados e galoparam até onde eles estavam.

A boca de Catriana ficou subitamente seca. Notou que Baerd lançou um olhar para o local em que seu arco repousava, sobre a grama. E mudou sua posição levemente, para poder se movimentar melhor. Sandre fez o mesmo.

— O que vocês estão fazendo? — disparou ela. — Lembrem-se de onde estamos!

Ela não teve tempo de dizer mais nada. Os barbadianos chegavam até eles, enormes sobre seus cavalos, olhando com desdém para um homem e uma mulher da Palma e seu guarda-costas grisalho de Khardhun.

— Não gostei da sua cara — disse o líder, encarando Baerd. Seu cabelo era mais escuro do que o dos outros, mas seus olhos eram pálidos e duros.

Catriana engoliu em seco. Era a primeira vez em mais de um ano que eles enfrentavam barbadianos de maneira tão direta. Ela baixou os olhos, esperando que Baerd se acalmasse e dissesse as coisas certas.

O que ela não sabia, pois ninguém que estava ali poderia saber disso, era o que Baerd via naquele momento.

Ele não via seis barbadianos numa estrada em Certando, mas sim seis soldados ygratheanos na praça diante da casa de seu pai, tanto tempo antes. Tantos anos, e a memória ainda estava afiada como uma ferida feita no dia anterior. Todas as medidas normais de tempo pareciam ruir e se esvaír em ocasiões como aquela.

Baerd forçou-se a desviar seu olhar diante da expressão ameaçadora do barbadiano. Sabia que cometera um erro, sabia que era um erro que sempre cometeria se não tomasse cuidado. Ele estivera, entretanto, eufórico demais, deixando-se levar por uma onda de emoção, enquanto assistia à coluna de soldados marchando como se dançassem sob a melodia que ele e Alessan tocavam. Mas ainda era cedo, cedo demais, e tantas coisas ainda eram incertas e desconhecidas naquele futuro. E precisavam estar vivos para ver aquele futuro, ou tudo teria sido em vão. Anos e vidas, a paciente transformação de sonhos em realidade. Ele disse, com olhos e voz baixos:

— Sinto muito se os ofendi. Estava apenas admirando-os. Não temos visto tantos soldados assim pelas estradas nos últimos anos.

— Saímos da frente para abrir caminho para os senhores — completou Sandre, com sua voz profunda.

— Você, silêncio — disparou o líder barbadiano. — Se eu quiser conversar com serviçais, eu o avisarei.

Um dos outros comandou o cavalo para avançar em direção a Sandre, forçando-o a dar um passo para trás. Catriana, atrás dele, sentiu suas pernas fraquejarem. Ela esticou os braços e se agarrou ao corrimão da carroça apoiando-se; suas mãos estavam úmidas de pavor. Ela viu dois dos barbadianos analisando-a entre sorrisos, e notou de repente que suas roupas deveriam estar grudando em seu corpo, depois de nadar no lago.

— Perdoe-nos — repetiu Baerd, num tom camuflado. — Não queríamos problema algum.

— Verdade? E por que você estava contando nossos homens?

— Contando? Seus homens? Por que eu faria algo assim?

— Você me diga, mercador.

— Não foi nada disso — protestou Baerd, amaldiçoando-se em pensamento por ter cometido um erro tão amador. Após doze anos, um desleixo como esse! A situação estava ficando fora de controle, e o fato é que estivera realmente contando os soldados barbadianos. — Somos apenas comerciantes. Apenas pequenos comerciantes.

— Com um guerreiro khardhuneano como guarda? Acho que não são tão pequenos assim.

Baerd piscou e apertou as mãos com força. Cometera um erro terrível. Aquele homem era perigosamente inteligente.

— Eu temia por minha esposa — disse ele. — Há rumores de bandidos no sul, e bastante preocupantes.

Era verdade. Havia, na verdade, mais do que rumores. Vinte e cinco barbadianos haviam sido assassinados em uma passagem. Ele tinha razoável certeza de que Alessan participara daquilo.

— Por sua esposa ou por seus produtos? — zombou um dos barbadianos. — Sabemos bem o que é mais importante para pessoas como você.

Ele olhou para além de Baerd, para onde estava Catriana, com um olhar vago de pálpebras pesadas. Os outros soldados riram. Baerd rapidamente baixou sua cabeça mais uma vez; não queria que eles vissem a morte presente em seus olhos. Lembrava-se daquela risada, de sua ressonância. Até onde ela poderia levar. Até onde levava, numa praça de Tigana, dezoito anos antes. Ele permanecia em silêncio, o desejo de matar em seu coração, amarrado firme em sua memória.

— O que você está carregando? — cuspiu o primeiro barbadiano, sua voz golpeando como um porrete.

— Cerveja — disse Baerd, apertando as mãos. — Apenas alguns barris de cerveja para levar para o norte.

— Cerveja para *Ferraut*? Você é um mentiroso. Ou um tolo.

— Não, não — apressou-se a responder Baerd. — Não para Ferraut. Conseguimos um preço muito bom. Onze astins o barril. Bom o suficiente para valer todo o caminho até o norte. Estamos levando isso até Astibar. Podemos vendê-lo lá por três vezes esse valor.

Algo que seria verdade, se não tivessem pagado vinte e três astins em cada um dos barris.

O líder gesticulou e dois dos barbadianos desmontaram de seus cavalos. Abriram um dos

barris, usando suas espadas como alavancas. O aroma pungente da cerveja de Certando encheu o ar. O líder olhou, viu seus homens acenarem positivamente e se voltou para Baerd. Havia um sorriso malicioso em seu rosto.

— Onze astins o barril? Realmente, é um bom preço. Tão bom, que mesmo um mercadorzinho ambicioso não hesitaria em doá-los para o exército de Barbadior que defende você e os de sua laia.

Baerd já esperava por isso. Tomando cuidado para não sair de seu personagem, balbuciou:

— Se... se é o que deseja, então, sim. Vocês... vocês se importariam de comprá-lo, ao menos pelo valor que eu paguei?

Houve silêncio. Atrás dos seis barbadianos, o exército ainda marchava, descendo a estrada. Quase passara por eles. Ele possuía um bom palpite de quantos eram. Então o homem no cavalo à sua frente sacou a espada. Baerd ouviu Catriana fazer um pequeno ruído atrás dele. O barbadiano se recurvou sobre o pescoço de seu cavalo, arma estendida, e delicadamente tocou a bochecha barbada de Baerd com a parte lisa de sua espada.

— Nós não barganhamos — disse suavemente. — E nem roubamos. Nós aceitamos presentes. Ofereça-nos um presente, mercador. — Ele moveu a espada um pouco. Baerd podia senti-la picando e queimando seu rosto.

— Por favor, aceite... por favor, aceite essa cerveja de nós, como um presente aos homens da Terceira Companhia — disse ele. Com esforço, mantinha os olhos distantes do rosto do soldado.

— Ora essa, obrigado, mercador — respondeu, com um sarcasmo lento. Devagar, deslizando pelo rosto de Baerd como uma carícia maligna, ele retirou sua espada. — E já que você nos deu esses barris, certamente não nos negaria o cavalo e a carroça que os leva?

— Leve também a carroça — Baerd pegou-se falando. Subitamente, sentia como se estivesse saindo de seu corpo. Como se estivesse flutuando sobre a cena, olhando para baixo.

E foi daquele ponto alto e separado que ele parecia ver os barbadianos moverem-se para pegar seu veículo. Eles prenderam o cavalo novamente na carroça. Um deles, mais jovem do que os outros, jogou a bagagem e a comida no chão. Ele olhou de volta para Catriana, timidamente, um pouco envergonhado, e montou rapidamente no cavalo, e a carroça lentamente voltou-se para o caminho trilhado pela coluna de soldados barbadianos. Os outros cinco homens, levando seu cavalo, seguiram-no. Eles riam, naquele tipo de gargalhada que brotava facilmente entre grupos de homens, certos de onde estavam e de como suas vidas corriam. Baerd lançou outro olhar para seu arco. Tinha certeza de que conseguiria matar os seis, começando com o líder, antes que alguém pudesse intervir.

Mas não se moveu. Nenhum dos três se mexeu, até que a última coluna não podia mais ser vista, a carruagem balançando atrás deles. Baerd se virou e olhou para Catriana. Ela tremia, mas ele a conhecia bem o suficiente para saber que era mais a raiva do que o medo que a tomava.

— Desculpe — disse ele, estendendo a mão e tocando-lhe o ombro.

— Eu poderia matar você, Baerd, por me dar um susto desses.

— Eu sei — respondeu. — E eu mereceria essa morte. Eu os subestimei.

— Poderia ter sido pior — interveio Sandre, como se puxando assunto.

— Um pouco — soltou Catriana, com acidez. — Poderíamos estar todos mortos agora.

— Isso certamente seria bem pior — concordou Sandre, sério.

Levou ainda um momento para que ela percebesse que Sandre estava zombando dela.

E se surpreendeu ao ver-se rindo, um tanto descontroladamente. Sandre, com o rosto negro e sóbrio, também disse algo bastante inesperado:

— Você não tem ideia — murmurou — do quanto eu gostaria que você fosse do meu sangue. Minha filha, minha neta. Você me permite ter orgulho de você?

Ela estava tão surpresa que não conseguiu pensar em nada para dizer. Um instante depois, profundamente comovida, ela deu um passo adiante e beijou-lhe o rosto. Ele passou seu braço longo e magro ao redor dela e abraçou-a contra o peito, cuidadosamente, como se ela fosse algo muito frágil ou muito precioso, ou ambos. Ela não conseguia se lembrar da última vez em que alguém a segurara daquele modo.

Ele deu um passo para trás, pigarreando desajeitadamente. Ela viu que a expressão de Baerd era peculiarmente suave, enquanto olhava para os dois.

— Isso é tão bonito — soltou ela, propositalmente seca. — Devemos passar o dia aqui, dizendo uns aos outros o quão somos pessoas fantásticas?

Baerd sorriu.

— A ideia não é ruim, mas também não é das melhores. Acho que teremos que voltar até onde compramos a cerveja. Precisaremos de outra carroça e de um cavalo novo.

— Ótimo. Eu aceitaria um copo de cerveja — disse Sandre.

Catriana olhou-o novamente, notou seu olhar de esguelha, e riu. Sabia o que ele estava fazendo, mas não tinha imaginado que conseguiria rir novamente, tão cedo, depois de ver uma espada sobre o rosto de Baerd. Ele pegou seu arco e sua aljava sobre a grama.

Colocaram sua bagagem nos ombros e fizeram Catriana montar no cavalo restante. Sandre disse que nada mais pareceria correto. Ela quis discutir, mas não conseguiu. Na verdade, estava secretamente agradecida pela oportunidade de ir a cavalo; seus joelhos ainda estavam fracos.

A estrada encontrava-se cheia de poeira por quase cinco quilômetros, por causa do exército que passara, e eles preferiram se manter sobre a grama que a ladeava. O cavalo se assustou com um coelho e, antes que Catriana pudesse sequer registrar o fato, Baerd atirara uma flecha, e o animal estava morto. Eles o trocaram, numa fazenda pouco depois, por um jarro de cerveja, um pouco de pão e queijo, e continuaram.

Mais tarde, naquele mesmo dia, quando enfim chegavam à vila, Catriana se convenceu de que o incidente fora infeliz, mas sem grande importância.

Oito dias depois encontravam-se na cidade de Tregia. Não viram nenhum soldado na semana que se passara, já que caminhavam longe das estradas principais. Deixaram a nova

carruagem e os novos produtos na estalagem de costume e desceram até o bazar central. Era fim de tarde, um dia quente de primavera. Olhando para o norte, entre os prédios e além das docas, Catriana pôde ver os mastros dos primeiros navios que subiam o rio, depois do inverno. Sandre parou junto a um curtidor de couro para consertar o cinto no qual levava sua espada. Enquanto ela e Baerd seguiam pela praça lotada, um mercenário barbadiano mais velho do que o normal, manco e provavelmente bêbado, saiu de uma caverna, viu-a, e cambaleou para apalpar-lhe, desajeitado, os seios e a região entre as pernas.

Ela gritou, mais de susto do que de qualquer outra coisa.

E um momento depois, desejou com todo o coração que não tivesse gritado. Baerd, logo à sua frente, se virou, viu o homem e, com os mesmos reflexos com que matara o coelho, atingiu o barbadiano com um golpe colossal na lateral de sua cabeça.

E Catriana soube — soube naquele momento, com absoluta certeza — que ele não acertava apenas um guarda bêbado, mas também o oficial que o tocara com a espada, uma semana antes em Certando.

Um súbito silêncio horrorizado se formou ao redor deles. E então, murmúrios e balbucios. Olharam-se por um segundo fugaz e embaçado.

— Corra! — A ordem de Baerd saía às pressas. — Encontre-me hoje à noite, no lugar em que você subiu o rio, no inverno. Se eu não estiver lá, sigam sozinhos. Vocês conhecem os nomes. Não faltam muitos. Que Eanna guarde vocês!

E então ele partiu, cruzando a praça, correndo pelo caminho pelo qual vieram, enquanto um grupo de mercenários rompia rapidamente a multidão, vindo em direção a eles. O homem no chão não se moveu. Catriana não esperou para ver se ele estava vivo. Correu na outra direção, o mais rápido que conseguia. Do canto de seus olhos viu ainda Sandre, observando-os da barraca do curtidor, seu rosto em choque. Teve o cuidado, o cuidado desesperado de não olhá-lo e não correr em sua direção. Que um deles, ó, por favor, Tríade, que ao menos *um* deles conseguisse sair desse lugar vivo e livre, sabendo os nomes e carregando ainda o sonho rumo ao levante do verão.

Ela disparou por uma rua abarrotada, virando subitamente à esquerda no primeiro dos becos que formavam a parte mais velha de Tregea, próxima ao rio. Sobre sua cabeça, os segundos andares das casas pareciam querer tocar-se, e o que restava da luz do sol era completamente bloqueado, em certos pontos, pelas pontes que ligavam os prédios deteriorados em cada lado da rua.

Ela olhou para trás e viu quatro dos mercenários seguindo-a, gritando enquanto desembestavam pelos becos. Um deles gritou um comando para que parassem. Se algum deles tivesse um arco, pensou Catriana, provavelmente estaria morta dentro dos próximos segundos. Esquivando-se de um lado para o outro, ela dobrou à direita, descendo por uma passagem estreita e então virando outra vez à direita, assim que conseguiu, retomando a direção pela qual viera.

Havia três nomes, ali em Tregea, na lista de Baerd, e sabia onde dois deles poderiam ser encontrados. Mas era tolice pensar que poderia pedir socorro a algum deles, não com os

barbadianos tão perto atrás dela. Teria que escapar sozinha da perseguição, se conseguisse, e deixar que Sandre fizesse o contato. Ou Baerd, se ele sobrevivesse.

Ela se abaixou sob as roupas lavadas que alguém pendurara, e se enfiou à direita, em direção ao rio. Havia pessoas conversando nas alamedas, olhando com curiosidade a mulher que passava correndo. Sabia muito bem que aqueles olhares mudariam em um instante quando os barbadianos passassem em disparada atrás dela.

As ruas eram um emaranhado de labirintos. Não tinha certeza de onde estava; sabia apenas que o rio ficava ao norte. Em intervalos esparsos, conseguia ver, de relance, os mastros dos navios. Mas a beira do rio seria muito perigosa, muito aberta e exposta. Ela se virou outra vez para o sul, seus pulmões desesperados por ar. Atrás de si ouviu o som de coisas se quebrando e então uma cacofonia de gritos e xingamentos furiosos.

Cambaleou, virando a próxima esquina à direita. A cada instante, a cada curva, esperava que aquela confusão de becos a levasse direto até seus perseguidores. Se eles tivessem se espalhado, ela certamente estaria acabada. Uma carroça bloqueava o caminho. Ela encostou o corpo contra a parede e se esgueirou pela lateral da carroça. Chegando a outra encruzilhada de becos. Dessa vez, disparou reto, passando por meia dúzia de crianças em um jogo de saltar com cordas. Virou em seguida.

E foi agarrada, com força, logo acima do cotovelo direito. Começou a gritar, mas uma mão cobriu rapidamente sua boca. Tentou mordê-la, contorcendo-se violentamente enquanto tentava escapar.

OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO BANG!



MAGO APRENDIZ

LIVRO UM DE A SAGA DO MAGO

Raymond E. Feist

Na fronteira do Reino das Ilhas existe uma vila tranquila chamada Crydee. É lá que vive Pug, um órfão franzino que sonha ser um guerreiro destemido a serviço do rei. Mas a vida dá voltas e Pug acaba se tornando aprendiz do misterioso mago Kulgan. Nesse dia, o destino de dois mundos se altera para sempre.

Com sua coragem, Pug conquista um lugar na corte e no coração de uma princesa, mas subitamente a paz do reino é desfeita por misteriosos inimigos que devastam cidade após cidade. Ele, então, é arrastado para o conflito e, sem saber, inicia uma odisseia pelo desconhecido: terá de dominar os poderes inimagináveis de uma nova e estranha forma de magia... ou morrer.

A Saga do Mago é uma aventura sem igual, uma viagem por reinos distantes e ilhas misteriosas, onde conhecemos culturas exóticas, aprendemos a amar e descobrimos o verdadeiro valor da amizade. E, no fim, tudo será decidido na derradeira batalha entre as forças da Ordem e do Caos.

“Um dos 100 melhores livros de todos os tempos.”

– BBC

Para mais informações sobre este título,
visite-nos em www.sdebrasil.com.br



A CORTE DO AR

Stephen Hunt

Quando a órfã Molly Templar testemunha um assassinato brutal no bordel onde foi colocada como aprendiz, seu primeiro instinto é correr de volta para o orfanato em que cresceu. Ao chegar lá e encontrar todos os seus amigos mortos, percebe que ela era o verdadeiro alvo, pois seu sangue contém um segredo muito cobiçado pelos inimigos do Estado.

Enquanto isso, Oliver Brooks é acusado pela morte do tio, seu único familiar, e forçado a fugir na companhia de um misterioso agente da Corte do Ar. Perseguido pelo país, Oliver se vê cercado de ladrões, foras da lei e espões, e pouco a pouco desvenda o segredo que destruiu sua vida.

Molly e Oliver serão confrontados por um poder antigo que se julgava destruído há milênios e que agora ameaça a própria civilização.

Seus inimigos são implacáveis e numerosos, mas os dois órfãos terão a ajuda de um formidável grupo de amigos nesta aventura cheia de ação, drama e intriga.

“O autor que revolucionou o steampunk.”

– The Times

Para mais informações sobre este título,

visite-nos em www.sdebrasil.com.br



1. Mago Aprendiz
Raymond E. Feist
2. A Corte do Ar
Stephen Hunt
3. Tigana – A Lâmina na Alma
Guy Gavriel Kay
4. Mago Mestre
Raymond E. Feist

Próximos títulos

A Espada de Shannara – Livro um
Terry Brooks



REVISTA
BANG!

a sua dose diária de
fantasia, ficção científica
e horror

Já conhece a revista especializada na cultura do fantástico, da literatura ao cinema e HQs, não faltando entrevistas, ensaios e ficção? Venha descobrir tudo em:

www.revistabang.com

Saiba tudo sobre a editora e os nossos livros em:



www.sdebrasil.com.br

Facebook: [/editora.sde.brasil](https://www.facebook.com/editora.sde.brasil)

Twitter: [@SdE_Brasil](https://twitter.com/SdE_Brasil)





Carta do editor

Agradecimentos

Nota sobre a pronúncia

Prólogo

Parte um – Uma lâmina na alma

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Parte dois – Dianora

Capítulo VII

Capítulo VIII

Parte três – De brasa a brasa

Capítulo IX

Capítulo X

Posfácio do autor

Sobre o autor

Trecho de *Tigana* – *Livro dois*

Outros títulos da coleção Bang!

Mapa